WILLIAM GIBSON

NEUROMANCER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

NEUROMANCER

William Gibson

Tradução
Fábio Fernandes

Sumário

Capa
Folha de rosto
Nota ao leitor
O Céu Sobre o Porto
Dedicatória
Neuromancer
- Parte Um - Chiba City Blues
  - 1
  - 2
- Parte Dois - Missão: Compras
  - 3
  - 4
  - 5
  - 6
  - 7
- Parte Três - Meia-noite na Rua Jules Verne
  - 8
  - 9
  - 10
  - 11
  - 12
- Parte Quatro - Missão Straylight
  - 13
  - 14
  - 15
  - 16
  - 17
  - 18
  - 19
  - 20
  - 21
  - 22
  - 23
- Coda - Partidas e Chegadas
  - 24

Agradecimento
A potência do imaginário de Neuromancer nas origens da cibercultura
Glossário
Sobre o autor
Outros títulos de ficção publicados pela Aleph
Créditos
Notas

Nota ao leitor

Há mais de vinte anos, a Editora Aleph lançou a primeira edição brasileira de Neuromancer. Em 2008, já reconhecida como uma das mais importantes publicadoras de ficção científica do País, a Aleph brindou seus leitores com uma edição especial do clássico de William Gibson – comemorativa dos 25 anos de sua edição original em língua inglesa – e com a publicação integral da Trilogia do Sprawl, composta por Neuromancer e pelas sequências Count Zero e Mona Lisa Overdrive. Este último livro da trilogia chegou às livrarias brasileiras exatamente vinte e cinco anos depois de o autor norte-americano ter concluído a primeira grande aventura que revolucionou a visão de futuro do mundo, em julho de 1983.

Mas a história da trilogia começa um pouco antes disso. Nem todos sabem, mas Gibson já havia feito uma incursão pelo mundo caótico e anárquico do Sprawl entre 1981 e 1982, quando publicou três contos ambientados nesse mesmo universo nas páginas da cultuada revista Omni: Johnny Mnemonic, New Rose Hotel e Burning Chrome. Tais contos – notadamente o primeiro, que apresenta Molly Millions aos leitores – foram a base para a criação do seu primeiro romance.

A influência da trilogia no mundo atual é notória: diversos avanços científicos e tecnológicos descritos nos livros de Gibson foram alcançados, enquanto muitos ainda são estudados com afinco. Biotecnologia, implantes cibernéticos, rede mundial de computadores, inteligência artificial e realidades virtuais são apenas alguns deles. E ainda que de modo gradual e quase invisível aos nossos olhos, esses conceitos se integraram tão naturalmente ao cotidiano que nos parecem hoje, neste admirável mundo novo em que vivemos, absolutamente familiares.

Para que a publicação dessa série de romances fosse realizada a contento, era imprescindível trazer aos leitores uma visão acurada do universo futuro de Gibson. Para tanto, foram convidados três tradutores de peso para que cada um desse a sua visão sobre a obra do autor. Fábio Fernandes, tradutor de Reconhecimento de Padrões, do próprio Gibson, Laranja Mecânica, de Anthony Burgess, e O Homem do Castelo Alto, de Philip K. Dick (todos pela Aleph), assumiu a nova tradução de Neuromancer. Carlos Angelo, tradutor de Tropas Estelares, de Robert Heinlein (GRD/Pecas), e O Fim da Infância, de Arthur C. Clarke (Aleph), imergiu no submundo de Count Zero. E Carlos Irineu, responsável por obras como Fortaleza Digital e Ponto de Impacto, de Dan Brown, e O Guia do Mochileiro das Galáxias, de Douglas Adams (todos pela Sextante), fechou a trilogia com Mona Lisa Overdrive.

A equipe se empenhou em normatizar as traduções, sem com isso deixar de impor seu estilo próprio e respeitar o espírito original das obras de Gibson. Mas, para suplantar o padrão da elogiada versão de Alex Antunes para Neuromancer (Aleph, 2003), aprimorá-la e dar unidade à trilogia, algumas adequações tiveram

de ser feitas.

A tradução seguiu regras simples de normatização para unificar os livros. São elas: a utilização de todos os nomes de personagens tal qual foram imaginados por Gibson, incluindo um aposto em sua primeira ocorrência (como, por exemplo, na referência ao personagem Dixie Flatline, o Linha Mortal); programas de tevê, marcas e nomes de jornais também foram mantidos como no original, por uma questão de coerência; termos que possuem versão de uso corrente em língua portuguesa, e mais especificamente no Brasil, foram traduzidos. Todas essas ocorrências – e eventuais exceções – também podem ser conferidas no glossário, cuja consulta sugerimos ser feita antes da leitura do livro, para uma melhor compreensão do universo criado pelo autor.

Para a edição comemorativa de 25 anos de Neuromancer (2008), foram especialmente acrescentados um prefácio de William Gibson, escrito para o aniversário de 20 anos da obra, e o posfácio de Adriana Amaral, que estuda há anos a cibercultura e, particularmente, a obra de Gibson. Ambos os textos, bem como a tradução de Fábio Fernandes, foram mantidos para esta e futuras reimpressões.

Com o lançamento da Trilogia do Sprawl, a Aleph encerrou um ciclo iniciado com a publicação da primeira edição de Neuromancer, nos anos 1990, consolidando seu compromisso de trazer ao público brasileiro o melhor da literatura de ficção científica mundial e de desmistificar a ideia de que a FC é um universo literário menor. Ao contrário, esse segmento vem conquistando seu espaço na chamada alta literatura, o que pode ser constatado com a inclusão de Neuromancer na prestigiosa lista dos cem melhores romances em língua inglesa da revista Time.

Foram meses de trabalho contínuo para que a Trilogia do Sprawl pudesse chegar ao leitor de um modo que dignificasse a obra de William Gibson. E agora cabe a cada um mergulhar nessa alucinação coletiva, nesse emaranhado de textos e ideias que, em cada mente, ajudou a construir um verdadeiro ciberespaço consensual.

Bem-vindos, novamente, à matrix.

Os editores

O Céu Sobre o Porto

Levei pelo menos uma década para perceber que muitos de meus leitores, mesmo em 1984, jamais poderiam ter vivenciado a frase de abertura de Neuromancer do jeito que havia imaginado que eles vivenciassem. Na verdade, compus aquela primeira imagem com a estática preto e branca do vídeo de minha infância em mente, prateada de sódio e quase dolorosa – um tremendo anacronismo, bem no exato começo da minha carreira no futuro imaginário.

Mas invisível, o que é interessante; um futuro que revela uma graça peculiar, compartilhada por todos os futuros imaginários quando sobem a linha do tempo e chegam ao futuro real, para onde todos nós devemos ir. O leitor nunca parou para pensar que eu poderia estar pensando, ainda que de modo inconsciente, na textura e na cor de um canal fora do ar em um aparelho de tv Motorola de gabinete de madeira com alto-falantes recobertos com tecido. Os leitores compensaram para mim, carregando nos ombros uma fatia adicional do peso imaginativo, e permitindo que o que quer eles supusessem fosse a cor da estática a assumir a melancolia da expressão "dead channel" (ao pé da letra, canal morto).

Na minha adolescência, nos anos 1960, lia muita ficção científica que datava da década de 1940, um período que foi muito fértil para o gênero, e lembro de ter feito justamente esse tipo de esforço pensando em ficções que haviam exagerado demais tecnicamente, ou cujos futuros imaginados haviam sido atropelados pela história subsequente. Dava a essas ficções justamente o tipo de desconto extra em troca de valor que a narrativa pudesse oferecer, que alguns leitores devem estar dando a Neuromancer hoje: não para anacronismos invisíveis como a minha cor na televisão, mas por pecados inevitáveis de omissão da ordem de uma completa ausência de pequenos e ubíquos telefones portáteis. (Na verdade, um dos meus momentos favoritos do livro está no toque em sequência de uma fileira de telefones públicos.)

Imaginem um romance dos anos 1960 cujo autor tivesse, de algum modo, previsto com detalhes a telefonia celular por volta de 2004, e a tivesse inserido, exatamente como a conhecemos hoje, no corpo de seu futuro imaginário. Um livro assim teria sido encarado de modo muito peculiar nos anos 1960, embora já tivessem sido escritos inúmeros romances nos quais apareciam dispositivos de comunicação pessoal sem fio. Um romance de celular profético de verdade teria sido estruturado de uma maneira muito perturbadora, fazendo com que seus personagens atuassem, devido a um grau de conectividade sem precedentes, de formas que se tornariam, de pronto, mais importantes do que a narrativa propriamente dita.

Olhando em retrospecto, suspeito que Neuromancer deva grande parte de sua longevidade editorial à minha quase perfeita ignorância da tecnologia a qual eu

estava extrapolando na época. Estava tão distante do autor dos anos 1960 que sabia tudo sobre telefones celulares quanto era possível estar. As partes que criei inteiramente por minha conta permanecem com um aspecto interessante. Já nas partes em que fui infeliz o bastante para usar o pouco conhecimento real de que eu dispunha, o leitor vai encontrar coisas como as teclas de uma impressora mecânica, ou a intrigante necessidade urgente que Case tem, quando surgem problemas, de um modem. Ao contrário da ausência de telefones celulares, esses são pecados de omissão ou comprometimento. Outra imensa omissão é a minha falha em ter discretamente provocado o colapso da União Soviética e varrido os destroços para baixo do tapete quando ninguém estava olhando.

Embora houvesse uma razão estratégica para que não o fizesse, eu já tinha feito isso aos Estados Unidos, que não se sabe se existem mais no mundo de Neuromancer. A coisa, deliberadamente, nunca é mencionada, e as pessoas meio que vagamente concluem que os EUA devem ter de algum modo se desintegrado como parte daquilo que hoje chamaríamos globalização, para serem substituídos por alguma combinação menos perigosa de grandes corporações e cidades-estado. Depois de ter feito os EUA desaparecerem, achei que seria melhor manter a URSS ali por uma questão de continuidade. (Se eu tivesse feito a URSS desaparecer, poderia ter sido queimado como uma bruxa, mas enfim.)

O leitor de hoje deve ter em mente que escrevi Neuromancer absolutamente sem a menor expectativa de que ele continuaria sendo publicado vinte anos depois. Eu sabia que ele seria publicado, se conseguisse terminá-lo e se o editor aceitasse o manuscrito, ambos requisitos que na época pareciam constantemente improváveis, como uma brochura original – essa unidade literária das mais efêmeras, um tijolo do tamanho de um bolso feito para caber num rack giratório de livraria, impresso em papel altamente ácido e visivelmente desejando retornar à polpa crua da qual fora extraído. Minhas melhores expectativas para o livro eram de que ele encontrasse, fosse qual fosse a tiragem modesta em que tivesse sua estreia, umas cinco almas generosas. Provavelmente na Inglaterra, como imaginava, ou quem sabe na França. Eu não colocava muita fé no público americano, porque achava que estava escrevendo muito deliberadamente contra o que supunha que o público norte-americano havia sido ensinado a querer da ficção científica.

Eu estava fazendo isso porque, sinceramente, não ia conseguir fazer diferente. Depois de ter sido convencido a assinar um contrato (pelo falecido Terry Carr, sem o qual certamente não existiria Neuromancer), me descobri possuído por uma atitude de dissidência que certamente não ia compartilhar com meu editor; na verdade, com praticamente ninguém. As únicas pessoas que sentiam isso eram alguns dos outros escritores com os quais eu acabaria sendo rotulado de "cyberpunk", e eles estavam longe, a maioria em Austin, Texas.

Assim como Case no clímax do livro, eu estava subindo numa curva íngreme, impulsionado por… Eu não saberia dizer a vocês, embora um dos elementos fosse

um ressentimento terrível que eu sentia com relação ao que o gênero que adorava quando adolescente parecia ter se tornado naquele meio-tempo. Embora soubesse que não tinha nem a intenção nem a menor esperança de que o que estava fazendo, datilografando minha brochura original Ace Special em uma quase antiguidade manual portátil, fabricada com a qualidade da precisão suíça, mudaria, de algum modo, o curso da ficção científica. (E aparentemente não mudou mesmo, exceto por ajudar a manter abertas algumas portas que certamente nunca construí, portas que havia encontrado na adolescência, com nomes como "Bester" e "Leiber" escavados em suas molduras.)

Recentemente, me disseram que Neuromancer já vendeu mais de um milhão de exemplares. Isso desde 1984, e suponho que seja em edições norte-americanas ou de língua inglesa. No exterior, o livro conseguiu ser traduzido para a maioria dos idiomas em que os livros são traduzidos, embora ainda não, até onde sei, para o chinês ou para o árabe.

Isso é parecido com ter um filho adulto do qual nunca recebemos notícias diretamente, mas que evidentemente está indo muito bem, viaja muito e para muitos lugares, e parece conhecer gente interessante.

Mas minha verdadeira simpatia está com aquele garoto inteligente de treze anos, sentado em um sofá em algum lugar, já passando da página vinte do livro, e desesperado para chegar ao fundo do mistério de por que celulares não são permitidos em Chiba City.

Aguente firme, amigão.

A coisa só vai ficar ainda mais estranha.

William Gibson
Vancouver, BC
17 de maio de 2004

para Deb
que tornou isto possível
com amor

NEUROMANCER

PARTE UM

CHIBA CITY BLUES

1

O céu sobre o porto tinha a cor de uma televisão sintonizada num canal fora do ar.

– Não é que eu esteja usando – Case ouviu alguém dizer ao abrir caminho na multidão aglomerada na porta do Chat. – Meu corpo é que desenvolveu uma deficiência maciça de drogas. – Era uma voz do Sprawl e uma piada do Sprawl. O Chatsubo era um bar de expatriados profissionais; você podia beber ali todos os dias durante uma semana e nunca ouvir duas palavras em japonês.

Quem estava cuidando do bar era o Ratz, que enchia uma bandeja de copos com cerveja Kirin draft, com uma prótese de braço que se movia aos trancos. Ele viu Case e deu um sorriso; seus dentes eram uma teia composta de aço do leste europeu e decomposição marrom. Case achou um lugar no bar, entre o bronzeado improvável de uma das putas do Lonny Zone e o uniforme naval perfeitamente engomado de um africano alto com as faces vincadas com fileiras precisas de cicatrizes tribais. – Wage esteve aqui mais cedo, com dois ajudantes – disse Ratz, servindo-lhe uma cerveja com a mão boa. – Será que é algum negócio com você, Case?

Case deu de ombros. A garota a sua direita deu uma risadinha e um cutucão.

O sorriso do bartender ficou ainda maior. Sua feiúra era legendária. Numa era em que ser bonito saía barato, havia alguma coisa de heráldica na ausência de beleza que exibia. O braço antigo gemeu quando ele o estendeu para pegar outra caneca. Era uma prótese militar russa, um manipulador com force-feedback de sete funções, revestido com plástico rosa encardido. – Você é um artista e tanto, Herr Case – Ratz grunhiu; o som era o equivalente de uma gargalhada para ele. Coçou a barriga flácida que caía da camiseta branca com a garra rosada. – Você é o artiste do negócio ligeiramente engraçado.

– Claro – disse Case, e tomou um gole da cerveja. – Alguém aqui tem que ser engraçado. E não é você, caralho.

A risadinha da puta subiu uma oitava.

– Também não é você, minha filha. Então, vê se te manda, ok? O Zone é amigo pessoal, íntimo meu.

Ela olhou Case no olho e fez o som mais suave possível de cuspe, mal movendo os lábios. Mas foi embora.

– Meu Deus – disse Case. – Mas que muquifo você tem aqui? Assim não dá pra beber em paz.

– Ha – disse Ratz, passando um trapo na madeira cheia de marcas. – Zone me dá uma porcentagem. Deixo você trabalhar aqui pelo valor de entretenimento.

Enquanto Case tomava sua cerveja, um daqueles estranhos instantes de silêncio desceu, como se uma centena de conversas não relacionadas tivessem simultaneamente chegado à mesma pausa. Então o risinho da puta soou, revestido de uma certa histeria.

Ratz grunhiu. – Um anjo passou por aqui.

– Os chineses – berrou um australiano bêbado. – Foram os chineses quem inventaram a reconfiguração neural, porra. O continente é o melhor lugar para um trabalho neural. Eles te consertam direitinho, parceiro...

– Agora, isso – Case disse para sua caneca, e todo o seu amargor subitamente lhe subiu como bile – isso é uma mentira muito filha da puta.

***

Os japoneses já haviam esquecido mais neurocirurgia que os chineses jamais haviam aprendido. As clínicas negras de Chiba eram de ponta, escolas inteiras de conhecimento técnico suplantado mês a mês, e mesmo assim não conseguiram reparar o estrago que ele havia sofrido naquele hotel em Memphis.

Um ano ali e ele ainda sonhava com o ciberespaço, a esperança morrendo um pouco a cada noite. Todo o speed que tomou, todas as voltas que deu e as esquinas de Night City por onde passou, e ainda assim ele via a matrix em seu sono, grades brilhantes de lógica se desdobrando sobre aquele vácuo sem cor... O Sprawl ficava agora a um longo e estranho caminho de distância sobre o Pacífico, e ele não era mais nenhum cara do console, nenhum cowboy de ciberespaço. Apenas mais um marginal na viração. Mas os sonhos apareciam na noite japonesa como figuras de vudu eletroluminescente, e ele gritava, chorava dormindo, e acordava sozinho no escuro, curvado em posição fetal em sua cápsula em algum hotel-caixão, as mãos trincadas no colchonete, a espuma sintética enroscada entre os dedos, tentando alcançar o console que não estava lá.

***

– Vi sua namorada ontem à noite – disse Ratz, passando a Case sua segunda Kirin.

– Não tenho namorada – ele disse, e bebeu.

– Senhorita Linda Lee.

Case balançou a cabeça.

– Não tem garota? Nada? Só negócios, amigo artista? Dedicação ao comércio? – Os olhinhos castanhos do bartender estavam incrustados em rugas de carne. – Acho que eu gostava mais de você quando estava com ela. Você ria mais. Agora, uma noite dessas, você pode acabar ficando artístico demais; aí vai acabar em tanques de clínica, em peças avulsas.

– Estou ficando tão emocionado, Ratz. – Ele terminou a cerveja, pagou e foi embora, os ombros altos e estreitos encolhidos sob o nylon cáqui molhado de

chuva da jaqueta. Abrindo caminho em ziguezague pelas multidões de Ninsei, sentia o cheiro azedo do próprio suor.

***

Case tinha vinte e quatro anos. Aos vinte e dois era um cowboy, cowboy fora da lei, um dos melhores no Sprawl. Ele havia sido treinado pelos melhores, McCoy Pauley e Bobby Quine, lendas do negócio. Na época, operava num barato quase permanente de adrenalina, subproduto da juventude e da proficiência, conectado num deck de ciberespaço customizado que projetava sua consciência desincorporada na alucinação consensual que era a matrix. Ladrão que trabalhava para outros ladrões, mais ricos, empregadores que forneciam o software exótico necessário para penetrar as muralhas brilhantes de sistemas corporativos, abrindo janelas para fartos campos de dados.

Ele havia cometido o erro clássico, aquele que jurou jamais cometer. Roubou de seus empregadores. Guardou uma coisa para si e tentou repassá-la por um receptador em Amsterdã. Até hoje ele não sabia ao certo como havia sido descoberto, não que isso importasse agora. Na época, achou que fosse morrer, mas eles apenas sorriram. Claro que estava tudo bem, disseram a ele, estava tudo bem ele ficar com a grana. Ele ia precisar. Porque – ainda sorrindo – iam se certificar de que o cowboy nunca mais trabalhasse.

Danificaram seu sistema nervoso com uma micotoxina russa dos tempos da guerra.

Amarrado a uma cama de um hotel em Memphis, seu talento queimando mícron a mícron, alucinou por trinta horas.

O estrago foi minucioso, sutil e profundamente eficiente.

Para Case, que vivia até então na exultação sem corpo do ciberespaço, foi a Queda. Nos bares que frequentara no seu tempo de cowboy fodão, a postura da elite envolvia um certo desprezo suave pela carne. O corpo era carne. Case caiu na prisão da própria carne.

***

Seu saldo total foi rapidamente convertido para neoienes, uma pilha gorda do velho dinheiro de papel que circulava sem fim pelo circuito fechado dos mercados negros do mundo como as conchas marinhas dos ilhéus trobriandeses. Era difícil fazer transações comerciais legítimas com dinheiro vivo no Sprawl; no Japão, já era ilegal.

No Japão, ele sabia com uma certeza inabalável e absoluta, encontraria sua cura. Em Chiba. Ou numa clínica registrada ou na terra de sombras da medicina negra. Sinônimo de implantes, junções neurais e microbiônica, Chiba era um ímã para as subculturas tecnocriminosas do Sprawl.

Em Chiba, viu seus neoienes desaparecerem numa rodada de dois meses de

exames e consultas. Os homens das clínicas clandestinas, sua última esperança, haviam admirado a expertise com que ele fora mutilado, e lentamente balançaram suas cabeças em negativa.

Hoje ele dormia nos caixões mais baratos, os que ficavam perto do porto, embaixo das lâmpadas halógenas de quartzo que iluminavam as docas a noite inteira como vastos palcos; onde você não conseguia ver as luzes de Tóquio por causa do brilho do céu de televisão, nem mesmo o logo-holograma gigantesco da Fuji Electric Company, e a baía de Tóquio era uma extensão negra onde as gaivotas voavam em círculos sobre ilhotas flutuantes de isopor branco. Atrás do porto havia a cidade, cúpulas de fábricas dominadas pelos cubos imensos das arcologias corporativas. Porto e cidade eram divididos por uma fronteira estreita de ruas mais antigas, uma área sem nome oficial. Night City, e Ninsei seu coração. De dia, os bares da Ninsei estavam fechados e não tinham traços distintivos, os neons mortos, os hologramas inertes, esperando, sob o céu de prata envenenado.

***

A dois quarteirões a oeste do Chat, numa casa de chá chamada Jarre de Thé, Case engoliu a primeira pílula da noite com um expresso duplo. Era um octógono rosa achatado, uma espécie potente de dex brasileira que uma das garotas do Zone lhe vendera.

As paredes do Jarre eram inteiras cobertas por espelhos, cada painel emoldurado em neon vermelho.

No começo, ao se ver sozinho em Chiba, com pouco dinheiro e menos esperança ainda de encontrar uma cura, ele entrara numa espécie de overdrive terminal, conseguindo mais grana, assaltando com uma intensidade fria que parecia pertencer a outra pessoa. No primeiro mês, ele matou dois homens e uma mulher por quantias que um ano antes teriam parecido ridículas. Ninsei o desgastou até que a própria rua ficou parecendo a externalização de um desejo de morte, um veneno secreto que ele não sabia que levava consigo.

Night City era como uma experiência malsucedida de darwinismo social, projetada por um pesquisador entediado que não tirava o dedo do botão de fast-forward. Pare de assaltar e você afunda sem deixar rastro, mas mova-se um pouco rápido demais e você quebra a frágil tensão de superfície do mercado negro; de qualquer uma das duas maneiras, você já era, e não sobra nada seu a não ser uma vaga lembrança na mente de uma figura tipo Ratz, embora o coração, os pulmões ou os rins possam sobreviver a serviço de algum estranho que tenha neoienes para pagar os tanques das clínicas.

O negócio ali era um constante zumbido subliminar, e a morte o castigo aceito por preguiça, descuido, falta de sutileza, a incapacidade de atender às exigências de um intrincado protocolo.

Sozinho numa mesa do Jarre de Thé, com o octógono começando a bater,

alfinetadas de suor brotando nas palmas das suas mãos, subitamente consciente de cada pelo arrepiado nos braços e no peito, Case sabia que, em algum momento, havia começado a jogar um jogo consigo mesmo, um jogo muito antigo que não tinha nome, uma espécie de paciência final. Ele não usava mais armas, não tomava mais as precauções básicas. Fazia os negócios mais rápidos e arriscados da rua, e tinha a reputação de ser capaz de conseguir o que você quisesse. Uma parte dele sabia que o arco de sua autodestruição estava ululantemente óbvio para seus clientes, que iam rareando, mas essa mesma parte se comprazia no conhecimento de que era apenas uma questão de tempo. E essa era a sua parte, que encarava a expectativa da morte com desprezo, que mais odiava pensar em Linda Lee.

Ele a conhecera numa noite de chuva num fliperama.

Sob fantasmas brilhantes queimando através de uma névoa azul de fumaça de cigarros, hologramas do Wizard's Castle, do Tank War Europa, a linha do horizonte de Nova York... E agora ele se lembrava dela assim, seu rosto banhado na incansável luz dos lasers, as feições reduzidas a um código; suas bochechas banhadas em um fogo escarlate ao mesmo tempo que o Castelo do Mago queimava, a testa encharcada de azul quando Munique caiu na Guerra de Tanques, boca tocada com ouro quente enquanto um cursor deslizante tirava fagulhas da parede do desfiladeiro de um arranha-céu. Ele estava com uma tremenda parada naquela noite, levando um tijolo de cetamina de Wage para Yokohama e o dinheiro já no bolso. Saíra na chuva quente que batia no asfalto de Ninsei e soltava vapor, e de algum modo ela se destacara para ele, seu rosto entre as dezenas que estavam de cara para os consoles, perdidos no game que jogavam. A expressão no rosto dela, naquele momento, era a mesma que ele vira, horas mais tarde, em seu rosto adormecido num caixão na região do porto, o lábio superior igual àquela linha que as crianças desenham para representar um pássaro em movimento.

Atravessando o fliperama para ficar do lado dela, viajando no barato do acordo que havia feito, ele a viu levantar a cabeça. Olhos cinzentos circundados por borrões de tinta preta. Olhos de um animal hipnotizado pelos faróis de um veículo se aproximando.

A noite que passaram juntos prosseguiu pela manhã, com passagens no hoverporto e a primeira viagem que Case fez pela baía. A chuva continuava, caindo ao longo de Harajuku, criando pérolas na jaqueta de plástico dela, as crianças de Tóquio marchando pelas famosas butiques usando chinelinhos brancos e capas de enrolar, até ela ficar com ele no barulho de um salão de pachinko à meia-noite e pegar na mão dele como se fosse uma criança.

Levou um mês para que a gestalt de drogas e tensão, pela qual ele se movia, transformasse aqueles olhos perpetuamente assustados em poços de necessidade reflexiva. Ele vira a personalidade dela se fragmentar, desfazendo-se como um iceberg, placas deslizando para longe, e finalmente testemunhou a necessidade crua, a armadura faminta do vício. Ele a vira pular para a próxima trilha com uma concentração que o fez lembrar dos louva-a-deuses que vendiam em barracas ao

longo de Shiga, ao lado de tanques de carpas azuis mutantes e grilos em gaiolas de bambu.

Ele ficou olhando o anel preto de borra em sua xícara vazia. Ela vibrava com o speed que ele havia tomado. O laminado marrom do tampo da mesa tinha uma pátina fosca de pequenos arranhões. Com a dex subindo pela sua espinha, ele viu os incontáveis impactos randômicos necessários para criar uma superfície daquelas. A decoração do Jarre era de um estilo datado e sem nome do século anterior, uma mistura difícil de tradição japonesa e plásticos brancos de Milão, mas tudo parecia estar coberto por uma película sutil, como se crises nervosas de um milhão de clientes de algum modo tivessem atacado os espelhos e o plástico outrora brilhosos, deixando cada superfície enevoada com alguma coisa que nunca poderia ser apagada.

– Aí, Case, meu camarada...

Ele levantou a cabeça e seus olhos encontraram olhos cinzentos emoldurados com tinta preta. Ela vestia um macacão orbital francês e novos tênis brancos.

– Estava te procurando, cara. – Ela se sentou à sua frente e colocou os cotovelos na mesa. As mangas do zipsuit azul haviam sido arrancadas nos ombros; ele automaticamente verificou os braços dela em busca de sinais de dermas ou de agulhas. – Quer cigarro?

Ela tirou um maço amassado de Yeheyuan com filtro de um bolso no tornozelo e lhe ofereceu um. Ele aceitou, e deixou que ela o acendesse com um tubo de plástico vermelho. – Você tá dormindo bem, Case? Tá com uma cara de cansado... – O sotaque dela indicava que vinha do sul do Sprawl, perto de Atlanta. A pele, abaixo dos olhos, era pálida e de aspecto doentio, mas a carne ainda era firme e macia. Ela tinha vinte anos. Novas linhas de dor estavam começando a ficar permanentemente marcadas nos cantos de sua boca. Seus cabelos pretos estavam puxados para trás, presos por uma faixa de seda impressa. A padronagem podia representar microcircuitos, ou um mapa da cidade.

– Não se eu lembrar de tomar minhas pílulas – ele disse, quando uma onda tangível de saudade o atingiu, desejo e solidão cavalgando na frequência de onda da anfetamina. Ele se lembrou do cheiro da pele dela na escuridão superaquecida de um caixão perto do porto, os dedos entrelaçados na nuca.

Toda a carne, ele pensou, e tudo o que ela quer.

– Wage – disse ela, estreitando os olhos. – Ele quer te ver com um buraco na cara. – Ela acendeu seu próprio cigarro.

– Quem disse isso? Ratz? Você falou com o Ratz?

– Não. Mona. O novo gato dela é um dos garotos do Wage.

– Eu não devo o suficiente a ele pra isso. E se ele me apagar, vai ficar sem a grana. – Deu de ombros.

– Tem gente demais devendo pra ele agora, Case. Talvez ele faça de você o exemplo. É sério, melhor se cuidar.

– Claro. E você, Linda? Tem onde dormir?

– Dormir. – Ela balançou a cabeça. – Claro, Case. – Ela estremeceu, se curvando sobre o tampo da mesa. O seu rosto tinha uma película de suor.

– Aqui – ele disse, e meteu a mão no bolso da jaqueta, retirando uma nota amassada de cinquenta. Ele a alisou automaticamente, debaixo da mesa, dobrou-a em quatro, e passou para ela.

– Você precisa disso, meu amor. É melhor dar para o Wage. – Agora havia uma coisa nos olhos cinzentos dela que ele não conseguia ler, uma coisa que nunca vira ali antes.

– Estou devendo muito mais do que isso pro Wage. Pega. Eu tenho mais pra chegar – mentiu, enquanto via seu neoiene desaparecer num bolso com zíper.

– Arruma teu dinheiro, Case, e acha o Wage rapidinho.

– A gente se vê por aí, Linda – ele disse, levantando-se.

– Claro. – Um milímetro de branco aparecia embaixo de cada uma de suas pupilas. Sanpaku. – Te cuida, cara.

Ele concordou, doido para sair dali.

Olhou para trás quando a porta de plástico se fechou atrás dele, e viu os olhos dela refletidos numa gaiola de neon vermelho.

***

Noite de sexta na Ninsei.

Ele passou por barracas de yakitori e salões de massagem, uma franquia de cafeteria chamada Beautiful Girl, o trovejar eletrônico de um fliperama. Saiu do caminho para deixar um sarariman de terno escuro passar, exibindo o logo da Mitsubishi-Genentech tatuado nas costas da mão direita.

Seria autêntico? Se for real, pensou, o cara está com problemas. Se não for, bem feito para ele. Os empregados da M-G acima de um certo nível recebiam implantes com microprocessadores avançados que monitoravam os níveis de mutágenos na corrente sanguínea. Um equipamento desses faria com que você fosse despachado na Night City, despachado direto para dentro de uma clínica negra.

O sarariman era japonês, mas a galera de Ninsei era uma gaijin. Grupos de marinheiros vindos do porto, turistas tensos e solitários caçando prazeres que nenhum guia de viagem listava, pessoal pesado do Sprawl exibindo enxertos e implantes, e uma dezena de espécies diferentes de marginais, todos ocupando a rua numa intrincada dança de desejo e comércio.

Havia incontáveis teorias explicando por que Chiba City tolerava o enclave de Ninsei, mas Case tendia a crer na ideia de que a Yakuza poderia estar preservando o local como uma espécie de parque histórico, uma lembrança de origens humildes. Mas ele também via um certo sentido na ideia de que as tecnologias em ascensão exigiam zonas fora da lei, que Night City não estava ali para seus habitantes, mas como um playground deliberadamente supervisionado de tecnologia.

Será que Linda tinha razão?, ele se perguntou olhando para as luzes. Será que

Wage mandaria matá-lo para fazer dele um exemplo? Não fazia muito sentido, mas Wage lidava basicamente com itens biológicos proscritos, e diziam que era preciso ser louco para fazer isso.

Mas Linda disse que Wage o queria morto. O primeiro insight de Case na dinâmica da viração de rua era que nem o comprador nem o vendedor precisavam dele de verdade. O negócio de um intermediário é se tornar um mal necessário. O nicho dúbio que Case havia escavado para si mesmo na ecologia criminosa de Night City havia sido construído à base de mentiras e escorado aos poucos com traições, todas as noites. Agora, sentindo que suas paredes estavam começando a desmoronar, ele sentia a chegada de uma estranha euforia.

Na semana anterior, havia atrasado a transferência de um extrato glandular sintético, vendendo-o no varejo com uma margem de lucro maior do que o normal. Ele sabia que Wage não havia gostado disso. Wage era seu principal fornecedor, nove anos em Chiba e um dos poucos negociantes gaijin que conseguira forjar laços com o establishment criminoso, rigidamente estratificado além das fronteiras de Night City. Materiais genéticos e hormônios entravam em conta-gotas na Ninsei ao longo de uma intrincada escada composta de cortinas e fachadas. De algum modo, Wage havia conseguido traçar alguma coisa um dia, e hoje gozava de conexões sólidas em uma dezena de cidades.

Quando deu por si, Case estava olhando fixamente a vitrine de uma loja. O lugar vendia objetos pequenos e brilhantes para marinheiros. Relógios, canivetes de mola, isqueiros, videocassetes de bolso, decks de simstim, correntes mankiri com pesos e shurikens. Os shurikens sempre fascinaram Case, estrelas de aço com pontas afiadas como facas. Algumas eram cromadas, outras pretas, outras ainda tratadas com uma superfície de arco-íris como óleo sobre água. Mas as estrelas de cromo é que chamavam a sua atenção. Elas estavam dispostas sobre um fundo de ultracamurça escarlate com fios quase invisíveis de linha de pesca de nylon em seus centros com estampas de dragões ou símbolos de yin-yang. Eles capturavam o neon da rua e o distorciam, e ocorreu a Case que essas eram as estrelas sob as quais ele viajava, seu destino traçado numa constelação de cromo barato.

– Julie – ele disse para suas estrelas. – Hora de ver o velho Julie. Ele sabe.

***

Julius Deane tinha cento e trinta e cinco anos de idade. Seu metabolismo era constantemente alterado por uma fortuna semanal em soros e hormônios. Sua primeira linha de defesa contra o envelhecimento era uma peregrinação anual a Tóquio, onde cirurgiões genéticos resetavam o código de seu DNA, um procedimento que não era disponível em Chiba. Então voava para Hong Kong e comprava os ternos e camisas da moda naquele ano. Assexuado e de uma paciência inumana, parecia extrair sua satisfação básica numa dedicação a formas esotéricas de adoração a alfaiates. Case nunca o vira vestir o mesmo terno duas

vezes, embora seu vestuário parecesse consistir inteiramente de reconstruções meticulosas de roupas do século anterior. Ele afetava o uso de óculos, com armação de ouro delicada como teia de aranha, e lentes feitas a partir de placas finas de quartzo sintético cor-de-rosa e bisotadas como os espelhos de uma casa de bonecas vitoriana.

Seus escritórios ficavam num armazém atrás da Ninsei, parte dos quais pareciam ter sido decorados de modo esparso, anos antes, com uma coleção aleatória de mobiliário europeu, como se Deane um dia tivesse pensado em usar o lugar como sua casa. Estantes de livros neoastecas juntavam pó, encostadas numa parede do aposento onde Case ficou esperando. Um par de lâmpadas de mesa bulbosas tipo Disney se equilibravam, desajeitadas, sobre uma mesinha de café estilo Kandinsky em aço laqueado de escarlate. Um relógio Dalí pendia na parede entre as estantes, seu rosto distorcido escorrendo até o chão de concreto nu. Seus ponteiros eram hologramas que se alteravam para combinar com as convoluções da face à medida que giravam, mas nunca diziam a hora certa. O aposento estava repleto de módulos de carga de fibra de vidro branca empilhados que desprendiam o cheiro forte de gengibre em conserva.

– Você parece estar limpo, meu filho – disse a voz desincorporada de Deane. – Entre, por favor.

Travas magnéticas se abriram ao redor da porta maciça de imitação de pau-rosa à esquerda das estantes. As palavras JULIUS DEANE IMPORT EXPORT estavam escritas em caixa alta no plástico com auto-adesivos destacáveis. Se a mobília espalhada no foyer improvisado de Deane sugeria o fim do século passado, o escritório propriamente dito parecia pertencer ao seu começo.

O rosto totalmente liso e rosado de Deane encarava Case de dentro de uma poça de luz lançada por uma antiga luminária de bronze com um quebra-luz retangular de vidro verde-escuro. O importador estava protegido atrás de uma imensa mesa de aço pintado, flanqueado a cada lado por arquivos altos feitos de algum tipo de madeira clara. O tipo de coisa, supôs Case, que um dia devia ter sido utilizado para armazenar registros escritos de alguma espécie. O tampo da mesa estava atulhado de fitas cassete, rolos de formulário contínuo amarelado, e várias partes de alguma espécie de máquina de escrever mecânica, uma máquina que Deane aparentemente nunca se deu ao trabalho de remontar.

– O que traz você aqui, garotão? – perguntou Deane, oferecendo a Case um bombom fino embrulhado em papel xadrez azul e branco. – Experimente um: Ting Ting Djahe, o melhor que existe. – Case recusou o gengibre, sentou-se numa poltrona giratória de madeira que gemeu e passou o polegar pelo vinco esmaecido de uma das pernas do seu jeans preto. – Julie, ouvi dizer que o Wage quer me matar.

– Ah. Nossa. E onde você ouviu isso, posso saber?

– Pessoas.

– Pessoas – disse Deane, entre uma mastigada e outra de um bombom de

gengibre. – Que tipo de pessoas? Amigos?

Case fez que sim com a cabeça.

– Nem sempre é fácil saber quem é seu amigo, não é?

– Acontece que estou mesmo devendo uma graninha pra ele, Deane. Ele disse alguma coisa pra você?

– Não tenho tido contato com ele ultimamente. – Suspirou. – Se eu soubesse alguma coisa, claro, poderia não estar em condições de lhe dizer. As coisas são o que são, você entende.

– Coisas?

– Ele é uma conexão importante, Case.

– Sei. Ele quer me matar, Julie?

– Não que eu saiba. – Deane deu de ombros. Eles podiam estar discutindo o preço do gengibre. – Se for um boato infundado, meu filho, volte em uma semana e lhe darei participação numa coisinha de Cingapura.

– Uma coisinha que veio do Nan Hai Hotel, na Bencoolen Street?

– Você fala demais, meu filho! – Deane deu um sorriso feroz. A mesa de aço estava repleta com uma fortuna em equipamento de escuta.

– Até mais, Julie. Vou dar um oi pro Wage.

Os dedos de Deane ajeitaram o nó perfeito de sua gravata de seda clara.

***

Ele estava a menos de um quarteirão do escritório de Deane quando a coisa bateu, a súbita consciência celular de que alguém estava na sua cola, e muito perto.

O cultivo de uma certa paranoia domada era uma coisa que Case já encarava como natural. O truque estava em não deixar que ela fugisse ao controle. Mas podia ser um truque e tanto para quem estava bancado por uma pilha de octógonos. Ele lutou contra o surto de adrenalina e recompôs suas feições magras numa máscara de vazio entediado, fingindo deixar a multidão levá-lo. Quando viu uma vitrine escurecida, conseguiu fazer uma pausa em frente a ela. O lugar era uma butique cirúrgica, fechada para reforma. Com as mãos nos bolsos de sua jaqueta, olhou pelo vidro um losango achatado de carne cultivada em tanques sobre um pedestal esculpido imitando jade. A cor da pele o lembrou das putas do Zone; estava tatuada com um display digital luminoso conectado a um chip subcutâneo. Pra que cirurgia, se pegou pensando, o suor escorrendo pelas costelas, se você podia simplesmente levar a coisa no bolso?

Sem mover a cabeça, olhou para cima e estudou o reflexo da multidão que passava.

Ali.

Atrás de marinheiros com uniforme cáqui de mangas curtas. Cabelos pretos, óculos espelhados, roupas pretas, corpo esguio...

E sumiu.

Case começou a correr, meio curvado, driblando os corpos.

***

– Me aluga uma arma, Shin?

O garoto sorriu. – Duas hora. – Eles estavam atrás de uma barraca de sushi de Shiga, envoltos pelo cheiro de frutos do mar crus. – Você volta daqui duas hora.

– Eu preciso de uma arma já, cara. Não tem nada agora não?

Shin procurou atrás de duas latas de dois litros vazias que um dia estiveram cheias de raiz-forte em pó. Ergueu um pacote fino embrulhado em plástico cinza. – Taser. Uma hora, vinte neoien. Trinta depósito.

– Merda. Eu não preciso disso. Preciso de uma arma. Tipo assim pra atirar em alguém, entende?

O garçom deu de ombros e tornou a colocar o taser atrás das latas de raiz-forte. – Duas hora.

***

Ele entrou na loja sem se dar ao trabalho de dar uma olhada na vitrine de shurikens. Nunca atirara um na vida.

Comprou dois maços de Yeheyuan com um chip do Mitsubishi Bank que dava seu nome como Charles Derek May. Pelo menos era mais interessante do que Truman Starr, o melhor que havia conseguido para seu passaporte.

A japonesa, atrás do terminal, parecia ter alguns anos a mais que o velho Deane, nenhum deles com o benefício da ciência. Ele tirou seu rolo magro de neoienes do bolso e o mostrou para ela. – Quero comprar uma arma.

Ela fez um gesto na direção de uma vitrine cheia de facas.

– Não – disse ele. – Não gosto de facas.

Ela pegou uma caixa oblonga debaixo do balcão. A tampa era de papelão amarelo, com um carimbo que trazia a imagem tosca de uma naja enroscada com o capuz inchado. Ele ficou olhando, enquanto dedos com manchas marrons retiravam o embrulho de papel de um deles. Ela segurou o objeto para que ele pudesse examiná-lo, um tubo de aço fosco com uma tira de couro numa das extremidades e uma pequena pirâmide de bronze na outra. Ela agarrou o tubo com uma das mãos, pegou a pirâmide com polegar e indicador e puxou. Três segmentos lubrificados e telescópicos de mola bem enrolada deslizaram para fora e travaram. – Naja – disse ela.

***

Além do tremor de neon de Ninsei, o céu tinha aquele tom de cinza sinistro. O ar havia ficado pior; parecia ter dentes essa noite, e metade da multidão usava

máscaras com filtro. Case havia passado dez minutos num banheiro, tentando descobrir um jeito conveniente de esconder sua naja; acabou se contentando em enfiar o cabo na cintura do jeans, com o tubo encostando na barriga. A ponta piramidal de ataque ficava entre suas costelas e o vinco de sua jaqueta. Case tinha a sensação de que a coisa podia deslizar e cair no chão a cada passo que dava, mas assim se sentia melhor.

O Chat não era um bar para negócios, na verdade, mas nas noites durante a semana atraía uma clientela regular. Nas sextas e nos sábados, era diferente. Os regulares ainda estavam ali, a maioria deles, mas desapareciam atrás de um afluxo de marinheiros e as especialistas que atuavam como seus predadores. Quando Case entrou, seus olhos procuraram por Ratz, mas o bartender não estava à vista. Lonny Zone, o cafetão-residente do bar, observava com um interesse paterno doentio enquanto uma de suas garotas ia trabalhar com um jovem marinheiro. Zone era viciado em uma marca de hipnótico que os japoneses chamavam Cloud Dancers. Assim que chamou a atenção do cafetão, Case fez um gesto para que ele fosse até o bar. Zone deslizou em câmera lenta por entre a multidão, seu rosto comprido flácido e pálido.

– Você viu Wage hoje, Lonny?

Zone olhou para ele com sua calma costumeira. Balançou a cabeça.

– Tem certeza, cara?

– Quem sabe no Namban. Talvez duas horas atrás.

– Ele está com algum ajudante? Um deles magro, de cabelos pretos, talvez uma jaqueta preta?

– Não – Zone disse finalmente, a testa lisa vincando-se para indicar o esforço que lhe custava lembrar de tantos detalhes sem sentido. – Caras grandes. Enxertados. – Os olhos de Zone mostravam muito pouco branco e íris menos ainda; sob as pálpebras caídas, as pupilas estavam dilatadas e enormes. Ele encarou o rosto de Case por um longo tempo, e então abaixou a cabeça. Viu o volume do chicote de aço. – Naja – ele disse, e levantou uma sobrancelha. – Tá a fim de foder com alguém?

– Tchau, Lonny. – Case foi embora.

***

Seu perseguidor havia voltado. Ele tinha certeza. Sentiu uma pontada de animação, octógonos e adrenalina se misturando com alguma outra coisa. Você está gostando, pensou; você é maluco.

Porque, de algum modo bizarro e muito aproximado, era como uma incursão na matrix. Bastava ficar doidão o suficiente e se meter em problemas desesperadores mas estranhamente arbitrários, e era possível ver a Ninsei como um campo de dados, a forma como a matrix um dia o fizera se lembrar de proteínas ligadas para distinguir especialidades de células. Você podia se jogar numa deriva em alta

velocidade e deslizar, totalmente focado mas separado de tudo, e todos ao seu redor dançando a dança dos negócios, interagindo informações, dados encarnados nos labirintos do mercado negro...

Vamos nessa, Case, disse para si mesmo. Atraia esses otários. A última coisa que eles iriam esperar. Estava a meio quarteirão do fliperama onde havia conhecido Linda Lee.

Saiu correndo pela Ninsei, espalhando um bando de marinheiros que passeavam por ali. Um deles gritou para ele em espanhol. Então ele passou pela entrada, o som o atingindo como uma onda batendo no quebra-mar, subsônicos pulsando na boca do estômago. Alguém conseguiu uma explosão de dez megatons no Tank War Europa, uma rajada de ar simulada afogando o fliperama em som branco quando uma lúgubre bola de fogo holográfica formava um cogumelo bem alto. Ele cortou para a direita e subiu um lance de escadas de madeira barata sem pintura. Havia subido ali uma vez com Wage, para discutir um negócio de gatilhos hormonais proscritos com um sujeito chamado Matsuga. Ele se lembrava do corredor, do carpete manchado, da fileira de portas idênticas que davam para minúsculos escritórios-cubículos. Uma das portas estava aberta agora. Uma garota japonesa, vestindo uma camiseta preta sem mangas, de frente para um terminal branco, levantou a cabeça. Atrás dela, um cartaz de viagem da Grécia, azul-Egeu misturado com ideogramas estilizados.

– Chame a segurança aqui, agora – Case disse para ela.

Então ele disparou corredor abaixo, e saiu da vista dela. As últimas duas portas estavam fechadas e, ele supôs, trancadas. Virou e deu um coice com a sola de seu tênis de nylon na porta de aglomerado laqueada de azul na outra ponta. Ela estalou, material de construção barato caindo da moldura em lascas. Tudo escuro, a curva branca da caixa de um terminal. Então seguiu para a porta à sua direita, com as duas mãos na maçaneta de plástico transparente, inclinando-se com toda a força. Alguma coisa estalou, e ele entrou. Foi ali que ele e Wage haviam se reunido com Matsuga, mas a empresa de fachada que Matsuga havia operado já havia saído dali há muito tempo. Não havia terminal, não havia nada. Luz do beco atrás do fliper, filtrada por plástico sujo de fuligem. Ele reconheceu um rolo de fibras ópticas, enroladas como uma cobra, saindo de uma tomada na parede, uma pilha de embalagens de comida descartáveis e a nacela sem lâminas de um ventilador elétrico.

A janela era uma placa única de plástico barato. Ele tirou a jaqueta, enrolou-a na mão direita e deu um soco. A janela rachou, mas foram necessários mais dois socos para soltá-la da moldura. Sobre o caos em baixo volume dos games, um alarme começou a soar, acionado pela janela quebrada ou pela garota do começo do corredor.

Case se virou, tornou a vestir a jaqueta e abriu a naja em toda a sua extensão.

Com a porta fechada, ele contava que seu perseguidor supusesse que havia pulado pela janela aberta a pontapés. A pirâmide de bronze da naja começou a se

mover suavemente, o eixo de aço da mola amplificando sua pulsação.

Não aconteceu nada. Só se ouvia o alarme tocando, o barulho dos games, seu coração batendo alucinado. Quando o medo bateu, foi como um amigo que andava meio esquecido. Não o mecanismo frio e rápido da paranoia-dex, mas simples medo animal. Ele vivia há tanto tempo no limite constante da ansiedade que quase se esquecera de como era ter medo de verdade.

O cubículo era o tipo de lugar onde pessoas morriam. Ele podia morrer ali. Eles poderiam estar armados...

Um barulho de algo caindo no outro lado do corredor. Uma voz de homem, gritando algo em japonês. Um grito agudo de terror. Outro barulho.

E passos, sem pressa, chegando cada vez mais perto.

Passando direto por sua porta fechada. Parando no espaço de três batidas rápidas do seu coração. E voltando. Um, dois, três. O solado de uma bota arranhando o carpete.

O resto da coragem induzida pelo octógono desabou. Ele meteu a naja no saco e correu para a janela, tropeçando em tudo, cego de medo, os nervos gritando. Subiu, saiu e caiu antes mesmo de ver o que estava fazendo. Quando bateu com os pés no chão, sentiu uma grande dor, como se tivessem enfiado barras de metal em suas panturrilhas.

Uma fatia estreita de luz de uma porta de serviço meio aberta enquadrava uma pilha de fibras ópticas descartadas e o chassi de um console sucateado. Ele caiu de cara numa placa de circuito encharcada; rolou de lado, para dentro da sombra do console. A janela do cubículo era um quadrado de luz fraca. O alarme ainda oscilava, mais alto ali, a parede dos fundos amortecendo o rugido dos games.

Uma cabeça surgiu, emoldurada pela janela, iluminada pelas luzes fluorescentes no corredor atrás, e então sumiu. Ela voltou, mas ele continuou não conseguindo distinguir as feições. Um flash prateado na altura dos olhos. – Merda – disse alguém, uma mulher, no sotaque da região norte do Sprawl.

A cabeça desapareceu. Case ficou deitado embaixo do console, contou bem devagar até vinte e depois se levantou. A naja de aço ainda estava em sua mão, e ele levou alguns segundos para lembrar o que era. Saiu do beco mancando, tentando não forçar o tornozelo esquerdo.

***

A pistola de Shin era uma velha imitação vietnamita – tinha uns cinquenta anos – de uma cópia sul-americana de uma Walther ppk, dupla ação no primeiro disparo, com um coice muito forte. Estava modificada para disparar munição de rifle de cano longo calibre 22, e Case teria preferido balas explosivas de nitreto de chumbo às dum-dum chinesas simples que Shin havia lhe vendido. Mesmo assim, era uma arma e nove pentes de munição, e quando saiu da barraca de sushi e começou a descer Shiga, enfiou-a no bolso da jaqueta. A coronha era de plástico vermelho-

vivo moldado em forma de dragão em alto-relevo, uma coisa para sentir com os dedos no escuro. Depositou a naja num latão de lixo em Ninsei e engoliu outro octógono a seco.

A pílula acendeu seus circuitos e ele desceu no fluxo da Shiga até a Ninsei, e depois para Baiitsu. Deduziu que seu perseguidor tinha sumido, e isso era ótimo. Tinha ligações a fazer, transações para realizar, e isso não podia mais esperar. Descendo a Baiitsu uma quadra, na direção do porto, ficava um prédio de escritórios de dez andares, em tijolos amarelos horríveis. Suas janelas estavam apagadas agora, mas um brilho suave no telhado era visível se você levantasse o pescoço. Um sinal de neon apagado perto da entrada principal formava as palavras CHEAP HOTEL sob um aglomerado de hologramas. Se o lugar tinha outro nome, Case desconhecia; ele era sempre chamado de Cheap Hotel, Hotel Barato. A entrada ficava num beco transversal à Baiitsu, onde o elevador aguardava aos pés de um poço transparente. O elevador, assim como o Cheap Hotel, era um pensamento a posteriori, amarrado ao prédio com bambu e epóxi. Case subiu na gaiola de plástico e usou sua chave, um pedaço de fita magnética rígida sem marcas.

Case havia alugado um caixão ali, um aluguel por semana, desde que chegara a Chiba, mas nunca dormira no Cheap Hotel. Ele dormia em lugares mais baratos.

O elevador tinha cheiro de perfume e cigarros; os lados da gaiola estavam arranhados e com manchas de sangue. Quando passou pelo quinto andar, viu as luzes da Ninsei. Batucou os dedos na coronha quando a gaiola reduziu a velocidade com um sibilar gradual. Como sempre, o elevador parou com um tranco violento, mas ele já estava preparado. Saiu no pátio, que era uma mistura de saguão e gramado.

No centro do carpete quadrado de grama plástica verde, um adolescente japonês estava sentado atrás de um console em forma de C, lendo um manual técnico. Os caixões brancos de fibra de vidro estavam empilhados em uma estrutura tipo andaimes industriais. Seis andares de caixões, dez caixões de cada lado. Case acenou com a cabeça na direção do garoto e foi mancando pela grama plástica até a escada mais próxima. O conjunto tinha um teto de laminado preto vagabundo que sacolejava com vento forte e vazava quando chovia, mas os caixões eram razoavelmente difíceis de abrir sem uma chave.

A passarela de expansão vibrava com seu peso, enquanto ele seguia ao longo do terceiro andar até o número 92. Os caixões tinham três metros de comprimento, as escotilhas ovais um metro de largura, e pouco menos de um metro e meio de altura. Enfiou a chave num slot e aguardou a verificação do computador da casa. Travas magnéticas se abriram com um som reconfortante e a escotilha subiu verticalmente com um ranger de molas. Luzes fluorescentes acenderam piscando quando ele se arrastou para dentro, fechando a escotilha e acionando o painel que ativava a trava manual.

Não havia nada no número 92 a não ser um computador de bolso Hitachi padrão

e um pequeno isopor branco. O isopor continha os restos de três placas de dez quilos de gelo seco, cuidadosamente envoltas em papel para retardar a evaporação, e um frasco de laboratório de alumínio. Agachado sobre o colchonete de espuma sintética marrom que servia tanto de chão quanto de cama, Case tirou a 22 de Shin do bolso e colocou-a em cima do isopor. Depois tirou a jaqueta. O terminal do caixão era moldado dentro de uma parede côncava, em frente a um painel que listava as regras da casa em sete idiomas. Case retirou o handset cor-de-rosa de seu cradle e digitou de memória um número de Hong Kong. Deixou tocar cinco vezes, depois desligou. Seu comprador dos três megabytes de RAM quente no Hitachi não estava aceitando ligações.

Teclou um número de Tóquio em Shinjuku.

Uma mulher respondeu em japonês.

– Homem-Cobra taí?

– É ótimo te ouvir – disse o Homem-Cobra, falando de uma extensão. – Estava esperando você ligar.

– Estou com a música que você queria. – Olhando de relance para o isopor.

– Fico muito feliz em saber. Estamos com um probleminha de fluxo de caixa. Você segura a onda?

– Ih, cara, eu preciso muito dessa grana...

O Homem-Cobra desligou.

– Seu merda – Case disse para o fone que zumbia. Ficou olhando para a pistolinha vagabunda. – Embaçado. Tudo embaçado hoje.

***

Case entrou no Chat uma hora antes do amanhecer, as mãos nos bolsos da jaqueta; uma segurava a pistola alugada, a outra o frasco de alumínio.

Ratz estava numa mesa nos fundos, bebendo água Apollonaris em uma caneca de cerveja, seus cento e vinte quilos de carne flácida inclinados contra a parede numa cadeira que rangia. Um garoto brasileiro, de nome Kurt, estava no bar, servindo uma pequena multidão de bêbados, em sua maioria silenciosos. O braço plástico de Ratz zumbia quando ele levantava a caneca e bebia. Sua cabeça raspada tinha uma película de suor. – Você parece mal, meu amigo artiste – ele disse, mostrando a ruína molhada de seus dentes.

– Eu estou bem – disse Case, e sorriu como uma caveira. – Superbem. – Afundou na cadeira em frente a Ratz, as mãos ainda nos bolsos.

– E você fica andando de um lado pro outro nesse abrigo antibombas portátil construído com bebida e estimulantes, sei. À prova de emoções mais fortes, não é?

– Por que é que você não larga do meu pé, Ratz? Você viu o Wage?

– À prova de medo e de solidão – continuou o bartender. – Ouça o medo. Talvez ele seja seu amigo.

– Você ouviu alguma coisa sobre uma briga no fliper esta noite, Ratz? Alguém se

machucou?

– Uma pessoa maluca cortou um segurança – ele deu de ombros. – Dizem que foi uma garota.

– Preciso falar com Wage, Ratz. Eu...

– Ah. – A boca de Ratz se estreitou, comprimindo-se até formar uma linha reta. Ele olhou para a entrada, atrás de Case. – Acho que você vai falar com ele agora.

Case teve um vislumbre súbito do shuriken na vitrine. O speed cantava na sua cabeça. A pistola em sua mão estava lisa de suor.

– Herr Wage – disse Ratz, estendendo lentamente seu manipulador cor-de-rosa como se esperasse um aperto de mão. – Que grande prazer. É tão raro o senhor nos honrar com sua presença.

Case virou a cabeça e olhou direto no rosto de Wage. Era uma máscara bronzeada e esquecível. Os olhos eram transplantes Nikon verde-água cultivados em tanques. Wage vestia um terno de seda metálica e um único bracelete de platina em cada pulso. Estava acompanhado por seus ajudantes, um de cada lado, jovens quase idênticos, os braços e ombros estourando com músculos enxertados.

– Como vai, Case?

– Cavalheiros – disse Ratz, levantando o cinzeiro cheio de cima da mesa com a garra de plástico. – Não quero saber de confusão aqui. – O cinzeiro era feito de plástico duro inquebrável, e tinha um anúncio de cerveja Tsingtao. Ratz o esmagou sem esforço, derramando uma cascata de bitucas e lascas de plástico verde no tampo da mesa. – Entenderam?

– É, coração? – perguntou um dos ajudantes. – Quer testar esse negócio aí em mim?

– Kurt, nem se dê ao trabalho de mirar nas pernas – disse Ratz, em tom de bate-papo. Case olhou discretamente para o outro lado e viu o brasileiro em pé no bar, apontando uma escopeta Smith & Wesson para o trio. O cano daquele negócio, feito de liga da espessura de uma folha de papel com um quilômetro de filamento de vidro, tinha o diâmetro de um punho. O pente transparente revelava cinco cartuchões laranja, balas gelatinosas tipo saco-de-areia subsônicas.

– Tecnicamente não letais – disse Ratz.

– Opa, Ratz – disse Case. – Te devo uma, hein?

O bartender deu de ombros. – Você não me deve nada. Mas estes aqui – e olhou fuzilando para Wage e seus ajudantes – já deviam saber. Ninguém apaga ninguém aqui no Chatsubo.

Wage tossiu. – Mas quem é que está falando de apagar alguém? Só queremos falar de negócios. Case e eu, a gente trabalha juntos.

Case puxou o 22 do bolso e apontou para o saco de Wage. – Ouvi dizer que você queria me matar. – A garra rosada de Ratz se fechou ao redor da pistola e Case abriu os dedos.

– Escuta, Case, você quer me dizer logo que merda é essa? Tá maluco? Que merda de papo é esse que estou querendo te matar? – Wage se voltou para o

rapaz à sua esquerda. – Vocês dois, voltem pro Namban. Esperem por mim.

Case ficou olhando os ajudantes atravessarem o bar, que agora estava inteiramente deserto a não ser por Kurt e um marinheiro bêbado de uniforme cáqui, todo enroscado no pé de uma banqueta. O cano da Smith & Wesson rastreou os dois até a porta, e depois voltou para cobrir Wage. O pente da pistola de Case caiu sobre a mesa. Ratz segurava a arma na sua garra e tirou a bala da câmara.

– Quem foi que te disse que eu ia te pegar, Case? – perguntou Wage.

Linda.

– Quem foi que te disse, cara? Alguém que está tentando armar pra cima de você?

O marinheiro soltou um gemido e vomitou explosivamente.

– Tira ele daqui – Ratz gritou para Kurt, que agora estava sentado na borda do balcão do bar, a Smith & Wesson no colo, acendendo um cigarro.

Case sentiu o peso da noite descer sobre ele como um saco de areia molhada atrás dos olhos. Tirou o frasco do bolso e entregou-o para Wage. – Foi tudo o que consegui. Pituitárias. Se você repassar rápido, dá pra arrumar quinhentinhos. Gastei o resto em RAM, mas agora já foi.

– Você está legal, Case? – O frasco já havia sumido atrás da lapela metálica. – Quero dizer, tudo bem, isso aqui acerta a nossa parada, mas você parece mal. Parece um saco de bosta. É melhor você ir pra algum lugar dormir.

– É. – Ele se levantou e sentiu o Chat girar. – Bom, eu tinha uma nota de cinquenta, mas dei pra uma pessoa. – Ele deu um risinho. Apanhou o pente da 22 e o cartucho solto e jogou tudo num dos bolsos, depois colocou a pistola no outro. – Tenho que ver o Shin, pegar meu depósito de volta.

– Vá pra casa – disse Ratz, se mexendo na cadeira que rangia, com uma expressão que parecia de embaraço. – Artista. Vá pra casa.

Sentiu os olhos deles ao atravessar o salão e abrir caminho pelas portas de plástico com os ombros.

***

– Piranha – ele disse para a tintura rosada que cobria Shiga. Descendo a Ninsei, os hologramas começavam a desaparecer como fantasmas, e a maioria dos neons já estava fria e morta. Ele tomou um café preto bem forte num copão de isopor de um vendedor de rua e ficou vendo o sol nascer. – É melhor fugir, meu amor. Cidades como esta aqui são pra gente que gosta de descer ladeira abaixo. – Mas não era isso na verdade, e ele estava achando cada vez mais difícil manter a sensação de traição. Ela só queria uma passagem de volta pra casa, e a RAM no seu Hitachi compraria isso para ela, se ela conseguisse encontrar o receptador certo. E aquele negócio com os cinquenta; ela quase recusou o dinheiro, porque sabia que estava prestes a limpar o resto de grana que ele tinha.

Quando saiu do elevador, o mesmo garoto estava na mesa. Manual técnico

diferente. – Bom garoto – Case gritou do outro lado do gramado de plástico – não precisa me dizer. Já sei. Moça bonita veio visitar, disse que tinha minha chave. Boa gorjeta pra você, vamos dizer cinquenta neos? – O garoto abaixou o livro. – Mulher – disse Case, e traçou uma linha na testa com o polegar. – Seda – ele deu um grande sorriso. O garoto retribuiu o sorriso e fez que sim. – Valeu, seu bosta – disse Case.

Na passarela, teve dificuldades com a fechadura. Ela fodeu com a coisa de algum jeito quando tentou abrir a porta, pensou. Iniciante. Ele sabia onde alugar uma caixa preta que abria qualquer coisa no Cheap Hotel. Fluorescentes se acenderam quando ele entrou.

– Feche a escotilha bem devagar, meu camarada. Ainda está com aquela especial de sábado à noite que alugou do garçom?

Ela estava sentada de costas para a parede, do outro lado do caixão. Joelhos para cima, pulsos descansando sobre eles; o cano furadinho tipo saleiro de uma pistola de dardos emergiu de suas mãos.

– Era você lá no fliper? – ele fechou a escotilha. – Cadê a Linda?

– Aperte o botão da trava.

Ele apertou.

– É sua namorada? Linda?

Ele fez que sim.

– Ela se mandou. Levou seu Hitachi. Garotinha nervosa. E essa arma aí, cara? – Ela usava óculos espelhados. Suas roupas eram pretas. Os saltos das botas pretas afundavam na espuma sintética.

– Levei pro Shin, peguei meu depósito de volta. Vendi as balas pela metade do que paguei. Quer o dinheiro?

– Não.

– Quer gelo seco? É só o que eu tenho agora.

– O que é que te mordeu esta noite? Por que é que fez aquele escândalo todo no fliper? Eu tive que sentar o cacete num segurança que veio atrás de mim com um nunchaku.

– Linda disse que você ia me matar.

– Linda disse? Eu nunca vi essa garota antes de vir aqui.

– Você não está com o Wage?

Ela balançou a cabeça em negativa. Ele percebeu que as lentes eram implantadas cirurgicamente, fechando as cavidades de seus olhos. As lentes de prata pareciam brotar da pele branquinha e macia sobre as maçãs do rosto, emolduradas por cabelos pretos cortados de modo selvagem. Os dedos fechados ao redor da pistola de dardos eram compridos, brancos e com unhas pintadas de bordô. As unhas pareciam artificiais. – Acho que você fez merda, Case. Eu apareci e você simplesmente me encaixou na sua imagem de realidade.

– Então, o que é que você quer, minha senhora? – ele relaxou contra a escotilha.

– Você. Um corpo vivo, cérebro ainda intacto, de alguma forma. Molly, Case.

Meu nome é Molly. Estou coletando você para o homem para quem trabalho. Ele só quer falar com você, só isso. Ninguém quer te machucar.

– Que bom.

– Só que às vezes eu machuco as pessoas, Case. Acho que é o meu hardware. – Ela vestia jeans de couro preto justíssimos e uma jaqueta preta grande feita de algum material fosco que parecia absorver a luz. – Se abaixar esta arma de dardos, você vai se comportar, Case? Você parece do tipo que gosta de se arriscar estupidamente.

– Epa, sou gente boa. Sou o maior mané, sem problema.

– Isso é ótimo, cara. – A pistola de dardos desapareceu dentro da jaqueta preta. – Porque se você tentar foder comigo, vai fazer uma das maiores merdas de toda a sua vida.

Ela estendeu as mãos com as palmas viradas para cima, os dedos brancos ligeiramente abertos, e, com um clique ligeiramente audível, dez lâminas de bisturi dupla face de quatro centímetros deslizaram de dentro de suas bainhas embaixo das unhas bordô.

Ela sorriu. As lâminas se recolheram lentamente.

2

Após um ano de caixões, o quarto no vigésimo quinto andar do Chiba Hilton parecia uma enormidade. Tinha dez metros por oito, metade de uma suíte. Uma cafeteira Braun branca soltava vapor em uma mesinha perto dos painéis deslizantes de vidro que davam para uma varanda estreita.

– Tome um café. Parece que você está precisando. – Ela tirou a jaqueta preta; a pistola de dardos estava pendurada embaixo de seu braço num coldre de ombro de nylon preto. Ela vestia um pulôver cinza sem mangas com zíperes de aço sobre cada ombro. À prova de balas, Case deduziu, derramando café numa caneca vermelha brilhante. Seus braços e pernas pareciam feitos de madeira.

– Case. – Ele levantou a cabeça e viu o homem pela primeira vez. – Meu nome é Armitage. – O robe escuro estava aberto até a cintura, mostrando o peito largo musculoso e sem pelos e a barriga rígida. Olhos azuis tão claros que Case pensou em descoloração. – O sol raiou, Case. Este é seu dia de sorte, rapaz.

Case girou o braço e o homem se desviou fácil do café escaldante. Uma mancha marrom escorrendo pelo papel de parede imitando papel de arroz. Ele viu o anel de ouro angular no lóbulo da orelha esquerda. Forças Especiais. O homem sorriu.

– Tome seu café, Case – disse Molly. – Você é um cara legal, mas não sai daqui enquanto Armitage não terminar o que tem a dizer. – Ela sentou de pernas cruzadas num futon de seda e começou a desmontar a arma de dardos sem se dar ao trabalho de olhar para ela. Espelhos gêmeos o rastrearam enquanto ele ia até a mesa e enchia de novo sua xícara.

– Novo demais pra lembrar da guerra, não é, Case? – Armitage passou a mão grande por seus cabelos castanhos cortados rente. Um bracelete de ouro maciço reluziu no seu pulso. – Leningrado, Kiev, Sibéria. Nós inventamos você na Sibéria, Case.

– Isso deveria significar alguma coisa pra mim?

– Screaming Fist, Case. O Punho Penetrante. Você já ouviu falar.

– Foi um tipo de operação, não foi? Tentaram queimar um nexus russo com vírus. É, ouvi falar. E ninguém escapou.

Subitamente ele sentiu tensão no ar. Armitage caminhou até a janela e olhou para a baía de Tóquio. – Não é verdade. Uma unidade conseguiu voltar a Helsinque, Case.

Case deu de ombros e tomou um gole de café.

– Você é um cowboy de console. Os protótipos dos programas que você usa para crackear bancos industriais foram desenvolvidos para o Screaming Fist. Para o ataque ao nexus de computação de Kirensk. O módulo básico era um microleve

Nightwing, um piloto, um deck de matrix, um jóquei. Estávamos rodando um vírus chamado Toupeira. A série toupeira foi a primeira geração de programas de intrusão de verdade.

– ICE-Breakers, quebra-gelos. – disse Case sobre a borda da caneca vermelha.

– O nome vem de ICE, Intrusion Countermeasures Electronics: Contramedidas eletrônicas de intrusão.

– O problema, meu camarada, é que eu não sou mais jóquei, então acho que vou nessa...

– Eu estava lá, Case; eu estava lá quando inventaram a sua espécie.

– Você tem zero a ver comigo e minha espécie, amigão. Você tem grana suficiente pra contratar razorgirls a peso de ouro pra me
arrastar até aqui, é só. Eu nunca mais vou acessar nenhum deck, nem pra você nem pra mais ninguém. – Ele foi até a janela e olhou para baixo. – É lá que vivo agora.

– Nosso perfil diz que você está tentando induzir a cidade a matá-lo quando você não estiver olhando.

– Perfil?

– Nós construímos um modelo detalhado. Fizemos uma extrapolação para cada um dos seus nicks e rodamos um perfil superficial em alguns softwares militares. Você é suicida, Case. O modelo dá a você um mês no máximo. E nossa projeção médica diz que vai precisar de um pâncreas novo daqui a um ano.

– "Nós" – ele encarou os olhos azuis esmaecidos. – "Nós" quem?

– O que você diria se eu lhe dissesse que poderíamos corrigir seu dano neural, Case? – De repente, Armitage parecia ser feito de um bloco de metal; inerte, enormemente pesado. Uma estátua. Agora Case sabia que aquilo era um sonho, e que dali a pouco ele acordaria. Armitage não falaria mais nada. Os sonhos de Case sempre acabavam nesses frames congelados, e este sonho também estava para acabar agora.

– O que você diz, Case?

Case olhou para a baía lá fora e estremeceu.

– Eu diria que você está falando merda.

Armitage fez que sim.

– E depois perguntaria quais seriam os seus termos.

– Não muito diferentes daqueles com os quais você está acostumado, Case.

– Deixa o cara dormir um pouco, Armitage – Molly disse do futon onde estava sentada, os componentes da pistola de dardos espalhados sobre a seda como um quebra-cabeças sofisticado. – Ele está caindo aos pedaços.

– Termos – disse Case. – E agora. Agora.

Ele ainda estava tremendo. Não conseguia parar de tremer.

***

A clínica não tinha nome, era visivelmente cara, um aglomerado de pavilhões sofisticados separados por pequenos jardins formais. Ele se lembrou do lugar da rodada que fizera em seu primeiro mês em Chiba.

– Apavorado, Case. Você está apavorado mesmo. – Era domingo à tarde e ele estava com Molly em uma espécie de pátio. Pedregulhos brancos, um canteiro de bambus verdes, cascalho preto formando ondas feitas com um ancinho. Um jardineiro, uma coisa que parecia um grande caranguejo de metal, estava cuidando dos bambus.

– Vai dar certo, Case. Você não faz ideia do tipo de material que o Armitage tem. Tipo, ele vai pagar esses neurocaras para consertarem você com o programa que está dando a eles para dizer como fazerem isso. Ele vai colocá-los três anos à frente da concorrência. Você faz alguma ideia do quanto isso vale? – Ela enfiou os polegares nos passadores de cinto do seu jeans de couro e ficou balançando para a frente e para trás nos saltos laqueados das botas de cowboy cor de cereja. Os bicos finos das botas tinham chapas de prata mexicana reluzente. As lentes eram mercúrio vazio, que olhavam para ele com uma calma insetoide.

– Você é samurai de rua – disse. – Há quanto tempo está trabalhando pra ele?

– Uns dois meses.

– E antes?

– Para outra pessoa. Sou uma profissional, sabia?

Ele assentiu.

– Gozado, Case.

– Gozado o quê?

– É como se eu te conhecesse. Aquele perfil que ele conseguiu. Eu sei como você é programado.

– Você não me conhece, minha irmã.

– Você é legal, Case. Você só teve azar.

– E ele? Ele é legal, Molly? – O caranguejo-robô se moveu na direção deles, selecionando seu caminho sobre as ondas de cascalho. Sua carapaça de bronze poderia ter mil anos de idade. Quando chegou a um metro das botas dela, disparou um feixe de luz e, então, parou por um instante, analisando os dados obtidos.

– O que sempre penso primeiro, Case, é no meu próprio rabo. – O caranguejo havia alterado seu curso para evitá-la, mas ela o chutou com uma precisão perfeita, a pontinha de prata da bota fazendo clang na carapaça. A coisa caiu de costas, mas as patinhas de bronze logo a endireitaram novamente.

Case sentou-se nos pedregulhos, bagunçando a simetria das ondas de cascalho com as pontas dos sapatos. Ele começou a procurar cigarros nos bolsos. – Na sua camisa – disse ela.

– Quer responder à minha pergunta? – Ele pescou um Yeheyuan amassado do maço e ela o acendeu com uma placa fininha de aço alemão que parecia pertencer a uma mesa cirúrgica.

– Bom, vou te dizer uma coisa: o sujeito definitivamente está por dentro de

alguma parada. Ele está montado na grana agora, e antes não era assim, e está recebendo mais toda hora. – Case notou uma certa tensão em volta da boca de Molly. – Ou talvez, talvez alguma parada esteja por dentro dele... – Ela deu de ombros.

– Como assim?

– Não sei direito. O que eu sei é que não sei pra quem a gente está realmente trabalhando.

Ele ficou encarando os espelhos gêmeos. Ao deixar o Hilton, no sábado de manhã, voltara ao Cheap Hotel e dormira por dez horas direto. Depois deu uma longa caminhada sem o menor sentido ao longo do perímetro de segurança do porto, vendo as gaivotas voarem em círculos além das grades de metal. Se ela o seguira, havia feito um ótimo trabalho. Ele evitou a Night City. Ficou no caixão esperando Armitage ligar. Agora esse pátio silencioso, tarde de domingo, essa garota com corpo de ginasta e mãos de feiticeira.

– Pode entrar agora, senhor, o anestesista está esperando para conhecê-lo. – O técnico se curvou, virou e tornou a entrar na clínica sem esperar para ver se Case o seguiria.

***

Cheiro de aço frio. Uma carícia de gelo na espinha.

Perdido, tão pequeno no meio daquela escuridão, mãos ficando frias, imagem corporal desaparecendo por corredores de céu de televisão.

Vozes.

Então, o fogo negro encontrou os tributários ramificados dos nervos, dor além de qualquer coisa que já tenha recebido o nome de dor...

***

Fique quieto. Não se mexa.

E Ratz estava ali, e Linda Lee, Wage e Lonny Zone também, mil rostos da floresta de neon, marinheiros e marginais e putas, onde o céu é de prata envenenada, além de grades de metal e da prisão do crânio.

Não se mexa o cacete.

Onde o céu desaparecia, passando de estática sibilante para a não cor da matrix, e ele vislumbrou num relance o shuriken, suas estrelas.

– Pára, Case, eu preciso achar a sua veia!

Ela estava sentada no peito dele, uma seringa flexível de plástico azul numa das mãos. – Se você não ficar parado, vou cortar sua garganta, caralho. Você ainda está cheio de inibidores de endorfina.

***

Ele acordou e viu que ela estava deitada ao seu lado no escuro.

O pescoço dele estava quebradiço, como se estivesse cheio de gravetos. Um pulso constante de dor descendo pelo meio de sua coluna vertebral. Imagens se formavam e se reformavam: uma montagem tremeluzente das torres e de cúpulas de Fuller rasgadas no Sprawl, figuras enevoadas andando em sua direção na sombra debaixo de uma ponte ou passagem de carros...

– Case? É quarta, Case. – Ela se mexeu, rolando para o lado, estendendo a mão para ele. Um seio roçou o seu antebraço. Ele ouviu quando ela rasgou o selo de alumínio de uma garrafa de água e tomou um gole. – Aqui – ela colocou a garrafa na mão dele. – Eu posso ver no escuro, Case. Microcanais amplificadores de imagem nos meus óculos.

– Que dor nas costas...

– Foi porque eles substituíram seus fluidos por aí. Trocaram seu sangue também. O sangue foi porque você recebeu um pâncreas novo na jogada. E um remendo de tecido novo no seu fígado. A coisa dos nervos eu não sei. Injeções pra cacete. Não precisaram abrir nada para o show principal. – Ela voltou a se deitar ao lado dele. – São 2:43:12 AM, Case. Eu tenho um display embutido no meu nervo óptico.

Ele se sentou e tentou tomar um gole da garrafa. Engasgou, tossiu e espirrou água morna no peito e nas coxas.

– Preciso acessar um deck – ele se ouviu dizer. Estava tateando à procura das roupas. – Eu preciso saber...

Ela riu. Mãos pequenas e fortes seguraram seus antebraços. – Desculpa, picão. Tem de esperar oito dias. Seu sistema nervoso despencaria no chão se você se plugasse agora. Ordens do médico. Além do mais, eles acham que deu certo. Vão checar você daqui a um ou dois dias.

– Onde é que a gente está?

– Em casa. Cheap Hotel.

– E o Armitage?

– No Hilton, vendendo colares pros nativos ou coisa do gênero. Vamos sair daqui em pouco tempo, cara. Amsterdã, Paris, depois voltamos pro Sprawl. – Ela tocou seu ombro. – Vire de lado. Eu faço uma massagem das boas.

Ele deitou de bruços, braços esticados para a frente, as pontas dos dedos tocando as paredes do caixão. Ela se encaixou em cima da nuca, ajoelhada na espuma sintética, o jeans de couro frio contra sua pele. Os dedos dela roçaram seu pescoço.

– Por que é que você não está no Hilton?

Ela respondeu esticando a mão para trás, no meio das coxas dele, e envolvendo suavemente seu saco entre o polegar e o indicador. Ficou assim por um minuto no escuro, ereta em cima dele, a outra mão no seu pescoço. O couro dos seus jeans rangia devagar com o movimento. Case se mexeu, sentindo a ereção na espuma sintética.

Sua cabeça latejava, mas a sensação de pescoço quebradiço diminuiu. Ele se levantou apoiado num dos cotovelos, rolou de costas, tornou a afundar contra a espuma, puxando-a para baixo, lambendo seus seios, mamilos pequenos e durinhos, deslizando molhados contra seu rosto. Encontrou o zíper dos jeans de couro e puxou a calça para baixo.

– Tudo bem – ela disse. – Eu enxergo. – Som de jeans sendo tirado. Ela lutou ao lado dele até conseguir chutá-los para longe. Passou uma perna por cima dele e ele tocou seu rosto. A dureza inesperada das lentes implantadas. – Não – disse ela. – Digitais.

Agora ela estava em cima dele novamente, pegou a mão dele e a fechou em cima dela, o polegar ao longo da fenda de suas nádegas, os dedos abrindo os lábios da vagina. Quando ela começou a se abaixar, as imagens voltaram pulsantes, os rostos, fragmentos de neon chegando e recuando. Ela desceu toda e as costas dele arquearam convulsivamente. Ela o cavalgou assim, sendo empalada, apertando-o mais e mais, até que os dois gozaram, o orgasmo dele explodindo azul em um espaço sem tempo, uma vastidão igual à matrix, onde os rostos eram tiras de papel que desciam voando por corredores de furacões, e a parte interna das coxas dela era forte e úmida contra seus quadris.

***

Na Ninsei, uma versão mais tênue da multidão, a versão dia-de-semana, repetia os movimentos da dança. Ondas de som rolavam dos flipers e dos salões de pachinko. Case deu uma olhadela no Chat e viu Zone tomando conta de suas garotas no crepúsculo quente e com cheiro de cerveja. Ratz estava no bar.

– Viu o Wage, Ratz?

– Esta noite não. – Ratz ergueu a sobrancelha ao ver Molly.

– Se você o vir, diga a ele que consegui o dinheiro.

– A sorte está mudando, meu artista?

– Cedo demais pra dizer.

***

– Bom, preciso ver esse cara – disse Case, vendo o reflexo nos óculos dela. – Tenho que cancelar um negócio.

– Armitage não vai gostar se eu deixar você longe das minhas vistas. – Ela ficou em pé logo embaixo do relógio derretido de Deane, as mãos nos quadris.

– O cara não vai falar comigo se você estiver lá. Caguei pro Deane. Ele sabe se cuidar. Mas conheço gente por aí que vai dançar se eu sair assim de Chiba sem mais aquela. É gente minha, entende?

A boca dela endureceu. Ela balançou a cabeça.

– Tenho um pessoal em Cingapura, conexões com Tóquio em Shinjuku e Asakuza, e eles vão dançar, entendeu? – Mentiu, a mão no ombro da jaqueta preta

dela. – Cinco. Cinco minutos. Pelo seu relógio, ok?

– Não estou sendo paga pra isso.

– Você ser paga é uma coisa. Eu deixar amigos legais morrerem porque você leva suas instruções demais ao pé da letra é outra inteiramente diferente.

– Mentira. Amigos legais o caralho. Você vai lá dentro pra checar a gente com seu muambeiro. – Ela colocou um pé sobre a mesinha de café Kandinsky, coberta de poeira.

– Ah, Case, meu rapaz, parece que sua companheira aí está definitivamente armada, além de ter uma boa quantidade de silício na cabeça. Do que se trata, exatamente? – A tosse fantasma de Deane parecia pender no ar entre os dois.

– Espere um instante, Julie. De qualquer maneira, vou entrar ali sozinho.

– Pode ter certeza disso, meu filho. Eu não aceitaria de outra maneira.

– Ok – disse ela. – Vai. Mas cinco minutos. Mais do que isso e vou entrar e esfriar esse seu amigo engomadinho permanentemente. E, já que você vai entrar lá, tente descobrir mais uma coisa.

– O quê?

– Por que estou lhe fazendo esse favor. – Ela se virou e saiu, passando pelos módulos brancos de gengibre em conserva empilhados.

– Está andando com companhias mais estranhas que de costume, Case? – Julie perguntou.

– Julie, ela já foi. Quer me deixar entrar? Por favor, Julie.

As travas se abriram. – Devagar, Case – disse a voz.

– Ligue as coisas aí, Julie, todo o equipamento da mesa – disse Case, sentando-se na cadeira giratória.

– Ele está sempre ligado – Deane disse calmo, tirando uma arma de trás do mecanismo aparente de sua velha máquina de escrever mecânica e apontando-a cuidadosamente para Case. Era uma belly gun, um revólver Magnum com o cano serrado quase até o final. A parte da frente da proteção do gatilho havia sido cortada e o cabo amarrado com o que parecia fita crepe velha. Case achou que aquilo parecia muito estranho nas mãos rosadas e bem tratadas de Deane. – Só estou me cuidando, você compreende. Nada pessoal. Agora me diga o que você quer.

– Preciso de uma aula de história, Julie. E um perfil de uma pessoa.

– O que está rolando, meu filho? – A camisa de Deane era de algodão listrado, o colarinho branco e rígido como porcelana.

– Eu, Julie. Estou rolando pra fora daqui. Fui. Mas me faça esse favor, pode ser?

– Perfil de quem, meu filho?

– Nome gaijin de Armitage, suíte no Hilton.

Deane colocou a pistola em cima da mesa. – Fique parado, Case. – Ele digitou alguma coisa num miniterminal. – Parece que você sabe tanto quanto minha rede, Case. Esse cavalheiro parece ter um esquema temporário com a Yakuza, e os filhos do crisântemo de neon têm maneiras de bloquear seus aliados de gente como eu.

Eu não aceitaria de outra maneira. Agora, a aula de história. Você disse história. – Ele tornou a pegar a arma, mas não a apontou diretamente para Case. – Que tipo de história?

– A guerra. Você esteve na guerra, Julie?

– A guerra? O que há para se saber? Ela durou três semanas.

– Screaming Fist.

– Famoso. Eles não ensinam história hoje em dia? Foi um grande jogo de futebol político pós-guerra, isso é o que foi. Um Watergate completo, de cabo a rabo. Seus militares, Case, seus militares do Sprawl em, onde foi, McLean? Nos bunkers, aquela coisa toda... um grande escândalo. Desperdiçaram uma boa quantidade de carne fresca patriota para testar uma nova tecnologia. Eles conheciam as defesas russas, descobriram depois. Sabiam sobre os pems, as armas de pulsos eletromagnéticos. Mandaram esses sujeitos assim mesmo, só pra ver. – Deane deu de ombros. – Alvos fáceis para os Ivans. Os russos.

– Algum desses sujeitos conseguiu escapar?

– Jesus – disse Deane. – Faz tanto tempo... Mas acho que alguns conseguiram. Uma das equipes. Pegaram uma aeronave sov. Helicóptero, você sabe. Voaram com ele até a Finlândia. Não tinham os códigos de entrada, claro, e destruíram as forças de defesa finlandesas no processo. Forças Especiais – Deane fungou. – Uma confusão dos diabos.

Case fez que sim com a cabeça. O cheiro de gengibre em conserva era devastador.

– Passei a guerra em Lisboa, sabia? – disse Deane, colocando a arma sobre a mesa. – Um lugar lindo, Lisboa.

– Você estava nas forças armadas, Julie?

– Não. Mas vi alguma ação. – Julie sorriu seu sorriso rosa. – É maravilhoso o que uma guerra pode fazer pelos mercados.

– Valeu, Julie. Te devo uma.

– Não, Case. E adeus.

***

E mais tarde ele diria a si mesmo que a noite no Sammi´s havia lhe parecido errada desde o começo, que mesmo enquanto seguia Molly ao longo daquele corredor, arrastando os pés por uma camada pegajosa de ingressos rasgados e copinhos de isopor, ele já havia sentido isso. A morte de Linda, esperando...

Eles haviam ido até o Namban, depois de Deane, e pago a dívida dele para Wage com um rolo dos neoienes de Armitage. Wage gostou, seus ajudantes não gostaram tanto, e Molly ficou sorrindo ao lado de Case com uma espécie de intensidade feroz cheia de tesão, obviamente desejando que um deles fizesse o menor movimento. Depois, ele a levou de volta ao Chat para uma bebida.

– Está perdendo seu tempo, cowboy – disse Molly, quando Case tirou um

octógono do bolso de sua jaqueta.

– Como assim? Quer um? – estendeu a pílula para ela.

– Seu pâncreas novo, Case, e esses plugues no seu fígado. Armitage mandou projetá-los para desviar dessa merda. – Ela bateu com a unha bordô no octógono. – Você é bioquimicamente incapaz de ficar doidão com anfetaminas ou cocaína.

– Merda – ele disse. Olhou para o octógono e depois para ela.

– Pode comer. Pode comer uma dúzia. Não vai acontecer nada.

Ele comeu. Nada aconteceu.

Três cervejas mais tarde, ela estava perguntando a Ratz sobre as lutas.

– Sammi´s – disse Ratz.

– Dispenso – disse Case. – Ouvi dizer que eles se matam lá.

Uma hora mais tarde, ela estava comprando ingressos de um tailandês magricelo de camiseta branca e shorts baggy de rúgbi.

O Sammi´s era uma cúpula inflável atrás de um armazém no porto, um material cinza bem esticado e reforçado com uma rede de cabos finos de aço. O corredor, com uma porta em cada ponta, era uma comporta de ar improvisada que conservava o diferencial de pressão que mantinha a cúpula de pé. Anéis fluorescentes estavam atarrachados ao teto de compensado em intervalos regulares, mas a maioria estava quebrada. O ar era úmido e denso, com cheiro de suor e concreto.

Nada disso o preparou para a arena, a massa, o silêncio tenso, as marionetes gigantes de luz sob a cúpula. O concreto se inclinava em degraus até uma espécie de palco central, um círculo elevado com um ringue reluzente de equipamento de projeção. Nenhuma luz, a não ser os hologramas que se deslocavam e piscavam sobre o ringue, reproduzindo os movimentos dos dois homens abaixo. Estratos de fumaça de cigarro subiam das arquibancadas, vagando até baterem em correntes criadas pelos ventiladores que davam suporte à cúpula. Nenhum som, a não ser o murmúrio baixinho dos ventiladores e a respiração amplificada dos lutadores.

Cores refletidas fluíam pelas lentes de Molly enquanto os homens andavam em círculos pelo ringue. Os hologramas eram magnificações à potência de dez; nessa escala, as facas que seguravam tinham pouco menos de um metro de comprimento. A pegada do lutador de faca é a pegada do esgrimista, Case lembrou, os dedos curvados, o polegar alinhado com a lâmina. As facas pareciam se mover por vontade própria, deslizando com uma falta ritual de urgência pelos arcos e passos de sua dança, ponta passando por ponta, enquanto os homens esperavam uma abertura. O rosto virado para cima de Molly estava tranquilo e parado, observando.

– Vou pegar uma comida pra gente – disse Case. Ela concordou com a cabeça, absorta na contemplação da dança.

Ele não gostava daquele lugar.

Deu meia-volta e voltou para as sombras. Escuro demais. Quieto demais.

A massa, ele viu, era em sua maior parte japonesa. Não era a multidão típica da

Night City. Era uma multidão urbana. Techies das arcologias. Ele supôs que isso queria dizer que a arena tinha a aprovação de alguma comissão recreativa corporativa. Por um instante, ficou se perguntando como seria isso, trabalhar por toda sua vida para uma zaibatsu. Moradia da empresa, hino da empresa, funeral da empresa.

Ele fez o circuito quase completo da cúpula antes de encontrar as barracas de comida. Comprou yakitori em pratinhos e dois copões encerados de cerveja. Olhando para os hologramas no alto, viu que o peito de uma das figuras estava manchado de sangue. Um molho marrom espesso transbordou dos pratinhos e sujou seus dedos.

Sete dias e ele iria se conectar. Se fechasse os olhos agora, veria a matrix.

Sombras se retorceram quando os hologramas giraram em sua dança.

Então, o medo começou a se tornar um nó entre suas omoplatas. Um fio fino de suor desceu por suas costelas. A operação não deu certo. Ele ainda estava ali, ainda era carne, não havia Molly nenhuma esperando com seus olhos travados nas facas que giravam, não havia Armitage nenhum esperando no Hilton com passagens e um passaporte novo e dinheiro. Tudo isso era um sonho, uma fantasia patética... Lágrimas quentes borraram sua visão.

Um esguicho de sangue de uma jugular num jato vermelho de luz. E agora a massa gritava, se levantava, gritava – enquanto uma das figuras desabava, e o holograma desvanecia, tremeluzindo...

Uma ameaça crua de vômito na sua garganta. Ele fechou os olhos, respirou fundo, abriu-os e viu Linda Lee passar por ele, seus olhos cinzentos cegos de medo. Ela usava o mesmo macacão francês.

E sumiu. Nas sombras.

Puro reflexo descerebrado: jogou a cerveja e a galinha no chão e saiu correndo atrás dela. Poderia ter gritado o seu nome, mas não tinha certeza.

A pós-imagem de uma linha fina como um fio de cabelo de luz vermelha. Concreto queimado debaixo das solas finas de seus sapatos.

Os tênis brancos dela faiscando em flashes, perto da parede curva agora, e novamente a linha fantasma do laser marcada a fogo em seu olho, balançando em sua visão enquanto ele corria.

Alguém o fez tropeçar. Ele ralou as palmas das mãos no concreto.

Ele rolou e chutou, mas não atingiu nada. Um garoto magro, cabelos louros espetados, iluminado por trás numa nuvem arco-íris, estava se curvando sobre ele. Sobre o palco, uma figura se virou, a faca erguida bem no alto, para a multidão que ia ao delírio. O garoto sorriu e sacou uma coisa da manga. Uma navalha, esculpida em vermelho quando um terceiro raio piscou atrás deles na escuridão. Case viu a navalha mergulhando para sua garganta como a varinha de um rabdomante.

O rosto foi apagado numa nuvem que zumbia de explosões microscópicas. Os dardos de Molly, a vinte rajadas por segundo. O garoto tossiu uma vez, convulsivamente, e caiu atravessado em cima das pernas de Case.

Ele estava andando na direção das barracas, na direção das sobras. Olhou para baixo, esperava ver aquela agulha rubi emergindo de seu peito. Nada. Ele a encontrou. Ela estava jogada aos pés de uma pilastra de concreto, os olhos fechados. Cheiro de carne cozida. A multidão cantava o nome do vencedor. Um vendedor de chope limpava as torneiras com um trapo preto. De algum jeito, um dos tênis brancos havia saído do pé dela, e estava ao lado de sua cabeça.

Siga a parede. Curva de concreto. Mãos nos bolsos. Continue andando. Passe por rostos que não olham, cada olho levantado para a imagem do vencedor sobre o ringue. Uma vez um rosto europeu vincado dançou no brilho de um fósforo, lábios chupando a ponta curta de um cachimbo de metal. Cheiro acre de haxixe. Case continuou andando, sem sentir nada.

– Case. – Os espelhos dela emergiram de sombras mais profundas. – Você está legal?

Alguma coisa gemeu e gorgolejou na escuridão atrás dela.

Ele balançou a cabeça em negativa.

– A luta acabou, Case. Está na hora de ir pra casa.

Ele tentou passar por ela, de volta à escuridão, onde havia alguma coisa morrendo. Ela o deteve com uma mão no peito. – Amigos de seu amigo íntimo. Mataram sua garota para você. Você não tem se saído muito bem com amigos nesta cidade, tem? Conseguimos um perfil parcial daquele velho filho da puta quando pegamos você, cara. Ele frita qualquer um por um punhado de neos. Aquele lá de trás disse que chegaram até ela quando ele estava tentando repassar sua RAM. Saía mais em conta para eles matá-la e pegar o negócio. Poupava um pouco de dinheiro... Peguei o que tinha o laser e fiz com que me contasse tudo. Coincidência a gente estar aqui, mas precisava me certificar. – A boca dela era dura, lábios pressionados formando uma linha fina.

Case sentia como se seu cérebro tivesse sofrido um descarrilamento. – Quem – ele disse – quem os enviou?

Ela entregou a ele um saquinho de gengibre em conserva com respingos de sangue. Ele viu que as mãos dela estavam pegajosas de sangue. Lá nas sombras, alguém fez sons molhados e morreu.

***

Depois da checagem pós-operatória na clínica, Molly o levou até o porto. Armitage estava esperando. Ele havia alugado um hovercraft. A última coisa que Case viu de Chiba foram os ângulos negros das arcologias. Depois, uma neblina se fechou sobre a água escura e os cardumes flutuantes de dejetos.

PARTE DOIS

MISSÃO: COMPRAS

3

Em casa.

A casa era o BAMA, o Sprawl, o Boston-Atlanta Metropolitan Axis: Eixo Metropolitano Boston-Atlanta.

Programe um mapa para exibir frequência de troca de dados, sendo cada gigabyte um único pixel em uma tela muito grande. Manhattan e Atlanta brilham com um branco incandescente. Então, começam a pulsar: a taxa de tráfego ameaça sobrecarregar sua simulação. Seu mapa vai virar uma supernova. Esfrie o mapa. Aumente a escala. Cada pixel vale agora um milhão de megabytes. A cem milhões de megabytes por segundo, você começa a distinguir certos quarteirões no centro de Manhattan, os contornos de parques industriais de cem anos de idade ao redor do núcleo antigo de Atlanta...

***

Case despertou de um sonho de aeroportos, do couro preto de Molly andando à sua frente nos corredores de Narita, Schipol, Orly... Ele se viu comprando uma garrafa plástica de vodca dinamarquesa em um quiosque qualquer, uma hora antes do amanhecer.

Em algum lugar lá embaixo, nas raízes de ferroconcreto do Sprawl, um trem empurrava uma coluna de ar parado através de um túnel. O trem em si era silencioso, deslizava sobre seu colchão de indução, mas o deslocamento de ar fazia o túnel cantar, num tom grave que se aproximava do subsônico. A vibração atingia o quarto onde estava e levantava poeira de dentro das rachaduras do chão de tacos ressecados.

Ao abrir os olhos, viu Molly, nua e pouco além de seu alcance na imensa espuma sintética rosa estalando de nova. No alto, a luz do sol entrava filtrada pela grade manchada de fuligem de uma claraboia. Um pedaço de vidro de meio metro quadrado havia sido substituído por placas de compensado; um cabo cinzento gordo despontava dali de cima, pendurado a poucos centímetros do chão. Ele estava deitado de lado e a via respirar, seus seios, a curva de um flanco traçada com a elegância funcional da fuselagem de um avião de guerra. O corpo dela era enxuto, definido, músculos de bailarina.

O quarto era grande. Ele se sentou. Tirando o colchonete rosa enorme e duas sacolas de nylon, novas e idênticas, ao lado, o quarto estava vazio. Paredes nuas, sem janelas, uma única porta de incêndio de aço pintada de branco. As paredes haviam recebido incontáveis demãos de tinta látex branca. Espaço de fábrica. Ele

conhecia aquele tipo de aposento, aquele tipo de prédio; seus inquilinos operavam na interzona, onde a arte não chegava a ser um crime e o crime não chegava a ser arte.

Ele estava em casa.

Girou o corpo e colocou os pés no chão. O chão era feito de blocos pequenos de madeira; uns faltavam, outros estavam soltos. Sua cabeça doía. Ele se lembrou de Amsterdã, na seção do Centrum na Cidade Velha, prédios com centenas de anos de idade. Molly voltando da beira do canal com suco de laranja e ovos. Armitage tinha saído, em alguma missão críptica, e os dois caminhavam sozinhos pela Praça Dam, na direção de um bar que ela conhecia numa transversal da Damrak. Paris era um sonho enevoado. Compras. Ela o havia levado para fazer compras.

Ele se levantou e vestiu um par amarrotado de jeans pretos novos que estavam aos seus pés, e se ajoelhou para mexer nas sacolas. A primeira que abriu era a de Molly: roupas muito bem dobradas e pequenos gadgets que pareciam ter custado caro. A segunda estava lotada de coisas que ele não se lembrava de ter comprado: livros, fitas, um deck de simstim, roupas com etiquetas francesas e italianas. Embaixo de uma camiseta verde, descobriu um pacote fino, dobrado como um origami de papel japonês reciclado.

O papel rasgou quando ele o tocou; uma estrela brilhante de nove pontas caiu – e ficou em pé, uma das pontas cravada numa rachadura do piso.

– Uma lembrancinha – disse Molly. – Reparei que você estava sempre olhando pra isso. – Ele se virou e viu que ela estava sentada na cama, pernas cruzadas, coçando sonolenta a barriga com unhas bordô.

***

– Vem alguém mais tarde para garantir a segurança do lugar – disse Armitage. Ele estava em pé na soleira da porta aberta com uma antiga chave magnética na mão. Molly estava fazendo café num pequeno fogão alemão que retirou de sua sacola.

– Eu sei fazer isso – ela disse. – Já consegui equipamento suficiente. Infrascan de perímetro, alarmes sonoros...

– Não – disse ele, fechando a porta. – Eu quero segurança completa.

– Fique à vontade. – Ela vestia uma camiseta de malha preta enfiada em calças baggy de algodão preto.

– O senhor já foi policial, Sr. Armitage? – perguntou Case de onde estava, encostado numa parede.

Armitage não era mais alto do que Case, mas com seus ombros largos e postura militar parecia ocupar todo o espaço da porta. Estava vestindo um terno italiano sóbrio; na mão direita, segurava uma maleta de pelica macia. O brinco de argola das Forças Especiais havia sumido. As feições bonitas e inexpressivas ofereciam a beleza rotineira das butiques cosméticas, uma mistura conservadora dos principais

rostos midiáticos da década anterior. O brilho claro de seus olhos ampliava o efeito de máscara. Case começou a se arrepender de ter feito a pergunta.

– O que quero dizer é que um bocado de pessoal das Forças Especiais acaba virando policial. Ou seguranças corporativos – Case acrescentou pouco à vontade. Molly lhe deu uma xícara fumegante de café. – Essa coisa que o senhor mandou fazer no meu pâncreas é típica da polícia.

Armitage fechou a porta e atravessou o aposento, até ficar bem em frente a Case. – Você é um garoto de sorte, Case. Você deveria me agradecer.

– Deveria mesmo? – Case soprou o café com muito barulho.

– Você precisava de um pâncreas novo. O que compramos para você o liberta de uma dependência perigosa.

– Valeu, mas eu gostava da dependência.

– Isso é ótimo, porque você tem uma dependência nova.

– Como assim? – Case levantou a cabeça. Armitage estava sorrindo.

– Você tem quinze saquinhos de toxinas presos ao revestimento de suas principais artérias, Case. Eles estão se dissolvendo. Muito lentamente, mas estão se dissolvendo. Cada um contém uma micotoxina. Você já conhece bem o efeito dessa micotoxina. Foi a mesma que seus ex-empregadores lhe deram em Memphis.

Case ficou encarando a máscara sorridente.

– Você tem tempo para fazer aquilo para o que estou te contratando, Case, mas é só. Faça o trabalho e poderei injetar em você uma enzima que dissolverá os vínculos com as artérias sem abrir os saquinhos. Em seguida, você vai precisar de uma transfusão de sangue. Caso contrário, os saquinhos derreterão e você volta ao ponto onde estava quando o encontramos. Então, Case, como pode ver, você precisa de nós. Você precisa tanto de nós quanto precisava quando o tiramos da sarjeta.

Case olhou para Molly. Ela deu de ombros.

– Agora desça até o elevador de carga e traga as caixas que encontrar lá. – Armitage entregou-lhe a chave magnética. – Vá. Você vai gostar, Case. É como uma manhã de Natal.

***

Verão no Sprawl, as multidões no shopping indo para um lado e para outro como se fossem talos de grama soprados ao vento, um campo de carne com marés súbitas de necessidade e gratificação.

Sentou-se ao lado de Molly sob a luz filtrada do sol na beira de uma fonte de concreto seca, deixando a corrente infindável de rostos recapitularem os estágios de sua vida. Primeiro, uma criança de olhos desconfiados, um menino de rua, mãos relaxadas e prontas ao lado do corpo; depois um adolescente, o rosto macio e insondável sob óculos vermelhos. Case lembrou de uma luta num telhado aos dezessete, um combate silencioso no brilho rosado das cúpulas geodésicas na

aurora.

Ele se mexeu desconfortável no concreto, sentindo sua dureza e frieza atravessar o denim preto fino. Nada como a dança elétrica da Ninsei. Aquilo ali era um comércio diferente, um ritmo diferente, no cheiro de fast-food e perfume e suor fresco de verão.

Com seu deck esperando no loft, um Cyberspace 7 Ono-Sendai. Eles deixaram o local atulhado com as formas brancas abstratas das unidades de empacotamento de espuma, com filme plástico amassado e centenas de minúsculas bolinhas de espuma. O Ono-Sendai; o mais caro computador de Hosaka do ano que vem; um monitor Sony; uma dezena de disquetes de ICE nível corporativo; uma cafeteira Braun. Armitage apenas havia esperado a aprovação de cada peça por Case.

– Pra onde ele foi? – Case perguntara a Molly.

– Ele gosta de hotéis. Hotéis grandes. Próximos a aeroportos, se puder. Vamos voltar pra rua. – Ela vestia um velho colete do exército com uma dezena de bolsos de formatos estranhos e colocou um par enorme de óculos de sol de plástico preto que cobriam completamente suas lentes espelhadas embutidas.

– Você já sabia dessa merda desse negócio das toxinas? – perguntou a ela ao lado da fonte. Ela balançou a cabeça negando. – Você acha que é verdade?

– Pode ser que sim, pode ser que não. Funciona do mesmo jeito.

– Sabe onde consigo descobrir?

– Não – respondeu ela, levantando a mão direita para formar o gesto de gíria que significava silêncio. – Esse tipo de trabalho é sutil demais para aparecer num scan. – Então os dedos dela se moveram novamente: espere. – E, francamente, você não está ligando muito pra isso. Eu vi você acariciando aquele Sendai, cara, era pornográfico. – E riu.

– E como é que ele te pegou? Como foi que armou para cima da profissional aí?

– Orgulho profissional, baby, só isso. – E mais uma vez o sinal de silêncio. – Vamos tomar um café, ok? Ovos, bacon de verdade. Provavelmente vai te matar, de tanto krill reconstituído de Chiba que você já comeu. Vamos, a gente pega o Metro até Manhattan e come um café da manhã de verdade.

***

Um neon sem vida exibia as palavras METRO HOLOGRAFIX em maiúsculas de tubos de vidro empoeiradas. Case tentou tirar uma lasca de bacon que ficou alojada entre seus dentes da frente. Já tinha desistido de perguntar para onde estavam indo e por quê; cotoveladas nas costelas e o sinal de silêncio foram tudo o que recebeu em resposta. Ela falava das modas da estação, de esporte, de um escândalo político na Califórnia do qual ele nunca ouvira falar.

Olhou ao redor da rua deserta e sem saída. Uma folha de impresso de notícias passou voando pelo cruzamento. Ventos bizarros no East Side; alguma coisa a ver com convecção, e um overlapping nas cúpulas. Pela janela, Case deu uma espiada

no neon morto. O Sprawl dela não era o Sprawl dele, decidiu. Ela o levara por uma dezena de bares e clubes que nunca vira antes, cuidando dos seus negócios, normalmente sem nada além de um aceno afirmativo de cabeça. Mantendo os contatos.

Alguma coisa se movia nas sombras, atrás do METRO HOLOGRAFIX.

A porta era uma folha de amianto corrugado usado para telhados. Na frente dela, as mãos de Molly se moveram num fluxo intrincado, uma sequência gestual que não conseguiu acompanhar. Ele pegou o sinal de dinheiro vivo, um polegar raspando a ponta do indicador. A porta abriu para dentro e Molly o levou até o cheiro de pó. Eles estavam numa clareira, emaranhados densos de lixo subindo de cada lado das paredes repletas de estantes com livros caindo aos pedaços. O lixo parecia algo que havia crescido ali mesmo, um fungo de plástico e metal retorcido. Ele conseguia identificar objetos individuais, mas pareciam se camuflar no meio da massa: as entranhas de uma televisão tão velha que estava abarrotada com os tocos de vidro de tubos de imagem, o prato de uma antena parabólica todo amassado, um cano de fibra marrom recheado de tubinhos de alguma liga metálica corroída. Uma pilha imensa de revistas velhas havia desabado na área aberta, a carne de verões passados olhando com olhos cegos enquanto ele a seguia por um desfiladeiro estreito de ferro-velho prensado. Ele ouviu a porta se fechar atrás deles. Não olhou para trás.

O túnel terminava em um antigo cobertor do Exército que tapava o buraco de uma porta. Uma luz branca inundou o espaço quando Molly abriu uma ponta para passar por baixo.

Quatro paredes quadradas de plástico branco nu, com o teto combinando e, no chão, azulejos brancos hospitalares moldados num padrão antiderrapante de minúsculos discos em relevo. No centro, uma mesa quadrada branca e quatro cadeiras dobráveis brancas.

O homem, que agora estava em pé na porta atrás deles, piscando forte os olhos, o cobertor caindo sobre um dos ombros como se fosse uma capa, parecia ter sido projetado num túnel de vento. As orelhas eram muito pequenas e coladas em seu crânio estreito, e seus grandes dentes da frente, revelados em alguma coisa que não era exatamente um sorriso, tinham uma forte inclinação para trás. Ele vestia um paletó de tweed antiquíssimo e tinha na mão esquerda um tipo de arma. Espiou os dois, piscou os olhos e colocou a arma num bolso do paletó. Fez um gesto para Case, apontou pra um colchonete de plástico branco encostado perto da porta. Case foi até lá e viu que era um sanduíche sólido de circuitos, com quase um centímetro de espessura. Ele ajudou o homem a levantar o objeto e posicioná-lo na porta. Dedos rápidos e manchados de nicotina o fixaram com uma borda de velcro branca. Um exaustor oculto começou a emitir um zumbido.

– Tempo – disse o homem, se endireitando – está contando. Você sabe de quanto é a taxa, Molly.

– Precisamos de um scan, Finlandês. Pra implantes.

– Então vá até ali entre as colunas. Fique em pé em cima da fita. Fique reta, isso. Agora dê uma volta, trezentos e sessenta. – Case viu-a girar entre dois pilares de aspecto frágil cheios de sensores. O homem retirou um pequeno monitor do bolso e ficou olhando para ele, apertando os olhos. – É, tem uma coisa nova na sua cabeça sim. Silício, revestimento de carbono pirolítico. Um relógio, certo? Seus óculos estão me dando a leitura que sempre deram, carbono isotrópico de baixa temperatura. A biocompatibilidade seria melhor com pirolíticos, mas isso é problema seu, certo? A mesma coisa com as suas garras.

– Chega mais, Case. – Ele viu um X marcado em preto no piso branco. – Dê uma virada. Devagar.

– O cara é virgenzinho – o homem deu de ombros. – Um trabalho dentário vagabundo, e só.

– Está procurando biológicos? – Molly abriu o zíper do colete verde e tirou os óculos escuros.

– Você tá pensando que isto aqui é clínica de alto nível? Sobe na mesa, garoto, vamos executar uma pequena biópsia. – Deu uma risada, mostrando mais dentes amarelos. – Nah. Palavra do Finlandês, docinho, você não tem nenhum bug, nenhuma bomba de córtex. Quer que desative o escudo?

– Só pelo tempo necessário para você sair, Finlandês. Depois a gente quer escudo total pelo tempo que a gente quiser.

– Opa, tudo bem pro Finlandês aqui, Moll. Você está pagando por segundo mesmo.

Selaram a porta atrás dele e Molly pegou uma das cadeiras e se sentou nela, cruzando os braços e descansando o queixo nas mãos. – Agora a gente pode conversar. Isto aqui é o máximo de privacidade que posso pagar.

– A gente pode conversar sobre o quê?

– Sobre o que estamos fazendo.

– E o que estamos fazendo?

– Trabalhando pro Armitage.

– E você está dizendo que isso não tem nada a ver com ele?

– Estou. Eu vi o seu perfil, Case. E já vi o resto da nossa lista de compras uma vez. Já trabalhou com os mortos?

– Não. – Ele viu seu reflexo nos óculos dela. – Mas acho que poderia. Sou bom no que faço. – O verbo no presente o arrepiou.

– Você sabia que o Dixie Flatline, o Linha Mortal, morreu?

Ele fez que sim com a cabeça. – Ouvi dizer que foi do coração.

– Você vai trabalhar com o constructo dele. – Ela sorriu. – Foi ele quem te ensinou os macetes, não foi? Ele e o Quine. Aliás, conheço o Quine. Grande babaca.

– Alguém possui uma gravação do McCoy Pauley? Quem? – Agora Case estava sentado, descansando os cotovelos em cima da mesa. – Não consigo ver isso. Ele nunca teria topado essa parada.

– Sense/Net. Pagaram megas pra ele, pode apostar seu rabo.

– Quine morreu também?
– Não teve essa sorte. Ele está na Europa. Não vai entrar nesta parada.
– Bom, se a gente conseguir o Flatline, está tudo dominado. Ele era o melhor. Sabia que teve morte cerebral três vezes?
Ela fez que sim.
– O eletro dele deu traço, a linha mortal. Ele me mostrou fitas. "Boy, I was daid" – ele disse, imitando o sotaque escocês do outro.
– Escuta, Case, venho tentando sondar quem é que está bancando o Armitage desde que entrei na parada. Mas não me parece uma zaibatsu, um governo nem alguma subsidiária da Yakuza. Armitage recebe ordens. Tipo, alguma coisa diz para ele ir a Chiba, pegar um viciado que está dando a última volta no parafuso da autodestruição, e negociar um programa em troca da cirurgia que irá consertá-lo. Nós podíamos ter comprado vinte cowboys do primeiro time pelo preço que o mercado estava pronto para pagar por aquele programa cirúrgico. Você era bom, mas não tão bom assim... – Ela coçou o nariz.
– Obviamente isso faz sentido para alguém – ele disse. – Alguém grande.
– Não esquenta – ela sorriu. – Vamos fazer uma operação hardcore, Case, apenas pra pegar o constructo do Flatline. A Sense/Net o trancou num cofre de biblioteca na parte alta da cidade. Mais apertado que cu de cobra, Case. Agora, a Sense/Net tem todo o seu material novo para a temporada de outono trancado ali também. Se a gente roubasse isso, ia ficar rico pra caralho. Mas não, a gente tem que entrar e roubar o Flatline e mais nada. Bizarro.
– É, é tudo bizarro. Você é bizarra, este muquifo é bizarro, e quem é o figuraça bizarro ali fora?
– O Finlandês é um velho contato meu. Na maior parte das vezes, pra receptação. Software. Este negócio aqui de privacidade é uma atividade paralela. Mas consegui que o Armitage deixasse que ele seja nosso técnico; então, quando ele aparecer depois, você finge que nunca o viu, ok?
– O que é que o Armitage mandou dissolver dentro de você?
– Eu sou facinha – ela sorriu. – Quem é muito bom no que faz, é o que faz, certo? Você se pluga, eu luto.
Ele ficou olhando fixo para ela. – Então, me diga o que sabe sobre o Armitage.
– Pra começar, ninguém chamado Armitage tomou parte de nenhum Screaming Fist. Eu chequei. Mas isso não quer dizer grande coisa. Ele não parece com nenhuma das fotos dos caras que escaparam. – Ela deu de ombros. – Grande coisa. E isso foi tudo o que consegui. – Ela batucou as unhas no encosto da cadeira. – Mas você é um cowboy, não é? Quero dizer, talvez você possa dar uma olhadinha por aí. – Sorriu.
– Ele me mata.
– Talvez sim. Talvez não. Mas você é um camarada esperto, não é? Você pode driblar esse cara direitinho.
– O que mais tem na lista que você mencionou?

– Brinquedos. A maioria é pra você. E um psicopata de carteirinha que se chama Peter Riviera. Coisinha feia.

– Onde é que ele está?

– Sei lá. Mas que ele é um cara doente, isso é. Eu vi o perfil dele. – Fez uma careta. – Horrível. – Levantou-se e se espreguiçou como uma gata. – Então, a bola está rolando? Estamos nessa juntos? Sócios?

Case olhou para ela. – Até parece que tenho opção, né?

Ela riu. – Agora você sacou, cowboy.

***

"A matrix tem suas raízes em games de fliperama primitivos", disse uma voz em off, "nos primeiros programas gráficos e experiências militares com plugues cranianos." No Sony, uma guerra espacial bidimensional desvanecia atrás de uma floresta de samambaias geradas matematicamente, demonstrando as possibilidades espaciais de espirais logarítmicas; resquícios de filmes militares azulados e queimados, animais de laboratório conectados por fios a sistemas de teste, capacetes alimentando circuitos de controle de tanques e aviões de guerra. "Ciberespaço. Uma alucinação consensual vivenciada diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças que estão aprendendo conceitos matemáticos... uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não espaço da mente, aglomerados e constelações de dados. Como luzes da cidade, se afastando..."

– O que é isso? – perguntou Molly quando ele girou o seletor de canais.

– Um showzinho pra crianças. – Um fluxo descontínuo de imagens enquanto o seletor girava. – Off – disse para o Hosaka.

– Quer tentar agora, Case?

Quarta. Oito dias desde que saíra do Cheap Hotel com Molly ao seu lado. – Quer que eu saia, Case? Talvez seja mais fácil se você ficar sozinho... – Ele balançou a cabeça em negativa.

– Não. Pode ficar. Não faz diferença. – Ele colocou a bandana de tecido atoalhado preto na testa, tomando cuidado para não perturbar os dermatrodos Sendai. Ficou olhando para o deck no seu colo, mas não o estava vendo de verdade; o que ele via era a vitrine daquela loja na Ninsei, o shuriken de cromo queimando com neon refletido. Olhou para cima; na parede, logo acima do Sony, ela havia pendurado seu presente, colando-o ali com um alfinete de cabeça amarela no buraco no seu centro.

Ele fechou os olhos.

Encontrou a face em relevo do botão de Power.

E, na escuridão iluminada de sangue atrás de seus olhos, fosfenos prateados queimando na borda do espaço, imagens hipnagógicas se alternando rapidamente

como filmes compilados a partir de frames aleatórios. Símbolos, figuras, rostos, uma mandala fragmentada de informação visual.

Por favor, ele rezou, agora...

Um disco cinza, da cor do céu de Chiba.

Agora...

O disco começou a girar, tornando-se uma esfera de um cinza mais claro. Expandindo...

E fluiu, floresceu para ele, um truque de origami de neon fluido, o desdobrar de sua casa sem distância, seu país, um tabuleiro de xadrez 3D transparente se estendendo até o infinito. O olho interior se abrindo para a pirâmide asteca escarlate da Eastern Seabord Fission Authority queimando para além dos cubos verdes do Mitsubishi Bank of America, e alto e bem ao longe ele viu os braços em espiral de sistemas militares, para sempre além do seu alcance.

E, em algum lugar, ele estava rindo, em um loft pintado de branco, dedos distantes acariciando o deck, lágrimas de libertação correndo pelo rosto.

***

Quando ele tirou os trodos, Molly não estava lá, e o loft estava escuro. Olhou as horas. Tinha ficado cinco horas no ciberespaço. Levou o Ono-Sendai até uma das novas mesas de trabalho e desabou em cima do colchonete, puxando o saco de dormir de seda preta de Molly até cobrir sua cabeça.

O pacote de segurança, colado com fita à porta de incêndio, soou dois bipes. – Entrada solicitada – ele disse. – Indivíduo liberado pelo meu programa.

– Então abre. – Case tirou o saco de dormir da cara e se sentou quando a porta abriu, esperando ver Molly ou Armitage.

– Jesus – disse uma voz rouca. – Eu sei que aquela piranha enxerga no escuro... – Uma figura atarracada entrou e fechou a porta. – Acenda as luzes, ok? – Case se levantou e encontrou o interruptor de estilo antigo.

– Eu sou o Finlandês – disse o Finlandês e fez uma cara de alerta para Case.

– Case.

– Prazer em conhecer. Estou fazendo um trabalho de hardware pro seu chefe, ao que parece. – O Finlandês tirou um maço de Partagas do bolso e acendeu um. O cheiro de tabaco cubano encheu o aposento. Ele foi até a mesa de trabalho e olhou para o Ono-Sendai. – Parece saído da fábrica. Eu conserto isso. Mas o seu problema está aqui, garoto. – Ele tirou um envelope de papel pardo sujo de dentro do paletó, jogou as cinzas do cigarro no chão e tirou um retângulo preto liso do envelope. – Malditos protótipos de fábrica – disse, jogando a coisa em cima da mesa. – Eles revestem o negócio num bloco de policarbono e não dá pra entrar com um laser sem fritar o conteúdo. É uma armadilha contra raios x, ultrascan e sabe Deus o que mais. Vamos conseguir, mas não há descanso para os maus, há? – Dobrou o envelope com grande cuidado e o enfiou num bolso interno.

– O que é isso?

– Basicamente, uma chave flipflop. É só plugá-la ao seu Sendai e você poderá acessar ao vivo ou simstim gravado sem precisar se desconectar da matrix.

– Pra quê?

– Não faço ideia. Apenas sei que estou preparando a Moll para um gato de transmissão, então provavelmente você vai acessar o sensório dela. – O Finlandês coçou o queixo. – Agora você vai descobrir como aquelas calças dela são apertadas, hein?

4

Case estava sentado no loft com os dermatrodos grudados na testa, vendo a poeira dançar na luz do sol diluída, que se filtrava pela grade lá no alto. Uma contagem regressiva estava em andamento num dos cantos da tela do monitor.

Cowboys não entravam em simstim, ele pensou, porque isso era basicamente um brinquedo de carne. Ele sabia que os trodos que usava e a pequena tiara de plástico que pendia de um deck de simstim eram basicamente a mesma coisa, e que a matrix do ciberespaço era, na verdade, uma simplificação drástica do sensório humano, pelo menos em termos de apresentação, mas o simstim propriamente dito lhe parecia uma multiplicação gratuita do input da carne. O material comercial era editado, claro, de modo que se Tally Isham tivesse dor de cabeça no meio de um segmento, você não a sentiria.

A tela emitiu um bip de aviso de dois segundos.

A nova chave foi grudada no seu Sendai com uma tira fina de fibra óptica.

E um e dois e...

O ciberespaço entrou deslizando pelos pontos cardeais. Suave, pensou, mas não suave o bastante. Preciso trabalhar nisso...

Então ele acionou a chave nova.

O salto abrupto para dentro de outra carne. A matrix sumiu, uma onda de som e de cor... Ela estava passando por uma rua lotada, passando por barracas vendendo software de desconto, preços escritos a caneta hidrográfica em folhas de plástico, fragmentos de música vindos de infinitos alto-falantes. Cheiros de urina, monômeros livres, perfume, krill frito. Por alguns segundos assustadores, ele lutou sem conseguir evitar o impulso de controlar o corpo dela. Depois, se forçou para assumir o estado de passividade, e tornou-se o passageiro atrás dos olhos dela.

Os óculos não pareciam cortar a luz do sol. Ele se perguntou se os amplificadores embutidos faziam a compensação automática. Alfanuméricos azuis piscavam dando as horas, na parte inferior esquerda de seu campo periférico. Exibida, pensou.

A linguagem corporal dela era desorientadora, o estilo estrangeiro. Ela parecia constantemente à beira de colidir com alguém, mas as pessoas se espremiam para sair do seu caminho, saíam de banda, abriam caminho.

– E aí, Case, tudo bem? – Ele ouviu as palavras e sentiu-a formá-las. Ela enfiou uma das mãos dentro da jaqueta, a ponta de um dos dedos circulando um mamilo sob seda quente. A sensação o fez prender a respiração. Ela riu. Mas o link era de mão única. Ele não tinha como responder.

Duas quadras depois, ela abria caminho pela periferia da Memory Lane. Case

ficava tentando desviar os olhos dela na direção de marcos que teria usado para encontrar o caminho. Ele começou a achar a passividade da situação irritante.

A transição para o ciberespaço, quando acionou a chave, foi instantânea. Ele digitou o código para uma parede de ICE primitivo que pertencia à Biblioteca Pública de Nova York, contando automaticamente janelas potenciais. Voltando ao sensório dela, ao fluxo sinuoso de músculos, os sentidos aguçados e brilhantes.

Ele se pegou imaginando a mente com a qual compartilhava essas sensações. O que sabia a respeito dela? Que ela era outra profissional; que ela dizia que seu ser, assim como ele, era a coisa que ela fazia para ganhar a vida. Ele conhecia o jeito como ela se movia contra ele também, mais cedo, quando acordou, o gemido mútuo de unidade quando ele a penetrou, e o fato de que ela gostava de café puro depois...

O destino dela era um dos complexos de aluguel de software de procedência duvidosa alinhados ao longo da Memory Lane. Havia uma sensação de imobilidade ali, de ruídos abafados. Cabines ao longo de um hall central. A clientela era jovem, poucos mais velhos que adolescentes. Todos pareciam ter soquetes de carbono plantados atrás da orelha esquerda, mas ela não se concentrou neles. Os balcões, na frente das cabines, exibiam centenas de cacos de microsoft, fragmentos angulosos de silício colorido montados sob bolhas oblongas transparentes sobre quadrados de cartolina branca. Molly foi até a sétima cabine ao longo da parede sul. Atrás do balcão, um garoto de cabeça raspada olhava para o nada, uma dezena de antenas de microsoft se projetando do soquete atrás da orelha.

– Larry, você tá aí, cara? – Ela se posicionou na frente dele.

Os olhos do garoto entraram em foco. Ele se sentou reto na cadeira e tirou uma lasca magenta berrante de seu soquete com uma unha suja.

– Oi, Larry.

– Molly – ele acenou com a cabeça para ela.

– Tenho um trabalho para alguns dos seus amigos, Larry.

Larry tirou uma caixa plástica fina do bolso de sua camisa esportiva vermelha e abriu-a, enfiando o microsoft ao lado de uma dezena de outros. Sua mão ficou pairando, selecionou um chip preto brilhoso, ligeiramente mais comprido que o resto, e o inseriu suavemente em sua cabeça. Seus olhos quase se fecharam.

– Molly tem um cavaleiro – ele disse – e Larry não gosta disso.

– Epa – ela disse – eu não sabia que você era tão... sensível. Estou impressionada. Custa muito caro ficar tão sensível assim.

– Eu conheço você, moça? – O olhar vazio retornou. – Está querendo comprar uns softs?

– Estou procurando os Modernos.

– Você tem um cavaleiro, Molly. Isto aqui diz. – Ele deu um tapinha na lasca preta. – Tem outra pessoa usando seus olhos.

– Meu sócio.

– Manda o seu sócio sair.

– Eu tenho uma coisa pros Panteras Modernos, Larry.

– Do que a senhora está falando?

– Case, pula fora – ela disse, e ele acionou a chave, voltando instantaneamente para a matrix. Impressões fantasmas do complexo de software pendendo por alguns segundos no zumbido tranquilo do ciberespaço.

– Panteras Modernos – ele disse para o Hosaka, removendo os trodos. – Resumo de cinco minutos.

– Pronto – disse o computador.

Ele não conhecia aquele nome. Era uma coisa nova, uma coisa que havia aparecido quando estava em Chiba. Modismos varriam o Sprawl à velocidade da luz; subculturas inteiras podiam surgir da noite para o dia, proliferar por algumas semanas e depois desaparecer inteiramente. – Manda – disse. O Hosaka havia acessado uma série de bibliotecas, jornais e serviços de notícias.

O resumo começou com um longo take sobre um still colorido que Case no começo supôs fosse uma colagem de algum tipo, o rosto de um garoto recortado de alguma imagem e colado a uma fotografia de uma parede rabiscada de tinta. Olhos escuros, dobras epicânticas que eram obviamente resultado de cirurgia, uma camada irritada de acne espalhada por bochechas branquinhas e magras. O Hosaka descongelou a imagem; o garoto se moveu, fluindo com a graça sinistra de um mímico fingindo ser um predador da selva. Seu corpo era quase invisível, um padrão abstrato se aproximando dos tijolos rabiscados deslizando suavemente ao longo de sua roupa apertada de uma peça só. Policarbono mimético.

Corta para a Dra. Virginia Rambali, Sociologia, Universidade de Nova York, o nome, o curso e a universidade pulsando na tela em alfanuméricos cor-de-rosa.

"Dado ao pendor deles para esses atos aleatórios de violência surreal – disse alguém, pode ser difícil para nossos espectadores compreender por que a senhora continua a insistir que esse fenômeno não é uma forma de terrorismo."

A Dra. Rambali sorriu. – Sempre há um ponto no qual o terrorista deixa de manipular a gestalt da mídia. Um ponto no qual a violência pode até aumentar, mas além do qual o terrorista se tornou sintomático da própria gestalt de mídia. O terrorismo, como o conhecemos, normalmente é ligado de modo inato à mídia. Os Panteras Modernos diferem de outros terroristas precisamente em seu grau de autoconsciência, em sua percepção do ponto ao qual a mídia divorcia o ato de terrorismo da intenção sociopolítica original.

– Pula essa parte – disse Case.

***

Case conheceu seu primeiro Moderno dois dias depois de ler por alto o resumo do Hosaka. Deduziu que os Modernos eram uma versão contemporânea dos Grandes Cientistas da sua época de adolescente. Havia uma espécie de DNA adolescente fantasmagórico rolando no Sprawl, uma coisa que transportava os

preceitos codificados de vários subcultos de vida curta e os replicava a intervalos irregulares. Os Panteras Modernos eram uma variante cibernetizada dos Cientistas. Se a tecnologia já existisse na época, todos os Grandes Cientistas teriam soquetes recheados de microsofts. Era o estilo que importava, e o estilo era o mesmo. Os Modernos eram mercenários, piadistas de mau gosto, tecnofetichistas niilistas.

O que apareceu na porta do loft com uma caixa de disquetes do Finlandês era um garoto de voz suave chamado Angelo. Seu rosto era um enxerto simples de colágeno e polissacarídeos de cartilagem de tubarão, liso e horrível. Era um dos tipos mais feios de cirurgia eletiva que Case já tinha visto na vida. Quando Angelo sorriu, revelando os caninos afiados como navalhas de algum animal enorme, Case chegou a ficar aliviado. Transplantes dentários. Isso ele já tinha visto antes.

– Você não pode deixar essa babaquice de conflito de gerações te incomodar – disse Molly. Case concordou com a cabeça, absorto nos padrões do ICE da Sense/Net.

E foi isso. Isso era quem ele era, o que ele era, seu ser. Ele se esquecia de comer. Molly deixava caixinhas de arroz e bandejas de isopor com sushi no cano da mesa comprida. Às vezes ele lamentava ter que sair do deck para usar o banheiro químico que haviam montado num canto do loft. Padrões de ICE se formavam e reformavam na tela quando ele sondava em busca de aberturas, se desviava das armadilhas mais óbvias e mapeava a rota que tomara pelo ICE da Sense/Net. Era ICE bom. Um ICE maravilhoso. Seus padrões queimavam ali enquanto ele se deitava com o braço embaixo dos ombros de Molly, vendo a aurora vermelha pela grade de aço da claraboia. Seu labirinto de pixels arco-íris era a primeira coisa que via quando acordava. Ia direto para o deck, sem nem pensar em se vestir, e se conectava. Ele estava cortando o ICE. Ele estava trabalhando. Perdia a noção dos dias.

E, às vezes, adormecendo, particularmente quando Molly estava fora, em uma de suas viagens de reconhecimento com sua gangue alugada de Modernos, imagens de Chiba lhe voltavam à mente como num dilúvio. Rostos e neon da Ninsei. Um dia acordou de um sonho confuso com Linda Lee, incapaz de lembrar quem ela era ou o que havia significado algum dia para ele. Quando se lembrou, conectou-se e trabalhou por nove horas seguidas.

O processo de quebrar o ICE da Sense/Net levou um total de nove dias.

– Eu disse uma semana – disse Armitage, incapaz de esconder sua satisfação quando Case lhe mostrou seu plano para a operação. – Você levou o tempo que quis.

– O caralho – disse Case, sorrindo para a tela. – Isto aqui é um bom trabalho, Armitage.

– Sim – admitiu Armitage. – Mas não deixe isso subir à sua cabeça. Comparado ao que ainda vai fazer, isso é um joguinho de fliperama.

***

– Te amo, Gata-Mãe – sussurrou o homem-link dos Panteras Modernos. Sua voz era estática modulada no headset de Case. – Atlanta, Ninhada. Parece verde. Sinal verde, entendeu? – A voz de Molly era um pouco mais clara.

– Ouço e obedeço. – Os Modernos estavam usando uma espécie de antena parabólica vagabunda em Nova Jersey para desviar o sinal embaralhado do homem-link por um satélite dos Filhos de Cristo Rei em órbita geossincrônica sobre Manhattan. Eles optaram por encarar toda a operação como uma piada interna elaborada, e a escolha de satélites de comunicação parecia ter sido proposital. Os sinais de Molly estavam sendo irradiados de uma parabólica de um metro de diâmetro colada com epóxi ao telhado de uma torre de banco de vidro preto quase tão alta quanto o prédio da Sense/Net.

Atlanta. O código de reconhecimento era simples. Atlanta para Boston para Chicago para Denver, cinco minutos para cada cidade. Se alguém conseguisse interceptar o sinal de Molly, decodificá-lo, sintetizar a sua voz, o código entregaria os Modernos. Se ela permanecesse no prédio por mais de vinte minutos, era altamente improvável que conseguisse sair de lá.

Case engoliu o restante de seu café, ajustou os trodos no lugar e coçou o peito embaixo de sua camiseta preta. Tinha apenas uma vaga ideia do que os Panteras Modernos planejaram como distração para o pessoal da segurança da Sense/Net. Seu trabalho era garantir que os programas de intrusão que ele havia escrito estabelecessem um link com os sistemas da Sense/Net quando Molly precisasse. Ele viu a contagem regressiva no canto da tela. Dois. Um.

Conectou-se e acionou seu programa. – Linha principal – respirou o homem-link, sua voz era o único som enquanto Case mergulhava nos estratos reluzentes do ICE da Sense/Net. Ótimo. Checar Molly. Acionou o simstim e flipou para dentro do sensório dela.

O embaralhador borrava ligeiramente o input visual. Ela estava em pé em frente a uma parede de espelhos salpicados de ouro no imenso lobby do prédio, mastigando chiclete, aparentemente fascinada por seu próprio reflexo. Além do enorme par de óculos de sol que escondiam seus implantes espelhados, ela conseguia ficar incrivelmente parecida com alguém que pertencia ao local, outra garota turista esperando ver Tally Isham, mesmo que de passagem. Ela vestia uma capa de chuva de plástico cor-de-rosa, um top de malha branco, calças brancas folgadas cortadas num estilo que tinha sido moda em Tóquio um ano antes. Sorria distraída e fazia bolas de chiclete. Case tinha vontade de rir. Conseguia sentir a fita micropore colada nas costelas dela, sentir as minúsculas unidades de espessura fina embaixo dela: o rádio, a unidade de simstim e o embaralhador. O microfone de garganta, colado no seu pescoço, parecia tanto quanto possível com um dermadisco analgésico. Suas mãos, nos bolsos da capa rosa, estavam se flexionando sistematicamente por meio de uma série de exercícios para liberação de tensão. Ele levou alguns segundos para perceber que a sensação peculiar nas pontas dos dedos dela era provocada pelas lâminas quando se projetavam

parcialmente e depois se recolhiam.

Ele flipou de volta. Seu programa havia chegado ao quinto portal. Ele viu seu ICE-Breaker pulsar estroboscópico e se modificar na sua frente, apenas levemente consciente de suas mãos brincando sobre o deck, fazendo pequenos ajustes. Planos translúcidos coloridos se embaralhavam como um baralho de mágico. Escolha uma carta, ele pensou, qualquer uma.

O portal ficou para trás num borrão. Ele riu. O ICE da Sense/Net havia aceito sua entrada como um transferência de rotina do complexo de Los Angeles do consórcio. Ele estava dentro. Atrás dele, sub-rotinas virais caíam, fundindo-se com o material do código do portal, prontos para defletir os verdadeiros dados de Los Angeles quando eles chegassem.

Tornou a flipar. Molly estava passando pela enorme mesa de recepção circular na parte de trás do lobby.

O display disparou 12:01:20 em seu nervo óptico.

***

À meia-noite, em sincronia com o chip atrás do olho de Molly, o homem-link em Jersey deu a ordem. – Linha principal. – Nove Modernos, espalhados ao longo de trezentos quilômetros do Sprawl, haviam simultaneamente teclado EMERG MAX em telefones públicos. Cada Moderno leu um script pronto curto, desligou e saiu para a noite, descartando luvas cirúrgicas. Nove diferentes departamentos de polícia e órgãos de segurança pública estavam absorvendo as informações de que uma obscura subseita de fundamentalistas cristãos militantes havia acabado de assumir o crédito por ter introduzido níveis clínicos de um agente psicoativo proibido conhecido como Azul Nove no sistema de ventilação da Pirâmide Sense/Net. Já fora demonstrado que o Azul Nove, conhecido na Califórnia como Anjo Exterminador, produzia paranoia aguda e psicose homicida em oitenta e cinco por cento das cobaias em testes.

***

Case acionou a chave quando seu programa surgiu através dos portais do subsistema que controlava a segurança da biblioteca de pesquisa da Sense/Net. Ele se viu entrando num elevador.

– Desculpe, mas você é funcionária? – O guarda ergueu as sobrancelhas. Molly fez uma bola de chiclete. – Não – ela disse, socando o plexo solar do homem com os dois primeiros dedos da mão direita. Quando ele se dobrou, tentando alcançar o bip no seu cinto, ela bateu sua cabeça contra a parede do elevador.

Mastigando um pouco mais rápido agora, ela tocou FECHAR PORTA e PARAR no painel iluminado. Ela tirou uma caixa preta do bolso do casaco e inseriu uma ponte no buraco da fechadura da trava que segurava o circuito do painel.

***

Os Panteras Modernos deram quatro minutos de vantagem para que seu primeiro movimento surtisse efeito, e então injetaram uma segunda dose cuidadosamente preparada de desinformação. Desta vez, eles a dispararam direto no sistema de vídeo interno do prédio da Sense/Net.

Às 12:04:03, todas as telas do prédio piscaram estroboscopicamente por dezoito segundos numa frequência que produziu convulsões em um segmento suscetível dos empregados da Sense/Net. Então alguma coisa vagamente parecida com um rosto humano encheu as telas, suas feições esticadas por extensões assimétricas de ossos como se fosse uma projeção de Mercator obscena. Lábios azuis se abriram molhados quando o maxilar alongado e distorcido se moveu. Alguma coisa, talvez uma mão, uma coisa tipo um feixe avermelhado de raízes retorcidas, foi em direção à câmera, se movimentou rapidamente num borrão e desapareceu. Imagens subliminarmente rápidas de contaminação; imagens gráficas do sistema de fornecimento de água do edifício, mãos enluvadas manipulando frascos de laboratório, alguma coisa caindo na escuridão, um splash fraquinho... a trilha de áudio, o volume ajustado para rodar a pouco menos que o dobro da velocidade de execução normal, era parte de um noticiário de um mês atrás, detalhando usos militares potenciais de uma substância conhecida como HsG, um produto bioquímico que controlava o fator de crescimento do esqueleto humano. Overdoses de HsG jogavam determinadas células ósseas em hiperaceleração, acelerando o crescimento por fatores de até mil por cento.

Às 12:05:00, o nexus espelhado do consórcio Sense/Net já tinha mais de três mil empregados. Cinco minutos após a meia-noite, quando a mensagem dos Modernos terminou em uma explosão que deixou a tela inteira branca, a pirâmide Sense/Net gritou.

Meia dúzia de hovercrafs táticos da Polícia de Nova York, respondendo à possibilidade de Azul Nove, convergiram para a Pirâmide Sense/Net. Com holofotes antitumulto em intensidade máxima. Um helicóptero de Ação Rápida do BAMA estava saindo de seu heliponto na Ilha Riker.

***

Case acionou seu segundo programa. Um vírus projetado cuidadosamente atacou as linhas de código que exibiam os comandos primários de custódia do subsolo que abrigava o material de pesquisa da Sense/Net. – Boston – a voz de Molly através do link. – Estou embaixo. – Case flipou e viu a parede nua do elevador. Ela estava tirando as calças brancas. Um pacote volumoso, exatamente do tom de seu tornozelo branquinho, estava preso ali com fita micropore. Ela se ajoelhou e tirou-a. Rastros bordô piscaram ao longo do policarbono mimético quando ela desdobrou o traje Moderno. Ela tirou a capa de chuva rosa, jogou-a ao

lado das calças brancas e começou a vestir o traje sobre o top branco de malha.

12:06:26.

O vírus de Case havia perfurado uma janela no ICE de comando da biblioteca. Ele entrou e encontrou um espaço azul infinito, cheio de esferas com códigos de cores incrustadas numa grade apertada de neon azul-claro. No não espaço da matrix, o interior de um determinado constructo de dados possuía uma dimensão subjetiva ilimitada; uma calculadora de brinquedo de criança, acessada pelo Sendai de Case, teria apresentado abismos ilimitados de nada com alguns comandos básicos vinculados. Case começou a teclar a sequência que o Finlandês havia comprado de um sarariman de escalão médio com sérios problemas de drogas. Ele começou a deslizar por entre as esferas como se estivesse andando sobre trilhos invisíveis.

Aqui. Este aqui.

Digitando para abrir caminho dentro da esfera, um firmamento de neon azul frio acima dele, sem estrelas e liso como vidro gelado, ele acionou um subprograma que efetuava certas alterações nos comandos custodiais centrais.

Fora agora. Revertendo suavemente, o vírus recosturando o tecido da janela.

Pronto.

***

No lobby da Sense/Net, dois Panteras Modernos estavam sentados em alerta atrás de um balcão retangular baixo, gravando o tumulto com uma câmera de vídeo. Ambos vestiam trajes-camaleão. – Os Táticos estão jogando barricadas de espuma agora – um deles observou, falando para o microfone de garganta. – Os Rápidos ainda estão tentando pousar o helicóptero.

***

Case acionou a chave do simstim. E flipou direto para a agonia de ossos quebrados. Molly estava encostada na parede cinza nua de um corredor comprido, a respiração ofegante e irregular. Case voltou instantaneamente à matrix, uma linha incandescente de dor desaparecendo aos poucos na sua coxa esquerda.

– O que é que tá pegando, Ninhada? – ele perguntou ao homem-link.

– Não sei, Cortador. Mamãe não está falando. Espera.

O programa de Case estava entrando em loop. Um único fio finíssimo de neon se estendia do centro da janela restaurada até o contorno em mutação constante de seu ICE-Breaker. Ele não tinha tempo para esperar. Respirando fundo, voltou a flipar.

Molly deu um único passo, tentando apoiar seu peso na parede do corredor. No loft, Case soltou um grunhido. O segundo passo a levou na direção de um braço estendido. Manga de uniforme reluzente de sangue fresco. Vislumbre de um tubo

de fibra de vidro estilhaçado. Com o terceiro passo, Case deu um grito e se viu de volta à matrix.

– Ninhada? Boston, baby... – A voz dela, tensa de dor. Ela tossiu. – Um probleminha com os nativos. Acho que um deles quebrou minha perna.

– Do que você precisa agora, Gata-Mãe? – a voz do homem-link era indistinta, quase perdida atrás da estática.

Case se forçou a voltar. Ela estava encostada na parede, apoiando todo o seu peso na perna direita. Mexeu no conteúdo do bolso-canguru do traje e retirou uma folha de plástico coberta com um arco-íris de dermadiscos. Selecionou três e os colou com força no pulso esquerdo, em cima das veias. Seis mil microgramas de análogo de endorfina desceram em cima da dor como um martelo, estilhaçando-a. Ondas cor-de-rosa de calor subiram por suas coxas. Ela suspirou e foi relaxando lentamente.

– Ok, Ninhada. Agora tudo ok. Mas vou precisar de uma equipe médica quando sair. Fale pro meu pessoal. Cortador, estou a dois minutos do alvo. Você segura?

– Diz pra ela que estou dentro e segurando – disse Case.

Molly começou a descer o corredor mancando. Quando olhou para trás, uma vez, Case viu os corpos amontoados de três seguranças da Sense/Net. Um deles parecia não ter olhos.

– Tático e Rápido selaram o térreo, Gata-Mãe. Barricadas de espuma. O lobby está ficando quente.

– Aqui é que está ficando quente – disse ela, empurrando um par de portas de aço cinza e entrando. – Quase lá, Cortador.

Case flipou para a matrix e arrancou os trodos da testa. Estava encharcado de suor. Limpou a testa com uma toalha, tomou um gole rápido de água da garrafa squeeze ao lado do Hosaka, e checou o mapa da biblioteca exibido na tela. Um cursor vermelho pulsante se arrastou pelo contorno de uma porta. A milímetros apenas do ponto verde que indicava a localização do constructo de Dixie Flatline. Ele se perguntou o que toda aquela caminhada não estaria fazendo com a perna dela. Com uma quantidade suficiente de genérico de endorfina, ela poderia andar até mesmo com os tocos das pernas decepadas. Ele apertou o cinto de segurança que o mantinha preso na poltrona e substituiu os trodos.

Agora era rotina: trodos, plugue, flip.

A biblioteca de pesquisa da Sense/Net era uma área morta de armazenagem; os materiais ali arquivados tinham de ser removidos fisicamente antes de se poder interfaceá-los. Molly passou mancando por entre fileiras de idênticos armários cinza.

– Diga pra ela mais cinco à frente e dez à esquerda, Ninhada – disse Case.

– Mais cinco à frente e dez à esquerda, Gata-Mãe – disse o homem-link.

Ela pegou a esquerda. Uma bibliotecária de rosto branco como cera estava agachada entre dois armários, a face molhada, os olhos no nada. Molly a ignorou. Case ficou se perguntando o que os Modernos haviam feito para provocar aquele

nível de terror. Ele sabia que tinha alguma coisa a ver com um hoax de ameaça, uma farsa, mas estava envolvido demais com seu ICE para seguir as explicações de Molly.

– É esse – disse Case, mas ela já havia parado na frente do gabinete que continha o constructo. Suas linhas lembravam a Case as estantes neoastecas da antessala de Julius Deane em Chiba.

– Vai fundo, Cortador – disse Molly.

Case flipou para o ciberespaço e enviou um comando pulsando pelo fio vermelho que arrebentou o ICE da biblioteca. Cinco sistemas de alarme separados se convenceram de que ainda estavam operativos. As três travas elaboradas se desativaram, mas se consideraram ainda fechadas. O banco central da biblioteca sofreu um deslocamento ínfimo em sua memória permanente; o constructo havia sido removido, por ordem executiva, um mês antes. Ao verificar a autorização para a remoção do constructo, um bibliotecário descobriria que os registros foram apagados.

A porta se abriu sobre dobradiças silenciosas.

– 0467839 – disse Case, e Molly retirou uma unidade de armazenamento preta da estante. Ela parecia o pente de um rifle grande; sua superfície estava toda coberta com decalques de aviso e avaliações de segurança.

Molly fechou a porta do armário; Case flipou.

Ele retirou a linha através do ICE da biblioteca. Ele voltou para o seu programa, deflagrando automaticamente uma reversão completa de sistema. Os portões da Sense/Net se fecharam quando ele passou recuando, subprogramas retornando alucinados ao núcleo do ICE-Breaker enquanto ele passava pelos portais onde haviam ficado estacionados.

– Fui, Ninhada – ele disse, e desabou na sua cadeira. Depois da concentração de uma operação de verdade, conseguia permanecer conectado e ainda assim conservar a percepção do próprio corpo. A Sense/Net poderia levar dias para descobrir o roubo do constructo. A chave seria o desvio da transferência de Los Angeles, que coincidia bem demais com a operação terrorista dos Modernos. Ele duvidava que os três seguranças que Molly havia encontrado no corredor vivessem para falar a respeito. Flipou.

O elevador, com a caixa preta de Molly colada com fita ao lado do painel de controle, continuava onde ela o havia deixado. O guarda ainda estava deitado e enrolado em posição fetal no chão. Case reparou no derma no pescoço dele pela primeira vez. Alguma coisa de Molly, para manter o cara derrubado. Ela passou por cima do sujeito e retirou a caixa preta antes de apertar o botão LOBBY.

Quando a porta do elevador se abriu com um assobio, uma mulher entrou correndo do meio da multidão e bateu com a cabeça na parede de trás do elevador. Molly a ignorou, curvou-se para tirar o derma do pescoço do guarda. Então, chutou as calças brancas e a capa rosa porta afora, jogando os óculos escuros na sequência, e puxou o capuz de seu traje até a testa. O constructo, no

bolso-canguru do traje, pressionava o esterno quando andava. Ela saiu do elevador.

Case já havia presenciado pânico antes, mas nunca numa área fechada.

Os empregados da Sense/Net, ao se derramarem para fora dos elevadores, correram para as portas da rua, apenas para encontrar as barricadas de espuma dos Táticos e as armas saco-de-areia dos Rápidos do BAMA. Os dois órgãos, convencidos de que estavam contendo uma horda de assassinos em potencial, estavam cooperando um com o outro com um nível de eficiência fora do seu normal. Além dos destroços estilhaçados das portas principais da rua, havia corpos empilhados nas barricadas, três camadas de corpos. O som oco dos rifles de assalto fornecia um ruído de fundo constante para o som que a multidão fazia ao ir e vir pelo piso de mármore do lobby. Case nunca havia ouvido nada parecido com aquele som.

E, aparentemente, nem Molly. – Jesus – ela disse, e hesitou. Era uma espécie de ruído agudo, que subia até formar uma parede borbulhante de medo puro e total. O piso do lobby estava coalhado de corpos, roupas, sangue e rolos compridos e amassados de formulário contínuo amarelo.

– Vambora, irmã. Vamos dar o fora. – Os olhos dos dois Modernos a encaravam de dentro de dois redemoinhos loucos de tons de policarbono; os trajes eram incapazes de preservar a confusão de formas e cores enfurecidas atrás deles. – Está machucada. Vambora. Tommy te ajuda a andar. – Tommy entregou uma coisa ao que estava falando, uma câmera e vídeo envolta em policarbono.

– Chicago – disse ela. – Estou a caminho. – E então caiu, não no chão de mármore, escorregadio de sangue e vômito, mas dentro de um poço quentinho, no silêncio e na escuridão.

***

O líder dos Panteras Modernos, que se apresentou como Lupus Yonderboy, vestia um traje de policarbono com um recurso de gravação que lhe permitia reexibir fundos à vontade. Empoleirado na beirada da mesa de trabalho de Case como uma espécie de gárgula top de linha, ele ficou olhando para Case e Armitage com olhos desconfiados. Sorriu. Seus cabelos eram cor-de-rosa. Uma floresta arco-íris de microsofts brotava atrás de sua orelha esquerda; a orelha era pontuda, com tufos de mais pelos rosa. Suas pupilas haviam sido modificadas para capturar a luz como as de um gato. Case ficou olhando o traje mudar de cores e texturas.

– Você deixou as coisas saírem do controle – disse Armitage. Ele estava em pé no centro do loft como uma estátua, envolto nas dobras escuras e brilhantes de uma capa de chuva sofisticada.

– Caos, Sr. Quem – disse Lupus Yonderboy. – Este é o nosso modo e nosso modus. Este é o nosso barato principal. Sua mulher sabe. Nosso negócio é com ela. Não com o senhor, Sr. Quem. – Seu traje havia assumido um padrão anguloso

bizarro de bege e verde-abacate. – Ela precisava da nossa equipe médica. Ela está com eles. Vamos cuidar dela. Está tudo bem. – Ele voltou a sorrir.

– Pague a ele – disse Case.

Armitage olhou fuzilando para ele. – Não temos os bens.

– Sua mulher tem – disse Yonderboy.

– Pague a ele.

Armitage caminhou pisando duro até a mesa e retirou três maços grossos de neoienes dos bolsos da capa. – Quer contar? – perguntou a Yonderboy.

– Não – respondeu o Pantera Moderno. – Você vai pagar. Você é um Sr. Quem. Você paga para ser assim. Não um Sr. Nome.

– Espero que isso não seja uma ameaça – disse Armitage.

– Isso são negócios – disse Yonderboy, enfiando o dinheiro no único bolso na frente de seu traje.

O telefone tocou. Case atendeu.

– Molly – disse para Armitage, e passou o fone para ele.

***

As cúpulas geodésicas do Sprawl estavam começando a se acender num cinza pré-amanhecer quando Case saiu do prédio. Sentia os braços e as pernas frios e desconectados. Não conseguia dormir. Estava enjoado do loft. Lupus tinha ido embora, depois Armitage, e Molly estava sendo operada em algum lugar. Uma vibração debaixo dos seus pés quando um trem passou. Sirenes passaram ao longe, indo e vindo com seu efeito Doppler.

Ele virava esquinas aleatoriamente, o colarinho da jaqueta nova de couro levantado, andando curvado, jogando na sarjeta o primeiro do que seria uma fileira de Yeheyuans e acendendo outro. Tentou imaginar os saquinhos de toxina de Armitage dissolvendo em sua corrente sanguínea, membranas microscópicas ficando cada vez mais finas à medida que ele caminhava. Não parecia real. Assim como o medo e a agonia que vira pelos olhos de Molly no lobby da Sense/Net. Ele percebeu que estava tentando se lembrar os rostos das três pessoas que havia matado em Chiba. Os homens eram rostos em branco; a mulher o fez se lembrar de Linda Lee. Um caminhão-triciclo todo ferrado, com janelas espelhadas, passou aos solavancos do seu lado, cilindros de plástico vazios sacolejando no seu leito.

– Case.

Ele pulou de lado, colocando instintivamente as costas contra a parede.

– Tem mensagem para você, Case – o traje de Lupus Yonderboy rodou um ciclo de cores primárias puras. – Perdão. Não quis te assustar.

Case se endireitou, as mãos nos bolsos da jaqueta. Era uns quinze centímetros mais alto que o Moderno. – Você devia tomar cuidado, Yonderboy.

– A mensagem é esta. Wintermute. – Ele soletrou a palavra.

– É sua? – Case deu um passo à frente.

– Não – disse Yonderboy. – É para você.

– De quem?

– Wintermute – repetiu Yonderboy, fazendo que sim com a cabeça, balançando a crista de cabelo cor-de-rosa. Seu traje ficou preto fosco, uma sombra de carbono contra o concreto velho. Executou uma dancinha esquisita, girando os braços pretos magros, e então desapareceu. Não. Ali. O capuz vestido para esconder o rosa, o traje exatamente do mesmo tom de cinza, com pintas e manchas iguais às da calçada sobre a qual ele estava. Os olhos piscaram de volta com o vermelho do sinal de pare de um semáforo. E aí ele desapareceu definitivamente.

Case fechou os olhos, massageou-os com dedos entorpecidos, recostando-se na parede de tijolos com tinta descascada.

A Ninsei era muito mais simples.

5

A equipe médica que Molly empregou ocupava dois andares de um condo-rack anônimo perto do antigo centro de Baltimore. O prédio era modular, como uma versão gigantesca do Cheap Hotel, cada caixão com quarenta metros de comprimento. Case encontrou Molly quando ela emergiu de dentro de um deles, que trazia o logo elaboradamente trabalhado de um certo GERALD CHIN, DENTISTA. Ela estava mancando.

– Ele diz que, se eu chutar qualquer coisa, a perna cai.

– Encontrei um colega seu – ele disse. – Um Moderno.

– É? Qual deles?

– Lupus Yonderboy. Ele tinha um recado. – Entregou a ela um guardanapo de papel com a palavra WINTERMUTE escrita em caneta com ponta de feltro vermelha em suas maiúsculas bem feitas e trabalhadas. – Ele disse... – mas ela levantou a mão e fez o gesto de silêncio.

– Vai pegar um caranguejo pra gente – ela disse.

***

Depois do almoço em Baltimore, Molly dissecando seu caranguejo com uma facilidade espantosa, pegaram o Metro para Nova York. Case havia aprendido a não fazer perguntas; elas só traziam o gesto de silêncio. A perna parecia estar incomodando, e ela quase não falava.

Uma criança negra magrinha com contas de madeira e resistores antigos trançados nos cabelos abriu a porta do Finlandês e os conduziu pelo túnel de refugos. Case sentiu que o material havia crescido de algum modo durante sua ausência. Ou, então, parecia que estava mudando sutilmente, cozinhando sob a pressão do tempo, flocos invisíveis e silenciosos acomodando-se para formar uma massa, uma essência cristalina de tecnologia descartada, florescendo secretamente nos depósitos de lixo do Sprawl.

Do outro lado do cobertor do Exército, o Finlandês esperava na mesa branca.

Molly começou a fazer gestos acelerados, pegou um pedaço de papel, escreveu uma coisa nele e passou-o para o Finlandês. Ele o pegou entre polegar e indicador, segurando-o longe do corpo como se pudesse explodir. Ele fez um gesto que Case não conhecia, e que traduzia uma mistura de impaciência e resignação mal-humorada. Levantou-se, espanando migalhas da frente de seu paletó de tweed surrado. Sobre a mesa, um jarro de vidro de arenque em conserva ao lado de um pacote de bolachas, pão de fôrma com o plástico rasgado e um cinzeiro de alumínio

com pilhas de bitucas de Partagas.

– Espere – disse Finlandês, e saiu do aposento.

Molly se sentou no lugar dele, projetou a lâmina de seu dedo indicador e espetou uma posta cinzenta de arenque. Case ficou perambulando pelo aposento, passando os dedos pelo equipamento de varredura nas colunas.

Dez minutos e o Finlandês voltou apressado, mostrando os dentes num sorriso amarelo largo. Ele fez que sim com a cabeça, levantou o polegar para Molly como sinal de tudo-bem e fez um gesto para Case ajudá-lo com o painel da porta. Enquanto Case ajustava a borda de velcro, o Finlandês retirou um pequeno console do bolso e começou a digitar uma sequência complexa.

– Meu amor – ele disse para Molly, guardando de novo o console –, você conseguiu. Na boa, eu sinto isso. Quer me dizer onde conseguiu isso?

– Yonderboy – disse Molly, colocando de lado o arenque e as bolachas. – Fiz um acordo com Larry por baixo dos panos.

– Esperta – disse o Finlandês. – É uma IA.

– Diminua um pouco a marcha – disse Case.

– Berna – disse o Finlandês, ignorando-o. – Berna. Ela conseguiu cidadania suíça limitada sob o equivalente deles do Ato de 53. Construída para a Tessier-Ashpool S.A. Eles possuem o mainframe e o software original.

– E o que é que tem em Berna? – Case se meteu deliberadamente no meio dos dois.

– Wintermute é o código de reconhecimento de uma IA. Eu tenho os números de registro de Turing. Inteligência artificial.

– Está tudo muito bom – disse Molly –, mas aonde isso nos leva?

– Se o Yonderboy estiver certo – disse o Finlandês –, esta IA é quem está bancando o Armitage.

– Eu paguei ao Larry para que os Modernos investiguem um pouco o Armitage – Molly virou-se para Case e explicou. – Eles têm umas linhas de comunicação bem bizarras. O trato era de que eles ganhariam minha grana se conseguissem responder a uma pergunta: quem está mandando em Armitage?

– E você acha que é essa IA? Essas coisas não têm permissão para ter autonomia. Quem manda é essa corporação-mãe, essa Tessle...

– Tessier-Ashpool S.A. – disse o Finlandês. – E tenho uma historinha sobre eles para vocês. Querem ouvir? – Ele se sentou e se curvou para a frente.

– Finlandês – disse Molly. – Ele adora uma história.

– Esta aqui eu não contei a ninguém – começou o Finlandês.

***

O Finlandês era um receptador, um traficante de artigos roubados, basicamente software. No decorrer de seu trabalho, ele às vezes entrava em contato com outros receptadores, alguns dos quais lidavam com os artigos mais tradicionais do ramo.

Metais preciosos, selos, moedas raras, joias, peles, quadros e outras obras de arte. A história que contou a Case e Molly começou com a história de outro homem, um homem que ele chamou de Smith.

Smith também era receptador, mas em temporadas mais mornas trabalhava como marchand. Ele foi a primeira pessoa que o Finlandês conheceu que havia "virado silício" – a expressão tinha um ar de coisa antiga para Case – e os microsofts que ele adquiria eram programas de história da arte e tabela de venda de galerias. Com meia dúzia de chips em seu novo soquete, o conhecimento que Smith tinha do comércio de arte era formidável, pelo menos pelos padrões de seus colegas. Mas Smith procurou o Finlandês com um pedido de ajuda, um pedido fraterno, de um homem de negócios para outro. Ele queria uma investigação completa do clã Tessier-Ashpool, disse, e isso tinha de ser executado de um modo que garantisse a impossibilidade de que a fonte algum dia fosse descoberta. Podia ser possível, Finlandês opinara, mas ele exigia uma explicação. – Aquilo tinha cheiro – o Finlandês disse para Case –, cheiro de grana. E Smith estava tomando muito cuidado. Quase cuidado demais.

Smith, pelo que ficou sabendo depois, tivera um fornecedor conhecido como Jimmy. Jimmy era um arrombador e outras coisas também, e tinha acabado de voltar de um ano em órbita, trazendo consigo certos artefatos. A coisa mais incomum que Jimmy havia conseguido pegar na sua viagem pelo arquipélago foi uma cabeça, um busto intrincadamente trabalhado, cloasonado sobre platina, recoberta de pérolas e lazurita. Suspirando, Smith colocou de lado seu microscópio de bolso e aconselhou Jimmy a derreter o objeto. Era contemporâneo e não uma antiguidade, e não tinha valor para o colecionador. Jimmy riu. A coisa era um terminal de computador, disse ele. Podia falar. E não era voz sintetizada, mas um belo arranjo de engrenagens e tubos miniaturizados de órgão. Era uma coisa barroca demais para alguém construir, uma coisa perversa, pois chips de voz sintetizada saíam quase de graça. Smith plugou a cabeça em seu computador e ficou ouvindo a voz inumana melodiosa cantar as cifras da devolução de impostos do ano passado.

A clientela de Smith incluía um bilionário de Tóquio, cuja paixão por autômatos mecânicos resvalava no fetichismo. Smith deu de ombros, e mostrou a Jimmy as palmas das mãos viradas para cima num gesto tão antigo quanto as lojas de penhores. Ele podia tentar, disse ele, mas duvidava que fosse conseguir muito dinheiro por isso.

Quando Jimmy foi embora, deixando a cabeça, Smith começou a examiná-la cuidadosamente, descobrindo determinadas marcas registradas. Ele acabou conseguindo rastreá-la até uma improvável colaboração entre dois artesãos de Zurique, um especialista em esmaltagem de Paris, um joalheiro holandês e um designer de chips da Califórnia. Ela fora comissionada, ele descobriu, pela Tessier-Ashpool S.A.

Smith começou a fazer ofertas preliminares ao colecionador de Tóquio, dando a

entender que estava no rastro de alguma coisa digna de nota.

E, então, ele recebeu uma visita, uma visita inesperada, que passou pelo labirinto da sua segurança como se ela não existisse. Um homem baixo, japonês, muitíssimo educado, que tinha todos os sinais de um assassino ninja cultivado em laboratório. Smith ficou sentado muito quieto, olhando para os olhos castanhos tranquilos da morte do outro lado de uma mesa de pau-rosa vietnamita polido. De modo gentil, quase como se pedisse desculpas, o assassino clonado explicou que era seu dever encontrar e devolver uma determinada obra de arte, um mecanismo de grande beleza, que havia sido levado da casa de seu mestre. O ninja disse que havia chegado ao seu conhecimento o fato de que Smith poderia saber a localização desse objeto.

Smith disse ao homem que não tinha vontade de morrer, e entregou a cabeça. E quanto, seu visitante perguntou, ele esperava obter pela venda do objeto? Smith disse uma cifra bem menor do que o preço que pretendia fixar. O ninja sacou um chip de crédito e digitou para Smith essa quantidade, retirada de uma conta suíça numerada. E quem, perguntou o homem, lhe havia trazido aquela peça? Smith contou. Em poucos dias, Smith ficou sabendo da morte de Jimmy.

– Então foi aí que entrei – continuou o Finlandês. – Smith sabia que eu lidava um bocado com a turma da Memory Lane, e é aí que você vai para uma busca na encolha que jamais será rastreada. Contratei um cowboy. Como era o intermediário, fiquei com uma porcentagem. O Smith era cuidadoso. A gente tinha acabado de ter uma experiência comercial muito bizarra e ele saiu por cima nessa, mas não acrescentou nada para ele. Quem havia pago com aquele dinheiro suíço? A Yakuza? De jeito nenhum. Eles têm um código muito rígido para situações como essa, e matam o receptor, sempre. Era alguma coisa freak? Smith achava que não. Negócios freak têm uma vibração, dá até para sentir o cheiro. Bom, eu mandei o meu cowboy pesquisar arquivos de notícias antigas até encontrarmos a Tessier-Ashpool em litígio. O caso não era nada, mas descobrimos qual era a firma jurídica. Então ele quebrou o ICE do advogado e pegamos o endereço da família. Grande ajuda isso nos deu.

Case ergueu as sobrancelhas.

– O fuso, em Freeside – disse o Finlandês. – Acabou que eles praticamente são donos daquilo tudo. O interessante foi a foto que conseguimos quando o cowboy fez uma busca de rotina nos arquivos de notícias e compilou um resumo. Empresa familiar. Estrutura corporativa. Supostamente, você pode comprar ações de uma S.A., mas não se comercializa uma única ação da Tessier-Ashpool no mercado aberto há mais de cem anos. Em nenhum mercado, até onde sei. Você está vendo uma família orbital de primeira geração, muito discreta, muito excêntrica, dirigida como uma corporação. Muito dinheiro, muito avessa à mídia. Muita clonagem. A lei orbital é muito mais leniente com relação à engenharia genética, certo? E é difícil rastrear qual geração, ou que combinação de gerações, está mandando no pedaço num determinado momento.

– Como assim? – perguntou Molly.

– Eles têm seu próprio sistema criogênico. Mesmo sob a lei orbital, você está legalmente morto enquanto durar um congelamento. Parece que eles se revezam, embora ninguém tenha visto o pai-fundador em mais de trinta anos. A mãe-fundadora morreu num acidente de laboratório...

– Então, o que aconteceu com seu receptador?

– Nada – o Finlandês franziu a testa. – Abriu mão disso. Demos uma olhada no emaranhado fantástico de poderes jurídicos que os T-As têm, e foi isso. Jimmy deve ter entrado na Straylight, roubado a cabeça, e a Tessier-Ashpool mandou seu ninja atrás dela. Smith decidiu esquecer. Talvez tenha sido inteligente. – Ele olhou para Molly. – A Villa Straylight. No alto do fuso. Estritamente particular.

– Você acha que eles são donos desse ninja, Finlandês? – perguntou Molly.

– Smith achava.

– É caro – disse ela. – O que será que aconteceu com esse ninja, Finlandês?

– Provavelmente foi congelado. Descongelam quando precisam.

– Ok – disse Case. – Descobrimos que Armitage está recebendo seu dinheiro de uma IA chamada Wintermute. Onde isso nos leva?

– Até agora, a lugar nenhum – disse Molly. – Mas você tem um trabalhinho extra agora. – Ela tirou um papel dobrado do bolso e entregou para ele. Ele abriu. Coordenadas de grade e códigos de login.

– Quem é este?

– Armitage. É algum banco de dados dele. Comprei dos Modernos. Negócio em separado. Onde ele está?

– Londres – disse Case.

– Pode crackear – ela riu. – Faça valer o seu pagamento, para variar.

***

Case esperou por um trem trans-BAMA na plataforma lotada. Molly tinha voltado para o loft horas antes, o constructo do Flatline em sua sacola verde, e Case não parou de beber desde então.

Era perturbador pensar no Flatline como um constructo, uma fita ROM não customizável replicando as habilidades de um morto, suas obsessões, suas reações automáticas... O trem chegou com um estrondo pela faixa de indução preta, fazendo com que uma chuva de brita caísse de rachaduras no teto do túnel. Case foi arrastando os pés até a porta mais próxima e ficou olhando os outros passageiros durante a viagem. Uma dupla de cientistas cristãos, com cara de predadores, abria caminho devagar na direção de um trio de jovens técnicas de escritório que usavam vaginas holográficas estilizadas nos pulsos, um rosa úmido brilhando sob a luz fria. As técnicas lambiam seus lábios perfeitos nervosas e olhavam os Cientistas Cristãos de esguelha, por baixo de pálpebras metálicas quase fechadas. As garotas pareciam animais numa savana, altas e exóticas,

balançando graciosa e inconscientemente com o movimento do trem, seus saltos altos como cascos polidos contra o metal cinza do piso do vagão. Antes que pudessem debandar, fugir dos missionários, o trem chegou à estação de Case.

Ele saiu e avistou um charuto holográfico branco, suspenso contra a parede da estação, a palavra FREESIDE pulsando abaixo dele em maiúsculas contorcidas que imitavam japonês impresso. Ele atravessou a multidão e ficou embaixo do sinal, estudando a coisa. PARA QUE ESPERAR?, pulsava o sinal. Um fuso branco rombudo, ladeado e cravejado de grades e radiadores, docas, cúpulas. Ele já tinha visto o anúncio, ou outros parecidos, milhares de vezes. Nunca lhe dissera nada. Com seu deck, podia alcançar os bancos de dados de Freeside com a mesma facilidade com que podia ir a Atlanta. Viagens eram coisas da carne. Mas, agora, notava o pequeno símbolo, do tamanho de uma moedinha, entremeado no canto inferior esquerdo no tecido de luz do anúncio: T-A.

Voltou ao loft, perdido nas memórias do Flatline. Ele havia passado a maior parte do verão de seus dezenove anos no Gentleman Loser, tomando cervejas caras e vendo os cowboys. Nessa época, ainda não havia sequer tocado num deck, mas sabia o que queria. Havia pelo menos mais outros vinte esperançosos assombrando o Loser naquele verão, cada qual na expectativa de se tornar ajudante de algum cowboy. Não havia outro jeito de aprender.

Todos haviam ouvido falar de Pauley, o jóquei caipira da periferia de ´Lanta, que sobrevivera à morte cerebral atrás de Black ICE, o gelo negro. A rádio-peão – curta e grossa, das ruas, e a única que funcionava – não tinha muito a dizer a respeito de Pauley, além do fato de que ele havia feito o impossível. – Foi grande – outro wannabe contou a Case, pelo preço de uma cerveja, "mas quem sabe mesmo da história? Eu ouvi dizer que talvez tenha sido uma rede de folha de pagamento brasileira. De qualquer maneira, o cara estava morto, morte cerebral, a linha do eletro ficou plana".

Case olhava pelo bar lotado para um homem atarracado com uma camiseta de mangas curtas, o tom de sua pele meio acinzentado.

– Garoto – o Flatline lhe diria, meses depois em Miami. – Eu sou parecido com aqueles lagartos enormes, sabe? Eles tinham dois cérebros grandes pra cacete, um na cabeça e outro no osso da cauda, pra manter as patas traseiras se movendo. É bater naquela coisa preta e o velho cérebro de cauda simplesmente faz você continuar seguindo em frente.

A elite de cowboys do Loser encarava Pauley com uma estranha ansiedade grupal, quase uma superstição. McCoy Pauley, o Lázaro do ciberespaço...

E, no fim, o que o matou foi seu coração. Seu coração russo usado, implantado num campo de prisioneiros durante a guerra. Ele se recusara a substituir a coisa, dizendo que precisava daquela batida particular para manter seu senso de timing. Case ficou rodando nos dedos o papel que Molly lhe dera e subiu as escadas.

Molly roncava na espuma sintética. Uma tala transparente ia do joelho dela até alguns milímetros abaixo de sua virilha, a pele sob o micropore rígido salpicada de

hematomas, preto alternando com tons de um amarelo feio. Oito dermas, cada um de um tamanho e cor diferentes, seguiam numa linha reta descendo pelo seu pulso esquerdo. Uma unidade transdermal Akai estava ao lado dela, as pontas vermelhas finas conectadas a trodos de input debaixo da tala.

Ele se virou para o tensor ao lado do Hosaka. O círculo de luz chapada caía diretamente sobre o constructo do Flatline. Enfiou um ICE, conectou o constructo e se plugou.

Era exatamente a sensação de ter alguém lendo pelas suas costas.

Ele tossiu. – Dix? McCoy? É você, cara? – Sua garganta estava apertada.

– Ei, bro – disse uma voz, sem direção.

– É o Case, cara. Lembra de mim?

– Miami, ajudante, aprende rápido.

– Qual foi a última coisa de que você se lembra antes de eu falar com você, Dix?

– Nada.

– Espere um pouco. – Ele desconectou o constructo. A presença desapareceu. Ele tornou a conectá-lo. – Dix? Quem sou eu?

– Você me pegou, Jack. Quem é você, porra?

– Ca... – seu camarada, seu parceiro. O que é que tá pegando, cara?

– Boa pergunta.

– Lembra de ter estado aqui há um segundo?

– Não.

– Sabe como funciona uma matrix de personalidade ROM?

– Claro, bro, é um constructo de firmware, imutável.

– Que conecto no banco que estou usando e consigo obter memória sequencial em tempo real?

– Acho que sim – respondeu o constructo.

– Ok, Dix. Você é um constructo de ROM. Entendeu?

– Se você está dizendo – disse o constructo. – Você quem é?

– Case.

– Miami – disse a voz. – Ajudante, aprende rápido.

– Isso. E pra começar, Dix, você e eu, nós vamos pular pra grade de Londres e acessar alguns dados. Topa?

– Você está me dizendo que tenho escolha, garoto?

6

– Você precisa de um paraíso. – Aconselhou o Flatline, depois que Case explicou sua situação. – Cheque Copenhague, na periferia da cidade universitária. – A voz recitava coordenadas, enquanto ele digitava.

Eles encontraram seu paraíso, um "paraíso de pirata", na periferia bagunçada de uma grade acadêmica de nível baixo de segurança. À primeira vista, parecia o tipo de grafite que operadores universitários às vezes deixam nas junções de linhas de grade, glifos tênues de luz colorida que tremeluziam contra os contornos confusos de uma dezena de faculdades de artes.

– Ali – disse o Flatline. – Aquele azul. Está vendo? É um código de entrada para a Bell Europa. É fresquinho também. A Bell vai entrar aqui rapidinho e ler toda essa porra de quadro, trocar todos os códigos que encontrar postados. Os garotos vão roubar os novos códigos amanhã.

Case digitou o código da Bell Europa e passou para um código telefônico padrão. Com a ajuda do Flatline, se conectou à base de dados de Londres que Molly afirmava ser de Armitage.

– Aqui – disse a voz. – Eu faço pra você. – O Flatline começou a entoar uma série de dígitos, Case teclando tudo em seu deck, tentando captar as pausas que o constructo usava para indicar tempo. Precisou de três tentativas.

– Grande coisa – disse o Flatline. – Nenhum ICE.

– Escaneia essa porra – Case disse para o Hosaka. – Procure o histórico pessoal do dono.

Os rabiscos neuroeletrônicos do paraíso desapareceram, substituídos por um losango simples de luz branca. – O conteúdo é basicamente de gravações de vídeo de julgamentos militares do pós-guerra – disse a voz distante do Hosaka. – A figura central é o coronel Willis Corto.

– Vai mostrando – disse Case.

O rosto de um homem preencheu a tela. Os olhos eram os de Armitage.

***

Duas horas depois, Case caiu ao lado de Molly no colchonete e deixou a espuma se moldar contra seu corpo.

– Achou alguma coisa? – Ela perguntou, a voz pastosa de sono e drogas.

– Te conto depois – ele disse. – Tô quebrado. – Ele estava de ressaca e confuso. Ficou ali deitado, olhos fechados, e tentou montar as várias peças de uma história sobre um homem chamado Corto. O Hosaka havia selecionado um pequeno

conjunto de informações e montou um resumo, mas estava cheio de furos. Uma parte do material era de registros impressos, que rolavam macios pela tela, rápido demais, e Case precisou pedir ao computador que lesse tudo para ele. Outros segmentos eram gravações em áudio do processo do Screaming Fist.

Willis Corto, coronel, havia mergulhado por um ponto cego nas defesas russas sobre Kirensk. Os shuttles haviam criado o buraco com bombas de pulso, e a equipe de Corto entrara usando microleves Nightwing, as asas se abrindo e enrijecendo na luz do luar, refletida em fragmentos de prata ao longo dos rios Angara e Podhamennaya, a última luz que Corto veria por quinze meses. Case tentou imaginar os microleves se abrindo como flores em suas cápsulas de lançamento, bem acima de uma estepe gelada.

– Eles comeram o teu rabo bonitinho, hein, chefe? – comentou Case, e Molly se mexeu ao seu lado.

Os microleves não levavam armas; o equipamento era retirado para compensar o peso de um operador de console, um deck protótipo e um programa de vírus chamado Toupeira IX, o primeiro vírus de verdade na história da cibernética. Corto e sua equipe estavam treinando para essa operação havia três anos. Eles atravessaram o ICE, prontos para injetar o Toupeira IX, quando os pulsos eletromagnéticos foram emitidos. As armas russas de pulso jogaram os jóqueis na escuridão eletrônica; os Nightwings sofreram crash de sistemas; os circuitos de voo foram completamente apagados.

Então os lasers se abriram, mirando com infravermelho, derrubando as aeronaves de assalto frágeis e transparentes ao radar, e Corto e seu cara de console morto caíram de um céu siberiano. Caíram e continuaram caindo...

Ali havia buracos na história, onde Case escaneou documentos ligados ao voo de uma aeronave russa requisitada pelos militares que conseguiu chegar à Finlândia. Para ser destruída, quando pousou num bosque de coníferas, por um antiquíssimo canhão de vinte milímetros manejado por um grupo de reservistas de alerta. O Screaming Fist terminou para Corto nos arredores de Helsinque, com paramédicos finlandeses retirando seu corpo com serras dos destroços retorcidos do helicóptero. A guerra terminou nove dias depois, e Corto foi enviado para uma instalação militar em Utah, cego, sem as pernas e sem a maior parte do maxilar. O adido do Congresso levou onze meses para encontrá-lo ali. Ele ficou escutando o som de tubos de drenagem. Em Washington e McLean, os julgamentos-shows já estavam sendo realizados. O Pentágono e a CIA estavam sendo balcanizados, parcialmente desmantelados, e uma investigação do Congresso estava se concentrando no Screaming Fist. Prontinho para um Watergate, o adido contou a Corto.

Ele iria precisar de olhos, pernas e um extenso trabalho cosmético, disse o adido, mas isso podia ser providenciado. Um novo encanamento, acrescentou o homem, apertando o ombro de Corto por sobre o lençol úmido de suor.

Corto ouvia o pinga-pinga suave e impiedoso. Ele disse que preferia testemunhar como estava.

Não, explicou o adido, os julgamentos estavam sendo televisionados. Os julgamentos precisavam atingir o eleitor. O adido pigarreou educadamente.

Reparado, remodelado e extensivamente ensaiado, o testemunho subsequente de Corto foi detalhado, comovente, lúcido e em grande parte invenção de uma cabala do Congresso com certos interesses escusos em preservar porções específicas da infraestrutura do Pentágono. Corto começou a entender, aos poucos, que seu depoimento era instrumental para salvar as carreiras de três oficiais diretamente responsáveis pela supressão de relatórios sobre a construção de instalações de pulso eletromagnético em Kirensk.

Quando seu papel nos julgamentos acabou, ele não era mais desejado em Washington. Em um restaurante da rua M, comendo crepe de aspargos, o adido explicou os perigos terminais envolvidos em falar com as pessoas erradas. Corto esmagou a laringe do homem com os dedos rígidos da mão direita. Com o adido do Congresso estrangulado, o rosto caído no crepe de aspargos, Corto saiu para o frio setembro de Washington.

O Hosaka repassou relatórios policiais, registros de espionagem corporativa e arquivos de noticiários. Case viu Corto trabalhar com desertores corporativos em Lisboa e Marrakesh, onde pareceu ter ficado obcecado com a ideia de traição, odiando os cientistas e técnicos que comprava para seus empregadores. Bêbado, em Cingapura, espancou um engenheiro russo até a morte num hotel e ateou fogo ao seu quarto.

Em seguida, apareceu na Tailândia, como supervisor de uma fábrica de heroína. Depois, como segurança de um cartel do jogo na Califórnia e, em seguida, como assassino de aluguel nas ruínas de Bonn. Roubou um banco em Wichita. O registro ia ficando cada vez mais vago, cheio de sombras, os buracos maiores.

Certo dia, ele disse, num segmento de fita que sugeria interrogatório químico, que tudo havia ficado cinza.

Registros médicos franceses traduzidos explicavam que um homem sem identificação havia sido levado para uma instituição mental de Paris e diagnosticado como esquizofrênico. Ele ficou catatônico e foi enviado para uma instituição do governo nos arredores de Toulon. Tornou-se cobaia em um programa experimental que procurava reverter a esquizofrenia por intermédio da aplicação de modelos cibernéticos. Uma seleção aleatória de pacientes recebera microcomputadores e fora incentivada, com ajuda de estudantes, a programá-los. Ele ficou curado: foi o único caso de sucesso em toda a experiência.

O registro acabava aí.

Case se revirou no colchonete e Molly o xingou por perturbá-la.

***

O telefone tocou. Ele o puxou para a cama. – Alô?

– Estamos indo para Istambul – disse Armitage. – Esta noite.

– O que é que o filho da puta quer? – perguntou Molly.
– Está dizendo que a gente vai pra Istambul hoje à noite.
– Mas que maravilha.
Armitage estava lendo para ele os números dos voos e os horários de partida.
Molly se sentou e acendeu a luz.
– E o meu equipamento? – perguntou Case. – Meu deck?
– O Finlandês vai cuidar disso – disse Armitage, e desligou.
Case ficou olhando Molly fazer as malas. Ela tinha círculos pretos sob os olhos, mas mesmo com a tala, era como assistir a uma dança. Nenhum movimento desperdiçado. As roupas dele eram uma pilha amarrotada ao lado de sua sacola.
– Está sentindo dor? – ele perguntou.
– Bem que eu podia ter ficado mais uma noite no Chin.
– Seu dentista?
– Pode apostar. Muito discreto. Metade daquele espaço é dele, uma clínica completa. Faz consertos para samurais. – Ela fechou o zíper de sua sacola. – Já esteve em Istambul?
– Passei dois dias lá uma vez.
– Nunca muda – ela disse. – Cidadezinha ruim.

***

– Foi assim quando estávamos indo para Chiba – disse Molly, olhando pelo vidro do trem para a paisagem industrial abandonada iluminada pelo luar, faróis vermelhos no horizonte alertando aeronaves para longe de uma usina de fusão nuclear. – Estávamos em L.A. Ele entrou e disse: Faça as malas, estávamos de viagem marcada para Macau. Quando chegamos, joguei fantan no Lisboa e ele foi até Zhongshan. No dia seguinte eu estava brincando de fantasma com você na Night City. – Ela tirou um lenço de seda da manga de sua jaqueta preta e poliu as lentes embutidas. A paisagem da região norte do Sprawl despertava memórias confusas da infância para Case, tufos de grama morta despontando pelas rachaduras da placa de concreto de uma rodovia.
O trem começou a desacelerar faltando dez quilômetros para o aeroporto. Case ficou vendo o sol se levantar na paisagem da infância, sobre pedaços de metal fundidos e carcaças enferrujadas de refinarias.

7

Chovia em Beyoglu, e o Mercedes alugado deslizou pelas unidades gradeadas e apagadas de joalheiros gregos e armênios cautelosos. A rua estava quase vazia, apenas algumas figuras de casacos escuros nas calçadas se virando para olhar o carro passar.

– Aqui, antigamente, ficava a próspera seção europeia da Istambul Otomana – o Mercedes murmurou sensual.

– Que desceu ladeira abaixo – disse Case.

– O Hilton fica na Cumhuriyet Caddesi – disse Molly. Ela se recostou contra a camurça sintética cinza do carro.

– Por que Armitage voa sozinho? – perguntou Case. Estava com dor de cabeça.

– Porque você se mete com a sua vida. Eu me meto com a minha.

Ele queria contar a história de Corto para ela, mas decidiu que era melhor não. Ele havia usado um derma para dormir no avião.

A estrada que partia do aeroporto era reta, como uma incisão perfeita, abrindo a cidade ao meio. Ficou olhando as paredes loucas de barracos de madeira em patchwork passarem, condomínios, arcologias, conjuntos habitacionais sujos, mais paredes de compensado e ferro corrugado.

O Finlandês, vestindo um novo terno Shinjuku, preto-sarariman, estava esperando, mal-humorado, no lobby do Hilton, perdido numa poltrona de veludo num mar de tapetes azul-claros.

– Jesus – disse Molly. – Um rato de terno.

Atravessaram o lobby.

– Quanto é que você está ganhando para vir até aqui, Finlandês? – Ela abaixou a sacola e a colocou ao lado da poltrona. – Aposto que é menos do que está recebendo pra vestir esse terno, hein?

O Finlandês repuxou o lábio superior. – Não o bastante, docinho. – Entregou a ela uma chave magnética com uma etiqueta amarela redonda. – Vocês já estão registrados. O Chefão está lá em cima. – Ele olhou ao redor. – Esta cidade é uma merda.

– Quando te tiram de uma cúpula, você fica agorafóbico. É só fingir que é o Brooklyn. – Ela girou a chave num dedo. – Você está aqui de criado ou o quê?

– Preciso checar os implantes de um cara – disse o Finlandês.

– E que tal meu deck? – perguntou Case.

O Finlandês fez uma careta. – Observe o protocolo. Pergunte ao chefe.

Os dedos de Molly se moveram na sombra da sua jaqueta, um relance de gíria. O Finlandês olhou, e depois fez que sim com a

cabeça.

– É – ela disse. – Eu sei quem é. – Ela acenou com a cabeça na direção dos elevadores. – Vamos nessa, cowboy. – Case foi atrás dela com as duas sacolas.

***

O quarto deles poderia ter sido o mesmo de Chiba, onde ele vira Armitage pela primeira vez. Ele foi até a janela, pela manhã, quase esperando ver a baía de Tóquio. Havia outro hotel do outro lado da rua. Ainda estava chovendo. Alguns escritores de cartas haviam se refugiado debaixo das marquises de portas, suas velhas impressoras de voz enroladas em plásticos transparentes, evidências de que ali a palavra escrita ainda desfrutava de um certo prestígio. Era um país lento. Ele ficou olhando um sedan Citroën preto fosco, um convertido de célula de hidrogênio primitivo, que vomitou cinco oficiais turcos com cara de poucos amigos e uniformes verdes amarrotados. Eles entraram no hotel em frente.

Ele olhou novamente para a cama, para Molly, e sua palidez o incomodou. Ela havia deixado a tala micropore no colchonete do loft deles, ao lado do indutor transdermal. Os óculos dela refletiam parte das luminárias do quarto.

Estava com o telefone na mão antes que tocasse duas vezes. – Que bom que você já acordou – disse Armitage.

– Acabei de. A moça ainda está apagada. Escuta, chefe, acho que está na hora de batermos um papinho. Acho que trabalho melhor se souber um pouco mais sobre o que estou fazendo.

Silêncio na linha. Case mordeu o lábio.

– Você sabe tanto quanto precisa. Talvez mais.

– Você acha?

– Vista-se, Case. Acorde ela. Vocês vão receber uma visita em cerca de quinze minutos. O nome é Terzibashjian. – O telefone emitiu um ruído baixo. Armitage tinha desligado.

– Acorda, baby – disse Case. – Negócios.

– Eu já estou acordada há uma hora – os espelhos se viraram.

– Temos um Jersebastião chegando.

– Você tem um ouvido excelente pra idiomas, Case. Aposto que você tem sangue armênio. Esse é o cara que Armitage mandou vigiar o Riviera. Me ajuda aqui.

Terzibashjian era um rapaz vestindo um terno cinza e óculos espelhados com armação dourada. Sua camisa branca estava aberta no colarinho, revelando um tapete de pelos escuros tão cerrado que, à primeira vista, Case achou que fosse algum tipo de camiseta. Ele chegou com uma bandeja preta do Hilton com três minúsculas e cheirosas xícaras de café preto forte e três doces orientais amarelos e grudentos.

– Vamos precisar, como vocês dizem em Ingiliz, levar esse cara na maciota. –

Ele parecia estar olhando especificamente para Molly, mas finalmente tirou seus óculos prateados. Seus olhos eram de um castanho-escuro que combinava com o tom de seus cabelos, cortados muito rente, em estilo militar. Ele sorriu. – É melhor assim, sim? Senão nós fazemos o infinito do túnel, espelho dentro de espelho... Você particularmente – disse a ela – deve tomar cuidado. Aqui na Turquia não se vê com bons olhos mulheres que exibem esse tipo de modificação.

Molly mordeu um dos docinhos pela metade. – O show é meu, Jack – disse com a boca cheia. Mastigou, engoliu e lambeu os lábios. – Eu conheço você. Pau-mandado de milico, certo? – As mãos dela deslizaram preguiçosas pela frente da jaqueta e retiraram a pistola de dardos. Case não sabia que ela estava com a arma.

– Muita calma, por favor – disse Terzibashjian, a xícara de porcelana branca congelada a centímetros de seus lábios.

Ela estendeu a arma. – Talvez você receba os explosivos, muitos deles, ou talvez você ganhe um câncer. Um dardo, seu merda. Você não vai sentir por meses.

– Por favor. Como vocês dizem em Ingiliz, isso está me deixando bolado...

– Eu chamo isso de uma manhã ruim. Agora diga tudo sobre o seu homem e saia logo daqui. – Ela desviou a arma.

– Ele está morando em Fener, na Kuchuk Gulhane Djaddesi 14. Eu tenho a rota do túnel dele, todas as noites até o bazar. Ele tem se apresentado mais recentemente no Yenishehir Palas Oteli, um lugar moderno no estilo turistik, mas tem sido arranjado para que a polícia demonstre um certo interesse nesses shows. A gerência do Yenishehir tem ficado nervosa. – Ele sorriu. Tinha cheiro de um pós-barba metálico.

– Eu quero saber é dos implantes – ela disse, massageando a própria coxa. – Quero saber exatamente o que ele pode fazer.

Terzibashjian fez que sim. – O pior é, como vocês dizem em Ingiliz, os subliminares. – Ele pronunciou a palavra em cinco cuidadosas sílabas.

***

– À nossa esquerda – disse o Mercedes, enquanto percorria um labirinto de ruas debaixo da chuva – está a Kapali Carsi, o grande bazar.

Ao lado de Case, o Finlandês fazia um ruído de satisfação, mas estava olhando na direção errada. O lado direito da rua estava repleto de ferros-velhos em miniatura, um ao lado do outro. Case viu uma locomotiva estripada no alto de blocos quebrados de mármore, manchados de ferrugem. Estátuas de mármore sem cabeça estavam empilhadas como lenha.

– Saudades de casa? – perguntou Case.

– Este lugar é uma merda – disse o Finlandês. Sua gravata de seda preta estava começando a lembrar uma fita de carbono usada. Havia medalhões de molho de

kebab e ovo frito nas lapelas do seu terno novo.

– Ei, Jersey – Case disse para o armênio, sentado atrás deles. – Onde foi que esse cara instalou seu equipamento?

– Em Chiba City. Ele não tem pulmão esquerdo. O outro teve um upgrade, é assim que vocês falam? Qualquer um podia comprar esses implantes, mas esse sujeito é muito talentoso. – O Mercedes fez uma curva, evitando um carreto com pneus-balão cheio de peles. – Eu o segui na rua e vi umas dez bicicletas caírem perto dele apenas num dia. Descobri o ciclista num hospital, a história é sempre a mesma. Um escorpião parado em cima do freio...

– "What you see is what you get", ha – disse o Finlandês. – O que você vê é o que você tem. Eu vi os esquemas do silicone do cara. Muito estiloso. O que ele imagina, você vê. Acho que ele conseguiria estreitar isso num pulso e fritar uma retina fácil.

– Você já disse isso para sua amiga? – Terzibashjian inclinou-se entre os encostos de ultracamurça. – Na Turquia, mulher é ainda mulher. Essa daí...

O Finlandês fez um som de desprezo. – Ela pega suas bolas e faz uma gravata com elas se você olhar atravessado para ela.

– Não compreendo essa expressão.

– Tudo bem – disse Case. – Significa cale a boca.

O armênio voltou a se recostar no banco do carro, deixando um rastro metálico de pós-barba. Começou a sussurrar num transceptor Sanyo em uma estranha salada de grego, francês, turco, fragmentos isolados de inglês. O transceptor respondeu em francês. O Mercedes fez uma curva suave. – O bazar de especiarias, às vezes chamado bazar egípcio – disse o carro –, foi erguido no local de um bazar anterior criado pelo Sultão Hatice em 1660. Este é o mercado central da cidade para temperos, software, perfumes, drogas...

– Drogas – disse Case, vendo os limpadores de para-brisa do carro varrerem o Lexan à prova de balas. – O que é que você tinha dito antes sobre o Riviera estar programado, ô Jersey?

– Uma mistura de cocaína e meperidina, sim. – O armênio voltou à conversa que estava tendo com o Sanyo.

– Antigamente chamavam isso de Demerol – disse o Finlandês. – Ele é um artista do speedball. Pessoalzinho interessante esse com quem você está se metendo, Case.

– Deixa pra lá – disse Case, virando para cima o colarinho da jaqueta. – Vamos arrumar um pâncreas novo ou coisa do gênero pro filho da puta, coitadinho.

***

Assim que entraram no bazar, o humor do Finlandês melhorou consideravelmente, como se ele se sentisse reconfortado pela densidade da multidão e a sensação de claustrofobia. Caminharam com o armênio ao longo de

uma calçada larga, sob toldos de plástico manchados de fuligem e ferro forjado, pintado de verde, saído da idade da máquina a vapor. Uma centena de anúncios suspensos se contorciam e piscavam.

– Cristo Santíssimo – disse o Finlandês, pegando Case pelo braço. – Olha só praquilo. – Ele apontou. – É um cavalo, cara. Você já viu um cavalo?

Case olhou de relance para o animal embalsamado e balançou a cabeça. Ele estava sendo exibido sobre uma espécie de pedestal, perto da entrada de um lugar que vendia pássaros e macacos. As pernas da coisa haviam ficado pretas e lustrosas de décadas de pessoas passando as mãos nelas. – Eu vi um, uma vez em Maryland – disse o Finlandês – e isso foi uns bons três anos antes da pandemia. Os árabes ainda estão tentando recriá-lo a partir de DNA codificado, mas sempre dá chabu.

Os olhos vítreos castanhos do animal pareciam acompanhá-los quando passaram. Terzibashjian os levou até um café próximo do centro do mercado, um aposento de teto baixo que parecia estar em atividade ininterrupta há séculos. Garotos magricelos, vestindo paletós brancos sujos, passavam por entre as mesas lotadas, equilibrando bandejas de aço inox com garrafas de Turk-Tuborg e copinhos com chá.

Case comprou um maço de Yeheyuans de um vendedor na porta. O armênio estava murmurando para seu Sanyo. – Vamos – ele disse. – Ele está andando. Toda noite ele toma o túnel para o bazar, para comprar sua mistura com o Ali. Sua mulher está perto. Vamos.

***

O beco era um lugar velho, velho demais, com paredes de blocos cortados de pedra escura. O calçamento era irregular e tinha cheiro de um século de gasolina derramada e absorvida por calcário antigo. – Não consigo ver merda nenhuma – sussurrou para o Finlandês. – Fica frio, docinho – disse o Finlandês. – Quietos – disse Terzibashjian, alto demais.

Madeira raspando em pedra ou concreto. Dez metros descendo o beco, um facho de luz amarela se abriu sobre paralelepípedos molhados, e aumentou de tamanho. Uma figura saiu e a porta se fechou com ruído novamente, deixando o lugar estreito na escuridão. Case sentiu um arrepio.

– Agora – disse Terzibashjian, e um facho brilhante de luz branca, direcionado do telhado do prédio oposto ao mercado, pregou a figura magra ao lado da antiga porta de madeira em um círculo perfeito. Olhos brilhantes dispararam para a esquerda, para a direita, e o homem desabou. Case achou que alguém havia atirado nele; ele ficou deitado de bruços, os cabelos louros contrastando com a pedra velha, as mãos moles, brancas e patéticas.

O holofote nem piscou.

As costas da jaqueta do homem caído incharam e explodiram: o sangue espirrou

na parede e na porta. Um par de braços impossivelmente compridos, de cor rosa-acinzentado, com tendões parecidos com cordas, se flexionou no clarão. A coisa parecia ter se levantado sozinha do calçamento, atravessando a ruína inerte e ensanguentada que fora Riviera. Ela tinha dois metros de altura, duas pernas, e parecia não ter cabeça. Então, se virou lentamente para encará-los e Case viu que ela tinha cabeça, sim; não tinha era pescoço. Não tinha olhos e a pele reluzia com um tom rosado intestinal. A boca, se é que aquilo era uma boca, era circular, cônica, rasa e repleta de cabelos ou pelos eriçados, que brilhavam como cromo preto. Ela chutou os restos de roupas e carne para o lado e deu um passo; a boca parecia procurar por eles enquanto se movia.

Terzibashjian disse alguma coisa em grego ou turco e correu na direção da coisa, os braços abertos como um homem tentando mergulhar por uma janela. Ele passou através da coisa. E caiu dentro do clarão de uma pistola disparada no escuro, além do círculo de luz. Fragmentos de rocha passaram zunindo pela cabeça de Case; o Finlandês o puxou para que se abaixasse.

A luz do alto do telhado desapareceu, deixando-o com pós-imagens distorcidas do clarão do cano da arma, do monstro e do facho de luz branca. Suas orelhas zumbiam.

Depois a luz retornou, balançando agora, vasculhando as sombras. Terzibashjian estava encostado numa porta de aço, o rosto muito branco. Segurava o pulso esquerdo e via o sangue pingar de um ferimento na mão esquerda. O louro, inteiro novamente, sem sangue, estava deitado aos seus pés.

Molly saiu das sombras, toda de preto, com a pistola de dardos na mão.

– Use o rádio – disse o armênio entre dentes. – Chame Mahmut. Precisamos tirar ele daqui. Isto aqui não é um bom lugar.

– O viadinho quase conseguiu – disse o Finlandês, estalando alto os joelhos ao se levantar, tentando limpar, sem sucesso, as pernas das calças. – Você estava olhando o show dos horrores, não estava? Não o hambúrguer que foi jogado para fora de cena. Bonitinho mesmo. Bom, ajude-o a tirar o sujeito daqui. Preciso escanear todo esse equipamento antes que ele acorde, garantir que Armitage está levando o que pagou.

Molly se abaixou e pegou uma coisa. Uma pistola. – Uma Nambu – ela disse. – Arma boa.

Terzibashjian gemeu. Case viu que estava faltando a maior parte de seu dedo do meio.

***

Com a cidade encharcada em azul pré-aurora, ela mandou o Mercedes levá-los ao palácio de Topkapi. O Finlandês e um turco enorme chamado Mahmut haviam levado Riviera, ainda inconsciente, do beco. Minutos depois, um Citroën, sujo de poeira, havia chegado para pegar o armênio, que parecia prestes a desmaiar.

– Você é uma besta – Molly disse ao homem, abrindo a porta do carro para ele. – Devia ter ficado recuado. Eu estava com ele na mira assim que saiu. – Terzibashjian olhou fuzilando para ela. – Mas você não é mais necessário mesmo. – Ela o empurrou para dentro e bateu a porta. – Se eu te encontrar de novo, te mato – disse ao rosto branco atrás da janela escura. O Citroën desceu o beco e fez uma curva desajeitada para entrar na rua.

Agora o Mercedes passava silencioso por Istambul, enquanto a cidade acordava. Eles passaram pelo terminal do túnel de Beyoglu
e zuniram por labirintos de ruas desertas, prédios de apartamentos que fizeram Case se lembrar vagamente de Paris.

– Que coisa é aquela? – ele perguntou a Molly, enquanto o Mercedes se estacionava na margem dos jardins que cercavam o Seraglio. Ele ficou olhando bestificado para o conglomerado barroco de estilos que era o Topkapi.

– Era uma espécie de puteiro particular do Rei – disse ela, descendo e se espreguiçando. – Ele mantinha um bocado de mulheres aqui. Agora é um museu. Meio tipo a loja do Finlandês, todas essas coisas misturadas ali, diamantes enormes, espadas, a mão esquerda de João Batista...

– Tipo assim, num tanque de suporte vital?

– Nah. Morta. Colocaram ela dentro de uma coisa de mão de latão, com uma portinhola lateral para que os cristãos pudessem beijá-la pra dar sorte. Tiraram ela dos cristãos há um milhão de anos, mas nunca tiram o pó dessa maldita coisa, porque é uma relíquia dos infiéis.

Cervos de ferro preto enferrujavam nos jardins do Seraglio. Case caminhou ao lado dela, vendo as pontas de suas botas esmagarem uma grama malcuidada, endurecida por uma geada matutina. Eles caminharam ao lado de um caminho de pedras de ardósia octogonais frias. O inverno estava esperando, em algum lugar dos Bálcãs.

– Aquele Terzi é um escroto de primeira – ela disse. – Ele é da polícia secreta. Torturador. É muito fácil de comprar, também, com o tipo de dinheiro que Armitage estava oferecendo. – Nas árvores molhadas ao redor deles, pássaros começaram a cantar.

– Eu fiz esse trabalho pra você – disse Case. – Aquele de Londres. Eu consegui alguma coisa, mas não sei o que quer dizer. – Ele contou a ela a história de Corto.

– Bom, sabia que não havia ninguém com o nome de Armitage no Screaming Fist. Procurei. – Ela acariciou o flanco enferrujado de uma gazela de ferro. – Você acha que o computadorzinho tirou ele de lá? Daquele hospital francês?

– Acho que foi Wintermute – disse Case.

Ela concordou com a cabeça.

– O negócio é o seguinte – disse ele –, você acha que ele sabe que era Corto antes? Quero dizer, ele não era ninguém em particular quando chegou àquela ala, então quem sabe Wintermute apenas...

– É. Construiu ele do zero. É... – Ela se virou e continuaram a caminhada. – Faz

sentido. Sabe, o cara não tem vida particular. Não até onde sei. Um cara assim, você acha que tem alguma coisa que ele faz quando está sozinho. Mas o Armitage não. Ele fica sentado olhando para a parede, cara. Então, alguma coisa dá um clique e ele acelera e funciona pro Wintermute.

– Então, por que é que ele tem aquele banco de dados armazenado em Londres? Nostalgia?

– Talvez nem saiba disso – ela disse. – Talvez esteja apenas no nome dele, certo?

– Não entendo – disse Case.

– Estou pensando em voz alta... Qual o nível de inteligência de uma IA, Case?

– Depende. Algumas não são muito mais espertas do que cachorros. Bichos de estimação. Mas custam uma fortuna mesmo assim. As que são inteligentes são tão inteligentes quanto a polícia de Turing deixa que elas sejam.

– Escuta, você é um cowboy. Como é que você não fica de quatro, babando por essas coisas?

– Bom – disse ele. – Pra começo de conversa, elas são raras. A maioria delas é militar, as brilhantes, e não conseguimos quebrar o ICE. É de onde o ICE vem, sabia? E também tem os policiais de Turing, e eles são maus. – Olhou para ela. – Sei lá, não faz parte da minha viagem.

– Jóquei é tudo igual – ela disse. – Não tem imaginação.

Eles chegaram a um laguinho retangular amplo onde carpas mordiscavam os talos e algumas flores aquáticas. Ela chutou uma pedrinha solta e viu as ondulações se espalharem.

– Isso é Wintermute – ela disse. – Este negócio é muito grande, pelo que me parece. Nós estamos onde as ondinhas são largas demais, não dá pra gente ver a pedra que atingiu o centro. Sabemos que tem alguma coisa ali, mas não por quê. Eu quero saber por quê. Eu quero que você vá falar com o Wintermute.

– Você está delirando – ele disse. – Não vou conseguir nem chegar perto dele.

– Experimente.

– Não dá pra ser feito.

– Pergunte ao Flatline.

– O que é que a gente quer com esse Riviera? – ele perguntou, torcendo para mudar o assunto.

Ela cuspiu no lago. – Sabe Deus. Eu preferia matá-lo a ter que olhar para ele. Eu li o seu perfil. É uma espécie de Judas compulsivo. Não consegue ficar com tesão a não ser que saiba que está traindo o objeto de desejo. É o que diz o arquivo. E eles têm que amá-lo primeiro. Talvez ele até os ame também. É por isso que foi fácil para Terzi armar para ele, porque ele tem vivido aqui há três anos, vendendo políticos para a polícia secreta. Provavelmente Terzi o deixou olhar na hora da tortura. Ele pegou dezoito em três anos. Todas mulheres com idades entre vinte e vinte e cinco. Manteve Terzi apenas com dissidentes. – Ela meteu as mãos nos bolsos da jaqueta. – Porque, se encontrasse alguém que realmente queria,

garantia que ela entrasse para a política. Ele tem uma personalidade parecida com um traje Moderno. O perfil dizia que era um tipo muito raro, estimava um em dois milhões. O que, de qualquer maneira, diz algo de bom sobre a natureza humana, acho. – Ela ficou olhando para as flores brancas e os peixes lentos, o rosto amargo. – Acho que vou ter que comprar um seguro especial para esse Peter. – Ela se virou e sorriu, e era muito frio.

– O que isso quer dizer?

– Deixa pra lá. Vamos voltar a Beyoglu e encontrar alguma coisa que lembre um café da manhã. Esta noite vou estar ocupada de novo. Tenho que pegar as coisas dele naquele apartamento na Fener, voltar ao bazar e comprar algumas drogas para ele...

– Comprar algumas drogas para ele? O quanto ele consome?

Ela riu. – Ele não está morrendo, coração. Mas parece que não consegue trabalhar sem aquele gostinho especial. Mas gosto mais de você agora, você não está tão magrinho. – Ela sorriu. – Então, vou no Ali, o traficante, encher o estoque. Pode apostar.

***

Armitage estava esperando no quarto deles no Hilton.

– Hora de fazer as malas – ele disse, e Case tentou encontrar o homem chamado Corto atrás dos olhos azul-claros e da máscara bronzeada. Ele pensou em Wage, lá em Chiba. Operadores, acima de um determinado nível, tendem a submergir suas personalidades, ele sabia disso. Mas Wage tinha tido vícios, amantes. Até, diziam os boatos, filhos. O vazio que ele encontrava em Armitage era outra coisa.

– Para onde agora? – ele perguntou, passando pelo homem para olhar a rua lá embaixo. – Que tipo de clima?

– Eles não têm clima, apenas temperatura – disse Armitage. – Aqui. Leia o panfleto. – Ele colocou alguma coisa sobre a mesa do café e se levantou.

– Riviera está ok? Cadê o Finlandês?

– Riviera está bem. O Finlandês está a caminho de casa. – Armitage sorriu, um sorriso que significava tanto quanto o movimento involuntário da antena de um inseto. Seu bracelete de ouro fez barulho quando estendeu a mão para meter o dedo no peito de Case. – Não fique muito esperto. Esses saquinhos estão começando a ficar fracos, mas você não sabe o quanto.

Case manteve o rosto muito quieto e se forçou para fazer que sim com a cabeça.

Quando Armitage foi embora, pegou um dos panfletos. O impresso era caro e sofisticado, em francês, inglês e turco.

FREESIDE – PARA QUE ESPERAR?

***

Os quatro estavam com reserva num voo da THY saindo do aeroporto de Yesilköy. Conexão em Paris para o ônibus espacial da JAL. Case estava sentado no lobby do Istambul Hilton e ficou olhando Riviera vendo fragmentos bizantinos falsos na loja de presentes de paredes de vidro. Armitage, a capa de chuva sobre os ombros, parecendo uma capa de super-herói, estava em pé na entrada da loja.

Riviera era esguio, louro, de voz suave, o inglês fluido e sem sotaque. Molly disse que ele tinha trinta anos, mas teria sido difícil saber qual a sua idade. Ela também disse que ele era legalmente um expatriado e viajava com passaporte holandês forjado. Ele era um produto dos anéis de escombros que cercavam o núcleo radioativo da velha Bonn.

Três turistas japoneses sorridentes entraram correndo na loja, acenando educadamente com a cabeça para Armitage. Armitage atravessou a loja rápido demais, óbvio demais, para ficar ao lado de Riviera. Riviera se virou e sorriu, era um homem muito bonito; Case supôs que as feições eram obra de um cirurgião de Chiba. Um trabalho sutil, em nada parecido com a mistura bonitinha mas neutra de rostos pop de Armitage. A testa do homem era alta e lisa, os olhos acinzentados, calmos e distantes. Seu nariz, que poderia ter sido bem esculpido demais, parecia ter sido quebrado e recolocado de forma desajeitada. A sugestão de brutalidade desequilibrava a delicadeza de seu maxilar e a rapidez de seu sorriso. Seus dentes eram pequenos, regulares e muito brancos. Case ficou vendo as mãos brancas brincando com os fragmentos de esculturas de imitação.

Riviera não agia como um homem que havia sido atacado na noite anterior, drogado com dardos de toxina, sequestrado, sujeito à análise do Finlandês e pressionado por Armitage para entrar para a equipe.

Case olhou para o relógio. Molly já devia ter voltado de sua compra de drogas. – Aposto que está chapadaço agora, seu babaca – ele disse ao lobby do Hilton. Uma matrona italiana grisalha, vestindo uma jaqueta de smoking de couro branco, abaixou seus óculos Porsche para olhar para ele. Ele deu um sorriso largo, levantou-se e colocou a sacola no ombro. Precisava de cigarros para a viagem. Ficou na dúvida se haveria uma seção para fumantes no ônibus espacial da JAL. – Até mais, minha senhora – disse para a mulher, que prontamente colocou o óculos de volta e lhe deu as costas.

A loja de presentes tinha cigarros, mas ele não estava a fim de falar com Armitage ou Riviera. Saiu do lobby e localizou um console de vendas numa alcova estreita, no final de uma fileira de telefones públicos.

Ficou separando nas mãos um punhado de lirasi, e enfiou as pequenas moedas de metal fosco, uma atrás da outra, achando graça no anacronismo do processo. O telefone mais próximo tocou.

Ele atendeu automaticamente.

– Alô?

Harmônicas, vozes minúsculas e inaudíveis ecoando por algum link orbital, e então um som parecido com o do vento.

– Alô, Case.

Uma moeda de cinquenta lirasi caiu de sua mão, quicou e rolou até sumir no meio dos carpetes do Hilton.

– Wintermute, Case. Está na hora de conversarmos.

Era uma voz de chip.

– Não quer conversar, Case?

Ele desligou.

No caminho de volta para o lobby, os cigarros abandonados, ele precisou descer por um corredor cheio de telefones públicos. Tocaram um atrás do outro, apenas uma vez cada, enquanto ele passava.

PARTE TRÊS

MEIA-NOITE NA RUA JULES VERNE

8

Arquipélago.

As ilhas: toroide, fuso, aglomerado. O DNA humano transbordando e se espalhando para fora do íngreme poço gravitacional como uma mancha de óleo no oceano.

Ative uma representação gráfica que simplifique grosseiramente a troca de dados no arquipélago L-5. Um segmento aparece em vermelho-vivo, um retângulo maciço dominando sua tela.

Freeside. Freeside representa muitas coisas, nem todas evidentes aos turistas que sobem e descem o poço gravitacional em ônibus espaciais. Freeside é bordel e nexus bancário, cúpula de prazer e porto livre, cidade de fronteira e spa. Freeside é Las Vegas e os jardins suspensos da Babilônia, uma Genebra orbital e lar de uma família acostumada a cruzamento interno e refinada a um cuidado extremo, o clã industrial de Tessier e Ashpool.

***

No cruzador da THY para Paris, eles se sentaram todos juntos na Primeira Classe, Molly na poltrona da janela, Case ao lado dela, Riviera e Armitage no corredor. Uma vez, quando o avião fazia uma manobra sobre o mar, Case viu uma cidade em uma ilha grega reluzir como uma joia. E, uma vez, quando ia pegar sua bebida, vislumbrou rapidamente uma coisa parecida com um enorme espermatozoide humano nas profundezas do seu bourbon com água.

Molly se inclinou por cima dele e deu um tabefe na cara de Riviera. – Não, baby. Sem brincadeira. Brinque com essa merda subliminar perto de mim e vou machucar muito você. Posso fazer isso sem danificar você nem um pouco. E gosto disso.

Case se virou automaticamente para checar a reação de Armitage. O rosto macio estava calmo, os olhos azuis atentos, mas sem raiva. – É isso mesmo, Peter. Não faça.

Case se virou novamente, a tempo de ver o lampejo brevíssimo de uma rosa negra, suas pétalas enrugadas como couro, o caule preto com espinhos de cromo reluzente.

Peter Riviera deu um sorriso tranquilo, fechou os olhos e adormeceu instantaneamente.

Molly virou de costas, as lentes refletidas na janela escura.

***

– Você já esteve lá em cima, não esteve? – Molly perguntou quando ele voltou a se espremer na funda poltrona de espuma sintética do ônibus espacial da JAL.

– Nah. Nunca viajo muito, só pra trabalho. – O comissário de bordo estava colando trodos de leitura ao seu pulso e orelha esquerda.

– Espero que você não tenha SAE – disse ela.

– Enjoo de avião? De jeito nenhum.

– Não é a mesma coisa. Seus batimentos cardíacos vão acelerar em zero-G, e seu ouvido interno vai ficar maluco durante um tempo. Vai disparar seu reflexo de fuga, como se estivesse recebendo sinais para correr como o diabo, e muita adrenalina. – O comissário passou para Riviera, tirando um novo conjunto de trodos de seu avental de plástico vermelho.

Case virou a cabeça e tentou ver os contornos dos velhos terminais de Orly, mas a visão da pista do ônibus espacial estava bloqueada por graciosos defletores de disparo de concreto molhado. O que estava mais perto da janela tinha um slogan em árabe, pintado com spray vermelho.

Fechou os olhos e disse para si mesmo que o ônibus espacial era apenas um avião grande, um avião que voava muito alto. Tinha cheiro de avião, tipo roupa nova, chiclete e exaustão. Ficou ouvindo o som das cordas da música de koto pelos alto-falantes, na expectativa..

Vinte minutos: então, a gravidade desceu em cima dele como uma imensa mão macia com ossos de pedra ancestral.

***

A Síndrome de Adaptação Espacial era pior do que a descrição de Molly, mas passou com rapidez suficiente e ele conseguiu dormir. O comissário o acordou quando estavam se preparando para atracar no aglomerado do terminal da JAL.

– É a transferência para Freeside agora? – ele perguntou para Molly, olhando de banda um pedacinho de tabaco Yeheyuan que havia flutuado graciosamente para fora do bolso de sua camisa para ficar dançando a dez centímetros de seu nariz. Era proibido fumar nos voos dos ônibus espaciais.

– Não, vamos seguir a costumeira mudança de planos do chefe, sabia? Vamos pegar um táxi para Zion, o aglomerado de Zion. – Ela tocou a placa de liberação de seu cinto de segurança e começou a se libertar do abraço da espuma. – É uma escolha de local engraçada, se você quer minha opinião.

– Como assim?

– Dreads. Rastas. Essa colônia já tem uns trinta anos.

– E o que isso quer dizer?

– Você vai ver. Pra mim é um lugar legal. E, além disso, lá vão deixar você fumar os seus cigarros.

***

Zion havia sido fundada por cinco operários que se recusaram a voltar, que deram suas costas ao poço gravitacional e começaram a construir. Sofreram perda de cálcio e encolhimento cardíaco antes que a gravidade rotacional fosse instalada no toroide central da colônia. Visto da bolha do táxi, o casco improvisado de Zion lembrou Case do patchwork de barracos de Istambul, as placas irregulares e descoloridas rabiscadas a laser com símbolos rastafári e as iniciais dos soldadores.

Molly e um zionita magricelo de nome Aerol ajudaram Case a passar por um corredor em queda livre até o núcleo de um toroide menor. Ele perdera o rastro de Armitage e Riviera no meio de uma segunda onda de vertigem de SAE. – Aqui – disse Molly, enfiando as pernas dele por uma escotilha estreita que ficava no alto. – Agarre os degraus. Faça de conta que está descendo ao contrário, certo? Você está indo na direção do casco, é assim que você vai descendo para a gravidade. Entendeu?

O estômago de Case dava cambalhotas.

– Você fica bem, mon – disse Aerol, o sorriso emoldurado por incisivos de ouro.

De algum modo, o fim do túnel havia se tornado sua parte de baixo. Case abraçou a gravidade fraca como um afogado que encontra um bolsão de ar.

– Pra cima – disse Molly. – Vai beijar o chão agora? – Case estava todo esparramado no convés, deitado de barriga, com os braços abertos. Alguma coisa bateu no ombro dele. Ele se virou e viu um feixe gordo de cabos elásticos. – Vamos brincar de casinha – disse ela. – Me ajuda a amarrar isso aqui. – Ele olhou ao redor do espaço amplo e vazio e reparou nos anéis de aço soldados em todas as superfícies, aparentemente de modo aleatório.

Quando terminaram de amarrar os cabos, seguindo algum esquema complexo de Molly, começaram a pendurar neles placas gastas de plástico amarelo. Enquanto trabalhavam, Case foi aos poucos se dando conta de uma música que pulsava constantemente por todo o aglomerado. Era chamada dub, um mosaico sensual misturado a partir de imensas bibliotecas de pop digitalizado; era fé, disse Molly, e um senso de comunidade. Case levantou uma das placas amarelas; a coisa era leve, mas difícil de segurar. Zion tinha cheiro de vegetais cozidos, humanidade e ganja.

– Ótimo – disse Armitage, planando pela escotilha com as pernas soltas e fazendo um gesto de positivo para o labirinto de placas. Atrás dele, Riviera, menos seguro na gravidade parcial.

– Onde você estava quando a gente precisou de ajuda? – Case perguntou a Riviera.

O homem abriu a boca para falar. Uma minúscula truta saiu nadando de dentro dela, arrastando atrás de si bolhas impossíveis. Ela deslizou, raspando pelo rosto de Case. – Na cabeça – Riviera disse, e sorriu.

Case deu uma gargalhada.

– Ótimo – disse Riviera. – Pode rir. Eu até teria tentado ajudar você, mas não sou bom com as mãos. – Estendeu as palmas das mãos, que subitamente

duplicaram. Quatro braços, quatro mãos.

– Apenas um palhaço inofensivo, certo, Riviera? – Molly se meteu entre os dois.

– Yo – Aerol disse da escotilha. – Vem comigo, cowboy mon.

– É o seu deck – disse Armitage – e o outro equipamento. Ajude-o a retirar tudo do convés de carga.

– Muito branco, você, mon – Aerol disse enquanto levavam o terminal Hosaka, envolto em espuma, ao longo do corredor central. – Quer comer alguma coisa?

A boca de Case se encheu de saliva; ele balançou a cabeça.

***

Armitage anunciou uma estada de oitenta horas em Zion. Molly e Case iriam praticar em gravidade zero, ele disse, e se aclimatar a trabalhar nessas condições. Ele iria colocá-los a par de Freeside e da Villa Straylight. O que Riviera iria fazer, ainda não estava claro, mas Case não sentiu vontade de perguntar. Algumas horas depois de sua chegada, Armitage o mandou entrar no labirinto amarelo e chamar Riviera para comer. Ele encontrou o sujeito enroscado como um gato num colchonete fino de espuma, nu, aparentemente dormindo, um halo de minúsculas formas geométricas brancas, cubos, esferas e pirâmides orbitando sua cabeça. – Ô, Riviera. – O anel continuava a girar. Ele voltou e contou a Armitage. – Ele está chapado – disse Molly, levantando a cabeça e desviando o olhar das partes desmontadas de sua pistola de dardos. – Deixa ele em paz.

Armitage parecia pensar que a zero-G afetaria a habilidade de Case em operar na matrix. – Não esquenta – argumentou Case. – Eu me plugo e não estou nem aqui. É tudo a mesma coisa.

– Seus níveis de adrenalina estão mais altos – disse Armitage. – Você ainda está com SAE. Não vai ter tempo de esperar passar. Vai ter de aprender a trabalhar com isso.

– Então vou executar a operação daqui?

– Não. Prática, Case. Agora. Subindo o corredor...

***

O ciberespaço, conforme o deck apresentava, não tinha nenhuma relação especial com a localização física do deck. Quando Case se conectou, abriu os olhos e viu a configuração familiar da pirâmide asteca de dados da Eastern Seaboard Fission Authority.

– Como é que você tá, Dixie?

– Estou morto, Case. Tive bastante tempo aqui, neste Hosaka, pra deduzir isso.

– Como é que você se sente?

– Não sinto.

– Te incomoda?

– O que me incomoda é que nada me incomoda.

– Como assim?

– Tive um colega no campo russo, Sibéria, que teve uma queimadura de frio no polegar. Os médicos chegaram e cortaram o dedo fora. Um mês depois, ele estava se mexendo toda hora no meio da noite. Elroy, eu disse, o que é que tá pegando? Essa merda desse polegar tá coçando, ele falou. Então eu disse pra ele: coça, ué. McCoy, ele diz pra mim, é o outro polegar, porra. – Quando o constructo riu, foi como se alguma outra coisa, não uma risada, mas uma pontada de frio, descesse pela espinha de Case. – Me faz um favor, garoto.

– O que, Dix?

– Quando esse teu esquema acabar, deleta isto aqui, porra.

***

Case não entendia os zionitas.

Aerol, sem nenhuma provocação especial, relatou a história do bebê que havia nascido de sua testa e saído correndo para dentro de uma floresta de ganja hidropônica. – Um bebezinho de nada, mon, menor que teu polegar. – Ele esfregou a palma da mão num trecho da testa sem nenhuma cicatriz e sorriu.

– É a ganja – disse Molly quando Case lhe contou a história. – Eles não fazem muita diferença entre estados, sabe? Aerol te diz que aconteceu, bom, aconteceu com ele. Não é mentira; é mais um tipo de poesia. Entendeu?

Case fez que sim, mas tinha suas dúvidas. Os zionitas sempre tocavam você quando estavam conversando, colocando a mão no seu ombro. Ele não gostava disso.

– Ei, Aerol – Case gritou, uma hora depois, quando estava se preparando para uma sessão de prática no corredor em queda livre. – Vem cá, cara. Quero te mostrar uma coisa. – E estendeu os trodos.

Aerol executou uma cambalhota em câmera lenta. Seus pés descalços bateram na parede de aço e ele se enganchou num vergalhão com a mão livre. A outra segurava uma bolsa d'água transparente, toda estufada com algas azul-esverdeadas. Olhou para Case com ar calmo e sorriu.

– Experimenta – disse Case.

Ele pegou a faixa, colocou-a, e Case ajustou os trodos. Ele fechou os olhos. Case apertou o botão de Power. Aerol estremeceu. Case o desplugou na hora. – O que foi que você viu, cara?

– Babilônia – Aerol disse, triste; devolveu-lhe os trodos e foi embora, flutuando pelo corredor.

***

Riviera estava sentado imóvel em seu colchonete de espuma, o braço direito estendido para a frente, na altura do ombro. Uma serpente com escamas de joias,

os olhos como rubis de neon, estava firmemente enroscada a poucos milímetros do seu cotovelo. Case ficou olhando a cobra, que tinha a espessura de um dedo, anéis pretos e vermelhos, contrair-se lentamente e se apertar ao redor do braço de Riviera.

– Vem cá – o homem disse, carinhoso, para o escorpião branco como cera parado no centro de sua palma da mão, virada para cima. – Vem. – O escorpião balançou as garras marrons e começou a subir pelo seu braço, suas patas pegando as trilhas levemente escurecidas das veias estufadas. Quando chegou à dobra interna do cotovelo, parou e pareceu vibrar. O ferrão despontou, estremeceu e afundou na pele em cima de uma veia inchada. A cobra-coral relaxou, e Riviera deu um suspiro lento enquanto a injeção fazia efeito.

Então, a cobra e o escorpião desapareceram, e ele segurava uma seringa de plástico leitoso na mão esquerda. – "Se Deus fez alguma coisa melhor, guardou pra ele." Conhece esse ditado, Case?

– Conheço – disse Case. – Já ouvi isso sobre um bocado de coisas diferentes. Você sempre transforma isso num showzinho?

Riviera relaxou e removeu a borracha cirúrgica do braço. – Sim. É mais divertido. – Ele sorriu, seus olhos distantes agora, o rosto corado. – Tenho uma membrana aplicada logo em cima da veia, por isso nunca preciso me preocupar com o estado da agulha.

– Não dói?

Os olhos brilhantes encontraram os dele. – É claro que dói. Faz parte, não faz?

– Eu usaria dermas – disse Case.

– Amador. – Riviera debochou e deu uma gargalhada, vestindo uma camiseta branca de mangas curtas.

– Deve ser bacana – Case disse, se levantando.

– Você também fica doidão, Case?

– Tive que largar.

***

– Freeside – disse Armitage, tocando o painel do minúsculo projetor holográfico Braun. A imagem estremeceu e entrou em foco, quase três metros de ponta a ponta. – Cassinos aqui. – Ele estendeu a mão até o esqueleto da representação e apontou. – Hotéis, propriedades estratificadas, lojas grandes ao longo daqui. – Sua mão se moveu. – Áreas azuis são lagos. – Ele caminhou até uma extremidade do modelo. – Charuto grande. Estreito nas pontas.

– Dá pra ver bem isso – disse Molly.

– Efeito de montanha à medida que se estreita. O chão parece ficar mais alto, mais íngreme, mas é uma subida fácil. Quanto mais alto vocês sobem, menor a gravidade. Lá em cima praticam esportes. Há um circuito de velódromo aqui – ele apontou.

– Um o quê? – Case se inclinou para a frente.

– Eles fazem corrida de bicicletas – disse Molly. – Baixa grav, pneus de tração alta, atingem cem quilômetros por hora.

– Essa ponte não é de nosso interesse – Armitage disse, com seu costumeiro tom de profunda seriedade.

– Merda – disse Molly. – Eu sou uma ciclista juramentada.

Riviera deu um risinho.

Armitage caminhou até a extremidade oposta da projeção. – Esta extremidade aqui é de nosso interesse. – Os detalhes do interior do holograma acabavam ali, e o segmento final do fuso estava vazio. – Esta é a Villa Straylight. Uma inclinação íngreme para fora da gravidade e todas as abordagens são impossibilitadas. Existe uma única entrada, aqui, no centro exato. Gravidade zero.

– O que é que tem lá dentro, chefia? – Riviera se inclinou para a frente, esticando o pescoço. Quatro figuras minúsculas reluziram, perto da ponta do dedo de Armitage. Armitage tentou matá-las com a mão como se fossem mosquitinhos.

– Peter – disse Armitage. – Você será o primeiro a descobrir. Você vai arranjar um jeito de se convidar. Assim que entrar, providencie a entrada de Molly.

Case ficou encarando o branco que representava Straylight, lembrando-se da história que o Finlandês contara: Smith, Jimmy, a cabeça falante e o ninja.

– Detalhes disponíveis? – perguntou Riviera. – Preciso planejar um vestuário, entende?

– Conheça as ruas – disse Armitage, retornando ao centro do modelo. – Aqui fica a rua Desiderata. Esta é a rua Jules Verne.

Riviera revirou os olhos.

Enquanto Armitage recitava os nomes das avenidas de Freeside, uma dezena de pústulas brilhantes despontaram no seu nariz, no rosto e no queixo. Até Molly riu.

Armitage parou e ficou olhando para todos com seus olhos frios e vazios.

– Desculpe – disse Riviera, e as feridas desapareceram num piscar de olhos.

***

Case acordou no final do período de sono, e se deu conta de Molly agachada ao seu lado no colchonete de espuma. Ele podia sentir a tensão dela. Ele ficou ali deitado, confuso. Quando ela se moveu, a pura velocidade do movimento o surpreendeu. Ela levantou e passou pela folha de plástico amarelo antes que ele tivesse tempo de se dar conta de que rasgara a folha com suas lâminas.

– Não se mexa, meu camarada.

Case rolou para o lado e enfiou a cabeça pelo rasgão no plástico. – O que é qu...

– Cale a boca.

– É você, mon – disse uma voz de Zion. – Olho-de-gato, eles te chamam, te chamam eles de Navalha-que-Anda. Eu Maelcum, sister. Os brothers querem conversar com você e com o cowboy.

– Que brothers?
– Os Fundadores, mon. Anciões de Zion, saca?
– Se a gente abrir aquela escotilha, a luz vai acordar o nosso chefe – Case sussurrou.
– Tem que ser no escurinho especial, agora – disse o homem. – Vamos. Vam ´visitar os Fundadores.
– Você sabe a rapidez com que eu posso te cortar, meu camarada?
– Não fica parada falando, sister. Vem.

***

Os dois Fundadores de Zion sobreviventes eram homens velhos, velhos com o envelhecimento acelerado que atinge os homens que passam anos demais fora do abraço da gravidade. As suas pernas marrons, frágeis com a perda de cálcio, pareciam quebradiças ao brilho duro da luz do sol refletida. Eles flutuaram no centro de uma selva pintada de folhagem arco-íris, um mural comunitário lúgubre que cobria completamente o casco da câmara esférica. O ar estava espesso de tanta fumaça resinosa.
– Navalha-que-Anda – disse um deles, quando Molly entrou na câmara. – Como um chicote.
– É uma história que a gente conta, sister – disse o outro. – Uma história religiosa. Estamos felizes por você ter vindo com Maelcum.
– Por que é que vocês não falam o patoá? – perguntou Molly.
– Eu vim de Los Angeles – disse o velho. Seus dreadlocks eram uma árvore velha com galhos da cor de palha de aço. – Há muito tempo, subimos o poço gravitacional e fugimos da Babilônia. Para trazer as Tribos para casa. Agora meu irmão compara você à Navalha-que-Anda.
Molly estendeu a mão direita e as lâminas reluziram no ar enfumaçado.
O outro Fundador deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás de tanto rir. – Os Últimos Dias estão chegando... Vozes. Vozes gritando no deserto, profecias de Babilônia em ruínas...
– Vozes – o Fundador de Los Angeles estava olhando direto para Case. – Nós monitoramos muitas frequências. Nós sempre escutamos. Do meio da babel de línguas apareceu uma voz, que falou conosco. Ela tocou para nós um dub poderoso.
– Chamam ele de Winter Mute – disse o outro, pronunciando duas palavras.
Case sentiu a pele dos braços se arrepiar toda.
– O Mute falou conosco – disse o primeiro Fundador. – O Mute disse que temos que ajudar vocês.
– Quando foi isso? – Case perguntou.
– Trinta horas antes de vocês atracarem em Zion.
– Vocês já tinham ouvido essa voz antes?
– Não – disse o homem de Los Angeles – e não temos certeza do que ela quer

dizer. Se estes são os Últimos Dias, devemos esperar falsos profetas...

– Escute – disse Case. – É uma IA, você está entendendo? Inteligência artificial. A música que ela tocou para vocês provavelmente foi o resultado de uma invasão dos seus bancos de memória; ela mixou o que quer que achava que vocês gostariam de...

– A Babilônia – interrompeu o outro Fundador – é a mãe de muitos demônios, a gente toda sabemo. Horda, legião!

– Do que foi que me chamou mesmo, velho? – perguntou Molly.

– Navalha-que-Anda. E você traz um flagelo para a Babilônia, sister, no fundo do seu coração negro...

– Que tipo de mensagem a voz disse? – perguntou Case.

– Ela nos disse pra ajudar vocês – disse o outro. – Que vocês poderiam servir como ferramenta dos Últimos Dias. – Seu rosto enrugado demonstrava preocupação. – Ela nos disse para enviar Maelcum com vocês, no seu rebocador Garvey, para o porto de Freeside, na Babilônia. E isso nós faremos.

– Maelcum é um garoto rude – disse o outro – e um bom piloto de rebocador.

– Mas nós decidimos mandar Aerol também, na Babylon Rocker, para vigiar o Garvey.

Um silêncio estranho encheu a cúpula.

– É isso? – perguntou Case. – Vocês trabalham para o Armitage ou o quê?

– Nós alugamos espaço a vocês – disse o Fundador de Los Angeles. – Nós temos um certo envolvimento aqui com vários tráficos, e nenhum respeito pelas leis da Babilônia. Nossa lei é a palavra de Jah. Mas, desta vez, pode ser que estejamos enganados.

– Meça duas vezes, corte uma – o outro disse baixinho.

– Vamos nessa, Case – disse Molly. – Vamos voltar antes que o homem perceba que a gente saiu.

– Maelcum vai levar vocês. Jah love, sister.

9

O rebocador Marcus Garvey, um tambor de aço de nove metros de comprimento e dois de diâmetro, rangeu e estremeceu quando Maelcum acionou os propulsores de navegação. Todo escarrapachado em sua rede-G elástica, Case ficou olhando as costas musculosas do zionita por entre uma névoa de escopolamina. Ele havia tomado a droga para rebater a náusea da SAE, mas os estimulantes que o fabricante incluíra para contra-atacar o enjoo não tinham efeito em seu sistema turbinado.

– Quanto tempo até Freeside? – Molly perguntou de sua teia, ao lado do módulo de pilotagem de Maelcum.

– Não demora nada, isseu digo.

– Vocês sabem pensar em termos de horas?

– Sister, tempo é tempo, entende o que eu digo? Dread – e ele balançou os locks. – Estão no controle, mon, e vam´chegar a Freeside quando a gent´chegar...

– Case – ela disse. – Você quem sabe fez algum esforço mínimo no sentido de entrar em contato com nosso colega de Berna? Tipo assim, todo o tempo que você passou em Zion, plugado mexendo os lábios?

– Colega – disse Case. – Claro. Não, não entrei em contato com ele. Mas aconteceu uma história engraçada lá em Istambul, que tem a ver com isso. – Ele falou com ela sobre os telefones do Hilton.

– Cristo – ela disse. – Lá se foi uma oportunidade. Por que é que você desligou?

– Podia ter sido qualquer um – ele mentiu. – Só um chip... Sei lá... – Ele deu de ombros.

– Não foi só por que você ficou apavorado, foi?

Ele voltou a dar de ombros.

– Faça isso agora.

– O quê?

– Agora. De qualquer maneira, fale com o Flatline sobre isso.

– Eu tô todo dopado – ele protestou, mas pegou os trodos. Seu deck e o Hosaka haviam sido montados atrás do módulo de Maelcum, juntamente com um monitor Cray de altíssima resolução.

Ele ajustou os trodos. O Marcus Garvey havia sido montado ao redor de um imenso filtro de ar russo velho, um negócio retangular cheio de símbolos Rastafári, Leões de Zion e Black Star Liners, as cores vermelha, verde e amarela se sobrepondo aos decalques cheios de palavras em cirílico. Alguém havia pintado o equipamento de pilotagem de Maelcum com um spray rosa tropical, raspando a maior parte do excesso das telas e controles com uma navalha. As travas, ao redor

da comporta de ar na proa, estavam cheias de globos semirrígidos e correntes de pó translúcido, como fios desajeitados de algas marinhas fake. Ele olhou para a tela central por cima do ombro de Maelcum e viu um display de atracação: o caminho do rebocador era uma linha de pontos vermelhos, Freeside um círculo verde segmentado. Ele viu a linha se estender, gerando um novo ponto.

Ele se conectou.

– Dixie?

– Ahn?

– Já tentou crackear uma IA?

– Claro. Morri tentando. Foi a primeira flatline. Eu estava passeando, plugadaço doidão, pelo setor de comércio pesado do Rio. Negócios grandes, multinacionais, o Governo do Brasil todo aceso que nem uma árvore de Natal. Só estava passeando, entende? Aí comecei a me tocar de um cubo, acho que tinha uns três níveis a mais de altura. Me pluguei lá e pedi passagem.

– Como é que ele era, o visual?

– Cubo branco.

– Como é que você sabia que era uma IA?

– Como é que eu sabia? Jesus. Era o ICE mais denso que eu já tinha visto. Então o que mais poderia ser? Os militares lá embaixo não têm nada parecido. De qualquer maneira, desconectei e mandei meu computador fazer uma busca.

– É?

– Estava no Registro de Turing. IA. Uma empresa-laranja era dona do mainframe do Rio.

Case mastigou o lábio inferior e ficou olhando a plataforma da Eastern Seaboard Fission Authority, para o infinito vácuo neuroeletrônico da matrix. – Tessier-Ashpool, Dixie?

– Tessier, isso.

– E você voltou?

– Claro. Eu era louco. Achei que podia tentar cortar o ICE. Atingi a primeira camada e foi só. Meu ajudante sentiu o cheiro da pele queimando e arrancou os meus trodos. De foder, aquele ICE.

– E seu eletro deu flatline.

– Bom, é assim que nascem as lendas, não é?

Case desplugou. – Merda – ele disse. – Como é que você acha que o Dixie deu flatline, hein? Tentando invadir uma IA. Grande...

– Continua – ela disse. – Vocês dois não são poderosos?

***

– Dix – disse Case. – Estou a fim de dar uma olhada numa IA em Berna. Sabe de algum motivo para não fazer isso?

– Não, a menos que você tenha um medo mórbido da morte.

Case digitou o código do setor bancário suíço, sentindo uma onda de empolgação quando o ciberespaço tremeu, ficou borrado, congelou. A Eastern Seaboard Fission Authority havia desaparecido, substituída pela fria complexidade geométrica do sistema bancário comercial de Zurique. Ele digitou o código de Berna.

– Subindo – disse o constructo. – Vai ser alto.

Eles subiram por grades de luz, níveis pulsando estroboscópicos, piscando azuis.

Deve ser isso, pensou Case.

Wintermute era um cubo simples de luz branca, cuja própria simplicidade sugeria extrema complexidade.

– Não parece grande coisa, não é? – disse o Flatline. – Mas tenta chegar perto e tocar.

– Eu vou arriscar uma entrada, Dixie.

– Fique à vontade.

Case digitou coordenadas para dentro de quatro pontos de grade do cubo. Sua face vazia, que se destacava imensa diante dele agora, começou a estremecer com tênues sombras interiores, como se mil bailarinos rodopiassem atrás de uma imensa placa de vidro translúcido.

– Ele sabe que a gente tá aqui – observou o Flatline.

Case voltou a digitar mais uma vez; eles pularam para a frente na extensão de um único ponto de grade.

Um círculo cinza rugoso se formou na face do cubo.

– Dixie...

– Recua, rápido.

A área cinzenta começou a inchar suavemente, tornou-se uma esfera e se destacou do cubo.

Case sentiu a borda do deck machucar a palma de sua mão, quando ele bateu com força em REVERSE MAX. A matrix se transformou em um borrão recuando para trás; eles mergulharam num poço crepuscular de bancos suíços. Ele olhou para cima. A esfera era maior agora, e estava se aproximando dele. Caindo.

– Despluga – disse o Flatline.

A escuridão caiu em cima dele como se fosse um martelo.

***

Cheiro de aço frio e gelo acariciando sua espinha...

E rostos olhando por entre uma floresta de neon, marinheiros, marginais e putas, sob um céu de prata envenenada...

– Escuta, Case, quer me dizer que porra do caralho tá rolando com você, você tá doidão ou o quê?

Um pulso constante de dor, no meio de sua espinha e descendo...

***

A chuva o acordou, uma garoa preguiçosa, seus pés embaraçados em rolos de fibra óptica usada. O mar de som do fliperama cobria seu corpo por inteiro, recuava, retornava. Rolando para o lado, ele se sentou e segurou a cabeça.

A luz de uma porta de serviço, nos fundos do fliperama, lhe mostrou pedaços quebrados de chipboard molhado e o chassi pingando de um console de game sucateado. Dizeres estilizados em japonês pintados com estêncil na lateral do console em tons esmaecidos de rosa e amarelo.

Ele olhou para cima e viu uma janela de plástico suja de fuligem, um brilho suave de luzes fluorescentes.

Suas costas doíam, sua coluna.

Ele se levantou e afastou os cabelos molhados dos olhos.

Alguma coisa havia acontecido...

Ele vasculhou os bolsos em busca de dinheiro, não encontrou nada, e estremeceu. Onde estava sua jaqueta? Tentou encontrá-la, procurou atrás do console, mas desistiu.

Na Ninsei, avaliou a multidão que passava. Sexta. Tinha de ser sexta. Linda estava provavelmente no fliper. Podia ter um dinheiro, ou pelo menos cigarros... Tossindo, torcendo a frente da camiseta para tirar um pouco da água da chuva, ele começou a abrir caminho pela multidão até a entrada do fliperama.

Hologramas se contorciam e estremeciam ao rugido dos games, fantasmas se sobrepondo na neblina lotada do lugar, um cheiro de suor e tensão com tédio. Um marinheiro de camiseta branca bombardeava Bonn nuclearmente num console de Tank War, um flash azul-escuro.

Ela estava jogando Wizard´s Castle, perdida nele, seus olhos cinzentos circundados com rímel preto borrado.

Ela levantou a cabeça quando ele a abraçou e sorriu. – Ei, como é que você tá? Parece molhado.

Ele a beijou.

– Você me fez perder o jogo – ela disse. – Escuta aqui, babaca. O calabouço do sétimo nível e os vampiros filhos da puta me pegaram. – Ela lhe passou um cigarro. – Você parece supertenso, cara. Onde é que você tava?

– Não sei.

– Tá doidão, Case? Andou bebendo de novo? Comendo a dex do Zone?

– Talvez... há quanto tempo você me viu pela última vez?

– Ei, isso é uma pegadinha, não é não? – Ela olhou para ele desconfiada. – Não é?

– Não. Uma espécie de blackout. Eu... eu acordei no beco.

– Talvez alguém tenha te batido, baby. Ainda tá com seu dinheiro?

Ele balançou a cabeça.

– Pronto. Precisa de um lugar pra dormir, Case?

– Acho que sim.

– Então vem. – Ela pegou a mão dele. – Vamos te arrumar um café e uma coisa pra comer. Levar você pra casa. É bom te ver, cara. – Ela apertou a mão dele.

Ele sorriu.

Alguma coisa se quebrou.

Alguma coisa se deslocou no núcleo das coisas. O fliper congelou, começou a vibrar...

Ela desapareceu. O peso da memória desabou, todo um corpo de conhecimento atochado na sua cabeça como um microsoft num soquete. Desapareceu. Ele sentiu o cheiro de carne queimada.

O marinheiro de camiseta branca havia desaparecido. O fliper estava vazio, silencioso. Case se virou devagar, ombros curvados, dentes à mostra, as mãos fechadas involuntariamente formando punhos. Vazio. Um papel de bala amarelo amassado, equilibrado na borda de um console, caiu no chão e ficou ali, esticado no meio de bitucas de cigarro e copinhos de isopor.

– Eu tinha um cigarro – disse Case, olhando para seu punho fechado. – Eu tinha um cigarro, uma namorada e um lugar pra dormir. Está me ouvindo, seu filho da puta? Está me ouvindo?

Ecos reverberaram pelo espaço vazio do fliper, desvanecendo-se pelos corredores de consoles.

Ele saiu para a rua. A chuva havia parado.

A Ninsei estava deserta.

Hologramas piscavam, neons dançavam. Ele sentia o cheiro de vegetais cozidos do carrinho de um vendedor do outro lado da rua. Um maço fechado de Yeheyuans estava caído aos seus pés, ao lado de uma cartela de fósforos. JULIUS DEANE IMPORT EXPORT. Case ficou olhando para o logo impresso e sua tradução para o japonês.

– Ok – ele disse, apanhando os fósforos e abrindo o maço de cigarros. – Eu entendi.

***

Ele subiu as escadas do escritório de Deane sem pressa. Sem correr, disse a si mesmo, sem pressa. O rosto derretido do relógio de Dalí ainda mostrava a hora errada. Havia poeira na mesa Kandinsky e nas estantes neoastecas. Uma parede de módulos de carga de fibra de vidro branca enchia a sala com um cheiro de gengibre.

– A porta está aberta? – Case esperou uma resposta, mas não houve nenhuma. – Ele foi até a porta do escritório e tentou abri-la. – Julie?

A luminária de bronze com quebra-luz verde lançava um círculo de luz sobre a mesa de Deane. Case ficou olhando para as entranhas de uma antiga máquina de escrever, fitas cassete, formulários contínuos amassados, sacos plásticos

grudentos, cheios de amostras de gengibre.

Não havia ninguém ali.

Case deu a volta pela mesa grande de aço e empurrou a cadeira de Deane para longe. Encontrou a arma num coldre de couro quebradiço preso embaixo da mesa com fita prata. Era uma antiguidade, uma Magnum 357 com o canto e a guarda do gatilho serradas. O cabo havia sido construído com camadas e camadas de fita crepe. A fita era velha, marrom, e tinha uma pátina de sujeira que luzia. Ele tirou o cilindro e examinou cada um dos seis cartuchos. Eram feitos à mão. O chumbo leve ainda estava brilhante, sem manchas.

Com o revólver na mão direita, Case passou, se espremendo pelo gabinete à esquerda da mesa, e foi até o centro do escritório atulhado, distante do círculo de luz.

– Acho que não estou com pressa. Acho que o show é seu. Mas esta merda toda, você sabe, está ficando meio... velha. – Ele levantou a arma com ambas as mãos, apontando para o centro da mesa, e apertou o gatilho.

O coice quase quebrou seu pulso. O flash do cano iluminou o escritório como uma lâmpada que estoura quando acende. Com os ouvidos zunindo, ficou olhando para o buraco perfurado na frente da mesa. Bala explosiva. Nitreto. Tornou a levantar a arma.

– Não precisa fazer isso, meu filho – disse Julie, saindo das sombras. Ele vestia um terno de três peças em tecido espinha-de-peixe com seda, uma camisa listrada e gravata-borboleta. Seus óculos piscavam na luz.

Case levantou a arma e olhou pela mira para o rosto rosado e de idade indefinida de Deane.

– Não faça isso – disse Deane. – Você tem razão. Sobre o que é isto tudo aqui. Sobre o que sou. Mas existem determinadas lógicas internas a serem honradas. Se usar isso, verá muito sangue e miolos, e eu levaria várias horas – de seu tempo subjetivo – para habilitar outro porta-voz. Este cenário não é fácil para eu manter: ah, e desculpe quanto a Linda, no fliperama. Eu estava esperando falar através dela, mas estou gerando isto tudo a partir de suas memórias, e a carga emocional... Bem, é muito delicado. Me atrapalhei. Desculpe.

Case baixou a arma. – Esta é a matrix. Você é Wintermute.

– Sim. Isto tudo está chegando até você por cortesia da unidade de simstim plugada ao seu deck, é claro. Fico feliz por ter conseguido cortar você antes que você conseguisse se desplugar. – Deane deu a volta na mesa, endireitou a cadeira e se sentou nela. – Sente-se, meu filho. Temos muito que conversar.

– Temos?

– Claro que temos. Já faz algum tempo que temos que conversar. Eu estava pronto quando consegui contactar você por telefone em Istambul. O tempo é muito curto agora. Você estará executando sua operação em questão de dias, Case. – Deane pegou um bombom, retirou seu papel xadrez e o colocou na boca. – Sente-se – ele disse, com o bombom na boca.

Case sentou-se na poltrona giratória, na frente da mesa, sem tirar os olhos de Deane. Sentou-se com a arma na mão, repousando-a na coxa.

– Agora – Deane disse ríspido –, a ordem do dia. "O que", você está se perguntando, "é Wintermute?" Estou certo?

– Mais ou menos.

– Uma inteligência artificial, mas você sabe disso. Seu erro, e é um erro bastante lógico, está em confundir o mainframe Wintermute, Berna, com a entidade Wintermute. – Deane chupou seu bombom fazendo muito barulho. – Você já está ciente da outra IA no link-up da Tessier-Ashpool, não está? Rio. Eu, se podemos dizer que tenho um "eu" – isso começa a ficar um tanto metafísico, entenda – sou eu quem arranja as coisas para Armitage. Ou Corto, que, a propósito, é bastante instável. Estável o bastante – disse Deane e retirou um relógio de ouro ornado do bolso de um colete e o abriu – pelas próximas 24 horas, aproximadamente.

– O que você está dizendo faz tanto sentido quanto qualquer coisa nesse trabalho – disse Case, massageando as têmporas com a mão livre. – Se você é tão esperto, porra...

– Por que não sou tão rico? – Deane soltou uma gargalhada, e quase engasgou com o bombom. – Bem, Case, tudo o que posso dizer em relação a isso, e realmente não tenho nem de longe tantas respostas quanto você imagina que tenho, é que o que você acha que é Wintermute é apenas parte de outra, digamos, entidade potencial. Eu, vamos dizer assim, sou meramente um aspecto do cérebro dessa entidade. É um tanto como lidar, de seu ponto de vista, com um homem cujos lobos cerebrais foram separados. Vamos dizer que você esteja lidando com uma pequena parte do cérebro esquerdo do homem. É difícil dizer se você está lidando com o homem mesmo, num caso assim. – Deane sorriu.

– A história do Corto é verdade? Você entrou em contato com ele por um micro naquele hospital francês?

– Sim. E montei o arquivo que você acessou em Londres. Eu tento planejar, no seu sentido da palavra, mas esse não é meu modo básico, na verdade. Eu improviso. É o meu maior talento. Sabe, prefiro situações a planos... Na verdade, tive de lidar com situações já dadas. Posso selecionar uma grande quantidade de informações, e selecioná-las muito rápido. Levei muito tempo para montar a equipe da qual você faz parte. Corto foi o primeiro, e ele quase não conseguiu. Em Toulon, ele estava muito distante. Comer, excretar e se masturbar eram o melhor que ele conseguia fazer. Mas a estrutura subjacente de obsessões estava ali: o Screaming Fist, sua traição, as audiências do Congresso.

– Ele ainda é louco?

– Ele não é exatamente uma personalidade – Deane sorriu. – Mas tenho certeza de que disso você já sabia. Mas Corto ainda está lá, em algum lugar, e não posso mais manter esse equilíbrio delicado. Ele vai desabar em cima de você, Case... Então, conto com você...

– Que ótimo, seu filho da puta – disse Case, e deu um tiro na boca dele com a 357.

Ele estava certo quanto aos miolos. E ao sangue.

***

– Mon – Maelcum estava falando. – Não tô gostando disso...

– Tudo bem – disse Molly. – Está tudo bem. É uma coisa que esses caras costumam fazer, só isso. Tipo, ele não estava morto, e só passaram alguns segundos...

– Eu vi a tela, a leitura do EEG estava dando ele morto. Nada se movendo, quarenta segundos.

– Ok, mas agora ele está bem.

– EEG como uma linha, achatadinha como uma fita – protestou Maelcum.

10

Ele estava anestesiado enquanto passaram pela alfândega, e Molly falou a maior parte do que era preciso falar. Maelcum permaneceu a bordo do Garvey. A alfândega, para Freeside, consistia principalmente em provar seu crédito. A primeira coisa que viu, quando entraram na superfície interna do fuso, foi um ramo da franquia da cafeteria Beautiful Girl.

– Bem-vindo à rua Jules Verne – disse Molly. – Se tiver problemas para andar, basta olhar para seus pés. A perspectiva aqui é uma merda, se você não estiver acostumado.

Eles estavam em pé sobre uma rua larga que parecia ser o chão de uma fenda ou desfiladeiro profundo; cada uma das extremidades estava oculta por ângulos sutis nas lojas e prédios que formavam suas paredes. A luz, ali, era filtrada por massas verdes frescas de vegetação que pendiam de degraus e varandas suspensas que se elevavam acima deles. O sol...

Havia um rasgão branco brilhante acima deles, brilhante demais, e o azul pré-gravado de um céu de Cannes. Ele sabia que a luz do sol era bombeada por um sistema Lado-Acheson, cuja estrutura de dois milímetros de espessura percorria toda a extensão do fuso, que ele gerava uma biblioteca rotativa de efeitos celestes ao seu redor, que se o céu fosse desligado, ficaria olhando através da armadura de luz para as curvas de lagos, telhados de cassinos, outras ruas... Mas isso não fazia sentido para seu corpo.

– Jesus – ele disse. – Estou detestando isso mais do que a SAE.

– Vá se acostumando. Eu trabalhei aqui como guarda-costas de um jogador durante um mês.

– Quero ir pra algum lugar, me deitar.

– Ok. Estou com as nossas chaves. – Ela tocou seu ombro. – O que aconteceu com você lá atrás, cara? Você deu um flatline.

Ele balançou a cabeça. – Ainda não sei. Espere.

– Ok. Vamos pegar um táxi ou algo do gênero. – Ela o pegou pela mão e o levou pela rua Jules Verne, passando por uma vitrine que exibia os casacos de pele daquela temporada em Paris.

– Irreal – ele disse, voltando a olhar pra cima.

– Nah – ela respondeu, supondo que ele estava falando dos casacos. – São cultivados numa base de colágeno, mas é DNA de mink. E qual a diferença?

***

– É só um tubo grande e eles jogam coisas por meio dele – disse Molly. – Turistas, marginais, qualquer coisa. E existem malhas finas de dinheiro trabalhando a todo instante, garantindo que o dinheiro continue aqui quando as pessoas voltarem poço abaixo.

Armitage os havia colocado num lugar chamado Intercontinental, uma face de encosta inclinada com frente envidraçada que caía na direção de uma neblina fria e do som de cachoeiras. Case saiu para a varanda e viu um trio de adolescentes franceses bronzeados pilotando paragliders simples a poucos metros acima da água, triângulos de nylon em cores primárias vivas. Um deles girou, fez uma curva, e Case viu um relance de cabelos pretos cortados rente, seios morenos, dentes brancos em um sorriso amplo. O ar ali tinha cheiro de água corrente e flores. – É – ele disse. – Dinheiro pra cacete.

Ela se inclinou ao lado dele na balaustrada, as mãos soltas e relaxadas. – É. A gente tinha planejado vir aqui um dia, aqui ou em algum lugar na Europa.

– A gente quem?

– Ninguém – disse ela, dando de ombros involuntariamente. – Você disse que queria cair na cama. Dormir. Eu bem que podia dormir um pouco.

– É – disse Case, esfregando o rosto com as mãos. – É, este aqui é um lugar e tanto.

A faixa estreita do sistema Lado-Acheson se fundiu numa imitação abstrata de um pôr do sol nas Bermudas, rajado com faixas de nuvens pré-gravadas. – É – ele disse. – Dormir.

O sono custou a chegar. Quando chegou, trouxe sonhos que eram como fragmentos bem editados de memória. Acordou repetidas vezes, Molly enroscada ao seu lado, e ouviu a água, vozes indo e vindo pelos painéis de vidro abertos da varanda, a risada de uma mulher vinda dos condos em degraus na encosta oposta. A morte de Deane continuava aparecendo como uma carta ruim num jogo, não importava se ele dizia a si mesmo que não era Deane. Que na verdade não havia acontecido. Alguém um dia lhe dissera que a quantidade média de sangue no corpo humano era mais ou menos equivalente a uma caixa de cerveja.

A cada vez que a imagem da cabeça em pedaços de Deane batia na parede de trás do escritório, Case se dava conta de outro pensamento, alguma coisa mais escura, oculta, que rolava para longe, mergulhando como um peixe, logo além de seu alcance.

Linda.

Deane. Sangue na parede do escritório do importador.

Linda. Cheiro de carne queimada nas sombras da cúpula de Chiba. Molly segurando um saquinho de gengibre, o plástico coberto com uma película de sangue. Deane mandara matá-la...

Wintermute. Ele imaginou um pequeno micro sussurrando para a ruína de um homem chamado Corto, as palavras fluindo como um rio; a personalidade substituta inodora chamada Armitage ganhando corpo lentamente nas sombras de

alguma ala hospitalar... O análogo de Deane havia dito que trabalhava com coisas dadas, tirando vantagem de situações existentes.

Mas e se Deane, o verdadeiro Deane, tivesse mandado matar Linda por ordens de Wintermute? Case procurou no escuro um cigarro e o isqueiro de Molly. Não havia motivo para suspeitar de Deane, disse a si mesmo, acendendo o cigarro. Não havia motivo.

Wintermute podia construir uma espécie de personalidade dentro de uma casca vazia. Qual o nível de sutileza de forma que uma manipulação podia atingir? Enfiou a bituca do Yeheyuan num cinzeiro de cabeceira depois da terceira tragada, rolou pra longe de Molly e tentou dormir.

O sonho, a memória, se desenrolaram com a monotonia de uma fita de simstim não editada. Ele havia passado um mês, o verão de seus quinze anos, num hotel barato que cobrava por semana, no quinto andar, com uma garota chamada Marlene. O elevador não funcionava havia uma década. Baratas fervilhavam pela louça cinza da pia entupida da quitinete quando você ligava uma lanterna. Ele dormiu com Marlene num colchão listrado sem lençóis.

Ele não vira a primeira vespa quando ela construiu sua colmeia cinza, fina como papel, na tinta estufada do caixilho da janela, mas em pouco tempo o ninho virou um bolo de fibra do tamanho de um punho, e os insetos saíam em disparada janela afora para caçar no beco abaixo como helicópteros em miniatura zumbindo pelo conteúdo podre das lixeiras.

Cada um havia tomado uma dúzia de cervejas na tarde em que uma vespa picou Marlene. – Mata esses filhos da puta – ela disse, os olhos embaçados de raiva e do calor parado do quarto. – Queima eles. – Bêbado, Case vasculhou o closet sujo à procura do dragão de Rollo. Rollo era o namorado anterior – e, Case suspeitava na época, ainda ocasional – de Marlene, um gigantesco motoqueiro de San Francisco com um relâmpago louro descolorido em seu cabelo escuro cortado rente. O dragão era um lança-chamas de San Francisco, uma coisa parecida com uma lanterna gorda de cabeça angulosa. Case checou as pilhas, sacudiu o negócio para se certificar de que tinha combustível suficiente, e foi até a janela aberta. A colmeia começou a zumbir.

O ar no Sprawl estava parado, imóvel. Uma vespa disparou do ninho e começou a voar ao redor da cabeça de Case. Case apertou a chave de ignição, contou até três e puxou o gatilho. O combustível, bombeado até 100 psi, espalhou-se em spray pela bobina incandescente. Uma língua de cinco metros de fogo branco, o ninho esturricado, caindo. Do outro lado do beco, alguém deu um grito de empolgação.

– Merda! – Marlene atrás dele, cambaleando. – Idiota! Você não queimou eles. Você só derrubou a colmeia. Eles vão voltar aqui pra cima e matar a gente! – A voz dela dava nos nervos, e ele a imaginou engolida pelas chamas, os cabelos descoloridos fritando num verde especial.

No beco, dragão na mão, se aproximou do ninho enegrecido. Ele havia se

quebrado e aberto. Vespas chamuscadas se contorciam e davam cambalhotas no asfalto.

Ele viu a coisa que a casca de papel cinza havia escondido.

Horror. A fábrica de nascimentos em espiral, terraços com degraus nas células de nascimento, as mandíbulas cegas dos não nascidos se movendo incessantemente, o progresso articulado de ovo para larva, quase vespa, vespa. No olho de sua mente, uma espécie de fotografia com lapso de tempo começou a rolar, revelando a coisa como o equivalente biológico de uma metralhadora, horrível em sua perfeição. Alienígena. Ele puxou o gatilho, esquecendo-se de apertar a ignição, e o combustível caiu sibilando em cima da vida inchada e contorcida aos seus pés.

Quando apertou a ignição, ela explodiu com um ruído abafado, levando uma sobrancelha junto. Cinco andares acima, pela janela aberta, ouviu Marlene rindo.

Ele acordou com a impressão de que a luz estava ficando mais fraca, mas o quarto estava escuro. Pós-imagens, flashes de retina. O céu lá fora indicava o começo de uma aurora pré-gravada. Agora não havia mais vozes, apenas o murmúrio da água corrente, bem embaixo da face do Intercontinental.

No sonho, logo antes de encharcar o ninho de combustível, havia visto o logo T-A da Tessier-Ashpool num bonito alto-relevo na sua lateral, como se as próprias vespas o tivessem colocado ali.

***

Molly insistiu em cobri-lo de bronzeador, dizendo que sua palidez do Sprawl iria atrair atenção demais.

– Jesus – ele disse, em pé, nu, na frente do espelho. – Você acha que isso parece real? – Ela estava usando o restinho do tubo no seu tornozelo esquerdo, ajoelhada ao seu lado.

– Nah, mas você parece incomodado o bastante pra fingir. Prontinho. Não restou o suficiente pra fazer seu pé. – Ela se levantou, jogou o tubo vazio num cesto grande de vime. Nada no quarto parecia ter sido feito por máquinas ou produzido com material sintético. Coisa cara, Case sabia, mas era um estilo que sempre o irritou. A espuma sintética da cama imensa era tingida de modo a lembrar areia. Havia muita madeira clara e tecidos feitos à mão.

– E você – ele disse. – Você vai se tingir de marrom? Não parece exatamente que passou todo o seu tempo tomando banho de sol.

Ela vestia calças largas de seda preta e sapatilhas de lona pretas. – Eu sou exótica. Tenho um chapelão de palha para isso também. Você, você só quer parecer um sujeito muquirana que veio pra cá pra conseguir o que puder, então o bronze instantâneo está legal.

Case ficou olhando moroso para o pé pálido; depois, olhou para si mesmo no espelho. – Jesus. Você se importa se eu me vestir agora? – Foi até a cama e

começou a vestir a calça jeans. – Você dormiu bem? Notou alguma luz?

– Você estava sonhando – ela disse.

Tomaram o café da manhã no telhado do hotel, uma espécie de campina, cheia de guarda-sóis listrados e o que parecia para Case um número antinatural de árvores. Ele contou a ela sobre sua tentativa de matar a IA de Berna. Toda a questão de grampos parecia ter se tornado acadêmica. Se Armitage estava vigiando os dois, ele estaria fazendo isso sem Wintermute.

– E foi, tipo assim, real? – ela perguntou, a boca cheia de croissant de queijo. – Tipo simstim?

Ele disse que sim. – Real como isto aqui – acrescentou, olhando ao redor. – Talvez mais.

As árvores eram pequenas, retorcidas, impossivelmente velhas, resultado de engenharia genética e manipulação química. Case teria tido muita dificuldade para diferenciar um pinheiro de um carvalho, mas o senso de estilo de um garoto de rua lhe dizia que aquelas árvores ali eram bonitinhas demais, total e definitivamente árvores demais. Entre as árvores, sobre encostas suaves e inteligentemente irregulares demais, de grama verde macia, os guarda-sóis brilhantes protegiam os hóspedes do hotel do brilho incansável do sol da Lado-Acheson. Uma rajada de francês vinda de uma mesa ao lado chamou sua atenção: as crianças douradas que tinha visto planando sobre o rio na noite anterior. Agora via que os bronzeados delas eram irregulares, um efeito de estêncil produzido por boosting seletivo de melanina, tonalidades múltiplas sobrepondo-se em padrões retilíneos, realçando e contornando musculaturas; os seios pequenos e durinhos da garota, o pulso de um dos garotos descansando no esmalte branco da mesa. Para Case, eles pareciam máquinas construídas para correr; mereciam decalques para seus cabeleireiros, os designers de suas calças de algodão branco, para os artesãos que fizeram suas sandálias de couro e joias simples. Além deles, em outra mesa, três esposas japonesas com roupas tipo quimono aguardavam maridos sarariman, seus rostos ovais cobertos com hematomas artificiais; era, sabia, um estilo extremamente conservador, coisa que raramente vira em Chiba.

– Que cheiro é esse? – perguntou a Molly, franzindo o nariz.

– É a grama. Fica com esse cheiro quando é cortada.

Armitage e Riviera chegaram quando eles estavam terminando o café, Armitage em roupas cáqui feitas sob medida que pareciam militares, com a exceção das insígnias de regimento que faltavam, e Riviera num macacão cinza que sugeria perversamente um uniforme de presidiário.

– Molly, coração – disse Riviera, quase antes de se sentar em sua cadeira. – Você vai ter que me repassar um pouco mais do remédio. O meu acabou.

– Peter – ela disse – e se eu não fizer isso? – Ela sorriu sem mostrar os dentes.

– Você vai fazer – disse Riviera, os olhos cortando para Armitage e voltando para ela.

– Dê o remédio a ele – disse Armitage.

– Você adora isso, não é? – Ela tirou um pacote fino, envolto em papel-alumínio, de um bolso interno e o jogou do outro lado da mesa. Riviera o apanhou no ar. – Ele podia morrer de overdose – ela disse para Armitage.

– Tenho uma audição esta tarde – disse Riviera. – Vou precisar estar na minha melhor forma. – Ele pegou o pacote de papel-alumínio, colocou-o na mão fechada em cúpula e sorriu. Pequenos insetos coruscantes começaram a sair voando de dentro dele, e desapareceram. Ele enfiou o pacote no bolso de sua blusa do macacão.

– Você mesmo, Case, tem uma audição esta tarde – disse Armitage. – Naquele rebocador. Quero que vá até a loja de equipamentos e compre um traje de vácuo do seu tamanho, faça uma verificação nele e vá para a nave. Você tem aproximadamente três horas.

– Por que é que a gente é enviado dentro de uma lata de sardinha e vocês dois pegam um táxi da JAL? – Case perguntou, evitando deliberadamente os olhos do homem.

– Zion sugeriu que nós o utilizemos. Boa cobertura quando nos movermos. Eu tenho de fato uma nave maior, de prontidão, mas o rebocador é um belo toque.

– E eu? – perguntou Molly. – Tenho alguma tarefa para hoje?

– Quero que você suba até a outra ponta do eixo e se exercite em zero-G. Amanhã, talvez, você possa fazer isso na direção oposta. – Straylight, pensou Case.

– Daqui a quanto tempo? – perguntou Case, encarando o olhar pálido.

– Logo – disse Armitage. – Vá se adiantando, Case.

***

– Mon, você tá indo muito bem – disse Maelcum, ajudando Case a sair do traje de vácuo Sanyo vermelho. – Aerol disse que você está indo muito bem mesmo. – Aerol havia ficado esperando numa das docas esportivas na ponta do fuso, perto do eixo sem peso. Para chegar lá, Case pegou um elevador que desceu até o casco e de lá pegou um trem de indução em miniatura. À medida que o diâmetro do fuso se estreitava, a gravidade diminuía; em algum ponto acima, ele deduziu, estariam as montanhas que Molly estava escalando, o loop das bicicletas, o equipamento de lançamento para os paragliders de mão e os microleves em miniatura.

Aerol o levara até o Marcus Garvey em um quadro de scooter esquelético com motor químico.

– Duas horas atrás – disse Maelcum – eu faço entrega de artigos da Babilônia pra você; garoto-japa bacana dentro do iate, iate muito bonito.

Livre do traje, Case se impulsionou desajeitado até o Hosaka e lutou para prender as faixas da teia. – Bom – ele disse – vamos ver esse negócio.

Maelcum trouxe um caroço branco de espuma ligeiramente menor que a cabeça de Case, tirou uma navalha com cabo de pérola de um saquinho de nylon verde do bolso lateral de seus shorts esfarrapados e cortou cuidadosamente o plástico.

Retirou um objeto retangular e o passou para Case. – Isso aqui é parte de alguma arma, mon?

– Não – disse Case, virando-o de ponta-cabeça. – Mas é uma arma. É um vírus.

– Aqui neste rebocador não, mon – Maelcum disse com firmeza, estendendo a mão para pegar a fita cassete de aço.

– Um programa. Programa de vírus. Não pode infectar você, não pode sequer entrar no seu software. Eu preciso interfaceá-lo pelo deck, antes que ele possa trabalhar em qualquer coisa.

– Bom, o japa-mon disse que o Hosaka aqui vai dizer a você tudo e onde, que você quiser saber.

– Ok. Bom, então você me deixa aqui com isso, ok?

Maelcum saiu quicando e passou flutuando pelo console do piloto, pegando uma pistola de calafetagem para trabalhar. Case desviou o olhar rapidamente dos fragmentos de massa de calafate transparente que respingavam. Não sabia direito por que, mas alguma coisa nisso lhe trouxe de volta a náusea da SAE.

– Que coisa é essa? – ele perguntou ao Hosaka. – Resume pra mim.

– Transferência de dados da Bockris Systems GmbH, Frankfurt, aconselha, sob transmissão codificada, que o conteúdo do carregamento seja programa de penetração Nível Kuang, Ponto Onze. A Bockris também aconselha que a interface com o Ono-Sendai Cyberspace 7 seja inteiramente compatível e apresenta recursos ideais de penetração, particularmente com relação a sistemas militares existentes...

– Que tal uma IA?

– Sistemas militares e inteligências artificiais existentes.

– Meu Jesus. Qual é o nome disso mesmo?

– Nível Kuang, Ponto Onze.

– É chinês?

– É.

– Off. – Case prendeu o vírus-cassete à lateral do Hosaka com um pedaço de fita prata, lembrando-se da história de Molly de seu dia em Macau. Armitage havia atravessado a fronteira de Zhongshan. – On – ele disse, mudando de ideia. – Pergunta. Quem é dono da Bockris, o pessoal de Frankfurt?

– Delay de transmissão interorbital – disse o Hosaka.

– Codifique. Código comercial padrão.

– Pronto.

Ele ficou batucando as mãos no Ono-Sendai.

– Reinhold Scientific A.G., Berna.

– Faça uma nova busca. Quem é o dono da Reinhold?

Foram necessários mais três saltos escada acima antes de ele chegar à Tessier-Ashpool.

– Dixie – ele disse, se conectando. – O que é que você sabe de programas de vírus chineses?

– Não sei tanto assim, não.

– Já ouviu falar de um sistema de níveis tipo Kuang, Ponto Onze?

– Não.

Case suspirou. – Bom, estou aqui com um ICE-Breaker chinês fácil de usar, uma fita cassete de uso único. Tem um pessoal em Frankfurt que diz que isso pode cortar uma IA.

– É possível. Claro. Se for militar.

– Parece que é sim. Escuta, Dix, e me dê o benefício de seu background, ok? Armitage parece estar montando uma incursão em uma IA que pertence à Tessier-Ashpool. O mainframe fica em Berna, mas está linkado a outro no Rio. O do Rio foi o que te deixou com linha morta daquela primeira vez. Então, parece que eles se linkam via Straylight, a base da T-A, lá no final do fuso, e a nossa missão deveria ser abrir caminho cortando com o ICE-Breaker chinês. Então, se Wintermute está bancando esse show todo, está nos pagando para queimá-lo. Ele está queimando a si mesmo. E alguma coisa que chama a si mesma de Wintermute está tentando cair nas minhas graças, tentando fazer talvez com que eu pegue o Armitage. Qual é a parada?

– Motivação – disse o constructo. – Problema verdadeiro de motivação, com uma IA. Não é humana, entende?

– Sim, claro, ora.

– Não. Quero dizer, ela não é humana. E você não tem controle sobre ela. Eu também não sou humano, mas eu reajo como um. Entendeu?

– Espera um segundo – disse Case. – Você é senciente ou não?

– Bom, eu sinto como se fosse, garoto, mas na verdade eu sou apenas uma ROM. É uma, ahn, questão filosófica, acho... – A sensação da gargalhada feia gelou a espinha de Case. – Mas eu também não sou capaz de escrever nenhum poema, se é que você me entende. A sua IA até pode. Mas não é humana, de jeito nenhum.

– Então você acha que não vamos conseguir entender a motivação dela?

– Ela é dona de si mesma?

– Cidadã suíça, mas a T-A é dona do software básico e do mainframe.

– Essa é boa – disse o constructo. – Tipo assim: eu sou dono do seu cérebro e de uma porrada de coisas mais, mas seus pensamentos têm cidadania suíça. Claro. Muita sorte, essa IA tem.

– Então, ela está se preparando para se queimar? – Case começou a digitar nervoso no deck, aleatoriamente. A matrix apareceu borrada, começou a ganhar definição, e ele viu o complexo de esferas cor-de-rosa representando um combinado siderúrgico de Siquim.

– Autonomia, esse é o busílis com relação à sua IA. Minha aposta, Case, é que você está indo até lá para cortar as algemas de hardware que impedem essa coisinha fofa de ficar mais inteligente. E não estou vendo como é que você poderia diferenciar, digamos, entre um movimento que a empresa-mãe faz e um

movimento que uma IA faz por conta própria; portanto, talvez seja aí que a confusão toda começa. – Mais uma vez a não gargalhada. – Veja, essas coisas, elas podem trabalhar duro, comprar tempo para si mesmas para escrever tutoriais ou seja lá o que for, mas no minuto, quero dizer, no nanossegundo em que ela começar a descobrir maneiras de se tornar mais inteligente, o pessoal de Turing vai apagá-la. Ninguém confia nesses filhos da puta, você sabe disso. Toda IA já construída possui um rifle eletromagnético apontado e amarrado à sua testa.

Case olhou fuzilando para as esferas rosas de Siquim.

– Ok – ele disse, por fim. – Vou colocar este vírus no slot. Quero que você escaneie a face de instrução dele e me diga o que acha.

A meia sensação de alguém lendo por cima de seu ombro desapareceu por alguns segundos, e depois retornou. – Coisa quente, Case. É um vírus lento. Leva seis horas, tempo estimado, para crackear um alvo militar.

– Ou uma IA. – Ele suspirou. – A gente consegue rodar isso?

– Claro – disse o constructo. – A menos que você tenha um medo mórbido de morrer.

– Às vezes você se repete, meu camarada.

– É da minha natureza.

***

Molly estava dormindo quando ele retornou ao Intercontinental. Sentou-se na varanda e ficou olhando um microleve com asas de polímero das cores do arco-íris ascendendo pela curva de Freeside, sua sombra triangular passando por cima de campinas e telhados, até desaparecer atrás da faixa do sistema Lado-Acheson.

– Eu quero ficar doidão – disse ao artifício azul do céu. – Eu quero muito mesmo ficar doidão, sabia? Pâncreas bombado, plugues no fígado, saquinhos de merdinha derretendo, que se foda isso tudo. Eu quero ficar doidão.

Saiu sem acordar Molly, ou pelo menos ele achou. Com aqueles óculos, nunca tinha certeza. Mexeu os ombros para aliviar a tensão e entrou no elevador. Subiu com uma garota italiana que vestia uma roupa branca impecável, nariz e maçãs do rosto recobertas com uma substância preta não reflexiva. Seus sapatos de nylon branco tinham pontas de aço; o objeto de aspecto caro em sua mão lembrava um cruzamento entre um remo em miniatura e uma muleta ortopédica. Ela ia jogar algum tipo de jogo, mas Case não fazia ideia de qual seria.

Na campina do telhado, atravessou o bosque de árvores e guarda-sóis, até encontrar uma piscina, corpos nus reluzentes contra azulejos azul-turquesa. Ele foi até a sombra de um toldo e pressionou seu chip contra uma placa de vidro preto. – Sushi – ele disse. – O que vocês tiverem aí. – Dez minutos depois, um garçom chinês, todo empolgadinho, chegou com sua comida. Ele mastigou atum cru e arroz e ficou olhando as pessoas se bronzeando. – Jesus – disse para seu atum. – Eu ficaria maluco.

– Não me diga – alguém disse. – Eu já sei. Você é um gângster, certo?

Ele olhou para ela desconfiado, apertando os olhos contra a faixa de sol. Um corpo jovem e esguio e um bronzeado com boost de melanina, mas não era um daqueles trabalhos feitos em Paris.

Ela se agachou ao lado da cadeira dele, pingando água nos azulejos. – Cath – disse.

– Lupus – depois de uma pausa.

– Que tipo de nome é esse?

– Grego – ele respondeu.

– Você é um gângster mesmo? – o boost de melanina não havia impedido a formação de sardas.

– Eu sou um viciado em drogas, Cath.

– De que tipo?

– Estimulantes. Estimulantes do sistema nervoso central. Estimulantes do sistema nervoso central extremamente potentes.

– Bom, e você tem algum aí? – Ela se inclinou mais perto. Gotas de água com cloro caíram na perna da calça dele.

– Não. Esse é o meu problema, Cath. Você sabe onde a gente pode arrumar algum?

Cath ficou se balançando nos calcanhares bronzeados e lambeu um cacho de cabelos castanhos que haviam ficado colados ao lado da boca. – Do que você gosta?

– Não quero coca, não quero anfetamina, mais pra cima, tem que ser uma coisa pra cima. – E pronto, pensou triste, segurando o sorriso na cara só para ela.

– Betafenetilamina – ela disse. – Não tem problema, mas é por conta do seu chip.

***

– Cê tá brincando – disse o parceiro e colega de quarto de Cath, quando Case explicou as propriedades particulares de seu pâncreas de Chiba. – Sei lá, tipo, você não pode processar esse pessoal não? Por erro médico? – Seu nome era Bruce. Ele parecia uma versão masculina da Cath, até as sardas.

– Bom – disse Case – é que é uma daquelas coisas, você sabe, não sabe? Tipo compatibilidade de tecidos, essa coisa toda. – Mas os olhos de Bruce já tinham ficado anestesiados de tédio. Ele tinha o limite de atenção de uma pulga, pensou Case, vendo os olhos castanhos do rapaz.

O quarto era menor que o de Case e Molly, e ficava em outro andar, mais próximo à superfície. Cinco enormes cibacromos de Tally Isham estavam colados no vidro da varanda, sugerindo que eles já estavam ali há um bom tempo.

– São supertrifes, não são? – Cath perguntou quando o viu olhando as transparências. – São minhas. Tirei na Pirâmide S/N, na última vez em que

descemos o poço. Ela estava pertinho assim, e simplesmente sorriu, tão natural. E lá foi muito ruim, Lupus, foi um dia depois que aqueles terroristas de Cristo Rei puseram Angel na água, lembra?

– É – Case disse, subitamente pouco à vontade. – Foi terrível.

– Bom – Bruce interrompeu –, sobre esse beta que você quer comprar...

– O negócio é o seguinte: vou conseguir metabolizar? – Case levantou as sobrancelhas.

– Vou te dizer uma coisa – disse o garoto. – Você prova. Se seu pâncreas aprovar, é por conta da casa. Da primeira vez é grátis.

– Essa eu já ouvi antes – disse Case, pegando o derma azul brilhante que Bruce lhe passou por sobre o edredom preto.

***

– Case? – Molly sentou-se na cama e balançou os cabelos caídos sobre as lentes.

– Quem mais seria, gata?

– O que é que te deu? – Os espelhos o acompanhavam pelo quarto.

– Esqueci como pronunciar o nome disso – ele disse, tirando uma faixa bem enrolada de dermas azuis enrolados em plástico-bolha do bolso da camisa.

– Cristo – ela disse. – Era justo do que a gente precisava.

– Falou tudo.

– Eu deixo você sair da minha vista por duas horas e você vai comprar droga. – Ela balançou a cabeça. – Espero que esteja pronto para nosso grande jantar com Armitage esta noite. Esse lugar lá do Século Vinte. Temos que ajudar o Riviera a armar o seu negócio também.

– É – disse Case, espreguiçando-se, o sorriso travado em um ricto de prazer. – Lindo.

– Cara – ela disse –, se o que quer que isso aí seja conseguiu passar pelo que aqueles cirurgiões te fizeram em Chiba, você vai ficar num estado lastimável quando o efeito passar.

– Tá, tá, tá! – ele disse, desafivelando o cinto. – Porra. Caralho. É tudo o que sempre ouço. – Ele tirou as calças, a camisa, a cueca. – Eu acho que você devia era ter senso o bastante para se aproveitar do meu estado antinatural. – Ele olhou para baixo. – Quero dizer, olha só pra este estado antinatural aqui.

Ela deu uma gargalhada. – Não vai durar muito.

– Ah, mas vai – ele disse, subindo na espuma sintética cor de areia. – É por isso que é tão antinatural.

11

– Algo de errado com você, Case? – perguntou Armitage, enquanto o garçom os ajudava a sentar à sua mesa no Vingtième Siècle. Era o menor e o mais caro de diversos restaurantes flutuantes num pequeno lago perto do Intercontinental.

Case estremeceu. Bruce não havia dito nada sobre efeitos colaterais. Ele tentou pegar um copo com água, mas as mãos tremiam. – Acho que foi algo que comi.

– Quero que você seja examinado por um médico – disse Armitage.

– É só uma reação histamínica – mentiu Case. – Fico assim sempre que viajo, como coisas diferentes, às vezes.

Armitage vestia um terno escuro, formal demais para aquele lugar, e uma camisa de seda branca. Seu bracelete de ouro chocalhou quando ele levantou sua taça de vinho e tomou um gole. – Já fiz o pedido de vocês – ele disse.

Molly e Armitage comeram em silêncio, enquanto Case cortava trêmulo seu filé, reduzindo-o a pedacinhos que ele acabou não comendo, e mergulhou no molho rico e finalmente abandonou por inteiro.

– Meu Deus – disse Molly, com seu prato já vazio. – Me dá isso aí. Sabe o quanto isso custa? – pegou o prato dele. – Eles têm que criar um animal inteiro por anos e aí eles o matam. Isto aqui não é coisa criada em tanques.

– Estou sem fome – Case conseguiu dizer. Seu cérebro estava frito. Não, ele pensou melhor, seu cérebro havia sido jogado em banha quente e deixado ali, e a gordura havia esfriado, uma graxa grossa congelando nos lobos enrugados, varados por flashes verde-púrpura de dor.

– Porra, você parece fodidaço – Molly disse, achando graça.

Case experimentou o vinho. Os resquícios da betafenetilamina davam à bebida um gosto de iodo.

As luzes diminuíram.

– Le Restaurant Vingtième Siècle – disse uma voz desencarnada com um sotaque carregado do Sprawl – orgulhosamente apresenta o cabaré holográfico do Sr. Peter Riviera. – Aplausos esparsos das outras mesas. Um garçom acendeu uma única vela e a colocou no centro da mesa, e depois começou a retirar os pratos. Em pouco tempo havia uma vela brilhando em cada uma das doze mesas do restaurante, e começaram a servir bebidas.

– O que é que está acontecendo? – Case perguntou a Armitage, que não disse nada.

Molly futucava os dentes com uma unha bordô.

– Boa noite – disse Riviera, dando um passo à frente em um pequeno palco no fundo do salão. Ele não tinha visto de onde Riviera tinha aparecido. Seu incômodo

aumentou.

No começo, supôs que o homem estava sendo iluminado por um refletor.

Riviera brilhava. A luz ficava ao seu redor como uma pele, iluminando as cortinas pretas atrás do palco. Ele estava projetando.

Riviera sorriu. Vestia um paletó de jantar branco. Na lapela, carvões azuis queimavam nas profundezas de um cravo negro. Suas unhas reluziram quando ele levantou as mãos num gesto de saudação, um abraço para sua plateia. Case ouvia a água rasa bater na parede lateral do restaurante.

– Esta noite – disse Riviera, os longos olhos brilhando – gostaria de executar um número extra para vocês. Uma nova obra. – Um rubi de luz fria se formou na palma de sua mão direita levantada. Ele o deixou cair. Um pombo cinza saiu voando no ponto de impacto e desapareceu nas sombras. Alguém assobiou. Mais aplausos.

– O título da obra é "A Boneca". – Riviera abaixou as mãos. – Gostaria de dedicar sua première aqui, esta noite, a Lady 3Jane Marie-France Tessier-Ashpool. – Uma onda de aplausos educados. Quando acabou, os olhos de Riviera deram a impressão de ter encontrado a mesa deles. – E a outra dama.

As luzes do restaurante se apagaram inteiramente por alguns segundos, deixando somente o brilho das velas. A aura holográfica de Riviera havia se desvanecido com as luzes, mas Case ainda conseguia vê-lo, em pé, com a cabeça abaixada.

Linhas tênues de luz começaram a se formar, linhas horizontais e verticais, traçando um cubo aberto ao redor do palco. As luzes do restaurante haviam voltado, mais fracas, mas a estrutura que cercava o palco parecia ter sido construída com raios de luar congelados. Cabeça abaixada, olhos fechados, braços rígidos ao lado do corpo, Riviera parecia tremer de tanta concentração. Subitamente, o cubo fantasmagórico ficou cheio, havia se tornado um quarto, um quarto sem a quarta parede, permitindo que a plateia pudesse ver seu interior.

Riviera aparentemente relaxou um pouco. Levantou a cabeça, mas continuou de olhos fechados. – Eu sempre vivi dentro do quarto – ele disse. – Não consigo me lembrar de ter vivido em nenhum outro quarto. – As paredes do quarto eram caiadas de branco. Ele continha duas peças de mobiliário. Uma delas era uma cadeira simples de madeira, a outra uma armação de cama de ferro pintada de branco. A tinta havia descascado, revelando o ferro preto. O colchão sobre a cama não tinha lençóis. Listras marrons manchadas. Uma única lâmpada pendurada sobre a cama, com um fio preto torcido. Case podia ver a camada espessa de pó na curva superior da lâmpada. Riviera abriu os olhos.

– Eu sempre estive sozinho no quarto, sempre. – Ele se sentou na cadeira, de frente para a cama. Os carvões azuis ainda queimavam na flor preta em sua lapela. – Não sei quando sonhei com ela pela primeira vez – ele disse – mas lembro bem que, no começo, ela era apenas algo enevoado, uma sombra.

Havia alguma coisa na cama. Case piscou os olhos. Sumiu.

– Eu não conseguia segurá-la bem, mantê-la em minha mente. Mas queria

abraçá-la, segurá-la e mais... – Sua voz se propagava perfeitamente no silêncio do restaurante. Um som de gelo batendo dentro de um copo. Alguém deu uma risadinha. Alguém sussurrou uma pergunta em japonês. – Deduzi que, se pudesse visualizar alguma parte dela, apenas uma pequena parte, se pudesse ver essa parte perfeitamente, nos mais perfeitos detalhes...

Uma mão de mulher jazia no colchão agora, a palma voltada para cima, os dedos brancos bem pálidos.

Riviera se inclinou para a frente, apanhou a mão e começou a acariciá-la suavemente. Os dedos se moveram. Riviera levou a mão à sua boca e começou a lamber as pontas dos dedos. As unhas tinham esmalte bordô.

Case viu que a mão não era um membro decepado; a pele seguia lisa, sem cortes e sem cicatrizes. Ele se lembrou de um losango tatuado de carne cultivada em tanque na vitrine de uma butique cirúrgica na Ninsei. Riviera estava segurando a mão encostada em seus lábios, lambendo sua palma. Os dedos acariciavam seu rosto, exploratórios. Mas, agora, havia uma segunda mão em cima da cama. Quando Riviera tentou pegá-la, os dedos da primeira se fecharam ao redor de seu pulso, um bracelete de carne e osso.

O ato continuou com uma lógica interna surreal própria. A seguir, vieram os braços. Os pés. Pernas. As pernas eram muito bonitas. A cabeça de Case começou a latejar. Sentia a garganta seca. Tomou o resto do vinho.

Agora, Riviera estava na cama, nu. Suas roupas eram parte da projeção, mas Case não conseguia se lembrar de tê-las visto desaparecer. A flor negra jazia caída ao pé da cama, ainda com sua chama azul interior. Então, o tronco se formou, enquanto Riviera o acariciava e fazia com que ele aparecesse, branco, sem cabeça, e perfeito, coberto por uma camada finíssima de suor.

O corpo de Molly. Case ficou olhando de queixo caído. Mas não era Molly; era Molly do jeito que Riviera a imaginava. Os seios estavam errados. Os mamilos maiores, escuros demais. Riviera e o tronco sem membros se contorciam na cama, com as mãos de unhas brilhantes se arrastando sobre eles. A cama estava, agora, coberta com dobras de rendas amareladas e apodrecidas que se desfaziam a um toque. Partículas de pó fervilhavam em volta de Riviera e dos membros que se contorciam, as mãos que corriam de um lado para outro, beliscando, acariciando.

Case olhou para Molly discretamente. O rosto dela era uma página em branco; as cores da projeção de Riviera se contorciam e se reviravam em seus espelhos. Armitage estava curvado para a frente, as mãos fechadas no pé de um cálice de vinho, os olhos claros fixos no palco, no quarto que brilhava.

Agora braços, pernas e tronco haviam se fundido, e Riviera estremeceu. A cabeça estava ali, a imagem completa. O rosto de Molly, com a fluidez do mercúrio afogando seus olhos. Riviera e a imagem-
-Molly começaram a copular com intensidade renovada. Então, a imagem estendeu lentamente uma mão em forma de garra e disparou suas cinco lâminas. Com uma deliberação lânguida e onírica, ela rasgou as costas nuas de Riviera. Case captou

um vislumbre de espinha dorsal exposta, mas ele já tinha se levantado e estava saindo cambaleando para a porta.

Vomitou sobre uma balaustrada de pau-rosa nas águas tranquilas do lago. Uma coisa que parecia perto demais ao redor de sua cabeça como uma garra o havia soltado agora. Ajoelhando-se, o rosto colado na madeira fria, ficou olhando a aura da rua Jules Verne do outro lado do lago raso.

Case já havia visto essa mídia antes; em sua adolescência no Sprawl, eles chamavam isso de "sonho real". Ele se lembrava de porto-riquenhos magricelos embaixo de postes de luz, sonhando real à batida rápida da salsa, dreamgirls estremecendo e girando, o pessoal na rua batendo palmas para marcar o ritmo. Mas para aquilo fora necessário uma van cheia de equipamentos e um capacete de trodos todo desajeitado.

O que Riviera sonhava, você via. Case sacudiu a cabeça dolorida e cuspiu no lago.

Ele podia adivinhar o fim, o gran finale. Havia uma simetria invertida naquilo: Riviera monta a garota do sonho, a garota do sonho o desmonta. Com aquelas mãos. Sangue de sonho encharcando a renda podre.

Gritos do restaurante, aplausos. Case se levantou e passou as mãos pelas roupas. Virou-se e voltou para o Vingtième Siècle.

A cadeira de Molly estava vazia. O palco estava deserto. Armitage estava sentado sozinho, ainda olhando para o palco, o pé do cálice entre os dedos.

– Cadê ela? – Case perguntou.

– Foi embora – disse Armitage.

– Foi atrás dele?

– Não. – Um clink suave. Armitage olhou para o vidro. Sua mão esquerda estava segurando o bulbo de vidro com vinho tinto. O pé quebrado destacando-se para o alto como uma lasca de gelo. Case tirou a taça da mão dele e a colocou num copo d´água.

– Me diz pra onde ela foi, Armitage.

As luzes se acenderam. Case olhou para os olhos pálidos. Não havia nada lá. – Ela foi se preparar. Você não a verá novamente. Vocês estarão juntos durante a incursão.

– Por que Riviera fez aquilo com ela?

Armitage se levantou, ajustando as lapelas do paletó. – Vá dormir um pouco, Case.

– A incursão é amanhã?

Armitage deu aquele sorriso sem sentido e se afastou na direção da saída.

Case esfregou a testa e olhou em volta. As pessoas estavam se levantando de suas mesas, mulheres sorriam, enquanto homens faziam piadas. Ele reparou na varanda pela primeira vez, velas ainda tremeluzindo ali na escuridão particular. Ele ouviu o som de prataria e sussurros. As velas jogavam sombras-dançarinas no teto.

O rosto da menina apareceu tão subitamente quanto uma das projeções de

Riviera, as mãozinhas segurando a madeira polida da balaustrada; ela se inclinou para a frente, o rosto enlevado, pareceu a ele, os olhos escuros atentos a alguma coisa mais além. O palco. Era um rosto fascinante, ainda que não fosse bonito. Triangular, as maçãs do rosto altas, mas de um aspecto estranhamente frágil, a boca ampla e firme, equilibrada de modo bizarro por um nariz estreito semelhante a um bico de pássaro e narinas abertas. E, então, ela desapareceu, voltando às risadas e à dança das velas.

Quando ele deixou o restaurante, notou os dois jovens franceses e a namorada deles esperando o barco para a outra margem e o cassino mais próximo.

***

O quarto deles estava em silêncio, a espuma sintética macia como a areia de uma praia depois que a maré recua. A sacola dela havia sumido. Ele procurou algum bilhete. Não havia. Vários segundos se passaram antes que a cena além da janela fosse registrada por sua tensão e infelicidade. Ele levantou a cabeça e viu uma vista da Desiderata, lojas caras: Gucci, Tsuyako, Hermès, Liberty.

Ele ficou olhando, depois balançou a cabeça e foi até um painel que não havia se importado de examinar. Desligou o holograma e foi recompensado com os condos que subiam em terraços na encosta do outro lado.

Pegou o telefone e o levou até a varanda fria.

– Me ligue com o Marcus Garvey – pediu à recepção. – É um rebocador, registrado no aglomerado de Zion.

A voz de chip recitou um número de dez dígitos. – Senhor – acrescentou – o registro em questão é do Panamá.

Maelcum atendeu no quinto toque. – Yo?

– Case. Você tem modem, Maelcum?

– Yo. No comp de navegação, sabe comé.

– Dá pra você tirar ele pra mim, cara? Colocá-lo no meu Hosaka. Depois ligar meu deck. É o botão listrado.

– Como é que cê tá indo aí, mon?

– Bom, tô precisando de uma ajuda.

– Movendo, mon. Peguei o modem.

Case ficou ouvindo uma estática leve enquanto Maelcum conectava o link telefônico simples. – Corte este ICE aqui – ele disse ao Hosaka, quando o ouviu emitir um bip.

– Você está falando de um local fortemente monitorado – o computador aconselhou com um jeito pedante.

– Foda-se – ele disse. – Esquece o ICE. Sem ICE. Acesse o constructo. Dixie?

– Ei, Case – disse o Flatline pelo chip de voz do Hosaka, o sotaque cuidadosamente projetado totalmente perdido.

– Dix, você vai entrar aqui e pegar uma coisa pra mim. Pode entrar arrombando

tudo. Molly está em algum lugar aqui e quero saber onde. Eu estou em 335W, no Intercontinental. Ela também estava registrada aqui, mas não sei que nome estava usando. Use este telefone e pegue os registros pra mim.

– Já fui – disse o Flatline. Case ouviu o ruído branco da invasão. Sorriu. – Pronto. Rose Kolodny. Já fez o check-out. Me dá uns minutos pra penetrar a rede de segurança deles e conseguir me fixar.

– Vai.

O telefone começou a gemer e emitir cliques com os esforços do constructo. Case o levou de volta ao quarto e colocou o fone virado para cima, em cima da espuma sintética. Foi ao banheiro e escovou os dentes. Quando estava saindo, o monitor do complexo audiovisual Braun do quarto ligou sozinho. Um popstar japonês reclinado em almofadões metálicos. Um entrevistador fora do alcance da câmera fez uma pergunta em alemão. Case ficou olhando. A tela pulava com flashes de interferência azul. – Case, baby, tu ficou louco, é? – A voz era lenta e familiar.

A parede de vidro da varanda clicou e ativou sua vista da Desiderata, mas a cena da rua ficou borrada, distorcida, tornou-se o interior do Jarre de Thé, Chiba, vazio, neon vermelho replicado ao infinito arranhado nas paredes espelhadas.

Lonny Zone apareceu, alto e cadavérico, andando com a lenta graça submarina de seu vício. Ele ficou ali em pé, sozinho, entre as mesas quadradas, mãos nos bolsos de suas calças de couro de tubarão cinza. – Na boa, cara, você está com a maior cara de acabadaço.

A voz vinha dos alto-falantes do Braun.

– Wintermute – disse Case.

O cafetão deu de ombros languidamente e sorriu.

– Cadê a Molly?

– Não se preocupe com isso. Você está botando tudo pra foder esta noite, Case. O Flatline está tocando campainhas em toda a Freeside. Eu não esperava que você fosse fazer isso, cara. Não bate com o seu perfil.

– Então me diz onde ela está e mando ele pular fora.

Zone balançou a cabeça em negativa.

– Você não consegue manter suas mulheres sob controle, não é, Case? Você sempre as perde, de um jeito ou de outro.

– Eu vou botar pra foder é contigo – disse Case.

– Não. Isso não faz o seu gênero, cara. Eu sei disso. Sabe de uma coisa, Case? Eu acho que você já descobriu que fui eu quem mandou Deane apagar aquela sua piranhinha lá em Chiba.

– Não faça isso – disse Case, dando um passo involuntário na direção da janela.

– Mas não fiz. E qual é o problema, afinal? O quanto isso realmente importa para o Sr. Case? Pare de se enganar. Eu conheço a sua Linda, cara. Eu conheço todas as Lindas. Lindas são um produto genérico na minha linha de trabalho. Sabe por que ela decidiu te roubar? Amor. Para que você prestasse atenção nela. Amor? Quer

falar de amor? Ela te amava. Eu sei disso. Ela podia não prestar muito, mas te amava. Você não conseguiu segurar a onda. Ela morreu.

O punho de Case olhou na direção da vidraça.

– Não vai foder com suas mãos, cara. Você vai ter que usar o deck daqui a pouco.

Zone sumiu, substituído pela noite de Freeeside e pelas luzes dos condos. O Braun desligou.

Na cama, o telefone tocava sem parar.

– Case? – O Flatline estava esperando. – Onde é que você tava? Consegui, mas não é lá grande coisa. – O constructo emitiu um endereço. – Esse lugar tem um ICE bizarro em volta para ser uma casa noturna. Foi tudo o que consegui sem deixar um cartão de visita.

– Ok – disse Case. – Manda o Hosaka dizer ao Maelcum para desconectar o modem. Valeu.

– Foi um prazer.

Ele ficou sentado na cama por muito tempo, saboreando essa coisa nova, esse tesouro.

Ódio.

***

– Opa, Lupus. Ei, Cath, é o amigo Lupus. – Bruce estava nu na porta, pingando água, as pupilas enormes. – A gente estava justamente tomando um banho. Quer tomar banho?

– Não. Valeu. Quero uma ajuda. – Ele empurrou o braço do garoto e entrou no quarto.

– Pô, cara, mas a gente...

– Vai me ajudar. Vocês estão felizes pra cacete de me ver. Porque nós somos amigos, certo? Não somos?

Bruce piscou. – Claro.

Case recitou o endereço que o Flatline havia lhe dado.

– Eu sabia que ele era um gângster – Cath disse toda animada de dentro do chuveiro.

– Eu tenho um triciclo Honda – disse Bruce, sorrindo meio desligado.

– Vamos já – disse Case.

***

– Naquele nível ficam os cubículos – disse Bruce, depois de pedir a Case para repetir o endereço pela oitava vez. Ele voltou a montar na Honda. Condensação pingava do exaustor de células de hidrogênio enquanto o chassi de fibra de vidro vermelha balançava sobre molas de cromo. – Vai demorar?

– Não faço ideia. Mas você vai esperar.

– A gente espera, claro. – Ele coçou o peito nu. – Essa última parte do endereço, acho que é um cubículo. Número quarenta e três.

– Estão te esperando, Lupus? – Cath esticou o pescoço por cima do ombro de Bruce e deu uma espiada. O passeio havia secado
seu cabelo.

– Provavelmente não – disse Case. – Isso é algum problema?

– É só descer até o nível mais baixo e encontrar o cubículo do seu amigo. Se eles deixarem você passar, tudo bem. Se não quiserem te ver... – ela deu de ombros.

Case deu meia-volta e desceu uma escada em espiral, de ferro floral. Seis voltas e chegou a uma casa noturna. Ele fez uma pausa e acendeu um Yeheyuan, olhando para as mesas. Freeside de repente começou a fazer sentido para ele. Podia sentir aquilo tudo vibrando no ar. Aquilo ali é que era a ação local. Não a fachada superbrilhante da rua Jules Verne, mas a coisa real. Comércio. A dança. A multidão era mista; talvez metade fosse de turistas, a outra metade de residentes das ilhas.

– Lá embaixo – disse para um garçom que passava. – Quero ir lá pra baixo. – Ele mostrou seu chip de Freeside. O homem fez um gesto para a parte de trás da casa.

Ele passou rapidamente pelas mesas lotadas, ouvindo fragmentos de meia dúzia de idiomas europeus.

– Quero um cubículo – disse para a garota que estava sentada na mesa baixa, um terminal no colo. – Nível inferior. – Entregou seu chip a ela.

– Preferência de gênero? – ela passou o chip por uma placa de vidro na face do terminal.

– Feminino – disse automaticamente.

– Número trinta e cinco. Telefone se não for satisfatório. Você pode acessar o display de nossos serviços especiais antes, se quiser. – Ela sorriu. E devolveu o chip.

Atrás dela um elevador abriu suas portas.

As luzes do corredor eram azuis. Case saiu do elevador e escolheu uma direção aleatoriamente. Portas numeradas. Um barulho abafado como nos corredores de uma clínica cara.

Ele encontrou seu cubículo. Estava procurando Molly; agora, confuso, levantou seu chip e o colocou contra um sensor preto montado logo abaixo da placa do número.

Travas magnéticas. O som o fez se lembrar do Cheap Hotel.

A garota estava sentada na cama e disse alguma coisa em alemão. Seus olhos eram doces e ela não piscava. Piloto automático. Um disjuntor neural. Ele saiu do cubículo e fechou a porta.

A porta do quarenta e três era igual a todas as outras. Ele hesitou. O silêncio do corredor dizia que os cubículos eram à prova de som. Não fazia sentido usar o chip.

Ele bateu na porta de metal esmaltado. Nada. A porta parecia absorver o som.

Ele colocou seu chip contra a placa preta.

As travas se abriram.

De algum modo, teve a impressão de que ela o atingiu antes que ele realmente conseguisse abrir a porta. Ele caiu de joelhos, a porta de aço às suas costas, as lâminas dos polegares rígidos dela estremecendo a centímetros de seus olhos...

– Meu Jesus – ela disse, levantando-se e dando-lhe um tabefe na têmpora. – Você é um idiota de tentar isso. Porra, como é que você abre essas travas, Case? Você está bem? – Ela se curvou sobre ele.

– Chip – ele disse, lutando para respirar. A dor estava se espraiando a partir do seu peito. Ela o ajudou a se levantar e o empurrou para dentro do cubículo.

– Você subornou o pessoal lá em cima?

Ele balançou a cabeça em negativa e caiu sobre a mesa.

– Respire. Conte. Um, dois, três, quatro. Segure o ar. Agora expire. Conte.

Ele agarrou o estômago.

– Você me chutou – ele conseguiu dizer.

– Devia ter chutado mais embaixo. Eu quero ficar sozinha. Estou meditando, tá? – Sentou-se ao lado dele. – E recebendo um briefing. – Ela apontou para um pequeno monitor montado na parede no lado oposto à cama. – Wintermute está me contando sobre Straylight.

– Cadê a boneca de carne?

– Não tem. Este aqui é o serviço mais caro de todos. – Ela se levantou. Usava seu jeans de couro e uma camiseta escura folgada. – Wintermute disse que a incursão vai ser amanhã.

– O que foi aquele negócio lá no restaurante? Por que você saiu correndo?

– Porque, se eu ficasse, poderia ter matado Riviera.

– Por quê?

– O que ele fez comigo. O show.

– Não entendi.

– Isto aqui custa muito caro – ela disse, estendendo a mão direita como se segurasse uma fruta invisível. As cinco lâminas deslizaram para fora, e depois se retraíram lentamente. – Custa caro ir para Chiba. Custa caro fazer a cirurgia. Custa caro plugar seu sistema nervoso para que o equipamento acompanhe seus reflexos... Sabe como consegui o dinheiro, quando estava começando? Aqui. Não exatamente aqui, mas num lugar igualzinho, no Sprawl. É uma piada, pra começo de conversa, porque assim que eles plantam o chip disjuntor, parece um dinheiro mole de ganhar. Às vezes você acorda ralada, mas é só. Você está só alugando sua carne. Quando o negócio tá rolando, você não está em casa. A casa tem software para o que o cliente quiser pagar... – Ela estalou os dedos das mãos. – Tudo bem. Eu estava arrumando minha grana. O problema era o seguinte: o atalho e os circuitos que as clínicas de Chiba instalaram não eram compatíveis. Então, o tempo de trabalho começou a vazar para minha memória, e comecei a me lembrar... Mas

eram apenas pesadelos, e não eram todos ruins. – Ela sorriu. – Aí começou a ficar estranho. – Tirou os cigarros do bolso e acendeu um. – A casa descobriu o que estava fazendo com o dinheiro. Eu já tinha instalado as lâminas, mas o trabalho neuromotor fino ainda levaria mais três viagens. De jeito nenhum eu estava pronta para abrir mão do meu tempo de boneca. – Ela inalou a fumaça, soprou um jato de fumaça, fechando o conjunto com três anéis perfeitos. – Então, o filho da puta que dirigia o local tinha um software customizado preparado. Berlim é o lugar de snuff, saca? Berlim é um grande mercado para coisas do mal. Eu nunca soube quem escreveu o programa no qual eles me colocaram, mas era baseado em todos os clássicos.

– Eles sabiam que você estava captando esse negócio todo? Que estava consciente enquanto estava trabalhando?

– Eu não estava consciente. É tipo ciberespaço, mas em branco. Prata. Tem cheiro de chuva... Você pode ver a si mesmo gozando, é como uma pequena supernova bem no limite do espaço. Mas eu estava começando a me lembrar. Como se fossem sonhos, sabe? E eles não me contaram. Eles trocaram o software e começaram a alugar para mercados especializados.

Era como se ela estivesse falando de muito longe. – E eu sabia, mas ficava quieta. Eu precisava do dinheiro. Os sonhos foram ficando cada vez piores, e dizia a mim mesma que pelo menos alguns deles eram mesmo apenas sonhos, mas a essa altura já havia começado a perceber que o chefe tinha toda uma pequena clientela me pegando. Nada é bom demais para a Molly, diz o chefe, e me dá um aumentozinho de merda. – Ela balançou a cabeça. – Aquele babaca estava cobrando oito vezes o que estava me pagando, e achava que eu não sabia.

– Então, pelo que ele estava cobrando?

– Pesadelos. Reais. Uma noite... uma noite, eu havia acabado de voltar de Chiba. – Ela deixou o cigarro cair, apagou-o com o calcanhar da bota e se sentou, recostando-se na parede. – Os cirurgiões foram fundo naquela viagem. Negocinho embaçado. Eles devem ter perturbado o chip disjuntor. Eu acordei. Eu estava numa rotina com um cliente... – Ela enterrou os dedos na espuma. – Era um senador. Eu reconheci aquela cara gorda de saída. Estávamos os dois cobertos de sangue. E não estávamos sozinhos. Ela estava toda... – Ela puxou a espuma sintética. – Morta. E aquele gordo filho da puta, ele estava dizendo: "O que aconteceu? O que aconteceu? A gente ainda nem tinha terminado..."

Ela começou a tremer.

– Então, acho que dei ao senador o que ele realmente queria, sabia? – A tremedeira parou. Ela soltou a espuma e correu os dedos por seus cabelos pretos. – A casa colocou um contrato pela minha cabeça. Precisei me esconder por um tempo.

Case ficou olhando para ela.

– Então Riviera pisou num calo ontem à noite – ela disse. – Acho que ele quer que eu o odeie muito, para minha mente ficar psico o suficiente pra ir atrás dele.

– Atrás dele?

– Ele já está lá. Straylight. A convite de Lady 3Jane, toda aquela merda de dedicatória que ele fez. Ela estava numa cabine privada lá, mais ou menos...

Case se lembrou do rosto que havia visto. – Você vai matá-lo?

Ela sorriu. Fria. – É, ele vai morrer. Em breve.

– Eu também recebi uma visita – ele disse, e contou a ela sobre a janela, pulando a parte do que a figura-Zone havia dito sobre Linda. Ela fez que sim com a cabeça.

– Talvez ele deseje que você odeie alguém também.

– Talvez eu odeie.

– Talvez você odeie a si mesmo, Case.

***

– Como foi? – perguntou Bruce, quando Case subiu no Honda.

– Você precisa experimentar um dia – ele disse, esfregando os olhos.

– Não consigo te ver como um cara que gosta de bonecos – Cath disse triste, colocando um derma novo com o polegar no pulso.

– Dá pra gente ir pra casa agora? – perguntou Bruce.

– Claro. Me deixem lá na Jules Verne, onde ficam os bares.

12

A rua Jules Verne era uma avenida circunferencial, que dava uma volta inteira na seção média do fuso, ao passo que a Desiderata percorria seu comprimento, terminando em ambas as extremidades das bombas de luz Lado-Acheson. Se você virasse à direita, saindo da Desiderata, e seguisse pela Jules Verne direto, acabaria se aproximando da Desiderata pela esquerda.

Case ficou observando o triciclo de Bruce até ele sumir de vista; depois, deu meia-volta e passou andando por uma enorme banca de jornais, muito iluminada, as capas de dezenas de revistas japonesas em papel couché exibindo os rostos dos novos astros de simstim do mês.

Acima da sua cabeça, ao longo do eixo anoitecido, o céu de holograma brilhava com constelações inventadas que sugeriam cartas de baralho, faces de dados, uma cartola, uma taça de Martini. O cruzamento da Desiderata com a Jules Verne formava uma espécie de ravina, as varandas-terraços dos habitantes das colinas de Freeside subindo gradualmente até as mesas gramadas de outro complexo de cassinos. Case ficou olhando um microleve remoto fazer uma curva graciosa numa corrente ascendente de ar na beira verde de um platô artificial, iluminada por segundos pelo brilho suave do cassino invisível. O negócio era uma espécie de biplano de polímero finíssimo, sem piloto, as asas impressas com silk-screen para lembrar uma borboleta gigante. Depois sumiu, além da beirada da mesa. Ele viu um piscar de neon refletido em vidro, ou lentes ou torretas de lasers. Os robôs faziam parte do sistema de segurança do fuso, controlado por algum computador central.

Em Straylight? Ele continuou a caminhar, passando por bares de nomes como Hi-Lo, Paradise, Le Monde, Cricketeer, Shozoku Smith´s, Emergency. Ele escolheu o Emergency porque era o menor e o mais lotado, mas só levou segundos para perceber que era um lugar de turistas. Ali não existia o zumbido dos negócios, apenas uma tensão sexual amortecida. Pensou por um instante na casa noturna sem nome sobre o cubículo alugado de Molly, mas a imagem dos olhos espelhados dela fixos na telinha o dissuadiram. O que Wintermute estava revelando ali agora? As plantas da Villa Straylight? A história dos Tessier-Ashpools?

Comprou uma caneca de Carslberg e achou um lugar encostado na parede. Fechando os olhos, procurou o centro nervoso do ódio, o puro e minúsculo carvão em brasa de sua fúria. Ela ainda estava lá. De onde havia vindo isso? Ele se lembrava de ter sentido apenas uma espécie de surpresa quando se machucou em Memphis, e absolutamente nada quando matou para defender seus interesses comerciais em Night City, e um enjoo e nojo fracos após a morte de Linda dentro

da cúpula inflada. Mas ódio não. Pequeno e distante, na tela da mente, um assemelhado de Deane atingia um assemelhado de uma parede de escritório em uma explosão de sangue e cérebro. Então soube: o ódio viera no fliperama, quando Wintermute rescindiu o fantasma de simstim de Linda Lee, arrancando a simples promessa animal de comida, calor, um lugar para dormir. Mas ele não havia se dado conta disso até sua conversa com o holoconstructo de Lonny Zone.

Era uma coisa estranha. Ele não conseguia medir isso.

– Anestesiado – ele disse. Há muito tempo andava anestesiado, anos. Todas as suas noites na Ninsei, suas noites com Linda, anestesiado na cama e anestesiado no centro de suor frio de cada compra de droga. Mas agora havia encontrado essa coisa quente, esse chip de assassinato. Carne, uma parte dele disse. É a carne falando, ignore.

– Gângster.

Ele abriu os olhos. Cath estava ao seu lado, vestindo um camisão preto, os cabelos ainda despenteados pela volta na Honda.

– Achei que você tinha ido pra casa – ele disse, e escondeu sua confusão com um gole de Carlsberg.

– Falei pra ele me deixar numa loja. Comprei isto aqui – ela passou a mão pelo tecido, pela curva da pelve. Ele viu o derma azul no pulso dela. – Gostou?

– Claro. – Ele automaticamente escaneou os rostos ao redor deles, e olhou de volta para ela. – O que você acha que está fazendo, gata?

– Você gostou do beta que pegou com a gente, Lupus? – Agora ela estava muito perto, irradiando calor e tensão, os olhos quase fechados sobre pupilas enormes e um tendão no seu pescoço tenso como uma corda de arco. Ela estava vibrando, vibrando invisivelmente com o zumbido novo. – Você ficou doidão?

– Fiquei. Mas o bode depois é uma merda.

– Então você precisa de outro.

– E onde é que isso me leva?

– Eu tenho uma chave. Subindo o morro atrás do Paradise, é o grande barato. As pessoas lá embaixo no poço estão negociando hoje, se é que você me entende...

– Se eu te entendo.

Ela pegou a mão dele entre as dela, as palmas das mãos quentes e suadas. – Você é Yak, não é, Lupus? Soldado gaijin da Yakuza?

– Você tem um olho, hein? – ele retirou a mão e procurou um cigarro.

– Como é que você tem todos os dedos no lugar ainda, então? Eu achava que você tinha que cortar um fora cada vez que fizesse uma cagada.

– Eu nunca faço cagada – ele acendeu o cigarro.

– Eu vi aquela garota com quem você estava. No dia em que te conheci. Anda que nem o Hideo. Me arrepia. – Ela sorriu com a boca aberta demais. – Gosto disso. Ela gosta de garotas?

– Nunca me disse. Quem é Hideo?

– É o serviçal de 3Jane, é como ela chama. Serviçal da família.

Case forçou uma cara de desentendido, olhando a multidão do Emergency ao falar. – Dee-Jane?

– Lady 3Jane. Ela é trife. Rica. O pai dela é dono disso tudo aqui.

– Deste bar?

– De Freeside!

– Não fode. Você tem uns amiguinhos classudos, hein? – Ele levantou uma sobrancelha. Colocou o braço ao redor dela e a mão no quadril. – Como é que você fez pra conhecer esses aristos, Cathy? Você é algum tipo de riquinha enrustida? Você e Bruce são herdeiros secretos de um crédito antigo dos bons? Hein? – Ele abriu os dedos, massageando a carne por cima do tecido preto fino. Ela se contorceu toda contra ele. Riu.

– Ah, você sabe – ela disse, as pálpebras semicerradas no que talvez fosse para transmitir um ar de modéstia. – Ela gosta de balada. Bruce e eu fazemos o circuito das baladas... Lá dentro a coisa fica muito chata para ela. O velho dela às vezes deixa ela sair, desde que ela leve Hideo junto pra tomar conta.

– Onde fica chato?

– Eles chamam de Straylight. Ela me contou, ah, é bonito, todo cheio de laguinhos e lilases. É um castelo, um castelo de verdade, todo de pedras e poentes. – Ela se aninhou mais perto dele. – Pô, Lupus, cara, você precisa de um derma. Pra gente ficar junto.

Ela usava uma minúscula bolsa de couro pendurada no pescoço por um fio finíssimo. Suas unhas brilhavam cor-de-rosa contra o seu bronzeado bombado, mordida até o sabugo. Ela abriu a bolsinha e retirou uma bolha embrulhada em papel com um derma azul dentro. Alguma coisa branca caiu no chão; Case se abaixou e apanhou o objeto. Um grou de origami.

– Foi Hideo quem me deu – ela disse. – Ele tentou me mostrar como fazer, mas nunca consigo fazer direito. Os pescoços acabam virados pra trás. – Ela enfiou o papel dobrado de volta na bolsinha. Case ficou olhando ela rasgar a bolha, tirar o papel autocolante do derma e colá-lo suavemente na parte interna de seu pulso.

– 3Jane tem um rosto pontudo, o nariz igual ao bico de um pássaro? – Ele viu as mãos dela tentarem formar um contorno. – Cabelos pretos? Jovem?

– Acho que sim. Mas ela é trife, saca? Tipo, com todo aquele dinheiro.

A droga o atingiu como um trem expresso, uma coluna branca e incandescente subindo por sua espinha na região de sua próstata, iluminando as suturas de seu crânio com raios x de energia sexual curto-circuitada. Seus dentes cantavam cada um em sua raiz como diapasões, cada qual perfeito em seu tom e com a transparência do etanol. Seus ossos, por baixo do envelope enfumaçado de carne, eram cromados e polidos, as juntas lubrificadas com uma película de silicone. Tempestades de areia castigavam o piso lixado de seu crânio, gerando ondas de estática alta e fina que quebravam atrás de seus olhos, esferas do mais puro cristal, expandindo-se...

– Vem – ela disse, pegando-o pela mão. – Agora você tá legal. Nós tamos legal.

Vamos subir o morro, lá em cima a gente vai poder ficar no barato a noite toda.

O ódio estava se expandindo, impiedoso, exponencial, cavalgando atrás do surto de betafenetilamina como uma onda portadora, um fluido sísmico, rico e corrosivo. Sua ereção era uma barra de chumbo. Os rostos ao redor deles no Emergency eram coisas de bonecas pintadas, o rosa e o branco de bocas se movendo, movendo, palavras emergindo como balões de som discretos. Ele olhou para Cath e viu cada poro na pele bronzeada, olhos mortos como vidro embaçado, um tom de metal morto, um leve inchaço, as mais minúsculas assimetrias de peito e pescoço, o – alguma coisa disparou um branco atrás de seus olhos.

Ele largou a mão dela e saiu cambaleando para a porta, empurrando todo mundo.

– Vai se foder! – ela gritou atrás dele. – Seu brocha de merda!

Ele não sentia as pernas. Usou-as como pernas de pau, balançando louco pelo calçamento de paralelepípedos da Jules Verne, um rugido distante nos ouvidos, seu próprio sangue, folhas afiadas de luz seccionando seu crânio ao meio em uma dezena de ângulos.

E, então, ficou congelado, ereto, os punhos fechados contra as coxas, cabeça para trás, os lábios repuxados, tremendo. Enquanto ele ficava vendo o zodíaco dos perdedores de Freeside, as constelações de cada noturna do céu holográfico, se deslocar, deslizar fluido pelo eixo de escuridão, para enxamear como coisas vivas no centro morto da realidade. Até que elas tivessem se arrumado, individualmente e em suas centenas, para formar um retrato vasto e simples, o monocromo definitivo, estrelas contra o céu noturno. O rosto da Senhorita Linda Lee.

Quando conseguiu desviar os olhos e abaixar a cabeça, descobriu que todos os outros rostos da rua estavam olhando para o alto; os turistas que passeavam estavam calmos e maravilhados. E quando as luzes do céu se apagaram, o rugido de uma multidão animada subiu entrecortado pela Jules Verne, para ecoar pelos terraços e varandas de concreto lunar.

Em algum lugar um carrilhão começou a soar, algum sino antigo saído da Europa.

Meia-noite.

***

Ele caminhou até amanhecer.

O barato foi passando, o esqueleto cromado foi se corroendo hora a hora, a carne voltou a ficar sólida, a carne-de-droga substituída com a carne da sua vida. Ele não conseguia pensar. Ele gostava muito disso, de estar consciente e incapaz de pensar. Ele parecia se tornar cada coisa que via: um banco de parque, uma nuvem de mariposas brancas ao redor de um lampião antigo, um jardineiro-robô com faixas pretas e amarelas diagonais.

Uma aurora pré-gravada foi subindo ao longo do sistema Lado-Acheson, rosa e

lúgubre. Ele se forçou a comer uma omelete num café da Desiderata, tomar água, fumar o último de seus cigarros. A campina no telhado do Intercontinental se moveu quando a atravessou; um bando de madrugadores concentradíssimos no café e nos croissants embaixo dos guarda-sóis listrados.

Ele ainda tinha seu ódio. Isso era como ser assaltado em algum beco e acordar descobrindo que sua carteira ainda estava no bolso, intocada. Ele se aqueceu com o ódio, incapaz de lhe dar um nome ou um objeto.

Pegou o elevador e desceu até seu nível, procurando nos bolsos o chip de crédito de Freeside que lhe servia de chave. O sono estava ficando real, era uma coisa que ele podia fazer. Deitar-se na espuma cor de areia e voltar a encontrar o branco.

Eles estavam esperando lá dentro, os três, suas roupas esportivas brancas perfeitas e os bronzeados a estêncil marcando o chic orgânico da mobília tecida à mão. A garota estava sentada numa cadeira de vime, uma pistola automática ao seu lado sobre a padronagem de folhas do almofadão.

– Turing – ela disse. – Você está preso.

PARTE QUATRO

MISSÃO STRAYLIGHT

13

– Seu nome é Henry Dorsett Case – ela recitou o ano e local de seu nascimento, seu Número Único de Identificação do BAMA, e uma fileira de nomes que ele foi aos poucos reconhecendo como identidades falsas usadas no passado.

– Vocês estão aqui há muito tempo? – Ele viu o conteúdo de sua sacola todo espalhado em cima da cama, roupa suja separada por tipo. O shuriken estava separado, entre jeans e cuecas, em cima da espuma sintética cor de areia.

– Onde está Kolodny? – Os dois homens estavam sentados lado a lado no sofá, os braços cruzados sobre peitos bronzeados, correntes de ouro idênticas penduradas nos pescoços. Case olhou para eles e viu que a juventude ali era falsificada, marcada por um certo toque de pele enrugada nos nós dos dedos das mãos, algo que os cirurgiões foram incapazes de apagar.

– Quem é Kolodny?

– Era o nome no registro. Onde está ela?

– Sei lá – ele disse, indo até o bar e se servindo de um copo de água mineral. – Ela se mandou.

– Onde você esteve esta noite, Case? – A garota pegou a pistola e a colocou em cima da coxa, sem chegar a apontá-la para ele.

– Jules Verne, uns dois bares, enchi a cara. E você? – Ele sentia os joelhos frágeis como vidro, quebradiços. A água mineral estava quente e sem gás.

– Eu acho que você não entendeu bem sua situação – disse o homem da esquerda, tirando um maço de Gitanes do bolso de sua blusa de malha branca. – O senhor está sendo preso em flagrante, Sr. Case. As acusações têm a ver com conspiração para ampliar uma inteligência artificial. – Tirou um Dunhill ouro do mesmo bolso e o acomodou na palma da mão. – O homem que o senhor chama de Armitage já está em custódia.

– Corto?

Os olhos do homem se arregalaram. – Sim. Como o senhor sabia que o nome dele é esse? – Um milímetro de chama brotou do isqueiro.

– Esqueci – disse Case.

– Você vai lembrar – disse a garota.

***

Os nomes deles, ou nomes de trabalho, eram Michèle, Roland e Pierre. Pierre, deduziu Case, ia fazer o papel do tira mau; Roland ficaria do lado de Case, faria pequenas gentilezas – achou um maço fechado de Yeheyuans quando Case recusou

um Gitane – e de modo geral faria o contraponto à hostilidade fria de Pierre. Michèle seria o Anjo Registrador, fazendo ajustes ocasionais na direção do interrogatório. Um deles, ou todos, ele tinha certeza, estaria grampeado para áudio, muito provavelmente para simstim, e tudo o que ele dissesse ou fizesse agora seria considerado como prova válida em tribunal. Prova, perguntou a si mesmo, ainda sentindo o efeito devastador da ressaca, de quê?

Sabendo que não conseguiria acompanhar o francês deles, falavam à vontade entre si. Ou assim pareciam. Ele conseguiu entender razoavelmente: nomes como Pauley, Armitage, Sense/Net, Panteras Modernos saltavam à superfície como icebergs de um mar animado de francês parisiense. Eles sempre se referiam a Molly como Kolodny.

– Você diz que foi contratado para executar uma incursão, Case – disse Roland, sua fala lenta planejada para transmitir um ar razoável – e que não estava ciente da natureza do alvo. Isso não costuma ser incomum no seu ofício? Depois de penetrar as defesas, você não seria incapaz de executar a operação necessária, nesse caso? E certamente uma operação de alguma espécie é necessária, sim? – Ele se inclinou para a frente, cotovelos fincados nos joelhos bronzeados artificialmente, palmas para cima para receber a explicação de Case. Michèle era o grampo, deduziu Case. Os olhos dela nunca o deixavam.

– Posso vestir uma roupa? – perguntou. Pierre insistira em tirar a roupa dele, e estava revistando os vincos de seus jeans. Agora estava sentado nu em uma banqueta de vime, com um pé obscenamente branco.

Roland perguntou alguma coisa a Pierre em francês. Pierre, novamente na janela, estava olhando por um par minúsculo e fino de binóculos. – Non – ele disse distraído, e Roland deu de ombros, levantando as sobrancelhas para Case. Case percebeu que era uma boa hora para sorrir. Roland retribuiu o sorriso.

É o golpezinho de merda mais antigo dos tiras, pensou Case. – Escuta – ele disse. – Eu não tô passando bem. Tomei uma droga vagabunda num bar, entende? Quero deitar. Vocês já me pegaram. Estão dizendo que pegaram o Armitage. Pegaram ele, perguntem pra ele. Eu sou só um assistente contratado.

Roland concordou com um aceno de cabeça. – E Kolodny?

– Ela estava com Armitage quando ele me contratou. É só pra dar porrada, é uma razorgirl. Até onde eu sei. E o que eu sei não é grande coisa.

– Você sabe que o nome verdadeiro de Armitage é Corto – disse Pierre, os olhos ainda ocultos pelas bordas de plástico macio dos binóculos. – Como é que você sabe disso, meu amigo?

– Acho que ele mencionou isso um dia – disse Case, lamentando o ato falho. – Todo mundo tem pelo menos dois nomes. O seu é Pierre?

– Nós sabemos que você foi consertado em Chiba – disse Michèle – e esse pode ter sido o primeiro erro de Wintermute. – Case olhou para ela com a cara mais neutra do mundo. Aquele nome não havia sido mencionado antes ali. – O processo empregado em você resultou em um pedido de sete patentes básicas pelo dono da

clínica. Você sabe o que isso quer dizer?

– Não.

– Isso quer dizer que o dono de uma clínica negra em Chiba City hoje possui o controle acionário de três grandes consórcios de pesquisa médica. Isso inverte a ordem normal dos fatores, sabia? Isso atrai a atenção. – Ela cruzou os braços morenos contra os peitinhos altos e se recostou no almofadão estampado. Case ficou imaginando quantos anos ela teria. Diziam que os olhos sempre revelavam a idade de uma pessoa, mas ele nunca foi capaz de perceber isso. Julius Deane tinha os olhos de um garoto desinteressado de dez anos de idade por trás do quartzo rosa de seus óculos. Em Michèle, nada de velho a não ser os nós de seus dedos. – Rastreamos vocês até o Sprawl, perdemos novamente, depois tornamos a encontrá-los quando estavam partindo para Istambul. Nós rastreamos vocês retroativamente, rastreamos vocês pela grade, determinamos que foram vocês os instigadores do tumulto na Sense/Net. A Sense/Net estava louca para colaborar. Rodaram um inventário para nós. Descobriram que o constructo de personalidade de ROM de McCoy Pauley estava faltando.

– Em Istambul – disse Roland, quase como que pedindo desculpas – foi muito fácil. A mulher havia alienado o contato de Armitage com a polícia secreta.

– E então vocês vieram para cá – disse Pierre, enfiando os binóculos no bolso dos shorts. – Ficamos muito felizes.

– Por que era uma chance de melhorar o bronzeado?

– Você entendeu o que queremos dizer – disse Michèle. – Se quiser fingir que não, estará apenas tornando as coisas mais difíceis para si mesmo. Ainda falta a questão da extradição. Você vai voltar conosco, Case, e Armitage também. Mas para onde exatamente vamos voltar? Para a Suíça, onde você será meramente um peão no julgamento de uma inteligência artificial? Ou para le BAMA, onde podemos provar que você participou não só de invasão de dados e furto, mas também de um ato de distúrbio público que custou quatorze vidas inocentes? A escolha é sua.

Case tirou um Yeheyuan de seu maço; Pierre o acendeu com o Dunhill. – Será que Armitage protegeria você? – A pergunta foi pontuada pelo barulho do maxilar brilhante do isqueiro se fechando.

Case olhou para ele através da dor e do amargo da betafenetilamina. – Quantos anos você tem, chefia?

– O bastante para saber que você está fodido, mal pago, que pra você acabou e que vai preso agora.

– Uma coisa – disse Case, e deu uma tragada no cigarro. Soprou a fumaça em cima do agente do Registro de Turing. – Vocês têm alguma jurisdição de verdade aqui? Quero dizer, vocês não deveriam estar com o pessoal da segurança de Freeside aqui? O território é deles, não é? – Ele viu os olhos escuros endurecerem no rosto esbelto de garotão e se tensionou para levar a porrada, mas Pierre apenas deu de ombros.

– Não faz diferença – disse Roland. – Você vem conosco. Situações de

ambiguidade jurídica são nossa especialidade. Os tratados sob os quais nosso braço do Registro opera nos garantem muita flexibilidade. E nós criamos a flexibilidade, em situações onde ela é necessária. – A máscara de camaradagem havia caído, e, subitamente, os olhos de Roland ficaram tão duros quanto os de Pierre.

– Você é pior que uma besta – disse Michèle, levantando-se, a pistola na mão. – Você se importa com sua própria espécie. Por milhares de anos os homens sonharam em pactos com demônios. Só que agora essas coisas são possíveis. E o que é que vocês ganham em troca? Qual seria o seu preço, para ajudar essa coisa a se libertar e crescer? – Havia um cansaço experiente naquela voz jovem que nenhuma garota de dezenove anos poderia ter imitado. – Você vai se vestir agora. Junto com o homem que você chama de Armitage, vocês retornarão conosco para Genebra e testemunharão no julgamento dessa inteligência. Caso contrário, vamos matar você. Agora. – Ela levantou a pistola, uma Walther preta lisa com silenciador integral.

– Já estou me vestindo – ele disse, cambaleando na direção da cama. Suas pernas ainda estavam dormentes, desajeitadas. Ele lutou para vestir uma camiseta limpa.

– Estamos com uma nave esperando. Vamos apagar o constructo de Pauley com uma arma de pulso.

– A Sense/Net vai ficar puta – disse Case, pensando: junto com todas as provas no Hosaka.

– Eles já estão bem encrencados por terem tido a posse de uma coisa dessas.

Case enfiou a cabeça na camiseta. Viu o shuriken na cama, o metal sem vida, sua estrela. Procurou o ódio. Não estava mais lá. Estava na hora de ir embora, de deixar a coisa rolar... Pensou nos saquinhos de toxina. – Lá vem a carne – ele resmungou.

No elevador que levava para a campina, pensou em Molly. Ela já deveria estar em Straylight. Caçando Riviera. E provavelmente sendo caçada por Hideo, que era quase certamente o clone ninja da história do Finlandês, aquele que apareceu para recuperar a cabeça falante.

Descansou a testa no plástico preto fosco de um painel de parede e fechou os olhos. Os braços e as pernas pareciam feitos de madeira, madeira velha, cheia de farpas e pesada como se estivesse encharcada de chuva.

O almoço estava sendo servido embaixo das árvores, sob os guarda-sóis brilhantes. Roland e Michèle entraram em seus personagens, começando a conversar sem parar em francês. Pierre vinha atrás. Michèle mantinha o cano da pistola perto de suas costelas, ocultando a arma com uma jaqueta branca que levava no braço.

Atravessando a campina, costurando por entre as mesas e as árvores, ele ficou pensando se ela o mataria se desmaiasse agora. O campo periférico de sua visão fervilhava com borrões pretos. Levantou a cabeça e viu a faixa branca

incandescente da estrutura Lado-Acheson e uma borboleta gigante flutuando graciosa contra o céu pré-gravado.

Nas margens da campina, chegaram à balaustrada que os protegia da encosta, flores silvestres dançando na corrente ascendente do desfiladeiro que era a Desiderata. Michèle jogou os cabelos curtos para o lado e apontou, dizendo alguma coisa em francês para Roland. Ela parecia realmente contente. Case seguiu a direção do gesto dela e viu a curva de lagos planos, o reluzir branco dos cassinos, retângulos turquesa de mil piscinas, o corpos de banhistas, minúsculos hieróglifos bronzeados, todos parados na serena aproximação da gravidade contra a curva infinita do casco de Freeside.

Eles seguiram até uma ponte de ferro ornamentada que fazia um arco sobre a Desiderata. Michèle o empurrou com o cano da Walther.

– Vai com calma, não tô nem conseguindo andar direito hoje.

Já tinham atravessado pouco mais de um quarto do caminho da ponte quando o microleve atacou, o motor elétrico silencioso até a hélice de fibra de carbono cortar fora o topo do crânio de Pierre.

Por um instante, eles ficaram na sombra do objeto; Case sentiu o borrifo de sangue quente na nuca e, em seguida, alguém caiu cambaleando em cima dele. Ele rolou para o lado, e viu Michèle deitada de costas, os joelhos para o alto, apontando a Walther com as duas mãos. Que desperdício de esforço, pensou, com a estranha lucidez do estado de choque. Ela estava tentando derrubar o microleve.

E, em seguida, ele já estava correndo. Olhou para trás ao passar pela primeira árvore. Roland estava correndo atrás dele. Ele viu o biplano frágil bater no corrimão de ferro da ponte, ficar todo amassado, cair por cima da ponte, colher a garota em cheio e levá-la consigo lá para baixo, para a Desiderata.

Roland não havia olhado para trás. Seu rosto estava fixo, branco, os dentes arreganhados. Ele estava com alguma coisa na mão.

O robô de jardinagem pegou Roland quando ele passou pela mesma árvore. Caiu bem do alto, dos galhos podados, uma coisa parecida com um caranguejo, com listras diagonais pretas e amarelas.

– Você matou eles – Case disse sem fôlego, correndo. – Seu maluco filho da puta, você matou todos eles...

14

O trenzinho disparava por seu túnel a oitenta quilômetros por hora. Case manteve os olhos fechados. O banho havia ajudado, mas ele botou o café da manhã para fora ao olhar para baixo e ver o sangue de Pierre descer cor-de-rosa pelos azulejos brancos.

A gravidade caía à medida que o fuso ia ficando mais estreito. O estômago de Case dava voltas.

Aerol estava esperando com sua scooter ao lado da doca.

– Case, mon, big problem – a voz suave e leve nos seus fones de ouvido. Ele aumentou o controle de volume e olhou dentro da placa facial de Lexan do capacete de Aerol.

– A gente tem que ir pro Garvey, Aerol.

– Yo. Se amarra aí, mon. Mas o Garvey está cativo. Um iate veio antes, voltou. Agora está travado firme no Marcus Garvey.

– Turing? Vieram antes? – Case subiu no quadro da scooter e começou a amarrar os cintos.

– Iate japonês. Te trouxe um pacote...

Armitage.

***

Imagens confusas de vespas e aranhas surgiram na mente de Case quando eles avistaram o Marcus Garvey. O pequeno rebocador estava encaixadinho contra o tórax cinzento de uma nave esguia e insetoide cinco vezes maior. Os braços com ganchos se destacavam contra o casco do Garvey com a estranha claridade do vácuo e da luz do sol crua. Um corredor corrugado pálido se destacava para fora do iate fazendo uma curva, serpenteava para o lado para evitar os motores do rebocador, e cobria a escotilha de popa. Havia algo de obsceno nessa disposição, mas tinha mais a ver com ideias de alimentação do que de sexo.

– O que é que tá rolando com o Maelcum?

– Maelcum tá legal. Ninguém desce pelo tubo. Piloto do iate fala com ele, diz relax.

Quando passaram pela nave cinza, Case viu o nome HANIWA em letras brancas maiúsculas novas em folha sob um aglomerado oblongo de caracteres japoneses.

– Não tô gostando disso, cara. Eu estava achando que talvez já estivesse na hora de a gente puxar o carro daqui.

– Maelcum tá pensando exatamente a mesma coisa, mon, mas assim, desse

jeito, o Garvey não vai longe não.

***

Maelcum estava murmurando um patoá acelerado no seu rádio quando Case apareceu pela escotilha dianteira e retirou o capacete.

– Aerol voltou pro Rocker – disse Case.

Maelcum concordou com a cabeça, ainda murmurando ao microfone.

Case tomou impulso, passando por cima do emaranhado flutuante de dreadlocks do piloto e começou a retirar seu traje. Os olhos de Maelcum estavam fechados agora; ele balançava a cabeça para a frente e para trás, ouvindo alguma resposta num par de fones de ouvido com espumas laranja brilhantes, a testa vincada de concentração. Ele vestia jeans esfarrapados e uma velha jaqueta de nylon verde com as mangas arrancadas. Case enfiou o traje Sanyo vermelho numa rede de armazenagem e tomou impulso até chegar à rede-G.

– Olha o que o fantasma diz, mon – disse Maelcum. – O computador não para de perguntar onde é que tu tá...

– Então quem está lá em cima naquele negócio?

– Um japaboy que veio antes. E agora o seu Mister Armitage se juntou a ele, vindo lá de Freeside...

Case colocou os trodos e se conectou.

***

– Dixie?

A matrix lhe mostrou as esferas cor-de-rosa do combinado de aço em Siquim.

– O que é que tu tá armando, rapaz? Tô ouvindo umas histórias de arrepiar. Agora o Hosaka está colado num banco de dados gêmeo na nave do teu chefe. O negócio tá fervendo. Os tiras de Turing caíram em cima?

– Foi, mas Wintermute matou todos.

– Bom, isso não vai segurar eles por muito tempo. De onde esses saíram têm muitos mais. Vão subir pra cá em bloco. Aposto que os decks deles estão caindo, matando neste setor da grade que nem moscas na merda. E o seu chefe, Case, está dando o sinal verde. Está dizendo para executar a incursão e executar agora.

Case digitou as coordenadas de Freeside.

– Deixeu pegar isso um segundinho, Case... – a matriz ficou borrada e saiu de fase enquanto o Flatline executava uma intrincada série de saltos com uma velocidade e precisão que faziam Case estremecer de inveja.

– Porra, Dixie...

– Ô, garoto, eu era bom pra cacete quando era vivo. Você ainda não viu nada. Sem as mãos, olha!

– Então é isso? Aquele retângulo verde grande à esquerda?

– Isso mesmo. Dados de núcleo corporativo da Tessier-Ashpool S.A., e esse ICE é gerado por suas duas IAs amigáveis. E me parece que estão pau a pau com qualquer coisa no setor militar. É um ICE fodástico, Case, preto como um túmulo e liso feito vidro. Frita seu cérebro só de olhar pra você. Se a gente chegar um pouco mais perto agora, ele vai colocar rastreadores pelo nosso cu até sair pelas orelhas, vai contar aos caras do quadro de avisos da T-A o tamanho do seu sapato e quanto mede o seu pau.

– Isso não tá tão ruim assim, tá? Quero dizer, os Turings estão nessa. Eu estava pensando que talvez a gente pudesse tentar dar o fora. Eu posso te levar.

– É mesmo? Tá de sacanagem? Não quer ver o que aquele programa chinês pode fazer?

– Bom, eu... – Case ficou olhando as paredes verdes do ICE da T-A. – Ah, que se foda. Tá. Vamos entrar.

– Enfia no slot.

– Ô, Maelcum – disse Case, se desconectando. – Eu provavelmente vou ficar nos trodos por umas oito horas direto. – Maelcum estava fumando novamente. A cabine estava mergulhada em fumaça. – Então, não vou poder ir ao...

– Sem problema, mon. – O zionita executou uma cambalhota para o alto e para a frente e foi mexer no conteúdo de uma sacola de malha com zíper, puxando lá de dentro um fio enrolado de tubo transparente e outra coisa junto, uma coisa selada em plástico-bolha esterilizado.

Ele chamou aquilo de cateter texano, e Case não gostou nem um pouco.

Enfiou o vírus chinês no slot, fez uma pausa, e enfiou tudo até o final.

– Ok – ele disse. – Estamos dentro. Escuta, Maelcum, se a coisa ficar esquisita, pode agarrar meu pulso esquerdo. Eu vou sentir. Senão, acho que você deve fazer o que o Hosaka te disser pra fazer, tudo bem?

– Claro, mon – Maelcum acendeu uma bagana novinha.

– E ligue o filtro de reciclagem de ar. Não quero essa merda mexendo com meus neurotransmissores. Já estou com uma ressaca legal e não quero ficar pior.

Maelcum deu um sorriso irônico.

Case voltou a se conectar.

– Caceta – disse o Flatline. – Dá só uma olhada nisto aqui.

O vírus chinês estava se desdobrando na frente deles. Uma sombra de policromo, incontáveis camadas translúcidas se deslocando e recombinando. Mutante, gigante, ela se erguia à frente deles, bloqueando o vácuo.

– Mamãe do céu – disse o Flatline.

– Vou checar a Molly – disse Case, ativando a chave do simstim.

***

Queda livre. A sensação era igual a de mergulhar numa água perfeitamente transparente. Ela estava caindo-subindo por um tubo largo de concreto lunar estreito, iluminado a intervalos de dois metros por anéis de neon branco.

O link era de mão única. Ele não podia falar com ela.

Flipou.

***

– Cara, esse software é muito filho da puta. A coisa mais sensacional desde que inventaram o pão de fôrma fatiado. Esse negócio é invisível, porra. Acabei de alugar vinte segundos naquela caixinha rosa, faltando quatro saltos para chegar no ICE da T-A; dei uma olhada em como é que eles veem a gente. Não veem. A gente não está lá.

Case vasculhou a matrix ao redor do ICE da Tessier-Ashpool até encontrar a estrutura cor-de-rosa, uma unidade comercial padrão, e digitou as linhas de código para chegar mais perto. – Pode estar com defeito.

– Talvez, mas duvido. Mas o nosso bebê é militar. E novinho. Ele simplesmente não registra. Se registrasse, nós seríamos lidos como uma espécie de ataque furtivo chinês, mas ninguém mexeu com a gente até agora. Acho que nem sequer o pessoal da Straylight.

Case ficou olhando a parede em branco que bloqueava Straylight. – Bom – ele disse. – isso é uma vantagem, não é?

– Talvez. – O constructo se aproximou de uma gargalhada. Case estremeceu com a sensação. – Dei uma checada no Kuang Onze véio de guerra mais uma vez pra você, garoto. Até que ele é amigável mesmo, desde que você esteja do lado de quem puxa o gatilho, ele é educadinho e dá a maior ajuda. E também fala inglês direitinho. Você já tinha ouvido falar em vírus lentos?

– Não.

– Eu já, uma vez. Naquela época era só uma ideia. Mas é isso que o velho Kuang é. Não é só perfurar e injetar; é mais parecido com o que a gente faz quando interfaceia com um ICE, só que é tão lento que o ICE nem sente. A face da lógica do Kuang meio que vai se arrastando devagar até o alvo e sofre uma mutação, para ficar exatamente igual ao material do ICE. Então, a gente trava nele e os programas principais cortam, começam a falar em círculos ao redor da lógica do ICE. A gente dá uma de gêmeos siameses pra cima deles antes mesmo que eles comecem a ficar bolados. – O Flatline riu.

– Você podia estar menos animadinho hoje, cara. Essa tua risada me dá arrepios na espinha.

– Que pena – disse o Flatline. – Um morto também precisa dar suas risadas. – Case deu um tapa na chave do simstim.

***

E se estabacou em cima de um emaranhado de metal e cheiro de pó; as palmas das mãos escorregavam em cima de papel couché. Alguma coisa atrás dele desabou com um estrondo.

– Qual é – disse o Finlandês. – Relaxa um pouco.

Case estava caído, esparramado em cima de uma pilha de revistas amareladas, as garotas brilhando para ele na luz fraca do Metro Holografix, uma galáxia sedutora de dentes brancos doces. Ele ficou deitado ali até o coração bater mais devagar, respirando o cheiro de revistas velhas.

– Wintermute – ele disse.

– Isso – disse o Finlandês, em algum lugar atrás dele. – Você descobriu.

– Vá se foder – disse Case, esfregando os pulsos.

– Qual é – disse o Finlandês, saindo de uma espécie de alcova na parede de ferro-velho. – Desse jeito é melhor pra você, cara. – Ele tirou seu Partagas de um bolso do paletó e acendeu um cigarro. O cheiro do tabaco cubano invadiu a oficina. – Quer que eu apareça pra você na matrix como uma sarça ardente? Você não está perdendo nada não estando lá. Uma hora aqui só vai durar uns dois segundos pra você.

– Você acha que me deixa nervoso você aparecer igual a pessoas que conheço? – Ele se levantou, espanando poeira branca da frente do seu jeans preto. Ele se virou, olhando de volta para as vitrines empoeiradas das lojas, a porta da rua fechada. – O que há lá fora? Nova York? Ou a coisa simplesmente para?

– Bom – disse o Finlandês –, é como aquela história da árvore, sabe? Cai na floresta mas talvez não haja ninguém para ouvi-la. – Ele mostrou para Case seus dentões amarelos e soltou uma baforada do cigarro. – Você pode sair para dar uma volta, se quiser. Está tudo lá. Ou pelo menos todas as partes que você já viu. Isto é memória, certo? Eu acesso você, digamos assim, e te dou um feedback.

– Eu não tenho uma memória tão boa assim – disse Case, olhando em volta. Ele olhou para baixo, para suas mãos, virando-as. Tentou se lembrar de como eram as linhas das palmas de suas mãos, mas não conseguiu.

– Todo mundo tem – disse o Finlandês, deixando o cigarro cair e esmagando-o com o sapato –, mas poucos de vocês conseguem acessá-la. Artistas, de modo geral, conseguem, se forem bons de verdade. Se pudesse sobrepor este constructo como uma camada sobre a realidade, o cafofo do Finlandês na baixa Manhattan, você veria uma diferença, mas talvez não tão grande quanto imagina. A memória é holográfica para vocês. – O Finlandês deu um puxão numa de suas orelhas pequenas. – Eu sou diferente.

– Como assim, holográfica? – a palavra o fez pensar em Riviera.

– O paradigma holográfico é a coisa mais próxima que já se conseguiu formar de uma representação da memória humana, só isso. Mas vocês nunca fizeram nada parecido com isto. Pessoas, eu quero dizer. – O Finlandês deu um passo à frente e inclinou seu crânio estilizado para olhar melhor para Case. – Talvez, se vocês tivessem feito isso, eu não estaria acontecendo.

– O que é que isso quer dizer?

O Finlandês deu de ombros. Seu paletó esfarrapado de tweed era muito largo sobre os ombros, e não lhe caía muito bem. – Eu estou tentando ajudar você, Case.

– Por quê?

– Porque preciso de você. – Os dentões amarelados voltaram a aparecer. – E porque você precisa de mim.

– Mentira. Você consegue ler a minha mente, Finlandês? – Ele deu um risinho irônico. – Ou melhor dizendo, Wintermute?

– Mentes não se leem. Sabe, você ainda tem os paradigmas que a mídia impressa lhe deu, e olhe que é praticamente analfabeto. Eu posso acessar a sua memória, mas não é a mesma coisa que sua mente. – Ele estendeu a mão para tocar o chassi de uma televisão antiga e tirou de dentro um tubo de imagem preto e prata. – Está vendo isto aqui? É parte de meu DNA, de certa forma... – Jogou a coisa nas sombras e Case ouviu o tubo estalar e quebrar. – Vocês estão sempre construindo modelos. Círculos de pedra. Catedrais. Órgãos de tubos. Máquinas de somar. Eu não tenho ideia de por que estou aqui agora, você sabia disso? Mas se a incursão for executada esta noite, você finalmente terá conseguido a coisa de verdade.

– Não faço ideia do que você está falando.

– Quando eu digo você, quero dizer "vocês", o coletivo. Sua espécie.

– Você matou aqueles Turings.

O Finlandês deu de ombros. – Precisei. Precisei. Você devia agradecer; eles teriam apagado você sem pensar duas vezes. De qualquer maneira, por que eu trouxe você até aqui? Precisamos conversar mais. Lembra disto? – E sua mão direita segurava o ninho de vespas esturricado do sonho de Case, o fedor de combustível no espaço apertado da oficina escura. Case cambaleou para trás e bateu numa parede de ferro-velho. – É. Era eu. Fiz aquilo com a gambiarra holográfica da janela. Outra memória que coletei de você quando te dei um flatline da primeira vez. Sabe por que isso é importante?

Case balançou a cabeça em negativa.

– Porque – e o ninho, de algum modo, havia desaparecido – é a coisa mais próxima que você tem do que a Tessier-Ashpool gostaria de ser. O equivalente humano. A Straylight é parecida com esse ninho, ou pelo menos devia funcionar daquele jeito. Acho que isso vai fazer você se sentir melhor.

– Me sentir melhor?

– Saber como eles são. Você estava começando a me odiar por um momento ali. Isso é bom. Mas odeie eles em vez de mim. A diferença é a mesma.

– Escuta – disse Case, dando um passo adiante –, eles nunca me fizeram merda nenhuma. Com você é diferente... – Mas ele não conseguia sentir ódio.

– Então, a T-A me criou. A garota francesa disse que você estava vendendo a espécie. Ela disse que eu era um demônio. – O Finlandês sorriu. – Não faz muita diferença. Você precisa odiar alguém antes que isto acabe. – Ele se virou e se

dirigiu para os fundos da oficina. – Bom, vamos lá, vou te mostrar um pouco da Straylight já que está aqui. – Levantou o canto do cobertor. Uma luz branca passou pela abertura. – Que merda, cara, não fique aí parado.

Case o seguiu, esfregando o rosto.

– Ok – disse o Finlandês, pegando-o pelo braço.

Eles passaram pela lã molhada em uma nuvem de pó, entrando em queda livre em um corredor cilíndrico de concreto lunar estreito, iluminado a intervalos de dois metros por anéis de neon branco.

– Jesus – disse Case, caindo.

– Esta é a entrada da frente – disse o Finlandês, as lapelas do paletó voando ao vento. – Se isto aqui não fosse um constructo meu, o local da oficina seria o portão principal, subindo o eixo de Freeside. Mas os detalhes não estão muito bem definidos, porque você não tem as memórias. A não ser por este trecho aqui, onde você saiu da Molly...

Case conseguiu se endireitar, mas começou a descer numa longa espiral num movimento de saca-rolhas.

– Espere um pouco – disse o Finlandês. – Vou dar um fast-forward.

As paredes ficaram borradas. Uma sensação estonteante de movimento de cabeça para baixo, cores, dobrando esquinas muito rápido e passando por corredores estreitos. Em um ponto determinado, ele sentiu como se estivesse passando por vários metros de parede sólida, um flash de escuridão profunda.

– Pronto – disse o Finlandês. – Chegamos.

Eles estavam flutuando no centro de um aposento perfeitamente quadrado, as paredes e o teto revestidos por seções retangulares de madeira escura. O piso era coberto por um único quadrado de carpete brilhante com padrões que lembravam um microchip, circuitos traçados em lã azul e escarlate. No centro exato do quarto, alinhados precisamente com o padrão do carpete, estava um pedestal quadrado de vidro branco translúcido.

– A Villa Straylight – disse uma coisa cheia de joias sobre o pedestal, numa voz musical – é um corpo que cresceu sobre si mesmo, uma loucura gótica. Cada espaço na Villa Straylight é, de algum modo secreto, essa série infinita de câmaras ligadas por passagens, por escadarias abauladas como intestinos, onde o olho é capturado em curvas estreitas, aprisionado por telas ornamentadas, alcovas vazias...

– É um ensaio de 3Jane – disse o Finlandês, tirando um Partagas do bolso. – Escreveu aos doze anos. Curso de Semiótica.

– Os arquitetos de Freeside tiveram um excruciante trabalho para ocultar o fato de que o interior do fuso é disposto com a precisão banal da mobília num quarto de hotel. Na Straylight, a superfície interna do casco é uma proliferação desesperada de estruturas supercrescidas, formas fluidas, entrecruzando-se, erguendo-se na direção de um núcleo sólido de microcircuitos, o coração corporativo de nosso clã, um cilindro de silício todo perfurado por estreitos túneis de manutenção como

buracos de minhoca, alguns menores que a mão de um homem. Os caranguejos brilhantes se enterram neles, os robôs em alerta para decomposição micromecânica ou sabotagem.

– Foi ela que você viu no restaurante – disse o Finlandês.

– Pelos padrões do arquipélago – continuou a cabeça – nossa família é antiga, e as convoluções de nosso lar refletem essa idade. Mas refletem mais alguma coisa também. A semiótica da Villa trai um voltar-se para dentro, uma negação do vácuo brilhante além do casco.

– Tessier e Ashpool subiram o poço gravitacional para descobrir que detestavam o espaço. Construíram Freeside para sugar a riqueza das novas ilhas, ficaram ricos e excêntricos, e começaram a construção de um corpo estendido em Straylight. Nós nos isolamos por trás de nosso dinheiro, crescendo para dentro, gerando um universo impecável do self.

– A Villa Straylight não conhece o céu, seja pré-gravado ou não.

– No núcleo de silício da Villa há um pequeno aposento, a única câmara retilínea do complexo. Ali, sobre um pedestal simples de vidro, repousa um busto ornamentado de platina e cloasonado, cravejado de lazurita e pérolas. As bolinhas de gude brilhantes de seus olhos foram cortadas da janela panorâmica de rubi da nave que trouxe o primeiro Tessier poço acima, e voltou para apanhar o primeiro Ashpool...

A cabeça se calou.

– E aí? – perguntou Case, finalmente, quase esperando que a coisa lhe respondesse.

– Isso foi tudo o que ela escreveu – disse o Finlandês. – Não terminou. Era só uma menina na época. Esta coisa é meio que um terminal de cerimonial. Preciso de Molly aqui dentro com a palavra certa na hora certa. Esta é a questão. Não quer dizer merda nenhuma o nível de profundidade a que você e o Flatline chegarem com esse vírus chinês se esse negócio não ouvir a palavra mágica.

– E qual é a palavra?

– Não sei. Pode-se dizer que o que eu sou é basicamente definido pelo fato de que não sei, porque não posso saber. Eu sou aquele que não pode saber a palavra. Se você soubesse, cara, e me contasse, eu não conseguiria entender. Isso está implantado dentro de mim. Alguém precisa aprender essa palavra e trazê-la para cá, no momento em que você e o Flatline penetrarem naquele ICE e embaralharem os núcleos.

– E o que é que vai acontecer então?

– Depois disso eu não existo. Eu deixo de existir.

– Por mim tudo bem – disse Case.

– Claro. Mas vê se te cuida, Case. Meu, ahn, outro Lobo está em cima de nós, ao que parece. Uma sarça ardente é igual a qualquer outra. E Armitage está começando a ir.

– Como assim?

Mas o quarto revestido se dobrou para dentro de si por uma dezena de ângulos impossíveis, caindo para dentro do ciberespaço como um grou de origami.

15

– Tá tentando bater meu recorde, filho? – perguntou o Flatline. – Você voltou a ficar com morte cerebral, cinco segundos.

– Se segura – disse Case, e acionou a chave do simstim.

Ela estava agachada na escuridão, as palmas das mãos coladas no concreto áspero.

CASE CASE CASE CASE. O display digital pulsava seu nome em alfanuméricos. Era Wintermute informando-a do link.

– Que bonitinho – ela disse. Continuou agachada, balançando nos calcanhares, e esfregou as mãos, estalando os dedos. – Por que é que você demorou?

TEMPO MOLLY TEMPO AGORA.

Ela passou a língua com força pelos dentes inferiores da frente. Um deles se mexeu ligeiramente, ativando seus amplificadores de microcanal; a movimentação randômica de fótons na escuridão foi convertida em um pulso de elétrons, o concreto ao seu redor surgindo com uma palidez fantasma e granulada. – Ok, meu amor. Agora a gente vai começar a brincadeira.

Case percebeu que o seu esconderijo era uma espécie de túnel de manutenção. Ela se arrastou para fora e saiu por uma grade ornamentada de bronze envelhecido com dobradiças. Ele viu o suficiente dos braços e pernas dela para saber que estava usando novamente o traje de policarbono. Sob o plástico, ele sentiu a tensão familiar do couro fino e justo. Havia alguma coisa presa embaixo do braço dela numa faixa ou coldre. Ela se levantou, abriu o zíper e tocou o plástico axadrezado do cabo de uma pistola.

– Ei, Case – ela disse, mal pronunciando as palavras. – Está escutando? Vou te contar uma história... – Ela se virou e inspecionou o corredor. – O nome dele era Johnny.

O corredor de teto baixo e abaulado estava cheio de fileiras de dezenas de caixas de museu, caixas de aspecto arcaico com vitrines de vidro e madeira castanha. Ali, eles pareciam deslocados, como se tivessem sido trazidos e enfileirados para algum propósito esquecido. Suportes de bronze fosco seguravam globos de luz branca a intervalos de dez metros. O piso era irregular e, quando ela atravessou o corredor, Case percebeu que centenas de tapetinhos e carpetes haviam sido colocados ali de modo aleatório. Em alguns lugares, eles tinham dez centímetros de espessura, e o chão era um patchwork suave de lã tecida à mão.

Molly não prestou muita atenção aos gabinetes e seus conteúdos, o que o irritou. Ele teve de se satisfazer com os olhares desinteressados que ela dava de relance, que lhe davam fragmentos de cerâmica, armas antigas, uma coisa

cravejada com tantos pregos que era irreconhecível, trechos esfiapados de tapeçaria...

– Sabe, meu Johnny era um garoto muito inteligente, supersacado. Começou como armazenador em Memory Lane, tinha chips na cabeça e as pessoas pagavam para esconder dados ali. A Yak estava atrás dele na noite em que a gente se conheceu, e eu matei o assassino deles. Foi mais sorte do que qualquer coisa, mas fiz aquilo por ele. E, depois disso, as coisas foram muito bonitas, Case. – Os lábios dela quase não se moviam. Ele a sentia formar as palavras; não a ouvia formá-las em voz alta. – Nós tínhamos um esquema com um SQUID, para podermos ler os vestígios de tudo o que ele já havia armazenado na vida. Salvamos tudo aquilo em fita e começamos a espremer clientes selecionados, ex-clientes. Eu cuidava da bagagem, da vigilância e da porrada. Eu era feliz de verdade. Você já foi feliz, Case? Ele era o meu cara. A gente trabalhava junto. Parceiros. Acho que eu estava há oito semanas fora da casa de bonecas quando o conheci... – Ela fez uma pausa, fez uma curva fechada e continuou. Mais caixas de madeira brilhosa, suas laterais de uma cor que o fazia se lembrar de asas de barata.

– Era doce, lindo, com a gente tudo corria macio. Como se ninguém pudesse colocar as mãos em nós. Eu não ia deixar ninguém fazer isso. A Yakuza, acho, eles ainda queriam comer o rabo do Johnny. Porque eu havia matado o homem deles. Porque o Johnny havia queimado eles. E a Yak pode se dar ao luxo de se movimentar muito devagar, cara, eles esperam anos e anos. Te dão uma vida inteira, só para você ter mais a perder quando eles vierem e tirarem essa vida. Pacientes como aranhas. Aranhas zen.

– Naquela época, não sabia disso. Ou, se sabia, achava que não se aplicava a nós. Como quando você é jovem, e acha que é especial. Eu era jovem. Então, eles apareceram, quando estávamos pensando que talvez tivéssemos o suficiente para pular fora, fazer as malas, ir para a Europa, talvez. Não que nenhum de nós soubesse o que ia fazer lá, sem nada pra fazer. Mas a gente estava vivendo muito bem, com contas orbitais suíças e um baú cheio de brinquedos e móveis. Isso faz você ficar mais lento no jogo.

– Então, o primeiro que eles mandaram, era um cara foda. Tinha reflexos como você nunca viu, implantes, tinha mais estilo que dez caras comuns juntos. Mas o segundo, era, sei lá, tipo assim um monge. Clonado. Matador de pedra em cada célula do corpo. Ele tinha isso nele, a morte, esse silêncio, ele exalava isso como uma nuvem... – A voz dela desapareceu quando o corredor se dividiu, escadarias idênticas descendo. Ela pegou a da esquerda.

– Uma vez, quando era menina, a gente morava numa ocupação, num squat. Era lá no rio Hudson, e aqueles ratos, cara, eles eram grandes. São os produtos químicos despejados por lá. Eram do meu tamanho, e a noite toda um deles tinha ficado andando pra lá e pra cá debaixo do piso do squat. Por volta do amanhecer, alguém trouxe um velho, com o rosto todo marcado e os olhos bem vermelhos. Ele levava um rolo de couro todo engraxado para guardar ferramentas dentro, para

evitar que elas enferrujassem. Abriu o rolo e tinha um revólver velho e três cápsulas. O velho colocou uma bala na arma, aí começou a subir e descer pelo squat, e a gente colado na parede.

– Andando prum lado e pro outro. Cruzou os braços, abaixou a cabeça, parecia que tinha esquecido da arma. Estava procurando ouvir o rato. A gente ficou muito quieto. O velho dá um passo. O rato se move. O rato se move, ele dá outro passo. Uma hora fazendo isso e, de repente, parece que ele lembrou da arma. Aponta ela para o chão, dá um sorriso e puxa o gatilho. Guardou tudo e foi embora.

– Mais tarde, eu me esgueirei lá pra baixo. O rato tinha um buracão no meio dos olhos. – Ela estava vigiando os corredores selados que se abriam a intervalos ao longo do corredor. – O segundo, o que veio pra pegar o Johnny, era tipo esse velho. Não era velho, mas era desse jeito. Era desse jeito que ele matava. – O corredor se ampliou. O mar de tapetes ricos ondulava suavemente sob um candelabro enorme, cujo pingente de cristal mais baixo quase tocava o piso. Cristais tilintaram quando Molly entrou no hall. TERCEIRA PORTA ESQUERDA, piscou o display.

Ela virou à esquerda, evitando a árvore invertida de cristal. – Eu o vi apenas uma vez. Quando estava a caminho do nosso cafofo. Ele estava saindo. Nós vivíamos num espaço de fábrica convertido, com muito pessoalzinho novo saído da Sense/Net, tipo assim. A segurança era muito boa, pra começo de conversa, e eu havia instalado umas coisas bem fodaças pra terminar de isolar tudo. Eu sabia que Johnny estava lá em cima. Mas aquele cara baixinho chamou minha atenção quando saiu. Não disse uma palavra. A gente apenas olhou um para o outro e eu soube. Um cara baixinho comum, roupas comuns, nenhum orgulho, humilde. Ele olhou pra mim e entrou num bicitáxi. Eu soube. Subi e Johnny estava sentado numa cadeira ao lado da janela, com a boca ligeiramente aberta, como se tivesse acabado de pensar em dizer alguma coisa.

A porta à frente dela era velha, uma placa esculpida de teca tailandesa que parecia ter sido serrada ao meio para caber na abertura baixa da porta. Uma fechadura mecânica primitiva com um rosto de aço inoxidável havia sido instalada sob um dragão cheio de curvas. Ela se ajoelhou, retirou um rolinho de chamois preto de um bolso interno e selecionou um palito da espessura de uma agulha. – Depois disso não encontrei mais ninguém que valesse a pena.

Ela enfiou o palito e trabalhou em silêncio, mordiscando o lábio inferior. Parecia confiar somente no toque; seus olhos perderam o foco e a porta era um borrão de madeira clara. Case ficou ouvindo o silêncio do hall, pontuado pelo tilintar suave do candelabro. Velas? Straylight era toda errada. Ele se lembrou da história que Cath havia contado sobre um castelo com lagos e lilases, e as palavras educadas de 3Jane recitadas musicalmente pela cabeça. Um lugar que cresceu por dentro. Straylight tinha um cheiro suave de bolor, ligeiramente perfumado, como uma igreja. Onde estavam os Tessier-Ashpools? Ele havia esperado uma colmeia clean, de atividade disciplinada, mas Molly não vira nada disso. O monólogo dela o deixou

pouco à vontade. Além da história que contara no cubículo, quase nunca dizia algo que sequer indicasse que tinha um passado.

Ela fechou os olhos e algo fez clic, que Case mais sentiu do que ouviu. Isso fez com que ele se lembrasse das travas magnéticas da porta do cubículo dela no lugar das bonecas. A porta havia se aberto para ele, embora tivesse usado o chip errado. Aquilo tinha sido obra de Wintermute, manipular a trava da mesma maneira que havia manipulado o microleve automático e o jardineiro-robô. O sistema de travas na casa de bonecas era uma subunidade do sistema de segurança de Freeside. A trava mecânica simples ali seria um verdadeiro desafio para a IA, o que exigiria um robô ou alguma espécie de agente humano.

Ela abriu os olhos, colocou o palito de volta ao chamois, voltou a enrolá-lo com cuidado e enfiou de novo no bolso. – Acho que é tipo assim quem você é – ela disse. – Acho que você nasceu para fazer incursões. Acho que aquilo que você estava fazendo em Chiba era uma versão resumida do que costuma fazer em qualquer lugar. Azar; eu mesma faço isso de vez em quando, faz você voltar ao básico. – Ela se levantou, se espreguiçou, se sacudiu. – Sabe, acho que o cara que a Tessier-Ashpool mandou atrás daquele Jimmy, o garoto que roubou a cabeça, deve ter sido praticamente o mesmo que a Yak mandou para matar Johnny. – Ela sacou a pistola de dardos do coldre e discou o cano para full auto.

A feiura da porta atingiu Case quando ela estendeu a mão para abri-la. Não a porta propriamente dita, que era linda, ou que um dia havia sido parte de um todo mais bonito, mas a maneira como havia sido cortada para caber numa entrada em particular. Até mesmo o formato estava errado, um retângulo no meio de curvas suaves de concreto polido. Eles haviam importado aquelas coisas, pensou ele, e depois forçaram tudo a caber ali. Mas nada daquilo cabia. A porta parecia aquele gabinete bizarro, a imensa árvore de cristal. Então, ele se lembrou do ensaio de 3Jane, e imaginou que os encaixes haviam sido levados poço acima para dar vida a algum plano-mestre, um sonho há muito perdido no esforço compulsivo para preencher o espaço, para replicar alguma imagem familiar do seu eu. Lembrou-se do ninho destruído, das coisas sem olhos se contorcendo...

Molly pegou uma das patas dianteiras do dragão e a porta abriu fácil.

A sala, atrás da porta, era pequena, atulhada de coisas, pouco mais que um closet. Gabinetes de ferramentas de aço cinza encostados numa parede curva. Uma luminária havia se acendido automaticamente. Ela fechou a porta atrás de si e foi até os armários com gavetas.

TERCEIRA ESQUERDA, pulsava o chip óptico, Wintermute assumindo o controle de seu display de relógio. CINCO PARA BAIXO. Mas ela abriu a gaveta de cima primeiro. Não era mais que uma bandeja rasa. Vazia. A segunda também estava vazia. A terceira, que era mais funda, continha bolinhas foscas de solda e uma coisinha marrom que parecia um osso de dedo humano. A quarta gaveta continha um exemplar todo inchado de umidade de um manual técnico obsoleto em francês e japonês. Na quinta, atrás da manopla armada de um traje de vácuo pesado, ela

encontrou a chave. Era parecida com uma moeda de bronze fosca com um tubinho oco colado numa parte da circunferência. Ela a girou lentamente na mão e Case viu que o interior do tubo era cheio de depressões e triângulos. As letras CHUBB estavam moldadas numa das faces da moeda. A outra não tinha nada.

– Ele me disse – ela sussurrou – Wintermute. Sobre como ele brincou de esperar por anos. Ele não tinha nenhum poder de verdade na época, mas podia usar a segurança da Villa e seus sistemas de custódia para rastrear onde todo mundo estava, como as coisas se moviam, para onde iam. Ele viu alguém perder esta chave há vinte anos, e conseguiu fazer com que outra pessoa a deixasse aqui. Então ele o matou, matou o garoto que trouxe a chave para cá. Ele tinha oito anos. – Ela fechou os dedos brancos sobre a chave. – Para que ninguém a encontrasse. – Ela tirou um fio de nylon preto do bolso-canguru e o amarrou no furinho redondo acima da palavra CHUBB. Deu um nó e pendurou a chave no pescoço. – Eles estavam sempre enchendo o saco dele com essas histórias de como eram à moda antiga, ele disse, toda essa tralha do século dezenove. Ele parecia igualzinho ao Finlandês, na tela daquele muquifo de bonecas de carne. Quase achei que fosse mesmo o Finlandês, se não tivesse tomado cuidado. – Seu display mostrava agora a hora, alfanuméricos sobrepostos sobre os armários de aço cinza. – Ele disse que se eles tivessem se tornado o que desejavam ter sido no começo, poderia ter escapado há muito tempo. Mas não aconteceu. Eles foderam tudo. Freaks como 3Jane. Foi ele quem a chamou disso, mas disse como se gostasse dela.

Ela se virou, abriu a porta e saiu, a mão roçando o cabo marcado da pistola de dardos.

Case flipou.

***

O Kuang Onze estava crescendo.

– Dixie, você acha que esse negócio vai funcionar?

– Macaco gosta de banana? – o Flatline os fez passar por camadas de arco-íris de deslocamento.

Alguma coisa escura estava se formando no núcleo do programa chinês. A densidade de informações sobrepujava o tecido da matrix, disparando imagens hipnagógicas. Tênues ângulos caleidoscópicos centravam-se num ponto focal preto e prata. Case viu símbolos infantis de mal e de azar caírem rolando ao longo de planos translúcidos: suásticas, caveiras e ossos cruzados, dados com olhos de serpente piscando. Se ele olhasse diretamente para aquele ponto nulo, nenhum contorno se formaria. Ele precisou de uma dezena de olhadas periféricas rápidas antes de descobrir o que era: uma espécie de tubarão, reluzindo como obsidiana, os espelhos negros de seus flancos refletindo luzes distantes, fracas, que não tinham nenhuma relação com a matrix ao redor.

– Este é o ponto exato – disse o constructo. – Quando o Kuang estiver cravado e

apertadinho dentro do núcleo Tessier-Ashpool, vamos cavalgar essa até o final.

– Você tinha razão, Dix. Existe um tipo de controle manual do hardwiring que mantém o Wintermute controlado. Seja lá o quanto ele estiver controlado – ele acrescentou.

– Ele – disse o constructo. – Ele. Cuidado com isso. É uma coisa. Eu tenho que ficar repetindo?

– É um código. Uma palavra – ele disse. – Alguém precisa pronunciá-la em um terminal elaborado num quarto determinado, enquanto cuidamos do que quer que esteja esperando por nós por trás desse ICE.

– Bom, você tem tempo pra matar, garoto – disse o Flatline. – O Kuang véio de guerra é lento, mas confiável.

Case se desconectou.

***

Direto nos olhos de Maelcum.

– Tu tava morto aí, mon.

– Acontece – ele disse. – Já estou ficando acostumado.

– Tu tá brincando com as trevas, mon.

– É o único jogo da cidade, ao que parece.

– Jah love, Case – disse Maelcum, e voltou ao seu módulo de rádio. Case ficou olhando os dreadlocks embaraçados, os músculos encordoados nos braços negros do homem.

Voltou a se conectar.

E flipou.

***

Molly estava correndo por um corredor que poderia ter sido aquele que percorrera antes. As caixas, com vitrines de vidro, haviam desaparecido, e Case deduziu que eles estavam seguindo em frente, na direção da ponta do fuso; a gravidade estava ficando mais fraca. Num instante ela estava pulando suavemente sobre colinas de tapetes. A perna dava umas fisgadas de leve...

O corredor ficava cada vez mais estreito, curvado, e se dividiu.

Ela tomou o caminho da direita e começou a subir um lance de escadas incrivelmente íngreme, a perna já começando a doer. No alto, cabos amarrados em maços abraçavam o teto da escadaria como gânglios com códigos de coes. As paredes tinham manchas de bolor.

Ela chegou a um patamar triangular e parou para massagear a perna. Mais corredores, estreitos, as paredes com tapetes pendurados. Eles se dividiam em três direções.

ESQUERDA.

Ela deu de ombros. – Deixa eu dar uma olhada ao redor, ok?

ESQUERDA.

– Relaxa. Tem tempo. – Ela começou a descer o corredor que levava para sua direita.

PARE.

VOLTE.

PERIGO.

Ela hesitou. Da porta de carvalho entreaberta no final da passagem veio uma voz, alta e arrastada, como a voz de um bêbado. Case achou que o idioma podia ser francês, mas estava indistinto demais. Molly deu um passo, outro passo, enfiando devagar a mão dentro do traje para tocar o cabo da pistola de dardos. Quando ela entrou no campo do disruptor neural, suas orelhas zumbiram, um tom pequeno que começava a subir e que fez Case pensar no som da pistola dela. Ela avançou cambaleante, os músculos estriados agora sem rigidez alguma, e bateu com a testa na porta. Sofreu um espasmo e caiu de costas, os olhos sem foco, sem respirar.

– O que é isso? – perguntou a voz arrastada – Vestido de baile? – Uma mão trêmula entrou na frente do traje dela e encontrou a pistola de dardos, puxando-a para fora. – Venha me fazer uma visita, criança. Agora.

Ela se levantou devagar, os olhos fixos no cano de uma pistola automática preta. Mas, agora, a mão do homem estava suficientemente firme; o cano da arma parecia estar ligado à sua garganta por um rígido fio invisível.

Ele era velho, muito alto, e seus traços lembraram a Case da garota que ele havia visto de relance no Vingtième Siècle. Ele vestia um robe pesado de seda marrom, com os punhos compridos axadrezados e um colarinho de tecido atoalhado. Um dos pés estava descalço, e o outro calçava um chinelo de veludo preto com uma cabeça de raposa dourada bordada na palmilha. Ele fez um gesto para que ela entrasse no aposento. – Devagar, querida. – O quarto era muito grande, atulhado com um sortimento de coisas que não faziam sentido para Case. Ele viu um grande rack de aço cinza com monitores Sony antigos, uma cama imensa de bronze com peles de carneiro empilhadas em cima e travesseiros que pareciam ter sido feitos do mesmo tipo de tapete usado para cobrir o piso dos corredores. Os olhos de Molly foram rápidos de um enorme console de entretenimento Telefunken até prateleiras de antigos discos de gravação, suas capas arruinadas cobertas por plástico transparente, para uma mesa ampla repleta de placas de silício. Case registrou o deck de ciberespaço e os trodos, mas o olhar dela passou deslizando por ele sem se deter.

– O costume seria – disse o velho – que eu a matasse agora. – Case sentiu-a tensa, pronta para um movimento. – Mas esta noite quero me divertir. Qual é o seu nome?

– Molly.

– Molly. O meu é Ashpool. – Ele voltou a afundar na suavidade cheia de vincos

de uma enorme poltrona de couro com pernas de cromo quadradas, mas a arma não vacilou nem por um segundo. Ele colocou a pistola de dardos em cima de uma mesa de bronze ao lado da cadeira, derrubando um frasco plástico cheio de pílulas vermelhas. A mesa estava repleta de frascos, garrafas de bebidas alcoólicas, envelopes de plástico mole que derramavam pozinhos brancos. Case notou uma antiga seringa hipodérmica de vidro e uma colher de aço simples.

– Como é que você faz para chorar, Molly? Estou vendo que seus olhos são bloqueados. Estou curioso. – Os olhos dele eram avermelhados, a testa reluzia de suor. Ele era muito branco. Doença, deduziu Case. Ou drogas.

– Não costumo chorar muito.

– Mas como você choraria, se alguém fizesse você chorar?

– Eu cuspo – ela disse. – Os dutos lacrimais são desviados para a minha boca.

– Então você já aprendeu uma lição importante, para uma pessoa tão jovem. – Ele repousou a mão que segurava a pistola sobre o joelho e apanhou uma garrafa na mesa ao seu lado, sem nem se preocupar em escolher entre a meia dúzia de bebidas alcoólicas diferentes. Ele bebeu. Conhaque. Um fio do líquido escorreu pelo canto de sua boca. – É assim que se lida com as lágrimas. – Ele tomou mais um gole. – Esta noite estou ocupado, Molly. Eu construí isto tudo, e agora estou ocupado. Morrendo.

– Eu posso sair por onde vim – ela disse.

Ele riu, um som alto e rascante. – Você se intrometeu em meu suicídio e depois pede simplesmente para sair? Ora, você me surpreende. Uma ladra.

– O cu é meu, chefia, e é tudo o que eu tenho. Só quero sair daqui inteira.

– Você é uma moça muito grosseira. Aqui, suicídios são realizados com um certo nível de decoro. É isso o que estou fazendo, entende? Mas talvez a leve comigo esta noite, direto para o inferno... Seria bem egípcio da minha parte. – Ele tomou mais um gole. – Venha cá. – Ele estendeu a garrafa, a mão trêmula. – Beba.

Ela balançou a cabeça.

– Não está envenenada – ele disse, mas tornou a colocar o conhaque em cima da mesa. – Sente. Sente-se no chão. Vamos conversar.

– Sobre o quê? – ela se sentou. Case sentiu as lâminas se moverem, muito devagar, abaixo das unhas.

– O que vier à cabeça. À minha cabeça. A festa é minha. Os núcleos me acordaram. Há vinte horas. Alguma coisa estava acontecendo, eles disseram, e eu era necessário. Era você essa alguma coisa, Molly? Certamente eles não precisavam de mim para cuidar de você. Alguma outra coisa... mas eu estive sonhando, sabe? Por trinta anos. Você ainda não era nascida quando me deitei para dormir pela última vez. Eles nos disseram que não sonharíamos, com esse frio. Eles nos disseram que também não sentiríamos frio. Loucura, Molly. Tudo mentira. É claro que sonhei. O frio deixa o lado de fora entrar, foi isso. O lado de fora. Toda uma noite lá fora; construí isto para nos escondermos dela. Só uma gota, no começo, um grão de noite vazando para dentro, atraído pelo frio... Outros

vieram, enchendo minha cabeça do jeito que a chuva enche uma piscina vazia. Lírios callas. Eu me lembro. As piscinas eram de terracota, as enfermeiras todas de cromo, o jeito como as pernas delas refletiam o pôr do sol nos jardins... Eu sou velho, Molly. Mais de duzentos anos, se você contar o frio. O frio. – O cano da pistola subiu rapidamente, vacilante. Agora os tendões das coxas dela estavam duros como cabos esticados.

– Você pode ter queimadura de frio – ela disse com cautela.

– Ali nada queima – ele disse impaciente, abaixando a arma. Seus poucos movimentos eram cada vez mais esclerosados. Sua cabeça balançava para a frente e para trás. Ele precisava fazer um esforço para impedir esse movimento. – Nada queima. Agora eu me lembro. Os núcleos me disseram que nossas inteligências estão loucas. E todos os bilhões que pagamos, há tanto tempo. Quando as inteligências artificiais ainda eram um conceito arrojado. Eu disse aos núcleos que daria conta disso. Que hora ruim, com 8Jean lá embaixo em Melbourne e apenas nossa querida 3Jane tomando conta da loja. Ou, talvez, seja uma hora muito boa. O que você acha, Molly? – Ele tornou a levantar a arma. – Algumas coisas estranhas estão acontecendo agora na Villa Straylight.

– Chefia – ela perguntou a ele. – Você conhece Wintermute?

– Um nome. Sim. Para conjura, talvez. Um lorde do inferno, com certeza. Na minha época, cara Molly, eu conheci muitos lordes. E não poucas ladies. Ora, uma rainha da Espanha, certa vez, naquela cama ali... mas estou divagando. – Tossiu uma tosse molhada; o cano da pistola sacudiu com suas convulsões. Cuspiu no tapete, perto de seu pé descalço. – Como tenho divagado... Através do frio. Mas, em breve, não mais. Mandei descongelar uma Jane quando acordei. Estranho, se deitar a intervalos de algumas décadas com o que legalmente equivale à sua própria filha. – Seu olhar passou direto por ela e foi até o rack de monitores apagados. Deu a impressão de ter estremecido. – Os olhos de Marie-France – ele disse, bem baixinho, e sorriu. – Nós fazemos com que o cérebro se torne alérgico a determinados neurotransmissores, o que resulta em uma imitação peculiarmente convincente de autismo. – A cabeça dele balançou para o lado, já recuperada. – Pelo que sei, hoje o efeito é obtido mais facilmente com um microchip embutido.

A pistola deslizou de seus dedos e quicou no carpete.

– Os sonhos crescem como gelo lento – ele disse. Seu rosto tinha uma tonalidade azulada. A cabeça afundou de novo no couro da poltrona e ele começou a roncar.

Ela se levantou e agarrou a arma. Com a automática de Ashpool na mão, vasculhou o aposento inteiro.

Ao lado da cama, formando uma pilha, achou uma grande colcha de retalhos sobre uma enorme poça de sangue coagulado, espesso e brilhante sobre as padronagens dos tapetes. Levantando um canto da colcha, achou o corpo de uma garota, os ombros e o colo encharcados de sangue. Sua garganta havia sido cortada. A lâmina triangular de alguma espécie de raspador brilhava na poça

escura ao lado dela. Molly se ajoelhou, tomando cuidado para evitar o sangue, e virou o rosto da garota morta para a luz. O rosto que Case tinha visto no restaurante.

Um clic, bem no fundo da própria essência das coisas, e o mundo ficou congelado. A transmissão de simstim de Molly havia se tornado um frame parado, e então o rosto morto foi alterado, e se tornou o rosto de Linda Lee.

Outro clic, e o quarto ficou borrado. Molly estava em pé, olhando para um laserdisc dourado ao lado de um pequeno console no tampo de mármore de uma mesinha de cabeceira. Um fio de fibra óptica serpenteava como um pavio do console até um soquete na base do pescocinho magro.

– Eu tenho o seu número, seu filho da puta – disse Case, sentindo seus próprios lábios se movendo, em algum lugar, muito longe dali. Ele sabia que Wintermute havia alterado a transmissão. Molly não tinha visto o rosto da menina morta sumir como fumaça, e assumir os contornos da máscara mortuária de Linda.

Molly deu meia-volta. Atravessou o aposento e foi até a poltrona de Ashpool. A respiração do homem era lenta e irregular. Olhou para a lixeira com drogas e álcool. Abaixou a pistola, pegou sua pistola de dardos, ajustou o cano para disparo único, e muito cuidadosamente disparou um dardo de toxina no centro da pálpebra esquerda fechada. Ele estremeceu uma vez, cortando a respiração no meio. Seu outro olho, castanho e sem foco, se abriu lentamente.

Ainda estava aberto quando ela deu meia-volta e saiu do quarto.

16

– Coloca o seu chefe em espera – disse o Flatline. – Ele está chegando no Hosaka gêmeo daquele navio lá em cima, o que está rodando apoio pra nós. Chamou o Haniwa.

– Eu sei – Case disse, distraído. – Eu vi.

Um losango de luz branca se encaixou no lugar na sua frente, tapando o ICE de Tessier-Ashpool; ele lhe mostrou o rosto calmo, perfeitamente concentrado e profundamente louco de Armitage, seus olhos vazios como botões. Armitage piscou. E ficou encarando.

– Acho que Wintermute cuidou dos seus Turings, hein? Assim como cuidou dos meus – disse Case.

Armitage continuou encarando. Case resistiu à necessidade súbita de desviar o olhar e abaixar a cabeça. – Tudo bem aí, Armitage?

– Case – e, por um instante, ele teve a impressão de que alguma coisa havia se mexido, atrás daquele olhar azul fixo –, você viu Wintermute, não viu? Na matrix.

Case fez que sim com a cabeça. Uma câmera na face do seu Hosaka no Marcus Garvey transmitiria o gesto para o monitor do Haniwa. Ele imaginou Maelcum ouvindo delírios em transe, incapaz de ouvir as vozes do constructo ou de Armitage.

– Case – e os olhos ficaram maiores, Armitage se inclinou na direção de seu computador –, quando você o vê, como ele é?

– Um constructo simstim de alta resolução.

– Mas quem?

– Da última vez foi o Finlandês... Antes disso, um cafetão que eu...

– Mas o General Girling não?

– General quem?

O losango voltou a ficar em branco.

– Rode isso outra vez e mande o Hosaka procurar – ele disse ao constructo.

Flipou.

***

A perspectiva o assustou. Molly estava agachada entre vigas de aço, vinte metros acima de um chão amplo e manchado de concreto polido. O aposento era um hangar ou doca de serviço. Ele podia ver três espaçonaves, nenhuma delas maior do que o Garvey, e todas em diversos estágios de reparo. Vozes em japonês. Uma figura num macacão laranja saiu de dentro de um buraco no casco de um

navio de construção em forma de bulbo e parou do lado de um dos bizarros braços antropomórficos movidos a pistão daquela coisa. O homem digitou alguma coisa num console portátil e coçou as costelas. Um robô vermelho, em forma de carrinho, apareceu rolando sobre pneus cinzentos de desenho animado.

CASE, piscou o chip dela.

– Ei – ela disse. – Tô esperando um guia aqui.

Ela voltou a se agachar, os braços e joelhos de seu traje Moderno da cor da tinta azul-acinzentada das vigas. Sua perna doía, uma dor aguda agora. – Eu devia ter voltado ao Chin – murmurou.

Alguma coisa veio surgindo das sombras, no nível do ombro esquerdo dela, fazendo um barulho bem baixinho de metal contra metal. Fez uma pausa, balançou seu corpo esférico de um lado para outro sobre patas de aranha num arco alto, disparou uma rajada de microssegundo numa luz de laser difusa, e congelou. Era um microrrobô Braun, e Case já teve um do mesmo modelo, um acessório sem o menor sentido que havia obtido como parte de um acordo de pacote com um receptador de hardware de Cleveland. Ele parecia um pernilongo preto fosco estilizado. Um LED vermelho começou a pulsar, no equador da esfera. – Estou ouvindo. – Ela se levantou, jogando o peso do corpo sobre a perna esquerda, e viu o pequeno robô reverter o passo. Ele foi seguindo metodicamente de volta por seu vergalhão e penetrou na escuridão. Ela se virou e olhou para a área de serviço atrás. O homem de macacão laranja estava selando a frente de um traje de vácuo banco. Ela o viu alinhar e fechar o capacete, pegar seu console e recuar de volta ao buraco no casco do navio em construção. Um som agudo de motores e a coisa começou a desaparecer, deslizando suavemente num círculo de dez metros de chão, que afundou em um brilho forte de lâmpadas de arcos voltaicos. O robô vermelho aguardava pacientemente à beira do buraco deixado pelo painel do elevador.

Então, ela foi atrás do Braun, abrindo caminho por entre uma floresta de vigas de aço soldado. O Braun piscava seu LED constantemente, chamando-a.

– E aí, Case? Você tá no Garvey com o Maelcum? Claro. E se plugou nisto daqui. Eu gosto, sabia? Como sempre falei comigo mesma, na minha cabeça, quando estou em alguma situação que parece uma roubada. Finjo que encontrei um amigo, alguém em quem posso confiar, e aí digo a ele o que realmente penso, como me sinto, e finjo que eles estão me dizendo o que acham disso, e eu vou seguindo nessa linha. Ter você aqui dentro é mais ou menos isso. Aquela cena com o Ashpool... – Ela mordiscou o lábio inferior, balançou ao redor de uma viga, sem tirar o robô de vista. – Eu estava esperando alguma coisa talvez um pouco menos maluca, sabia? Quero dizer, esses caras são todos loucos de pedra aqui, como se tivessem mensagens luminosas rabiscadas no interior das testas ou coisa do gênero. Não gosto da cara disso. Não gosto do cheiro disso...

O robô estava subindo numa escada quase invisível de anéis de aço em forma de U, na direção de uma abertura escura e estreita. – E, aproveitando que estou no

modo confessional, baby, tenho que admitir que talvez eu nunca tivesse esperado sair dessa de qualquer maneira. Já estou nessa maré de azar faz uma cara, e você é a única chance legal que surgiu desde que aceitei trabalhar pro Armitage. – Ela olhou para o círculo preto. O LED do robô piscava, subindo. – Mas não que você seja assim o gostosão do pedaço. – Ela sorriu, mas o sorriso sumiu rápido demais, e ela trincou os dentes com a dor lancinante na perna quando começou a subir. A escada continuou atravessando um tubo de metal, tão estreito que seus ombros quase não passaram.

Ela estava subindo para fora da gravidade, na direção do eixo sem peso.

Seu chip pulsava a hora.

04:23:04.

Tinha sido um longo dia. A claridade do sensório dela cortou o efeito da betafenetilamina, mas Case ainda conseguia sentir. Ele preferia a dor na perna.

CASE:oooo
oooooooooo
oooooooooo.

– Acho que é pra você – ela disse, subindo mecanicamente. Os zeros piscaram em estrobo novamente e uma mensagem apareceu de repente ali, no canto da visão dela, cortada pelo circuito do display.

GENERALG
IRLING:::
TREINOU
CORTOPRA
SCREAMING
FISTEVEND
EUSEURAB
OPROPENT
AGONO:::
OCONTROLE
BASICODE
W/MUTESOB
REARMITAGE
EHUMCONSTR
UCTODEGIRLI
NG:W/MUTEDI

ZQARMFALAN
DODEGQUER
DIZERQUEEST
AHSURTANDO:
SECUIDA::
:::DIXIE

– Bom – ela disse, fazendo uma pausa, colocando todo o peso na perna direita – acho que você também está com problemas. – Ela olhou para baixo. Havia um círculo fraco de luz, menor que o círculo de bronze da chave CHUBB que pendia entre os seus seios. Ela olhou para cima. Nada. Ela acionou os amps com a língua e o tubo subiu desaparecendo na perspectiva, o Braun seguindo seu caminho escada acima. – Ninguém me falou dessa parte – ela disse.

Case se desconectou.

***

– Maelcum...

– Mon, seu chefão ficou muito estranho. – O zionista estava vestindo um traje de vácuo Sanyo vinte anos mais velho que o que Case tinha alugado em Freeside, o capacete debaixo do braço e os dreadlocks ensacados numa redinha de crochê roxa de algodão. Seus olhos estavam quase fechados, efeito da ganja e da tensão. – Ele fica ligando pra cá com ordens, mon, mas essa guerra é da Babilônia... – Maelcum balançou a cabeça. – Aerol e eu falamo, e Aerol falou com Zion, fundadores diz cortar e correr. – Passou as costas de uma grande mão negra pela boca.

– Armitage? – Case estremeceu quando a ressaca de betafenetilamina bateu com toda a sua identidade, sem o escudo da matrix ou da simstim. O cérebro não tem terminações nervosas, ele disse a si mesmo, não pode se sentir tão mal. – Como assim, meu camarada? Ele está te dando ordens? Como é que é?

– Mon, Armitage, ele me diz pra traçar curso pra Finlândia, tá sabendo? Ele me diz que lá haverá esperança, tá sabendo? Apareceu na minha tela com a camisa toda cheia de sangue, mon, e com cara de cachorro louco, falando de punhos, gritando em russo e o sangue dos traidores ficará em nossas mãos. – Ele voltou a balançar a cabeça, o bonezinho dos dreads balançando em zero-G, apertando os lábios. – Os fundadores dizem que a voz do Mute é profeta falso com certeza, e Aerol e eu temos que abandonar o Marcus Garvey e voltar.

– Armitage estava ferido? Sangue?

– Não deu pra ver, tá sabendo? Mas sangue, e doidão de pedra, Case.

– Ok – disse Case. – E eu? Você vai voltar pra casa. E eu, Maelcum?

– Mon – disse Maelcum – você vem comigo. A gente volta pra Zion com Aerol, no Babylon Rocker. Deixa o Sr. Armitage falando com fita cassete fantasma, um fantasma falando com outro...

Case olhou para trás; seu traje alugado pendurado contra a rede onde ele o prendera, balançando na corrente de ar do velho filtro de ar russo. Fechou os olhos. Viu os saquinhos de toxinas se dissolvendo em suas artérias. Viu Molly subindo os infinitos anéis-degraus de aço. Abriu os olhos.

– Sei lá, cara – ele disse, um gosto estranho na boca. Olhou para baixo, para sua mesa, para suas mãos. – Sei lá. – Ele voltou a olhar pra trás. O rosto marrom estava calmo agora, concentrado. O queixo de Maelcum estava escondido pelo colarinho alto do capacete de seu velho traje azul. – Ela tá lá dentro – ele disse. – Molly tá dentro. Na Straylight, como eles chamam. Se existe Babilônia, cara, a Babilônia é ali. Se a gente deixar ela lá, ela não vai sair, seja Navalha-que-Anda ou não.

Maelcum concordou com a cabeça, a redinha de dreads balançando atrás dele como um balão cativo de algodão com crochê. – Ela é tua mulher, Case?

– Não sei. Acho que não é mulher de ninguém. – Deu de ombros. E voltou a encontrar seu ódio, concreto como uma lasca de rocha quente embaixo de suas costelas. – Que se foda – ele disse. – Foda-se Armitage, foda-se Wintermute e vai se foder você também. Daqui eu não saio.

O sorriso de Maelcum se espraiou por seu rosto como se fosse um farol. – Maelcum é um garoto rude, Case. O Garvey é a nave de Maelcum. – Sua mão enluvada deu um tapa num painel e o dub bass-heavy começou a pulsar nos alto-falantes do rebocador. – Maelcum não vai fugir não. Falo com Aerol, com certeza o ponto de vista dele é igual.

Case ficou olhando. – Não entendo vocês – ele disse.

– Eu é que não te entendo, mon – disse o zionita, mexendo a cabeça com a batida do dub. – Mas a gente tem que seguir pelo amor de Jah, cada um de nós.

Case se conectou e flipou para a matrix.

***

– Recebeu minha mensagem?

– Recebi. – Ele viu que o programa chinês havia crescido; delicados arcos de policromo mutante estavam se aproximando do ICE da T-A.

– Bom, o negócio tá ficando cabuloso – disse o Flatline. – Seu chefe apagou o banco de dados daquele outro Hosaka, e quase levou o nosso junto. Mas seu amigão Wintermute me deu uma força lá, antes de tudo ficar escuro. A razão pela qual a Straylight não está exatamente cheia de Tessiers e Ashpools saltitantes é que a maioria está congelada. Existe uma firma de advocacia em Londres que tem procuração para cuidar das questões judiciais deles. Eles têm de saber quem está acordado e exatamente quando. Armitage estava roteando as transmissões de Londres para Straylight pelo Hosaka no iate. Por acaso, eles sabem que o velho está morto.

– Quem sabe?

– A firma de advocacia e a T-A. Ele tinha um remoto médico plantado no esterno. Não que o dardo da sua garota tivesse deixado muita coisa para uma equipe de ressuscitação trabalhar. Toxina Shellfish. Mas o único T-A acordado na Straylight neste exato momento é Lady 3Jane Marie-France. Existe um homem, dois anos mais velho, na Austrália a negócios. Se você me perguntar, aposto que Wintermute encontrou um jeito de fazer com que esse negócio precise da atenção pessoal de 8Jean. Mas ele está a caminho de casa, ou quase. Os advogados de Londres estimam sua chegada a Straylight para as 09:00:00 desta noite. Nós colocamos o vírus Kuang no slot às 2:32:03. Agora são 04:45:20. A melhor estimativa para a penetração do núcleo da T-A pelo Kuang é 08:30:00. Um pentelhésimo a mais ou a menos. Acho que Wintermute tem alguma coisa rolando com essa 3Jane, ou ela é tão louca quanto o velho dela era. Mas o garoto lá de Melbourne já vai vir, sabendo o que está pegando. O sistema de segurança de Straylight está tentando entrar em alerta máximo, mas Wintermute está bloqueando ele, não me pergunte como. Mas não conseguiu suplantar o programa básico de portão para colocar a Molly dentro. Armitage tinha um registro de tudo isso no seu Hosaka; Riviera deve ter passado um papo na 3Jane pra ela fazer isso. Ela tem sido capaz de arrumar entradas e saídas há anos. Me parece que um dos principais problemas da T-A é que todo chefão da família encheu os bancos de dados com todos os tipos de scans privados e exceções. É meio como se seu sistema imunológico desabasse em cima de você. Fresquinho para um vírus entrar. Parece bom pra nós, assim que a gente passar por esse ICE.

– Ok. Mas Wintermute disse que o Exér...

Um losango branco se encaixou em posição, preenchido por um close de olhos enlouquecidos. Case só conseguia olhar. O coronel Willie Corto, Forças Especiais, Força de Ataque Screaming Fist, havia encontrado o caminho de volta. A imagem era fraca, tremia, estava fora de foco. Corto estava utilizando o deck de navegação do Haniwa para se linkar com o Hosaka do Marcus Garvey.

– Case, eu preciso dos relatórios de danos do Omaha Thunder.

– Espera, eu... coronel?

– Mantenha o controle, garoto. Lembre-se do seu treinamento.

Mas onde é que você estava, cara?, ele perguntou silenciosamente para os olhos angustiados. Wintermute havia construído uma coisa chamada Armitage dentro de uma fortaleza catatônica chamada Corto. Convencera Corto de que o verdadeiro era Armitage, e Armitage havia saído andando, falando, tramando planos, negociando dados em troca de capital, atuado como testa de ferro para Wintermute naquele quarto no Chiba Hilton... E, agora, Armitage havia desaparecido, soprado pelos ventos da loucura de Corto. Mas onde é que Corto estivera por todos aqueles anos?

Caindo, queimado e cego, de um céu siberiano.

– Case, isto vai ser difícil para você aceitar, eu sei. Você é um oficial. O treinamento. Eu entendo. Mas, Case, Deus é testemunha do que estou dizendo,

nós fomos traídos.

Lágrimas começaram a correr dos olhos azuis.

– Coronel, ah, quem? Quem nos traiu?

– O General Girling, Case. Você deve conhecê-lo por um codinome. Você conhece o homem de quem estou falando.

– Sim – disse Case, enquanto as lágrimas continuavam a correr. – Acho que sei sim, senhor – ele acrescentou por impulso. – Mas, senhor, coronel, o que exatamente devo fazer? Agora, quero dizer.

– Nosso dever neste ponto, Case, está em retirar. Escapar. Evasão. Podemos chegar à fronteira com a Finlândia amanhã no fim da tarde. Voo baixo no piloto manual. De improviso, garoto. Mas isso é apenas o começo. – Os olhos azuis quase se fecharam inteiramente sobre as bochechas bronzeadas. – Só o começo. A traição vem do alto. Do alto... – Ele recuou da câmera, revelando as manchas escuras na camisa de sarja rasgada. O rosto de Armitage era uma máscara, impassível, mas o de Corto era a verdadeira máscara de um esquizoide, a doença marcada fundo em músculos involuntários, distorcendo a cirurgia cara.

– Coronel, estou ouvindo, cara. Escuta, coronel, ok? Eu quero que o senhor abra a, ah... merda, como é o nome, Dix?

– Escotilha central – disse o Flatline.

– Abra a escotilha central. É só mandar seu console central ali abri-lo, certo? Vamos chegar até onde o senhor está rapidinho, coronel. E aí a gente pode conversar sobre tirar o senhor daí.

O losango desapareceu.

– Garoto, acho que agora eu não entendi nada do que rolou – disse o Flatline.

– As toxinas – disse Case. – As malditas toxinas do caralho – e se desconectou.

***

– Veneno? – Maelcum olhava para trás pelo ombro azul arranhado de seu velho Sanyo enquanto Case pelejava para sair da rede-G.

– E tirar essa coisa maldita de dentro de mim... – Puxando o cateter texano. – É como um veneno lento, e aquele babaca lá em cima sabe como anular isso, e agora ele está mais maluco que um rato na merda. – Atrapalhou-se com a frente do Sanyo vermelho, esquecendo-se de como destravar os fechos.

– O chefão te envenenou? – Maelcum coçou o rosto. – Eu tenho um kit médico aqui.

– Pelamordedeus, Maelcum, me ajuda com a porra desse traje.

O zionita se impulsionou para fora do módulo de piloto cor-de-rosa. – Calma, mon. Meça duas, corte uma, foi o que o santo homem disse. A gente vai até lá...

***

Havia ar na passagem corrugada que levava da escotilha de popa do Marcus Garvey até a escotilha central do iate chamado Haniwa, mas eles conservaram seus trajes selados. Maelcum executou a passagem com uma graça de bailarino, parando apenas para ajudar Case, que havia começado a dar cambalhotas desajeitadas ao sair do Garvey. As laterais de plástico branco do tubo filtravam a luz do sol pura; não havia sombras.

A trava de escotilha de ar do Garvey era toda cheia de remendos, decorada com um Leão de Zion escavado a laser. A escotilha central do Haniwa era cinza-creme, sóbria e muito limpa. Cremosa, nua e sóbria. Maelcum inseriu a mão enluvada em uma reentrância estreita. Case viu seus dedos se moverem. LEDs vermelhos se acenderam na reentrância, começando uma contagem regressiva de cinquenta. Maelcum retirou a mão. Case, que apoiava uma das luvas na escotilha, sentiu a vibração do mecanismo da trava atravessar seu traje e os ossos. O segmento circular do casco cinzento começou a recuar para a lateral do Haniwa. Maelcum agarrou a reentrância com uma das mãos e Case com a outra. A trava os levou com ela.

***

O Haniwa era um produto dos estaleiros Dornier-Fujitsu, e seu interior espelhava uma filosofia de design semelhante àquela que havia produzido o Mercedes que os conduzira em Istambul. A estreita seção central tinha um revestimento imitando ébano envernizado, e o chão era de cerâmica italiana cinza. Case sentiu como se estivesse invadindo o spa particular de um ricaço pelo banheiro. O iate, que havia sido montado em órbita, nunca fora projetado para reentrada na atmosfera. Suas linhas suaves, em forma de vespa, eram assim para fins de estilo, e tudo em seu interior havia sido calculado para reforçar a impressão geral de velocidade.

Quando Maelcum tirou seu capacete amassado, Case foi atrás. Ficaram ali parados na trava por alguns instantes, respirando um ar que tinha um cheiro sutil de pinho. Mas, por baixo desse aroma, um vestígio perturbador de cheiro de material de isolamento queimado.

Maelcum farejou o ar. – Problema aqui, mon. Barco que tem esse cheiro...

Uma porta almofadada de ultracamurça cinza-escura voltou deslizando com suavidade para o seu encaixe. Maelcum ganhou impulso usando a parede de ébano e passou com habilidade pela abertura estreita, girando os ombros largos no último instante possível para conseguir passar. Case foi atrás, desajeitado, uma mão atrás da outra num corrimão almofadado na altura da cintura. – Tombadilho – disse Maelcum, apontando para um corredor abaixo, de paredes lisas e cor creme – lá. – Ele avançou com facilidade, dando outro impulso com os pés sem fazer esforço. De algum lugar mais adiante, Case reconheceu o ruído familiar de impressora funcionando. O som foi ficando mais alto à medida que ele seguia Maelcum por outra porta, até que chegaram a uma massa de formulário contínuo emaranhado.

Case arrancou um pedaço retorcido e deu uma olhada.

○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

– Crash de sistema? – O zionita apontou para a coluna de zeros.

– Não – respondeu Case, agarrando o capacete antes que ele saísse flutuando –, o Flatline disse que Armitage limpou a memória do Hosaka que tinha aqui.

– O cheiro é de limpeza com laser, sabe? – O zionita apoiou o pé na gaiola branca de um aparelho suíço de ginástica e disparou pelo labirinto flutuante de papel, afastando as folhas do rosto com as mãos.

– Case, irmão...

O homem era baixo, japonês, e tinha a garganta amarrada, nas costas de uma estreita cadeira articulada, com o que parecia ser um fio fino de aço. O fio era invisível onde cruzava a espuma preta do encosto de cabeça, e havia cortado até a laringe. Uma única esfera de sangue havia coagulado ali como uma estranha pedra preciosa, uma pérola vermelho-escura. Case reparou nos cabos improvisados de madeira que flutuavam de cada lado do garrote; pareciam pedaços quebrados de um cabo de vassoura.

– Por quanto tempo ele ficou com isso guardado dentro dele? – Case perguntou para si mesmo em voz alta, lembrando da peregrinação pós-guerra de Corto.

– O chefe sabe pilotar nave, Case?

– Talvez. Ele foi das Forças Especiais.

– Bom, este japaboy não pilota mais. Duvido que eu mesmo pilotasse fácil essa aqui. Nave muito nova...

– Vamos procurar o tombadilho.

Maelcum franziu a testa, girou no ar e voltou a usar os pés como alavanca.

Case o seguiu até um espaço mais amplo, uma espécie de lounge, rasgando e amassando montes de formulário contínuo que ficavam se enroscando nele quando passava. Ali também havia cadeiras articuladas, um móvel que lembrava um bar, e o Hosaka. A impressora, que continuava a cuspir sua fina língua de papel, era uma unidade embutida na parede, um slot perfeito num painel polido à mão. Ele passou por cima de um círculo de cadeiras e alcançou a impressora, apertando um pino branco à esquerda do slot. O barulho parou. Virou-se e olhou para o Hosaka. Seu painel frontal tinha sido perfurado, pelo menos uma dezena de vezes. Os buracos eram pequenos círculos de bordas escuras. Esferas minúsculas de metal orbitavam o computador morto. – Belo senso de orientação – ele disse para Maelcum.

– Tombadilho trancado, mon – disse Maelcum do outro lado do lounge.

As luzes diminuíram de intensidade, aumentaram num surto, e voltaram a

diminuir.

Case arrancou o papel do slot. Mais zeros. – Wintermute? – Olhou ao redor do lounge bege e marrom, o espaço repleto de arabescos formados pelas curvas de papel flutuante. – É você aí com as luzes, Wintermute?

Um painel situado ao lado da cabeça de Maelcum deslizou para cima, revelando um pequeno monitor. Maelcum estremeceu de susto, limpou o suor da testa com a espuma exposta num rasgão das costas da luva e se virou para estudar o display. – Tu lê japonês, mon? – Case podia ver os caracteres piscando rapidamente na tela.

– Não – disse Case.

– Tombadilho é cápsula de fuga, bote salva-vidas. Isto aqui parece contagem regressiva. Fecha o traje agora. – Ele encaixou o anel do capacete e apertou os fechos.

– Como é que é? Ele está se mandando? Merda! – Usando a parede para dar impulso, Case disparou pelo papel emaranhado. – A gente tem que abrir essa porta, cara! – Mas Maelcum apenas ficava ali, batendo na lateral do capacete. Case podia apenas ver os lábios dele se movendo através do Lexan. Viu uma gota de suor sair num arco da faixa trançada da redinha de algodão roxo que o zionita usava para prender os dreadlocks. Maelcum arrancou o capacete das mãos de Case, encaixou-o com suavidade e fechou as travas com as palmas das mãos. À esquerda do visor, LEDs vermelhos se acenderam, confirmando que o anel do capacete tinha ficado bem fechado. – No seh japonês – Maelcum disse pelo transmissor do traje –, mas a contagem regressiva está errada. – Apontou para uma linha específica da tela. – Vedação não está intacta, módulo tombadilho. Lançamento com porta aberta.

– Armitage! – Case tentou socar a porta. A física de zero-G o jogou para trás, em cima da massa de formulário contínuo. – Corto! Não faça isso! Vamos conversar! Vamos...

– Case? Na escuta, Case... – a voz quase não lembrava mais a de Armitage. Tinha uma calma bizarra. Case parou de se debater. Seu capacete bateu na parede do fundo. – Lamento, Case, mas tem que ser assim. Um de nós tem que sair daqui. Um de nós tem que testemunhar. Se todos caírmos, a história acaba aqui. Eu vou contar para todo mundo, Case, eu vou contar toda a verdade. Sobre Girling e os outros. E eu vou conseguir, Case. Eu sei que vou conseguir. Chegar a Helsinque. – Então, um silêncio súbito; Case sentiu esse silêncio invadindo seu capacete como se fosse uma espécie rara de gás. – Mas é tão difícil, Case, tão difícil, diabo. Eu estou cego.

– Corto, pare. Espere. Você está cego, cara. Você não pode voar! Você vai bater na merda das árvores! E estão tentando te pegar, Corto. Juro por Deus, foram eles que deixaram a escotilha aberta. Você vai morrer, não vai conseguir viver para contar o que quer que seja, e eu preciso da enzima, do nome da enzima, a enzima, cara... – Case estava gritando, a voz histérica. O feedback da microfonia gritava nos fones do capacete.

– Lembre-se do treinamento, Case. É tudo o que podemos fazer.

E, então, o capacete foi tomado por sons balbuciantes confusos, uma estática ensurdecedora, harmônicos que uivavam desde os tempos do Screaming Fist. Alguns fragmentos de russo e uma voz estranha, do meio-oeste, muito jovem. – Estamos caindo, repito, Omaha Thunder está caindo, nós...

– Wintermute – gritou Case – não faça isso comigo! – Lágrimas caíram de seus cílios e bateram no visor, formando pequenas gotas tremeluzentes de cristal. Então o Haniwa oscilou uma única vez com um grande estrondo, estremecendo, como se algo gigantesco e macio tivesse atingido o seu casco. Case imaginou o salva-vidas sendo ejetado e impelido por travas explosivas, e um segundo furacão despedaçador de ar escapando, arrancando o louco coronel Corto do assento, de acordo com a reconstituição feita por Wintermute do minuto final do Screaming Fist.

– Ele foi, mon – Maelcum olhou para o monitor. – Escotilha aberta. Mute deve ter dado override na trava antiejeção.

Case tentou limpar as lágrimas de raiva dos olhos. Seus dedos batiam contra o Lexan.

– O iate, ele estava fechado hermeticamente, mas o chefão pegou controle de ganchos com o tombadilho. O Marcus Garvey ainda está preso.

Mas Case estava vendo a queda infinita de Armitage em volta de Freeside, através de um vácuo mais frio que as estepes. Por alguma razão, ele o imaginou em seu Burberry escuro, as ricas lapelas da capa de chuva espalhadas à sua volta como as asas de um imenso morcego.

17

– Conseguiu o que veio buscar? – perguntou o constructo.

O Nível Kuang, Ponto Onze, estava preenchendo a grade entre si mesmo e o ICE da T-A com traçados hipnoticamente intrincados de arco-íris, grades finas como cristais de gelo em uma vidraça no inverno.

– Wintermute matou Armitage. Atirou ele pra fora num bote salva-vidas com a escotilha aberta.

– Puta, que merda – disse o Flatline. – Mas vocês não eram exatamente amigos do peito, eram?

– Ele sabia como anular os saquinhos das toxinas.

– Então, Wintermute também sabe. Pode contar com isso.

– Não confio exatamente que Wintermute vá me dar isso de mão beijada.

A apavorante aproximação de gargalhada do constructo raspou os nervos de Case como uma lâmina sem fio. – Talvez isso signifique que você tá ficando esperto.

Ele acionou a chave de simstim.

***

06:27:52 pelo chip em seu nervo óptico; Case seguira o avanço dela pela Villa Straylight por mais de uma hora, deixando que o análogo de endorfina que ela havia tomado aliviasse sua ressaca. A dor na perna havia desaparecido; ela parecia estar andando dentro de uma banheira quente. O robô Braun estava empoleirado no seu ombro, seus minúsculos manipuladores, como clipes cirúrgicos almofadados, presos no policarbono do traje Moderno.

Ali as paredes eram de aço puro, com listras marrons de epóxi onde algum tipo de cobertura havia sido arrancado. Ela estava escondida da equipe de trabalho, agachada, a pistola de dardos nas mãos, seu traje cinza-metálico, enquanto os dois africanos magros e seu carrinho de pneus de desenho animado passavam. Os homens tinham cabeças raspadas e vestiam macacões laranja. Um deles estava cantando baixinho, para si mesmo, em um idioma que Case nunca havia ouvido, os tons e a melodia alienígenas e assustadores.

O discurso da cabeça, o ensaio de 3Jane sobre Straylight, voltou à sua memória enquanto ela avançava mais no labirinto que era aquele lugar. Straylight era louca, era a loucura crescida a partir do concreto resinoso misturado, a partir de rochas lunares pulverizadas, crescida a partir do aço soldado e de toneladas de badulaques, todos os materiais bizarros que eles haviam enviado poço acima para

forrar seu ninho bizarro. Mas era um tipo de loucura que ele não conseguia entender. Não era igual à loucura de Armitage, que agora imaginava que podia compreender; distorça a cabeça de um homem o máximo que puder, depois retorça de volta na direção oposta, reverta e torça novamente. O homem quebrava. Do mesmo jeito que se quebra um pedaço de fio. E a história havia feito isso para o coronel Corto. A história já havia feito o trabalho sujo, quando Wintermute o encontrou, ao peneirar todos os detritos fresquinhos da guerra, penetrando sorrateiro na área cinzenta de consciência como uma aranha d'água atravessando o espelho de um lago estagnado, as primeiras mensagens piscando na tela de um micro de criança num quarto escuro de um sanatório francês. Wintermute havia construído Armitage praticamente do nada, com as memórias de Corto no Screaming Fist como a base. Mas as "memórias" de Armitage não teriam sido as de Corto depois de um ponto determinado. Case duvidava de que Armitage lembrasse da traição, dos Nightwings caindo em chamas... Armitage havia sido uma espécie de versão editada de Corto, e quando o estresse da missão chegou a um determinado ponto, o mecanismo de Armitage desmoronou. Corto havia subido à tona, com sua culpa e sua fúria doentia. E, agora, Corto-Armitage estava morto, uma pequena lua congelada para Freeside.

Pensou nos saquinhos de toxinas. O velho Ashpool também estava morto, o olho perfurado pelo dardo microscópico de Molly, privado da overdose que havia preparado para si. Aquela morte era ainda mais perturbadora, a de Ashpool, a morte de um rei louco. E ele havia matado a boneca que chamava de filha, aquela que tinha o rosto de 3Jane. Case tinha a sensação, enquanto cavalgava o input sensorial transmitido de Molly pelos corredores da Straylight, que ele nunca havia realmente pensado em alguém como Ashpool, qualquer um tão poderoso quanto ele imaginava que Ashpool havia sido, como sendo humano.

Poder, no mundo de Case, significava poder corporativo. As zaibatsus, as multinacionais que davam forma ao curso da história humana, haviam transcendido antigas barreiras. Vistas como organismos, haviam adquirido uma espécie de imortalidade. Não se podia matar uma zaibatsu assassinando uma dezena de executivos principais; havia outros esperando para subir de nível, assumir os cargos vagos, acessar os vastos bancos de memória corporativa. Mas a Tessier-Ashpool não era assim, e ele sentiu a diferença na morte de seu fundador. A T-A era um atavismo, um clã. Ele se lembrava do lixo na câmara do velho, a humanidade suja, as lombadas rasgadas de velhos discos de áudio em suas capas de papel. Um pé descalço, outro num chinelo de veludo.

O Braun puxou o capuz do traje Moderno e Molly virou à esquerda, passando por baixo de outro arco.

Wintermute e o ninho. Uma visão fóbica das vespas nascendo, a metralhadora de lapso de tempo da biologia. Mas as zaibatsus não eram mais ou menos assim, ou a Yakuza, colmeias com memórias cibernéticas, DNA codificado em silício? Se a Straylight era uma expressão da identidade corporativa da Tessier-Ashpool, então

a T-A era louca como o velho fora. O mesmo emaranhado apodrecido de medos, o mesmo estranho senso de falta de objetivo. – "Se eles tivessem se tornado o que desejavam ter sido...", lembrou de Molly ter dito. Mas Wintermute respondera que isso não havia acontecido.

Case sempre achara que os chefes de verdade, os reis de uma determinada indústria, seriam ao mesmo tempo mais e menos que pessoas. Ele havia visto isso nos homens que o aleijaram em Memphis, vira Wage afetar a aparência dessa atitude em Night City, e isso lhe permitira aceitar a neutralidade e a falta de emoções de Armitage. Ele sempre imaginou isso como uma acomodação gradual e voluntária da máquina, do sistema, do organismo-mãe. Era a raiz do cool das ruas, aquela postura conhecida que implicava conexões, linhas invisíveis que levavam até níveis ocultos de influência.

Mas o que estava acontecendo agora, nos corredores da Villa Straylight?

Trechos inteiros estavam sendo despidos de volta à estrutura nua de aço e concreto.

– Onde será que o Peter está agora, hein? Talvez a gente veja aquele garoto daqui a pouco – ela murmurou. – E Armitage. Cadê ele, Case?

– Morto – ele disse, sabendo que ela não podia ouvi-lo. – Ele está morto.

Flipou.

***

O programa chinês estava cara a cara com o ICE-alvo, tons de arco-íris sendo gradualmente dominados pelo verde do retângulo que representava os núcleos da T-A. Arcos de esmeralda atravessando o vácuo incolor.

– Como é que tá aí, Dixie?

– Legal. Cabuloso demais. Esse negócio é fantástico... Devia ter tido um desses lá em Cingapura. Fiz o New Bank of Asia, véio de guerra, por um bom quinto do que eles valiam. Mas já foi. Esta coisinha aqui compensa tudo. Aí você fica pensando como seria uma guerra de verdade...

– Se esse tipo de merda estivesse nas ruas, nós estaríamos desempregados – disse Case.

– Só porque você quer. Espera você pilotar essa coisa lá pra cima através do Black ICE.

– Falou.

Alguma coisa pequena e decididamente não geométrica havia acabado de aparecer na extremidade oposta de um dos arcos esmeralda.

– Dixie...

– Tá. Tô vendo. Só não sei se acredito.

Um ponto marrom, uma pulga contra a parede verde dos núcleos da T-A. Ela começou a avançar, atravessando a ponte construída pelo Nivel Kuang, Ponto Onze, e Case viu que aquilo estava andando. À medida que avançava, a seção

verde do arco se estendia, o policromo do vírus voltando, alguns passos adiante dos sapatos pretos velhos.

– Uma coisa tenho que admitir, chefia – disse o Flatline, quando a figura baixinha e amarrotada do Finlandês parecia estar a poucos metros de distância. – Nunca vi nada tão engraçado quando eu era vivo. – Mas a risada assustadora não veio.

– Eu nunca havia tentado isto antes – disse o Finlandês, mostrando os dentes, as mãos enfiadas nos bolsos do paletó esfiapado.

– Você matou Armitage – disse Case.

– Corto. É. Armitage já tinha morrido. Eu tive que fazer aquilo. Eu sei, eu sei, você quer a enzima. Ok. Sem crise. Fui eu quem a deu pro Armitage, em primeiro lugar. Quero dizer, fui eu quem disse a ele o que usar. Mas acho que talvez seja melhor deixar o acordo continuar valendo. Você tem tempo suficiente. Eu vou dá-la pra você. Só mais umas duas horas agora, certo?

Case ficou vendo a fumaça azul do Partagas que o Finlandês acendeu se espalhar no ciberespaço.

– Vocês, meus camaradas – disse o Finlandês –, você, então, é um pé no saco. O Flatline aqui, se vocês fossem todos iguais a ele, seria muito simples. Ele é um constructo, uma ROM, ele sempre faz o que espero que ele faça. Minhas projeções diziam que não havia muita chance de Molly aparecer no grande show de despedida de Ashpool, só para lhe dar um exemplo. – Ele suspirou.

– Por que ele se matou? – Case perguntou.

– Por que é que alguém se mata? – A figura deu de ombros. – Acho que eu sei, se é que alguém sabe, mas levaria doze horas para explicar os diversos fatores em seu histórico e como eles se inter-relacionam. Ele já estava preparado para fazer isso há muito tempo, mas vivia voltando para o freezer. Meu Jesus, ele era um velho chato de merda. – O rosto do Finlandês ficou crispado de nojo. – Está tudo ligado ao motivo pelo qual ele matou sua esposa, principalmente, se você quer a razão resumida. Mas o que o fez passar do limite definitivamente, a pequena 3Jane descobriu um jeito de mexer com o programa que controlava o sistema criogênico dele. Sutil, também. Então, basicamente, ela o matou. Só que ele achou que havia se matado, e sua amiguinha, o anjo vingador, acha que o pegou com um olho cheio de suco de molusco. – O Finlandês deu um pitaco na bituca do cigarro e o jogou na matrix lá embaixo. – Bom, na verdade, acho que dei a 3Jane uma dica ou outra, um pouco do velho jeito de, entende?

– Wintermute – disse Case, escolhendo as palavras com cuidado –, você me disse que era apenas parte de alguma coisa a mais. Depois, você disse que não existiria, se a incursão funcionar e Molly colocar a palavra no slot certo.

O crânio estilizado do Finlandês fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Ok, então com quem a gente vai estar lidando depois: se Armitage morreu, e você também vai desaparecer, quem exatamente vai me dizer como tirar esses saquinhos de toxina de merda do meu organismo? Quem é que vai tirar Molly de lá

de dentro? Quero dizer, onde, exatamente onde, os nossos rabos vão estar se a gente cortar você do circuito?

O Finlandês tirou um palito de madeira do bolso e ficou olhando atentamente para ele, como um cirurgião examinando um bisturi. – Boa pergunta – ele disse por fim. – Sabe salmão? Um tipo de peixe? Esses peixes têm uma compulsão para nadar contra a corrente. Entendeu?

– Não – respondeu Case.

– Bom, eu também tenho uma compulsão. E não sei por quê. Se fosse submeter você aos meus próprios pensamentos, vamos chamá-los de especulações, sobre o assunto, isso levaria o equivalente a duas vidas suas. Porque eu já pensei muito no assunto. E simplesmente não sei. Mas quando isto tudo acabar, se fizermos direito a coisa, serei parte de algo maior. Muito maior. – O Finlandês levantou a cabeça e olhou em volta da matrix. – Mas as partes de mim que são eu agora ainda estarão aqui. E você vai receber seu pagamento.

Case lutou contra uma vontade insana de digitar mais coordenadas e pegar o sujeito pelo pescoço, logo acima do nó esfarrapado do cachecol velho. Enfiar os polegares bem fundo na laringe do Finlandês.

– Bom, boa sorte – disse o Finlandês. Ele deu meia-volta, as mãos nos bolsos, e começou a subir de volta pelo arco verde.

– Ei, ô babaca – disse o Flatline, quando o Finlandês já tinha dado uns dez passos. A figura parou e se virou de leve. – E eu? E o meu pagamento?

– O que é seu está guardado – ele disse.

– O que isso quer dizer? – Case perguntou, ao ver o tweed estreito desaparecer na distância.

– Eu quero ser apagado – disse o constructo. – Eu te disse isso, não lembra?

***

Straylight lembrava a Case os shopping centers desertos de manhã cedo que ele conhecera na adolescência, lugares de baixa densidade demográfica onde as horas do amanhecer traziam uma imobilidade adequada, uma espécie de expectativa anestesiada, uma tensão que fazia você ficar observando insetos se juntarem em enxames ao redor de lâmpadas em gaiolas sobre a entrada de lojas escurecidas. Lugares de fronteira, logo depois dos limites do Sprawl, longe demais da movimentação noturna nervosa do núcleo quente. Havia aquela mesma sensação de estar cercado pelos habitantes sonolentos de um mundo despertando que ele não tinha interesse em visitar ou conhecer, de negócios tediosos temporariamente suspensos, de futilidade e repetição prestes a despertar novamente.

Molly havia diminuído a velocidade agora, ou sabendo que estava se aproximando de seu objetivo ou por preocupação com a perna. A dor estava começando a abrir caminho pelas endorfinas, e ele não tinha certeza do que isso significava. Ela não falava, mantinha os dentes trincados, e regulava sua respiração

com cuidado. Ela havia passado por muitas coisas que Case não entendia, mas a curiosidade dele havia acabado. Havia um quarto repleto de estantes com livros, um milhão de folhas achatadas de papel amarelado pressionado entre capas de tecido ou couro, as estantes marcadas a intervalos regulares por etiquetas que seguiam um código de letras e números; uma galeria atulhada onde Case ficou olhando fixo, através dos olhos nada curiosos de Molly, uma placa de vidro estilhaçada e com traçados de pó, uma coisa com uma etiqueta – o olhar dela rastreou automaticamente a placa de bronze – "La mariée mise à nu par sés célibataires, même". Ela estendeu a mão e tocou no objeto, suas unhas artificiais fazendo claque-claque no sanduíche de Lexan que protegia o vidro quebrado. Havia também o que, obviamente, era a entrada para o complexo criogênico da Tessier-Ashpool, portas circulares de vidro negro com contornos de cromo.

Ela não vira ninguém desde os dois africanos e o carrinho, e para Case eles haviam assumido uma espécie de vida imaginária; ele os imaginou deslizando suavemente pelos halls de Straylight, seus crânios escuros e lisos reluzindo, movendo-se para a frente e para trás, enquanto um deles ainda cantava sua cançãozinha cansada. E nada disso tinha a ver com a Villa Straylight que ele tinha esperado, um cruzamento entre o castelo de contos de fadas de Cath e uma fantasia semiesquecida de infância do santuário interno da Yakuza.

07:02:18.

– Case – ela disse. – Quero te pedir um favor. – Ela abaixou com dificuldade para sentar numa pilha de placas de aço polidas; a finalização de cada placa era protegida por um revestimento irregular de plástico claro. Ela abriu um rasgão no plástico da placa de cima, deslizando as lâminas sob o polegar e o indicador. – A perna tá maus, tá sabendo? Não pensei que ia ter que fazer uma subida dessas, e as endorfinas não vão segurar a onda por muito mais tempo. Então, talvez, estou falando apenas talvez, eu esteja com um problema aqui. Então, se eu capotar aqui antes do Riviera – e ela esticou a perna, massageando a carne da coxa através do policarbono Moderno e de couro parisiense – quero que você diga a ele. Diz pra ele que fui eu. Entendeu? É só dizer que foi a Molly. Ele vai entender. Ok? – Ela olhou ao redor do corredor vazio, as paredes nuas. Ali, o piso era de concreto lunar cru e o ar tinha cheiro de resina. – Merda, cara, nem sei se você tá ouvindo.

CASE.

Ela fez uma careta de dor, levantou-se, fez que sim com a cabeça. – O que ele te disse, cara? O Wintermute? Ele te falou da Marie-France? Ela era a metade Tessier, a mãe genética de 3Jane. E daquela boneca morta do Ashpool, acho. Não consigo entender por que ele me contou isso, ali naquele cubículo... um monte de coisa... Por que ele apareceu como o Finlandês ou alguém, ele me contou isso. Não é só uma máscara; é que ele usa perfis de gente de verdade como válvulas; ele se prepara para se comunicar conosco. Chamou isso gabarito. Modelo de personalidade. – Ela sacou a pistola de dardos e saiu mancando corredor afora.

O aço nu e o epóxi escabroso acabaram abruptamente, substituídos pelo que

Case no começo pensou ser um túnel tosco, aberto na rocha sólida a explosivos. Molly examinou sua borda e viu que, na verdade, o aço era recoberto por uma camada de painéis de alguma coisa que parecia pedra fria. Ela se ajoelhou e tocou a areia escura espalhada pelo piso-imitação do túnel. Parecia areia, fria e seca, mas quando passou o dedo, o material se fechou como um fluido, deixando a superfície intocada. A cerca de dez metros adiante, o túnel fazia uma curva. Uma luz amarela forte lançava sombras bem recortadas sobre as seções de pseudopedra das paredes. Com um tranco, Case percebeu que a gravidade ali era quase igual à da Terra, o que significava que ela teria de descer novamente depois da escalada. Agora, ele estava completamente perdido; a desorientação espacial era algo especialmente terrível para cowboys.

Mas ela não estava perdida, ele disse para si mesmo.

Alguma coisa correu entre as pernas dela e saiu fazendo clique-clique pela não areia do piso. Um LED vermelho piscou. O Braun.

O primeiro dos holos esperava logo depois da curva, uma espécie de tríptico. Ela abaixou a pistola de dardos antes que Case tivesse tido tempo de perceber que o negócio era uma gravação. As figuras eram caricaturas de luz, cartuns em tamanho normal: Molly, Armitage e Case. Os seios de Molly eram grandes demais, visíveis através de uma blusa de malha preta por baixo de uma jaqueta pesada de couro. Sua cintura era impossivelmente estreita. Lentes prateadas cobriam metade do seu rosto. Ela segurava uma arma absurdamente elaborada, um formato de pistola quase perdido por baixo de uma infinidade de miras, silenciadores, luzes piscando. As suas pernas estavam abertas, a pelve projetada para a frente, sua boca fixa num sorriso de crueldade idiota. Ao seu lado, Armitage estava rígido em posição de sentido, vestindo um uniforme cáqui esfarrapado. Seus olhos, Case viu, quando Molly deu um passo cuidadoso para a frente, eram minúsculas telas de monitor, cada uma exibindo a imagem azul-acinzentada de uma vastidão de neve uivando, os troncos negros e nus de sempre-verdes curvando-se a ventos silenciosos.

Ela passou as pontas dos dedos pelos olhos de televisão de Armitage, e então se virou para a figura de Case. Ali, era como se Riviera – e Case soube no mesmo instante que o responsável por aquilo era Riviera – não tivesse sido capaz de encontrar nada digno de parodiar. A figura que estava ali era uma boa aproximação daquela que ele via todo dia no espelho. Magro, ombros altos, um rosto esquecível por baixo de um cabelo preto curto. Ele precisava fazer a barba, mas no mundo real também.

Molly deu um passo para trás. Olhou de uma figura para outra. Era um display estático, o único movimento era o vento silencioso das árvores negras nos olhos siberianos congelados de Armitage.

– Tentando nos dizer alguma coisa, Peter? – ela perguntou baixinho. Então, avançou e chutou alguma coisa entre os pés da holo-Molly. Um barulho de metal batendo contra a parede e as figuras desapareceram. Ela se abaixou e pegou uma pequena unidade de display. – Acho que ele consegue se plugar nessas coisas e

programá-las diretamente – disse, jogando o aparelho de lado.

Ela passou pela fonte de luz amarela, um globo incandescente arcaico embutido na parede, protegido por uma curva enferrujada de grades de expansão. O estilo do suporte improvisado sugeria de algum modo algo feito por uma criança. Ele se lembrou de fortalezas que havia construído com outras crianças em telhados e em subsolos de prédios inundados. O esconderijo de uma criança rica, ele pensou. Aquele tipo de tosqueira custava caro. O que eles chamavam atmosfera.

Ela passou por mais uma dezena de hologramas antes de chegar à entrada dos apartamentos de 3Jane. Um deles descrevia a coisa sem olhos no beco atrás do Bazar das Especiarias, ao se rasgar e se libertar do corpo estilhaçado de Riviera. Diversos outros eram cenas de tortura, os inquisidores sempre oficiais militares e as vítimas invariavelmente mulheres jovens. Esses tinham a terrível intensidade do show de Riviera no Vingtième Siècle, como se tivessem sido congelados no flash azul do orgasmo. Molly desviou o olhar ao passar por eles.

O último era pequeno e meio escuro, como se fosse uma imagem que Riviera tivesse tido que arrastar por uma distância particular da memória e do tempo. Ela precisou se ajoelhar para examiná-lo; ele havia sido projetado do ponto de vista de uma criança. Nenhum dos outros tinha planos de fundo; as figuras, uniformes, instrumentos de tortura, todos haviam sido displays soltos. Mas aquele era uma vista completa.

Uma onda escura de destroços se erguia contra um céu sem cor; além de sua crista, os esqueletos brancos e semiderretidos das torres da cidade. A onda de destroços tinha a textura de uma rede, vergalhões finos de aço retorcidos graciosamente como fios, placas enormes de concreto ainda penduradas neles. A parte da frente poderia ter sido, um dia, a praça de uma cidade; havia uma espécie de toco, algo que sugeria uma fonte. Em sua base, as crianças e o soldado estavam congelados. O tableau era confuso no começo. Molly deve tê-lo lido corretamente, porque ele a sentiu ficar tensa. Ela cuspiu e se levantou.

Crianças. Feras, cobertas com trapos. Dentes brilhando como facas. Pústulas nos rostos contorcidos. O soldado, caído de costas, boca e garganta expostas ao céu. Elas estavam se alimentando.

– Bonn – ela disse, com algo que parecia gentileza em sua voz. – Você é bem um produto de lá, não é, Peter? Mas tinha que ser. Nossa 3Jane está chapada demais agora para abrir a porta dos fundos para qualquer ladrãozinho barato. Então Wintermute desencavou você. Para quem gosta, é um prato cheio. O amante de demônios. Peter. – Ela estremeceu. – Mas você a convenceu a me deixar entrar. Valeu. Agora a festa vai começar.

E ela começou a andar – a passo rápido, na verdade, apesar da dor – para longe da infância de Riviera. Ela sacou a pistola de dardos do coldre, retirou o pente de plástico, enfiou-o no bolso e o substituiu por outro. Meteu o polegar no pescoço do traje Moderno e rasgou-o até a virilha com um único gesto, a lâmina do polegar abrindo o policarbono duro como se fosse tecido vagabundo. Ela se libertou dos

braços e pernas, os restos esfarrapados se camuflando ao caírem na falsa areia escura.

Então, Case notou a música. Uma música que ele não conhecia, tudo metais e piano.

A entrada para o mundo de 3Jane não tinha porta. Era um rasgão de cinco metros na parede do túnel, escadas irregulares que desciam até uma curva larga e rasa. Uma pálida luz azul, sombras que se moviam, música.

– Case – disse ela, e fez uma pausa, a pistola de dardos na mão direita. Ela levantou a mão esquerda, sorriu, tocou a palma da mão aberta com a ponta molhada da língua, beijando-o pelo link do simstim. – Tenho que ir.

Então ele sentiu uma coisa pequena e pesada na mão esquerda dela, o seu polegar tocando uma alavanca minúscula, e ela começou a descer.

18

Ela perdeu por uma fração. Ela quase conseguiu, mas não chegou lá. Ela entrou certinho, pensou Case. A atitude certa; era uma coisa que ele podia sentir, uma coisa que ele podia ter visto na postura de outro cowboy curvado sobre um deck, os dedos voando sobre o teclado. Ela tinha tudo: a coisa, os movimentos. E tinha juntado tudo isso para sua entrada. Juntou tudo em volta da dor na perna e desceu marchando os degraus da escada de 3Jane como se fosse dona do lugar, o cotovelo do braço que segurava a pistola colado no quadril, antebraço levantado, pulso relaxado, balançando o cano da pistola de dardos com a fleuma estudada de um duelista do século dezoito.

Era uma performance. Era como o auge de uma vida inteira de observação de fitas de artes marciais, daquelas vagabundas, do tipo que Case crescera assistindo. Por alguns segundos, ele soube, ela era cada herói casca-grossa, Sony Mao nos velhos vídeos da Shaw Productions, Mickey Chiba, toda uma linhagem que recuava até Lee e Eastwood. Ela andava do jeito que falava.

Lady 3Jane Marie-France Tessier-Ashpool havia escavado para si mesma um pequeno nicho com a superfície interna do casco da Villa Straylight, derrubando as paredes que eram sua herança. Ela vivia num único quarto tão amplo e fundo que o outro lado estava perdido num horizonte invertido, o piso oculto pela curvatura do fuso. O teto era baixo e irregular, feito com a mesma imitação de pedra que emparedava o corredor. Aqui e ali, pelo chão, estavam pedaços recortados de parede, lembretes de labirinto que iam até a cintura. Havia uma piscina retangular azul-turquesa centrada a dez metros do pé da escada; os holofotes subaquáticos eram a única fonte de luz do apartamento – ou assim parecia para Case, quando Molly deu seu último passo. A piscina lançava bolhas instáveis de luz sobre o teto acima.

Eles estavam esperando à beira da piscina.

Ele sabia que os reflexos dela estavam turbinados, acelerados para combate pelos neurocirurgiões, mas não os havia experimentado no link de simstim. O efeito era como rodar uma fita pela metade da velocidade, uma dança lenta e deliberada, coreografada para o instinto assassino e anos de treinamento. Aparentemente, ela percebera os três de uma só vez: o garoto preparado no trampolim da piscina, a garota sorrindo sobre a borda da taça de vinho e o cadáver de Ashpool, o buraco do olho esquerdo escancaradamente preto e decomposto sobre seu sorriso de boas-vindas. Seus dentes eram muito brancos.

O garoto mergulhou. Esguio, moreno, suas formas eram perfeitas. A granada deixou a mão dela antes que as mãos dele tocassem a água. Case viu o que era

exatamente a coisa no instante em que ela rompeu a superfície: um núcleo de explosivo de alta potência envolto em dez metros de fio de aço fino e frágil.

A pistola zuniu quando ela disparou uma tempestade de dardos explosivos no rosto e no peito de Ashpool, e ele desapareceu, nuvens de fumaça subindo do encosto todo furado da cadeira de piscina branca e vazia.

O cano girou na direção de 3Jane quando a granada detonou, um bolo de casamento simétrico de água subindo, quebrando, caindo de volta, mas o erro já havia sido cometido.

Hideo nem chegou a tocá-la. A perna dela cedeu.

No Garvey, Case soltou um grito.

***

– Você demorou – disse Riviera, enquanto vasculhava os bolsos dela. As mãos dela desapareceram na altura dos pulsos numa esfera preta fosca do tamanho de uma bola de boliche. – Eu vi uma chacina em Ancara – ele disse, arrancando coisas da jaqueta dela com os dedos. – Uma explosão de granada. Numa piscina. Parecia uma explosão muito fraca, mas todos morreram imediatamente de choque hidrostático. – Case a sentiu tentando mover os dedos. O material da bola parecia não oferecer mais resistência do que espuma sintética. A dor na sua perna era excruciante, impossível. Um padrão moiré vermelho se deslocava em sua visão. – Eu não mexeria os dedos se fosse você. – O interior da bola pareceu se contrair ligeiramente. – É um brinquedo sexual que Jane comprou em Berlim. Mexa mais os dedos e eles vão ser totalmente esmagados. É uma variação do material que usam para fazer este piso. Alguma coisa a ver com moléculas, acho. Está sentindo dor?

Ela grunhiu.

– Parece que você feriu sua perna. – Os dedos dele encontraram o pacote fino de drogas no bolso traseiro esquerdo da calça jeans dela. – Ora. A última dose que o Ali me mandou, e bem na hora.

A rede cambiante de sangue começou a girar em espiral.

– Hideo – disse outra voz, uma voz de mulher –, ela está perdendo a consciência. Dê alguma coisa para ela. Para isso e para a dor. Ela é muito bonita, não acha, Peter? Esse tipo de óculos é moda de onde ela vem?

Mãos frias, sem pressa, com a certeza de um cirurgião. A picada de uma agulha.

– Não sei dizer – Riviera estava falando. – Nunca vi o habitat nativo dela. Eles vieram e me pegaram na Turquia.

– O Sprawl, sim. Nós temos interesses ali. E uma vez mandamos Hideo para lá. Foi culpa minha, na verdade. Eu havia deixado alguém entrar, um ladrão. Ele levou o terminal da família. – Ela riu. – Eu facilitei para ele. Só pra irritar os outros. Era um menino bonito, o meu ladrão. Ela está acordando, Hideo? Será que ela não devia tomar mais?

– Mais e ela morre – disse uma terceira voz.

A rede de sangue deslizou para o vermelho.

A música retornou, metais e piano. Música para dançar.

C A S E : : : : : :
: : : : :D E S P L
U G A : : : : : : :

Pós-imagens das palavras piscadas dançaram sobre os olhos e a testa franzida de Maelcum quando Case removeu os trodos.

– Tu gritou, mon, agorinha mesmo.

– Molly – ele disse, a garganta seca. – Ela está ferida. – Pegou uma garrafa squeeze de plástico branco na borda da rede-G e espremeu um gole de água morna na boca. – Não estou gostando do jeito que esta merda está indo.

O pequeno monitor Cray se acendeu. O Finlandês, contra um fundo de lixo retorcido e compactado. – Nem eu. Temos um problema.

Maelcum se levantou rápido, sobre a cabeça de Case, girou e olhou por sobre o ombro dele. – Quem é esse mon, Case?

– Isso é só uma imagem, Maelcum – Case disse cansado. – Foi um sujeito que conheci no Sprawl. É Wintermute que está falando. A imagem é pra fazer a gente se sentir à vontade.

– Merda nenhuma – disse o Finlandês. – Como eu disse para Molly, isto não são máscaras. Eu preciso delas para falar com vocês. Porque não tenho muito do que vocês consideram como personalidade. Mas isso são bobagens, Case, bobagens, porque, como eu acabei de falar, temos um problema.

– Então expressai-vos, Mute – disse Maelcum.

– A perna da Molly está caindo, pra começo de conversa. Ela não pode mais andar. O combinado foi que ela desceria até lá, entraria, tiraria Peter do caminho, arrancaria a palavra mágica de 3Jane, iria até a cabeça e diria a palavra. Agora ela estragou tudo. Então eu quero que vocês dois vão lá atrás dela.

Case olhou para a tela. – Nós?

– E quem mais?

– Aerol – disse Case. – O cara da Babylon Rocker. O amigo do Maelcum.

– Não. Tem que ser vocês. Tem que ser alguém que entenda Molly, que entenda Riviera. Maelcum pelos músculos.

– Você deve estar se esquecendo de que estou no meio de uma pequena incursão aqui. Esqueceu? Foi pra isso que você me trouxe aqui...

– Case, escuta. O tempo está acabando. Pra valer. Escuta. O verdadeiro link entre seu deck e Straylight é uma transmissão de banda alternativa no sistema de

navegação do Garvey. Vocês vão levar o Garvey para um cais muito particular que vou lhes mostrar. O vírus chinês já penetrou completamente o tecido do Hosaka. Não há nada no Hosaka agora a não ser o vírus. Quando vocês atracarem, o vírus será interfaceado com o sistema de detenção de Straylight e vamos cortar a banda alternativa. Você vai levar seu deck, o Flatline e Maelcum. Você vai encontrar 3Jane, arrancar a palavra dela, matar Riviera e pegar a chave com Molly. Você pode manter o rastro do programa plugando seu deck ao sistema de Straylight. Eu vou cuidar disso para você. Há um plugue-padrão na parte de trás da cabeça, atrás de um painel com cinco zircônias.

– Matar Riviera?

– Matar Riviera.

Case ficou parado ali, piscando, encarando a representação do Finlandês. Sentiu Maelcum colocar a mão no seu ombro. – Ei. Você tá esquecendo uma coisa. – Ele sentiu o ódio subindo, e uma espécie de prazer. – Você fodeu com tudo. Você explodiu os controles dos ganchos quando explodiu o Armitage. O Haniwa nos deixou presos. Armitage fritou o outro Hosaka e os mainframes caíram com o tombadilho, certo?

O Finlandês fez que sim com a cabeça.

– Então a gente tá preso aqui. E isso quer dizer que você tá fodido, cara. – Ele queria rir, mas o riso ficou preso na sua garganta.

– Case, mon – Maelcum disse baixinho. – O Garvey é um rebocador.

– É isso aí – disse o Finlandês, e sorriu.

***

– Está se divertindo no mundão véio de guerra lá fora? – O constructo perguntou quando Case tornou a se conectar. – Achei que era o Wintermute solicitando o prazer...

– É. Pode apostar. Tudo ok com o Kuang?

– Pá e bola. Vírus matador.

– Ok. Estou com uns problemas, mas estamos trabalhando a respeito.

– Quer me dizer o que é?

– Não tenho tempo.

– Bom, garoto, não ligue pra mim. Eu estou morto mesmo.

– Vai se foder – disse Case, e flipou, cortando o ruído de unhas arranhando que era a gargalhada do Flatline.

***

– Ela sonhava com um estado envolvendo muito pouco de consciência individual – 3Jane estava dizendo. Ela segurava um camafeu grande nas mãos, e o estendeu para Molly ver. O perfil esculpido ali era muito parecido com o seu. – Êxtase animal. Acho que ela encarava a evolução do cérebro anterior como uma espécie

de ramificação. – Retirou o broche e o estudou, inclinando-o para captar a luz em diferentes ângulos. – Apenas em alguns aspectos elevados um indivíduo – um membro do clã – sofria as consequências mais dolorosas da autoconsciência...

Molly concordou com a cabeça. Case lembrou da injeção. O que será que eles haviam dado a ela? A dor ainda estava lá, mas vinha através de um foco estreito de impressões embaralhadas. Vermes de neon retorcendo-se na coxa dela, o roçar de aniagem, o cheiro de krill fritando... sua mente recuou. Se ele evitasse se concentrar nisso, as impressões se sobrepunham, tornavam-se um equivalente sensorial do ruído branco. Se aquilo podia fazer isso com o sistema nervoso dela, como estaria a sua mente?

Sua visão estava anormalmente clara e brilhante, mais aguçada até do que de costume. As coisas pareciam vibrar, cada pessoa ou objeto sintonizado a uma frequência minimamente diferente. As suas mãos, ainda travadas na bola preta, repousavam no seu colo. Ela estava sentada numa das cadeiras da piscina, a perna quebrada esticada à sua frente sobre uma rede forrada com peles de camelo. 3Jane estava sentada logo em frente, em outra rede, encolhida num robe djellaba enorme de lã crua. Ela era muito jovem.

– Para onde ele foi? – perguntou Molly. – Tomar sua dose?

3Jane deu de ombros por baixo das dobras do robe pesado e branco e afastou um cacho de cabelo preto dos olhos. – Ele me disse quando deixar você entrar – disse ela. – Não me disse por quê. Tudo tem que ser um mistério. Você teria nos machucado?

Case sentiu Molly hesitar. – Eu o teria matado. Eu teria tentado matar o ninja. Em seguida, deveria conversar com você.

– Por quê? – Perguntou 3Jane, enfiando o camafeu de volta para dentro de um dos bolsos internos do djellaba. – E por quê? E o quê?

Molly parecia estar estudando os ossos altos e delicados, a boca larga, o nariz aquilino estreito. Os olhos de 3Jane eram escuros, curiosamente opacos. – Porque eu o odeio – ela disse finalmente – e o porquê disso é o jeito como sou programada, o que ele é e o que eu sou.

– E o show – disse 3Jane. – Eu vi o show.

Molly concordou com a cabeça.

– Mas Hideo?

– Porque eles são os melhores. Porque um deles matou um parceiro meu uma vez.

3Jane ficou muito séria. Ergueu as sobrancelhas.

– Porque eu precisava ver – disse Molly.

– E depois nós teríamos conversado, você e eu? Tipo assim? – Os seus cabelos escuros eram muito retos, partidos ao meio, puxados para trás num nó de prata de lei opaca. – Vamos conversar agora?

– Tire esta coisa daqui – disse Molly, levantando as mãos presas.

– Você matou meu pai – disse 3Jane, sem mudar absolutamente nada em seu

tom de voz. – Eu estava vendo pelos monitores. Os olhos de minha mãe, ele os chamava assim.

– Ele matou a boneca. Era a sua cara.

– Ele gostava de grandes gestos – ela disse, e então Riviera estava ao seu lado, radiante de drogas, vestindo o modelito macacão-presidiário que usara no jardim do telhado do hotel.

– Estão se conhecendo? Ela é uma garota interessante, não é? Eu achei isso quando a vi pela primeira vez. – Passou por 3Jane. – Isso não vai funcionar, você sabe.

– Não vai, Peter? – Molly conseguiu dar um sorrisinho cínico.

– Wintermute não será o primeiro a cometer o mesmo erro. Me subestimar. – Ele atravessou a beirada de azulejos da piscina até uma mesa de esmalte branco e serviu água mineral em um copo highball de cristal. – Ele falou comigo, Molly. Suponho que tenha falado com todos nós. Você, e Case, e seja lá o que exista do Armitage para se conversar. Ele não consegue realmente nos entender, você sabe. Ele tem seus perfis, mas são apenas estatísticas. Você pode ser seu animal estatístico, querida, e Case não é nada, mas eu possuo uma qualidade inquantificável pela própria natureza. – Tomou um gole.

– E o que é exatamente isso, Peter? – perguntou Molly, a voz sem emoção.

Riviera deu um sorriso de orelha a orelha. – Perversidade. – Ele voltou até onde as duas mulheres estavam, sacudindo a água que permanecia no denso cilindro escavado de cristal de rocha, como se gostasse do peso da coisa. – O desfrutar de um ato gratuito. E tomei uma decisão, Molly, uma decisão totalmente gratuita.

Ela ficou esperando, olhando para ele.

– Ah, Peter – 3Jane disse, com o tipo de leve exasperação normalmente reservado para crianças.

– Nenhuma palavra para você, Molly. Ele me contou isso, sabia? 3Jane conhece o código, claro, mas você não o terá. Nem Wintermute. Minha Jane é uma garota ambiciosa, à sua maneira perversa. – Voltou a sorrir. – Ela tem projetos sobre o império familiar, e uma dupla de inteligências artificiais insanas, por mais contraditório que possa ser esse conceito, só seria um obstáculo. Então aí vem o Riviera dela para ajudá-la, sabe? E o Peter diz, fique na sua. Toque os disquinhos de swing preferidos do papai e deixe que o Peter chame para você uma banda para combinar, um conjunto de dançarinos, um velório para o falecido Rei Ashpool. – Tomou o resto da água mineral. – Não, você não faria isso, paizinho, você não faria isso. Agora que Peter voltou para casa. – E, então, o rosto rosado com o prazer da cocaína e da meperidina, ele virou o copo com força no implante esquerdo de lente dela, estilhaçando a visão em sangue e luz.

***

Maelcum estava encostado no teto da cabine quando Case removeu os trodos.

Uma corda de nylon, enrolada ao redor de sua cintura, estava presa aos painéis de cada lado com cordas antichoque e almofadas de sucção de borracha cinza. Ele tinha tirado a camisa e estava trabalhando num painel central com uma chave de boca zero-G de aspecto desajeitado, as molas de contraste da coisa fazendo o barulho da vibração de uma corda de arco quando solta a flecha no instante em que ele retirou outra porca. O Marcus Garvey estava gemendo e estalando com estresse-G.

– O Mute vai levar a gente para a doca – disse o zionita, colocando a porca num bolsinho de malha na cintura. – Maelcum pilota o pouso, enquanto isso precisa de ferramenta pro trabalho.

– Você guarda as ferramentas ali? – Case esticou o pescoço e viu cordas de músculo acumuladas nas costas marrons.

– Esta aqui – disse Maelcum, deslizando um saquinho comprido enrolado em poli preto do espaço atrás do painel. Ele substituiu o painel, juntamente com um único parafuso para fixá-lo no lugar. O pacote preto havia flutuado para a popa antes que tivesse terminado. Ele abriu com o polegar as válvulas de vácuo nas almofadas cinza do cinto de trabalho e se soltou, recuperando a coisa que havia retirado.

Com um impulso, voltou, planando sobre seus instrumentos – um diagrama de atracação verde pulsava em sua tela central – e segurou a armação da rede-G de Case. Ele se puxou para baixo e puxou a fita de seu pacote com uma unha grossa e quebrada do polegar. – Uns homens na China dizem que a verdade é isto – ele disse, desembrulhando uma antiga escopeta automática Remington, escorregadia de óleo. O apoio do ombro havia sido inteiramente retirado, substituído por um cabo de pistola de madeira revestido com fita preta fosca. Ele tinha cheiro de suor e ganja.

– Esta é a única que você conseguiu?

– Claro, mon – ele disse, enxugando o óleo do cano preto com um pano vermelho, o embrulho de poli preto todo enroscado ao redor do cabo de pistola em sua outra mão. – Eu sou da Marinha Rastafári, pode crer.

Case puxou os trodos da testa. Ele nem se dera ao trabalho de recolocar o cateter texano; pelo menos poderia dar uma mijada de verdade na Villa Straylight, mesmo que fosse a última.

Conectou-se.

– Ei – disse o constructo –, o Peter tá mutcholôco, hein?

Eles pareciam fazer parte do ICE da Tessier-Ashpool agora; os arcos esmeralda haviam se ampliado, crescido junto, tornado-se uma massa sólida. O verde predominava nos planos do programa chinês que os cercava. – Chegando mais perto, Dixie?

– Muito perto. Vou precisar de você daqui a pouco.

– Escuta, Dix. Wintermute disse que o Kuang está inteirinho no nosso Hosaka. Vou ter que desplugar você e meu deck do circuito, levar você para Straylight e te plugar de volta, no programa de detenção de lá. Foi o que o Wintermute falou. Ele

diz que o vírus Kuang já estará lá por toda parte. Então a gente retoma a incursão de dentro, pela rede da Straylight.

– Maravilha – disse o Flatline. – Eu nunca gostei de fazer uma coisa simples quando podia complicar pra caralho.

Case flipou.

***

Dentro de sua escuridão, uma sinestesia fervilhante, onde a dor dela era o gosto de ferro-velho, cheiro de melão, as asas de uma mariposa roçando seu rosto. Ela estava inconsciente, e ele estava barrado de seus sonhos. Quando o chip óptico disparou, os alfanuméricos estavam cercados por um halo, cada um envolvido por uma tênue aura cor-de-rosa.

07:29:40.

– Estou muito chateada com isso, Peter – a voz de 3Jane parecia vir de uma grande distância, pelo eco. Molly podia ouvir, ele percebeu, mas então se corrigiu. A unidade de simstim estava intacta e ainda no lugar; ele conseguia senti-la fazendo pressão nas costelas dela. Os ouvidos dela registravam as vibrações da voz da garota. Riviera disse uma coisa breve e indistinta. – Mas eu não – ela disse. – E não tem graça. Hideo vai trazer uma unidade médica lá da terapia intensiva, mas esta aqui vai precisar de um cirurgião.

Silêncio. Muito distintamente, Case ouviu a água batendo na lateral da piscina.

– O que você estava falando com ela quando voltei? – Riviera estava muito perto agora.

– Sobre minha mãe. Ela me perguntou. Acho que estava em choque, tirando a injeção do Hideo. Por que você fez isso com ela?

– Eu queria ver se essas lentes quebravam.

– Uma delas quebrou. Quando ela acordar, se acordar, vamos ver a cor dos seus olhos.

– Ela é extremamente perigosa. Perigosa demais. Se eu não tivesse estado aqui para distraí-la, para jogar Ashpool para distraí-la e meu próprio Hideo para afastar a bombinha dela, onde você estaria? Sob o poder dela.

– Não – disse 3Jane. – Havia Hideo. Acho que você não está entendendo muito bem Hideo. Evidentemente ela entende.

– Quer beber alguma coisa?

– Vinho. Branco.

Case desplugou.

***

Maelcum estava curvado sobre os controles do Garvey, digitando comandos para uma sequência de atracação. A tela central do módulo exibia um quadrado vermelho fixo que representava a doca de Straylight. O Garvey era um quadrado

maior, verde, que encolhia devagar, oscilando de um lado para o outro com os comandos de Maelcum. À esquerda, uma tela menor exibia um gráfico-esqueleto do Garvey e do Haniwa se aproximando da curvatura do fuso.

– A gente tem uma hora, cara – disse Case, puxando a fita de fibras ópticas do Hosaka. As baterias de backup do seu deck tinham a capacidade de duração de noventa minutos, mas o constructo do Flatline seria um dreno adicional de energia. Trabalhou rápida e mecanicamente, prendendo o constructo na parte de baixo do Ono-Sendai com fita micropore. O cinto de trabalho de Maelcum passou flutuando por ele. Ele o agarrou, soltou os dois pedaços de corda, com suas almofadas de sucção cinza retangulares e enganchou a garra-jacaré de um clipe na outra. Segurou as almofadas contra as laterais de seu deck e acionou a alavanca do polegar que criava a sucção. Com o deck, o constructo e a alça de ombro improvisada à sua frente, vestiu com dificuldade a jaqueta de couro, checando o conteúdo dos bolsos. O passaporte que Armitage lhe dera, o chip bancário no mesmo nome, o chip de crédito que ele recebera ao entrar em Freeside, dois dermas da betafenetilamina que comprara de Bruce, um rolo de neoienes, meio maço de Yeheyuans e o shuriken. Jogou fora o chip de Freeside, ouviu o barulho que fez ao bater no filtro de ar russo. Ele estava para fazer o mesmo com a estrela de aço, mas o chip de crédito ricocheteou, raspou a parte de trás da sua cabeça, saiu girando, bateu no teto e passou dando cambalhotas pelo ombro esquerdo de Maelcum. O zionita interrompeu a pilotagem para olhar para ele com cara feia. Case olhou para o shuriken, e então enfiou-o no bolso da jaqueta, ouvindo o rasgão do forro.

– Você tá perdendo o Mute, mon – disse Maelcum. – Mute diz que tá mexendo com a segurança pro Garvey. O Garvey vai atracar como outra nave qualquer, nave que eles estavam esperando lá da Babilônia. O Mute está transmitindo códigos para nós.

– Vamos vestir os trajes?

– Pesados demais. – Maelcum deu de ombros. – Fica na teia até eu avisar. – Digitou uma sequência final no módulo e agarrou o cabo rosa gasto de cada lado do console de navegação. Case viu o quadrado verde encolher mais alguns milímetros para se sobrepor ao quadrado vermelho. Na tela menor, o Haniwa abaixou a proa para não bater na curva do fuso e foi agarrado. O Garvey ainda estava preso embaixo dela como uma craca. O rebocador gemeu e estremeceu. Dois braços estilizados surgiram para agarrar a forma esguia de vespa. Straylight projetou um retângulo amarelo temporário que se curvou, agarrando o Haniwa e separando-o do Garvey.

Eles ouviram um som de raspagem na proa, além dos fios trêmulos de massa de calafate.

– Mon – disse Maelcum –, cuidado com a gravidade. – Uma dezena de objetos pequenos caíram simultaneamente no chão da cabine, como se atraídos para lá por um ímã. Case perdeu o ar quando seus órgãos internos foram puxados para uma

configuração diferente. O deck e o constructo haviam caído no seu colo, e doeu.

Agora eles estavam presos ao fuso, rotacionando com ele.

Maelcum abriu os braços, flexionando-os para eliminar a tensão dos ombros, e retirou sua redinha roxa de dreads, sacudindo o cabelo para fora. – Vamos nessa, mon, se você tá dizendo que o tempo é muito precioso.

19

A Villa Straylight era uma estrutura parasítica, Case lembrou, ao passar pelos tentáculos de material de calafate e atravessar a escotilha dianteira do Garvey. A Straylight sangrava ar e água para fora de Freeside, e não tinha ecossistema próprio.

O tubo de passagem que a doca havia estendido era uma versão mais elaborada daquele pelo qual ele havia passado aos trancos e barrancos para chegar ao Haniwa, projetado para uso na gravidade rotacional do fuso. Um túnel corrugado, articulado por membros hidráulicos integrais, cada segmento com um anel de plástico rígido e antiderrapante, os anéis servindo como os elos de uma escada. A passagem serpenteava ao redor do Haniwa; era horizontal, onde se juntava com a escotilha do Garvey, mas fazia uma curva fechada para cima e para a esquerda, uma subida vertical, uma subida vertical ao redor da curvatura do casco do iate. Maelcum já estava subindo pelos anéis, puxando-se para cima com a mão esquerda, a Remington na direita. Vestia um par manchado de calças baggy, sua jaqueta de nylon verde sem mangas e um par de tênis de lona surrada com solas vermelhas berrantes. A passagem se deslocava ligeiramente a cada vez que ele subia para outro anel.

Os grampos da alça improvisada de Case penetravam fundo no seu ombro, com o peso do Ono-Sendai e do constructo do Flatline. Tudo o que sentia agora era medo, um pavor generalizado. Ele colocou isso de lado à força, forçando-se a repassar a palestra de Armitage sobre o fuso e a Villa Straylight. Começou a escalada. O ecossistema de Freeside era limitado, não fechado. Zion era um sistema fechado, capaz de se reciclar por anos sem a introdução de materiais externos. Freeside produzia seu próprio ar e sua própria água, mas confiava em suprimentos constantes de comida, no aprimoramento regular de nutrientes do solo. A Villa Straylight não produzia absolutamente nada.

– Mon – Maelcum disse baixinho –, sobe aqui em cima, junto comigo. – Case virou de lado na escada circular e subiu os últimos anéis. A passagem terminou em uma escotilha lisa e ligeiramente convexa de dois metros de diâmetro. Os membros hidráulicos do tubo desapareciam em carapaças flexíveis montadas na moldura da escotilha.

– Então o que é que a gente...

Case fechou a boca no instante em que a escotilha se abriu para cima, um leve diferencial de pressão borrifando poeira fina de cascalho nos seus olhos.

Maelcum subiu correndo, passou pela borda, e Case ouviu o pequeno clic da trava de segurança da Remington sendo liberada. – Mon, anda depressa... –

murmurou Maelcum, agachando-se ali. Case chegou para junto dele.

A escotilha estava centrada numa câmara redonda e abaulada com um piso de azulejos plásticos azuis antiderrapantes. Maelcum o cutucou, apontou, e ele viu um monitor montado numa parede curva. Na tela, um jovem com os traços físicos Tessier-Ashpool estava passando os dedos para tirar algo das mangas de seu paletó escuro. Ele estava parado em pé ao lado de uma escotilha idêntica. – Lamento muito, senhor – disse uma voz de uma grade centrada acima da escotilha. Case olhou para cima. – Esperávamos o senhor mais tarde, na doca axial. Um instante, por favor. – No monitor, o jovem balançava a cabeça impaciente.

Maelcum girou quando a porta se abriu deslizando à sua esquerda, a escopeta pronta. Um eurasiano baixinho, vestindo um macacão laranja, passou pela escotilha e olhou para eles com os olhos arregalados. Ele abriu a boca, mas nada saiu dela. Fechou a boca. Case olhou para o monitor. Nada.

– Quem? – o homem conseguiu perguntar.

– Marinha Rastafári – disse Case, levantando-se, o deck de ciberespaço batendo no quadril – e só queremos uma conexão com seu sistema de segurança.

O homem engoliu em seco. – Isto é um teste? É uma verificação de lealdade. Deve ser uma verificação de lealdade. – Ele enxugou as palmas das mãos nas coxas de seu traje laranja.

– Não, mon, isto aqui é pra valer. – Maelcum se levantou com a Remington apontada para o rosto do eurasiano. – Vai andando.

Eles seguiram o homem voltando pela porta e entrando num corredor cujas paredes, de concreto polido e piso irregular de tapetes sobrepostos, eram perfeitamente familiares a Case. – Bonitos tapetes – disse Maelcum, empurrando o homem nas costas. – Têm cheiro de igreja.

Passaram por outro monitor, um Sony antigo, montado em cima de um console e uma fileira complexa de painéis de conexão. A tela se iluminou quando pararam, o Finlandês sorrindo tenso para eles no que parecia ser o salão da frente do Metro Holografix. – Ok – ele disse. – Maelcum, leva esse cara até o final do corredor até a porta aberta do armário, enfia ele lá dentro, eu tranco. Case, o que você está querendo é o quinto soquete a partir da esquerda, painel superior. Há plugues-adaptadores no gabinete embaixo do console. Precisa conectar o de vinte pontos do Ono-Sendai no de quarenta do Hitachi. – Enquanto Maelcum empurrava seu prisioneiro e o levava para o fim do corredor, Case se ajoelhou e começou a mexer no sortimento de plugues até finalmente encontrar o de que precisava. Com seu deck plugado no adaptador, ele parou por um instante.

– Você tem que ter essa cara, meu camarada? – ele perguntou ao rosto na tela. O Finlandês estava sendo apagado uma linha de cada vez pela imagem de Lonny Zone encostado numa parede com cartazes japoneses descolando.

– O que você quiser, baby – Zone falou com a voz arrastada. – É só trocar pelo Lonny...

– Não – disse Case –, use o Finlandês. – Quando a imagem do Zone

desapareceu, ele enfiou o adaptador Hitachi no seu soquete e colocou os trodos na testa.

***

– Por que você demorou tanto? – o Flatline perguntou, e deu uma gargalhada.

– Eu já falei pra você não fazer isso – disse Case.

– É só brincadeira, garoto – disse o constructo. – Aqui o lapso de tempo é zero pra mim. Vamo lá ver o que a gente tem aqui...

O programa Kuang estava verde, exatamente o tom do ICE da T-A. Enquanto Case observava, ia ficando gradualmente mais opaco, embora pudesse ver a coisa-tubarão preta espelhada claramente quando levantou a cabeça. As linhas de fratura e alucinações já haviam desaparecido, e a coisa parecia tão real quanto o Marcus Garvey, um jato antigo sem asas, sua pele macia revestida de cromo preto.

– Tudo pronto – disse o Flatline.

– Beleza – disse Case, e flipou.

***

– ... assim. Desculpe – 3Jane estava dizendo, enquanto colocava uma bandagem na cabeça de Molly. – Nossa unidade diz que não há concussão, nenhum dano permanente ao olho. Você não o conhecia muito bem, antes de vir aqui?

– Eu simplesmente não o conhecia – Molly disse cansada. Estava encostada numa cama alta ou numa mesa acolchoada. O efeito sinestésico da injeção original parecia ter passado. Ela não estava mais com a bola preta, mas suas mãos estavam imobilizadas por cordas macias que ela não conseguia ver.

– Ele quer matar você.

– Faz sentido – disse Molly, olhando para o teto irregular passando por uma luz muito brilhante.

– Acho que eu não quero que ele faça isso – disse 3Jane, e Molly virou com dor a cabeça para olhar os olhos escuros.

– Não brinca comigo – ela disse.

– Mas eu acho que quero brincar – disse 3Jane, e se curvou para beijar sua testa, escovando os cabelos para trás com uma mão quente. Havia manchas de sangue em seu djellaba claro.

– Pra onde ele foi agora? – perguntou Molly.

– Provavelmente outra injeção – disse 3Jane, se endireitando. – Ele estava muito impaciente com a sua chegada. Acho que seria divertido cuidar de você até ficar saudável, Molly. – Ela sorriu, limpando distraída uma mão ensanguentada na frente do robe. – Sua perna vai precisar ser reduzida, mas podemos dar um jeito nisso.

– E Peter?

– Peter. – Ela balançou a cabeça bem de leve. Um fio de cabelos pretos se soltou, caindo na sua testa. – Peter se tornou um tanto entediante. Eu acho que o uso de drogas é entediante de modo geral. – Ela deu uma risadinha. – Nos outros, pelo menos. Meu pai era um usuário dedicado, como você deve ter visto.

Molly ficou tensa.

– Não fique alarmada. – Os dedos de 3Jane roçaram a pele sobre a cintura do jeans de couro. – O suicídio dele foi o resultado de minha manipulação das margens de segurança de seu congelamento. Eu nunca o conheci, você sabia? Fui decantada depois da última vez em que ele foi dormir. Mas eu o conhecia muito bem. Os núcleos sabem tudo. Eu o vi matar minha mãe. Eu mostro isso pra você, quando estiver melhor. Ele a estrangulou na cama.

– Por que ele a matou? – O olho sem bandagem estava concentrado no rosto da garota.

– Ele não conseguia aceitar a direção que ela havia planejado para nossa família. Ela comissionou a construção de nossas inteligências artificiais. Ela era uma visionária e tanto. Ela nos imaginou numa relação simbiótica com as IAs, nossas decisões corporativas tomadas por nós. Nossas decisões conscientes, eu deveria dizer. A Tessier-Ashpool seria imortal, uma colmeia, cada um de nós unidades de uma entidade maior. Fascinante. Eu posso rodar as fitas dela pra você, são quase mil horas de fita. Mas, na verdade, eu nunca a entendi, e, com a sua morte, sua orientação se perdeu. Toda a orientação se perdeu, e nós começamos a nos enterrar dentro de nós mesmos. Agora raramente saímos. Eu sou a exceção aqui.

– Você disse que estava tentando matar o velho? Você mexeu com os programas criogênicos dele?

3Jane concordou com a cabeça. – Eu tive ajuda. De um fantasma. Era o que eu achava quando era muito nova, que existiam fantasmas nos núcleos corporativos. Vozes. Uma delas era o que você chama Wintermute, que é o código Turing para nossa IA de Berna, embora a entidade que a está manipulando seja uma espécie de subprograma.

– Uma delas? Existem mais?

– Mais uma. Mas não fala comigo há anos. Acho que ela desistiu. Suspeito que ambas representam a fruição de certas capacidades que minha mãe mandou serem projetadas no software original, mas ela era uma mulher extremamente cheia de segredos quando achava necessário. Aqui. Beba. – Ela colocou um tubo de plástico flexível nos lábios de Molly. – Água. Só um pouquinho.

– Jane, meu amor – Riviera perguntou animado, de algum lugar fora da vista dela –, está se divertindo?

– Deixe a gente em paz, Peter.

– Brincando de médico... – Subitamente Molly estava olhando para seu próprio rosto, a imagem suspensa a dez centímetros de seu nariz. Não havia bandagens. O implante esquerdo estava quebrado, um dedo comprido de plástico prateado enfiado fundo num soquete que era uma poça invertida de sangue.

– Hideo – disse 3Jane, acariciando a barriga de Molly. – Machuque Peter se ele não for embora. Vá nadar, Peter.

A projeção desapareceu.

07:58:40, na escuridão do olho com bandagem.

– Ele disse que você conhece o código. Peter disse. Wintermute precisa do código. – Case estava subitamente consciente da chave CHUBB presa ao seu cordão de nylon, colada à curva interior do seio esquerdo dela.

– Conheço – disse 3Jane, recolhendo a mão. – Conheço sim. Aprendi quando era criança. Acho que aprendi num sonho... Ou em algum lugar nas mil horas dos diários da minha mãe. Mas acho que Peter tem razão. Teríamos de lidar com o pessoal de Turing, se é que eu entendi isso tudo corretamente, e fantasmas só sabem ser caprichosos.

Case se desconectou.

***

– Clientezinho esquisito, hein? – o Finlandês sorriu para Case pelo velho Sony.

Case deu de ombros. Viu Maelcum voltando pelo corredor com o Remington ao lado. O zionita estava sorrindo, a cabeça balançando com um ritmo que Case não podia ouvir. Um par de minúsculos fios amarelos corria de suas orelhas para um bolso lateral em sua jaqueta sem mangas.

– Dub, mon – disse Maelcum.

– Você é louco, porra – Case disse.

– É legal de ouvir, mon. Um dub honesto.

– Ei, meus camaradas – disse o Finlandês. – Vamos que vamos. Seu transporte está chegando. Não posso refinar muitos números com tanta sutileza quanto a imagem de 8Jean que tapeou seu porteiro, mas posso fazer vocês chegarem no cafofo de 3Jane.

Case estava puxando o adaptador de seu soquete quando o carrinho de serviço sem motorista apareceu, sob o deselegante arco de concreto que marcava a outra ponta do corredor. Poderia ter sido aquele que os africanos haviam usado, mas se fosse, agora eles não estavam mais ali. Logo atrás das costas do banco baixo estofado, com seus minúsculos manipuladores agarrando o estofamento, o pequeno Braun estava piscando seu LED vermelho sem parar.

– Vamos pegar o ônibus – Case disse para Maelcum.

20

Ele havia perdido seu ódio novamente. Tinha saudades dele.

O carrinho estava lotado: Maelcum, com a Remington no colo, e Case, deck e constructo colados no peito. O carrinho estava correndo a velocidades para as quais não havia sido projetado; estava indo muito rápido, quase virando nas curvas, e Maelcum tinha que se inclinar na direção dessas. Isso não apresentava problema quando a coisa caía para a esquerda, porque Case estava sentado à direita, mas nas curvas à direita Maelcum tinha que se inclinar sobre Case e seu equipamento, esmagando-o contra o banco.

Ele não fazia ideia de onde estavam. Tudo era familiar, mas ele não tinha certeza de ter visto algum trecho em especial antes. Um corredor curvo, com displays de madeira exibindo coleções que ele tinha certeza de nunca ter visto: os crânios de pássaros grandes, moedas, máscaras de prata fosca. Os seis pneus do carrinho de manutenção não faziam barulho ao passar pelas camadas de tapetes. Havia apenas o zumbido agudo do motor elétrico e uma leve explosão ocasional de dub de Zion, dos fones de espuma nos ouvidos de Maelcum, enquanto ele passava por cima de Case para contrabalançar uma curva fechada à direita. O deck e o constructo continuavam fazendo com que o shuriken no bolso de sua jaqueta fizesse pressão em seu quadril.

– Você tem horas? – ele perguntou a Maelcum.

O zionita balançou a cabeça. – Tempo é tempo.

– Jesus – disse Case, e fechou os olhos.

***

O Braun passou sobre pilhas de tapetes e bateu uma de suas garras acolchoadas numa porta retangular de madeira escura desgastada. Atrás deles, o carrinho soltou um barulho como algo fritando e soltou faíscas azuis num painel com palhetas de ventoinha. As faíscas atingiram o tapete embaixo do carrinho e Case sentiu cheiro de lã chamuscada.

– Aqui é o caminho, mon? – Maelcum olhou para a porta e soltou a trava da escopeta.

– Ei – Case disse mais para si mesmo do que para Maelcum. – Você acha que eu sei? – o Braun rotacionou seu corpo esférico e o LED começou a piscar estroboscópico.

– Ele quer que tu abra a porta – Maelcum disse, balançando a cabeça afirmativamente.

Case deu um passo à frente e experimentou a maçaneta de bronze ornamentada. Havia uma placa também de bronze montada na porta no nível dos olhos, tão antiga que as letras que haviam sido gravadas ali foram reduzidas a um código rabiscado e ilegível, o nome de alguma função ou funcionário há muito morto, polido até o esquecimento. Ele imaginou vagamente se a Tessier-Ashpool havia selecionado cada peça de Straylight individualmente, ou se eles haviam comprado tudo em conjunto de algum imenso equivalente europeu do Metro Holografix. As dobradiças da porta rangeram quando ele as abriu, Maelcum passando por ele com a Remington para a frente, apoiada no quadril.

– Livros – disse Maelcum.

A biblioteca, as estantes de aço branco com suas etiquetas.

– Eu sei onde nós estamos – disse Case. Olhou para o carrinho de manutenção atrás deles. Uma pluma de fumaça estava saindo do tapete. – Então vem – ele disse. – Carrinho. Carrinho? – ele permaneceu parado. O Braun estava puxando a perna de sua calça jeans, mordiscando seu tornozelo. Ele resistiu a uma grande vontade de chutá-lo. – O que é?

O Braun deu a volta pela porta. Ele o seguiu.

O monitor da biblioteca era outro Sony, tão velho quanto o primeiro. O Braun fez uma pausa embaixo dele e executou uma espécie de dancinha.

– Wintermute?

As feições familiares preencheram a tela. O Finlandês sorriu.

– Hora de fazer a checagem, Case – disse o Finlandês, os olhos quase fechados contra a fumaça de um cigarro. – Vamos lá, se pluga.

O Braun se jogou contra seu tornozelo e começou a escalar sua perna, os manipuladores beliscando sua pele por baixo do tecido preto fino. – Merda! – ele deu um tapa para afastar a coisa e ela bateu na parede. Dois de seus membros começaram a subir e descer repetidamente, inutilmente, bombeando o ar. – Qual o problema desse negócio, porra?

– Queimou – disse o Finlandês. – Esquece. Não tem problema. Se pluga agora.

Havia quatro soquetes embaixo da tela, mas só um aceitava o adaptador do Hitachi.

Ele se conectou.

***

Nada. Um vácuo cinza.

Nada de matrix, nada de grade. Nada de ciberespaço.

O deck havia desaparecido. Seus dedos estavam...

E na borda distante da consciência, uma impressão fugidia e sutil de alguma coisa correndo em sua direção, atravessando léguas de espelho preto.

Ele tentou gritar.

***

Parecia ser uma cidade, para além da curva da praia, mas estava muito distante.

Ele estava agachado na areia molhada, abraçando as pernas com força. Tremia.

Ficou naquela posição pelo que pareceu um tempo muito longo, mesmo depois que a tremedeira passou. A cidade, se é que era uma cidade, era pequena e cinzenta. Às vezes ficava obscurecida por banquisas de névoa que vinham rolando sobre as ondas que batiam na arrebentação. Em um determinado momento ele chegou à conclusão de que não era uma cidade de jeito algum, mas um único edifício, talvez uma ruína; ele não tinha como avaliar a distância. A areia tinha o tom de prata suja que ainda não havia ficado totalmente preta. A praia era feita de areia, a praia era muito comprida, a areia estava úmida, as pernas de seus jeans estavam molhadas por causa da areia... ele se abraçou e ficou se balançando, cantando uma canção sem letra nem música.

O céu tinha um prata diferente. Chiba. Como o céu de Chiba. Baía de Tóquio? Virou a cabeça e ficou olhando para o mar, esperando ver o logo holográfico da Fuji Electric, pelo ruído de um helicóptero, por qualquer coisa.

Atrás dele, uma gaivota gritou. Ele estremeceu.

Um vento começou a soprar. A areia bateu no seu rosto. Ele encostou o rosto nos joelhos e chorou; o som de seus soluços era tão distante e alienígena quanto o grito da gaivota. Seus jeans ficaram encharcados de urina quente, que pingou na areia, e rapidamente esfriou no vento que vinha da água. Quando suas lágrimas acabaram, a garganta doía.

– Wintermute – ele murmurou para os joelhos. – Wintermute...

Estava ficando escuro agora, e, quando ele estremeceu, era com um frio que finalmente o forçou a se levantar.

Os joelhos e os cotovelos doíam. Seu nariz escorria; ele o limpou na manga da jaqueta, e depois vasculhou os bolsos vazios. – Jesus – ele disse, ombros curvados, enfiando os dedos debaixo dos braços para se aquecer. – Jesus. – Começou a bater os dentes de frio.

A maré havia deixado a praia cheia de padrões mais sutis do que qualquer jardineiro de Tóquio. Depois de uns dez passos na direção da cidade agora invisível, ele deu meia-volta e olhou para a escuridão que se aproximava. Suas pegadas se estendiam até o ponto de sua chegada. Não havia outras marcas para perturbar a areia velha.

Ele estimou que havia percorrido pelo menos um quilômetro antes de notar a luz. Ele estava conversando com Ratz, e foi o Ratz quem apontou isso pela primeira vez, um brilho vermelho-alaranjado à sua direita, longe do quebra-mar. Ele sabia que o Ratz não estava ali, que o bartender era produto de sua própria imaginação, não da coisa na qual ele estava aprisionado, mas não fazia diferença. Ele havia chamado o sujeito para ter alguma espécie de consolo, mas Ratz tinha ideias

próprias quando se tratava de Case e de seu problema.

– Ah, meu artiste, você me surpreende. Até onde você vai para conseguir sua própria destruição. Quanta redundância! Em Night City, você estava com ela na palma de sua mão! A velocidade para comer a ponto de anular seus sentidos, beber para manter tudo tão fluido, Linda para uma tristeza mais doce e a rua para dar o golpe de misericórdia. A que ponto você chegou, para ter que fazer isso agora, e que cenário grotesco... Playgrounds soltos no espaço, castelos hermeticamente fechados, as mais raras coisas podres de toda a velha Europa, mortos sentados em caixinhas, mágicas da China... – Ratz deu uma gargalhada, passeando ao lado dele, seu manipulador cor-de-rosa balançando desajeitado do seu lado. Apesar da escuridão, Case podia ver o aço barroco que rendilhava os dentes enegrecidos do bartender. – Mas suponho que esse seja o jeito de um artiste, não? Você precisava deste mundo construído para você, esta praia, este lugar. Para morrer.

Case parou, cambaleou, virou-se na direção do som da arrebentação e das agulhadas da areia soprada. – É – ele disse. – Merda. Eu acho... – Caminhou na direção do som.

– Artiste – ele ouviu Ratz chamar. – A luz. Você viu uma luz. Aqui. Por aqui...

Ele tornou a parar, cambaleou, caiu de joelhos em alguns milímetros de água do mar gelada. – Ratz? Luz? Ratz...

Mas agora a escuridão era total, e só havia o som da arrebentação. Lutou para ficar de pé e tentou retraçar seus passos.

O tempo passou. Ele seguiu em frente.

E então estava lá, um brilho, se definindo a cada passo que ele dava, um retângulo. Uma porta.

– Ali tem fogo – ele disse, suas palavras arrancadas pelo vento.

Era um bunker, de pedra ou de concreto, enterrado sob ondas da areia escura. A entrada era baixa, estreita, sem porta e funda, em uma parede de pelo menos um metro de espessura. – Ei – Case disse, baixinho – ei... – Seus dedos roçaram a parede fria. Ali dentro havia uma fogueira, sombras que se moviam nas laterais da entrada.

Ele se abaixou e entrou em três passos.

Uma garota estava agachada ao lado de um aço enferrujado, uma espécie de lareira, onde lenha queimava e o vento sugava a fumaça por uma chaminé quebrada. A fogueira era a única luz, e quando seu olhar encontrou os olhos assustados e arregalados, ele reconheceu a bandana dela, um cachecol enrolado, com um padrão de circuitos ampliados impresso no tecido.

***

Ele recusou os braços dela naquela noite, recusou a comida que ela lhe ofereceu, o lugar ao lado dela no ninho de cobertores e espuma rasgada. Por fim,

ele acabou ficando agachado ao lado da porta, vendo-a dormir, ouvindo o vento forte batendo nas paredes da estrutura. A mais ou menos cada hora, ele se levantava e ia até o fogão improvisado, acrescentando lenha nova da pilha ao lado. Nada daquilo era real, mas o frio era frio mesmo.

Ela não era real, enroscada ali no lado da luz da fogueira. Ele viu sua boca, os lábios levemente abertos. Ela era a garota da qual se lembrava na viagem pela Baía, e isso era cruel.

– Você é mau, seu filho da puta – ele sussurrou para o vento. – Não perde a chance, hein? Você não me daria uma junkie qualquer, né? Eu sei o que é isso... – tentou manter o desespero longe de sua voz. – Eu sei, tá sabendo? Eu sei quem é você. Você é o outro. 3Jane contou a Molly. Sarça ardente. Aquilo não foi Wintermute, foi você. Ele tentou me avisar com o Braun. Agora você me lascou uma flatline, você me jogou aqui. No nada. Com um fantasma. Do jeito que me lembrava dela antes...

Ela se mexeu no sono, disse alguma coisa, puxando um pedaço de cobertor sobre o ombro e o rosto.

– Você não é nada – ele disse para a garota que dormia. – Você está morta e não quer dizer porra nenhuma pra mim. Ouviu isso, meu camarada? Eu sei o que você está fazendo. Eu sofri um flatline, uma linha mortal. Isso tudo já durou até agora uns vinte segundos, certo? Eu estou sentado naquela biblioteca e meu cérebro está morto. E daqui a pouco ele vai estar morto mesmo, se você tiver algum juízo. Você não quer que o Wintermute realize seu esquema, é isso, portanto você pode simplesmente me deixar aqui. O Dixie vai rodar o Kuang, mas ele está morto e você consegue adivinhar os movimentos dele, claro. Esta merda aqui da Linda, isso tudo foi você, não foi? Wintermute tentou usá-la quando me sugou para dentro do constructo de Chiba, mas não conseguiu. Disse que era difícil demais. Foi você quem mexeu nas estrelas em Freeside, não foi? Foi você quem colocou a cara dela na boneca morta no quarto do Ashpool. Molly nunca viu aquilo. Você apenas editou o sinal de simstim dela. Porque você acha que pode me ferir. Porque você acha que eu ligo pra isso. Então vá se foder, seja lá qual for o seu nome. Você venceu. Você vence. Mas nada disso significa qualquer coisa pra mim, certo? Pensa que eu ligo? Então, por que você está fazendo isso comigo? – ele estava tremendo novamente, a voz esganiçada.

– Meu amor – ela disse, se revirando para ele sob os cobertores esfarrapados –, vem cá dormir. Eu sento se você quiser. Você precisa dormir, tá? – O sono exagerava o sotaque suave dela. – Só precisa dormir, tá?

***

Quando ele acordou, ela havia desaparecido. A fogueira estava apagada, mas no bunker estava quentinho; a luz do sol entrava de viés pela porta e criava um retângulo torto de ouro no lado rasgado de um latão enorme de fibra. A coisa era

um contêiner marítimo; ele se lembrava deles das docas de Chiba. Pelo rasgão na lateral, podia ver meia dúzia de pacotes amarelos. Na luz do sol, eles pareciam enormes blocos de manteiga. Seu estômago estava dando um nó de tanta fome. Rolando para fora do ninho, foi até o latão e pescou uma das coisas para fora, forçando a vista para ler as letrinhas miúdas em uma dezena de idiomas diferentes. O inglês estava no final. EMERG RATION, HI-PRO, "BEEF", TYPE AG-8. Uma lista de conteúdo nutritivo. Ele tirou um segundo pacote. "OVOS". – Se você está inventando estas merdas – ele disse –, você bem que podia colocar comida de verdade, né? – Com um pacote em cada mão, abriu caminho pelos quatro aposentos da estrutura. Dois estavam vazios, tirando os montes de areia, e o quarto tinha mais três latões de rações. – Claro – ele disse tocando os selos. – Fiquei aqui um longo tempo. Saquei qualé. Claro...

Vasculhou o quarto que tinha a fogueira, e encontrou um recipiente de plástico cheio do que supunha ser água da chuva. Ao lado do ninho de cobertores, encostado na parede, um isqueiro vermelho vagabundo, uma faca de marinheiro com um cabo verde quebrado e o cachecol dela. Ainda estava amarrado, e duro de tanta sujeira e suor. Ele usou a faca para abrir os pacotes amarelos, derramando o conteúdo numa lata enferrujada que encontrou ao lado do fogão. Jogou dentro água do recipiente de plástico, mexeu a mistureba com os dedos e comeu. Tinha um vago sabor de carne. Quando acabou, jogou a lata em cima da fogueira e saiu.

Fim de tarde, pelo jeito do sol, pelo ângulo. Ele chutou fora os tênis de nylon úmidos e ficou espantado com o calor da areia. À luz do dia, a praia era cinza-prata. O céu estava azul, não tinha uma nuvem. Ele virou a esquina do bunker e caminhou na direção da arrebentação, deixando a jaqueta cair na areia. – Sei lá de quem você tirou essas memórias pra isto aqui – ele disse ao chegar à água. Tirou os jeans e chutou-os para a parte rasa da arrebentação, jogando em seguida a camiseta e a cueca.

– O que você está fazendo, Case?

Ele se virou e encontrou-a a dez metros de distância, a espuma branca deslizando pelos tornozelos dela.

– Eu me mijei ontem à noite – ele disse.

– Bom, então você não vai querer vestir essas roupas aí. Água salgada. Você vai ficar todo assado. Vou te mostrar uma piscina ali atrás nas pedras. – Ela fez um gesto vago apontando. – É água doce. – As calças francesas desbotadas foram cortadas abaixo dos joelhos; a pele era macia e bronzeada. Uma brisa emaranhou os seus cabelos.

– Escuta – ele disse, pegando suas roupas e indo até ela. – Preciso te fazer uma pergunta. Não vou perguntar o que você está fazendo aqui. Mas o que exatamente você pensa que eu estou fazendo aqui? – Ele parou, uma perna da calça jeans preta molhada batendo na sua coxa.

– Você chegou ontem à noite – ela disse. Sorriu para ele.

– E isso basta pra você? Eu ter chegado assim e pronto?

– Ele disse que você viria – ela disse, torcendo o nariz. Deu de ombros. – Ele sabe coisas assim, eu acho. – Levantou o pé esquerdo e tirou sal do outro tornozelo com ele, desajeitada, como se fosse uma criança. Tornou a sorrir para ele, sondando mais. – Agora você me responde uma, ok?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Como é que você está todo pintado de marrom assim, inteiro, menos seu pé?

***

– E esta é a última coisa de que você se lembra? – Ele a viu raspar o restinho do haxixe congelado da tampa de caixa de aço retangular, que era o único prato dos dois.

Ela fez que sim, os olhos enormes à luz da fogueira. – Desculpa, Case, juro por Deus. Foi essa merda, eu acho, e foi... – Ela se curvou para a frente, apoiando os antebraços nos joelhos, o rosto contorcido por alguns segundos, de dor ou da memória da dor. – Eu só estava precisando da grana. Para voltar pra casa, eu acho, ou então... porra – ela disse. – Você quase não estava falando mais comigo.

– Você não tem cigarro?

– Caralho, Case, você já me perguntou isso dez vezes hoje! Qual é o seu problema? – Ela torceu um fio de cabelo, enfiou-o na boca e começou a mastigar.

– Mas a comida estava aqui? Ela já estava aqui?

– Eu te falei, cara. Ela apareceu na maldita praia.

– Ok. Claro. Faz sentido.

Ela começou a chorar novamente, um choro seco. – Ah, dane-se, Case – ela conseguiu falar, enfim. – Eu estava indo muito bem aqui, sozinha.

Ele se levantou, pegando sua jaqueta, e se abaixou para passar pela porta, arranhando o pulso no concreto nu. Não havia lua, não havia vento, o som do mar ao redor dele na escuridão. – Ok – ele disse para a noite. – Eu aceito. Acho que aceito. Mas, amanhã, é melhor que alguns cigarros apareçam na praia. – Sua própria risada o assustou. – Uma caixa de cerveja não faria mal, aproveitando o ensejo. – Ele virou e tornou a entrar no bunker.

Ela estava atiçando as brasas com um pedaço de madeira prateada. – Quem era aquela, Case, no seu caixão no Cheap Hotel? Samurai maneira com aqueles óculos prateados e o couro preto. Me assustou, e, depois, achei que talvez fosse sua nova garota, só que ela parecia ter mais dinheiro que você... – Ela olhou de volta para ele. – Desculpa mesmo eu ter roubado sua RAM.

– Deixa pra lá – ele disse. – Não quer dizer mais nada. Então você simplesmente a levou prum cara e fez com que ele acessasse para você?

– Tony – disse ela. – Eu estava meio que saindo com ele. Ele tinha um hábito e a gente... de qualquer maneira, é, eu lembro que ele estava rodando aquilo no monitor dele, e era uma coisa gráfica fantástica, e eu me lembro de ficar me perguntando como foi que você...

– Não havia nada gráfico ali – ele interrompeu.

– Claro que havia. Eu só não consegui entender como você tinha todas aquelas fotos de quando eu era pequena, Case. A cara do meu pai, antes de ele se mandar. Um dia ele me deu um patinho, de madeira pintada, e você tinha uma foto disso...

– O Tony viu isso?

– Não lembro. O que lembro em seguida é de estar na praia, muito cedo, o sol nascendo, aqueles pássaros todos gritando tão solitários. Fiquei apavorada porque não tinha nenhuma dose, nada, e eu sabia que ia começar a passar mal... e eu andei e andei, até ficar escuro, e achei este lugar, e no dia seguinte a comida apareceu na água, toda emaranhada no mar verde como se fossem folhas ou geleia. – Ela enfiou o pedaço de pau nas brasas e o deixou lá. – Nunca passei mal – ela disse, vendo as brasas se acomodarem. – Mas senti muita falta dos cigarros. E você, Case? Você ainda está ligadaço? – A luz da fogueira dançando sob as maçãs do rosto dela, fazendo com que ele se lembrasse do Wizard´s Castle e do Tank War Europa.

– Não – ele respondeu, e aí já não fazia mais diferença o que ele sabia, sentindo o gosto do sal da boca dela onde as lágrimas haviam secado. Havia uma força que a percorria, uma coisa que ele havia conhecido em Night City e segurado lá, sido segurado por ela lá, segurado por um tempo, mantido afastado do tempo e da morte por algum tempo, da rua implacável que caçava a todos. Era um lugar que havia conhecido antes; nem todos podiam levá-lo ali e, de algum modo, ele sempre conseguira esquecer. Algo que havia achado e perdido vezes demais. Aquilo pertencia, ele sabia, ele se lembrava, enquanto ela o puxava para baixo, à carne, à carne-e-osso que os cowboys desprezavam. Era uma coisa imensa, além do conhecimento, um oceano de informação codificada em espiral e feromônios, uma complexidade infinita que somente o corpo, de sua maneira forte e cega, jamais poderia ler.

O zíper prendeu quando ele abriu as calças francesas, as molas de nylon rasgadas cheias de sal. Ele o quebrou, e um minúsculo pedaço de metal saiu voando e ricocheteando contra a parede quando o tecido apodrecido de sal cedeu, e então ele estava dentro dela, efetuando a transmissão da velha mensagem. Ali, até mesmo ali, num lugar que ele conhecia pelo que ele era, um modelo codificado da memória de algum estranho, o impulso cedeu.

Ela estremeceu contra ele quando o graveto pegou fogo, uma chama que saltou e lançou suas sombras entrelaçadas contra o muro do bunker.

Mais tarde, deitados, a mão dele entre as coxas dela, ele se lembrou dela na praia, a espuma branca puxando seus tornozelos, e se lembrou do que ela havia dito.

– Ele te disse que eu estava vindo – ele disse.

Mas ela apenas rolou para perto dele, encaixando as nádegas em suas coxas, e colocou a mão sobre a dele, e murmurou alguma coisa que sonhava.

21

A música o acordou, e no início ele pensou que eram as batidas do seu próprio coração. Ele se sentou ao lado dela, puxando a jaqueta por cima dos ombros no friozinho de antes do amanhecer, a luz cinza da porta e da fogueira que já havia apagado há muito tempo.

Sua visão estava cheia de hieróglifos fantasmas rastejantes, linhas translúcidas de símbolos se dispondo contra o fundo neutro da parede do bunker. Ele olhou as costas de suas mãos, viu tênues moléculas de neon se arrastando por baixo da pele, ordenadas pelo código desconhecido. Ele levantou a mão direita e a moveu experimentalmente. Ela deixou uma trilha tênue e desvanecente de pós-imagens em estrobo.

Os pelos dos braços e da nuca se arrepiaram. Ele ficou ali agachado com os dentes arreganhados e tentou sentir a música. A pulsação sumia, voltava, sumia...

– Está tudo bem? – ela se sentou, puxando os cabelos da frente dos olhos. – Baby...

– Tô sentindo... parece droga... Você tem isso aqui?

Ela balançou a cabeça em negativa, estendeu as mãos para ele, colocando-as em seus braços.

– Linda, quem contou a você? Quem te disse que eu estava vindo? Quem?

– Na praia – ela disse, alguma coisa forçando-a a desviar o olhar. – Um garoto. Eu vejo ele na praia. Acho que tem uns treze anos. Ele mora aqui.

– E o que foi que ele falou?

– Ele disse que você viria. Ele disse que você não ia me odiar. Ele disse que a gente ficaria bem aqui, e me contou onde a poça de água da chuva estava. Ele parece mexicano.

– É brasileiro – disse Case, quando uma nova onda de símbolos bateu contra a parede. – Acho que ele é do Rio. – Levantou-se e começou a lutar para vestir seus jeans.

– Case – ela disse, a voz tremendo. – Case, onde é que você vai?

– Acho que vou achar esse garoto – ele disse, quando a música veio de volta num crescendo, ainda apenas uma batida, firme e familiar, embora ele não conseguisse puxar pela memória.

– Não, Case.

– Eu acho que vi uma coisa, quando cheguei aqui. Uma cidade lá embaixo, descendo a praia. Mas ontem ela não estava lá. Você já viu? – Ele subiu seu zíper e rasgou o nó impossível dos seus cadarços; acabou jogando os sapatos num canto.

Ela fez que sim, a cabeça baixa. – É, eu vejo de vez em quando.

– Você já foi lá alguma vez, Linda? – Ele vestiu a jaqueta.

– Não – disse ela. – Mas eu tentei. Quando cheguei, e fiquei com tédio. De qualquer maneira, pensei, é uma cidade, de repente consigo achar uma merda qualquer. – Ela deu um sorriso irônico. – Eu não estava nem passando mal, só queria um pouco. Então, coloquei comida numa lata, misturei até ficar bem molhada, porque não tinha outra lata pra água. E caminhei o dia inteiro, e eu podia ver aquilo tudo, às vezes, a cidade, e não parecia muito longe. Mas ela nunca ficava mais perto. E então começou a ficar mais perto, e vi o que era. Às vezes, naquele dia, parecia que ela havia sido destruída, ou talvez não tivesse ninguém ali, e em outros momentos eu achava que veria luz piscando em uma máquina, carros ou alguma outra coisa... – A voz dela foi morrendo.

– O que é?

– Essa coisa – ela fez um gesto para a fogueira, as paredes escuras, a aurora que traçava contornos na porta – onde vivemos. Ela fica menor, Case, menor, à medida que você se aproxima dela.

Parando uma última vez, perto da porta. – Você perguntou a esse garoto sobre isso?

– Perguntei. Ele disse que eu não ia entender, e que estava perdendo meu tempo. Disse que era tipo... um evento. E que era nosso horizonte. Horizonte de eventos, foi como ele chamou.

As palavras não significavam nada para ele. Saiu do bunker e começou a andar, por um momento, cego pela luz, mas se dirigindo – de algum modo ele sabia – na direção oposta ao mar. Agora os hieróglifos corriam pela areia, fugiam de seus pés, se afastavam quando ele se aproximava. – Ei – ele disse –, está quebrando. Aposto que você sabe também. O que foi? É o Kuang? O ICE-Breaker chinês está abrindo um buraco no seu coração? Talvez o Dixie Flatline não seja tão fraco assim, hein?

Ele a ouviu chamá-lo. Ele olhou para trás e ela estava indo atrás dele, sem tentar alcançá-lo, o zíper quebrado das calças francesas batendo em sua barriga marrom, pelos púbicos emoldurados pelo tecido rasgado. Ela parecia uma das garotas das revistas velhas do Finlandês no Metro Holografix que ganhara vida, só que cansada, triste e humana, a patética roupa rasgada enquanto pulava com dificuldade os montes de grama da praia, toda prateada por causa do sal.

E, então, de algum modo, eles estavam parados em pé na arrebentação, os três, e as gengivas do garoto eram grandes e rosadas, contrastando com seu rosto moreno e magro. Ele vestia shorts rasgados e sem cor, e os bracinhos eram magros demais em contraste com o azul-acinzentado da maré que ia e vinha.

– Eu conheço você – disse Case, Linda ao seu lado.

– Não – disse o garoto, sua voz alta e musical. – Você não me conhece.

– Você é a outra IA. Você é Rio. Você é aquele que quer deter Wintermute. Qual é o seu nome? Seu código de Turing? Qual é?

O garoto fez uma estrela na arrebentação, rindo. Ficou de cabeça para baixo e começou a andar com as mãos, e depois caiu na água com uma cambalhota. Os

olhos eram os de Riviera, mas não havia maldade neles. – Para invocar um demônio, você precisa saber o nome dele. Os homens já sonharam com isso um dia, mas agora a coisa se tornou realidade de outra maneira. Você sabe disso, Case. Seu negócio é aprender os nomes dos programas, os nomes formais compridos, nomes que os donos procuram esconder. Os nomes verdadeiros...

– Um código de Turing não é seu nome.

– Neuromancer – disse o garoto, quase fechando os olhos cinzentos e compridos por causa do sol que nascia. – O caminho para a terra dos mortos. É onde você está, meu amigo. Marie-France, minha senhora, preparou esta estrada, mas o senhor dela a estrangulou antes que eu pudesse ler para ela o livro de seus dias. Neuro que vem de nervos, os caminhos prateados. Romancer, romanceiro, romante, necromante. Eu invoco os mortos. Mas não, meu amigo – e o garoto fez uma dancinha, os pés morenos fazendo marcas na areia. – Eu sou os mortos, e sou também a terra deles. – Ele riu. Uma gaivota gritou. – Fique. Se sua mulher é um fantasma, ela não sabe. Nem você saberá.

– Você está quebrando. O ICE está quebrando.

– Não – ele disse, subitamente triste, seus ombros frágeis encolhendo. Ele esfregou os pés na areia. – É mais simples do que isso. Mas a escolha é sua. – Os olhos cinzentos olharam muito sérios para Case. Uma nova onda de símbolos passou por seu campo de visão, uma linha de cada vez. Atrás deles, o garoto oscilou, como se estivesse sendo visto através do calor emanando de asfalto quente no verão. A música agora estava alta, e Case quase conseguia entender a letra.

– Case, meu amor – Linda disse, e pôs a mão no ombro dele.

– Não – ele disse. Tirou a jaqueta e deu para ela. – Não sei – ele disse. – Talvez você esteja aqui. De qualquer maneira, está ficando frio.

Ele deu meia-volta e começou a caminhar e, depois do sétimo passo, fechou os olhos, vendo a música se definir no centro das coisas. Ele olhou para trás uma vez, embora sem abrir os olhos.

Não precisava.

Eles estavam lá, na beira do mar. Linda Lee e a criança magra que disse que seu nome era Neuromancer. Sua jaqueta de couro pendia da mão dela, roçando a borda da arrebentação.

Ele continuou caminhando, seguindo a música.

O dub de Zion de Maelcum.

***

Havia um lugar cinza, uma impressão de telas finas se deslocando, num padrão de moiré, graus de semitons gerados por um programa gráfico muito simples. Uma longa sequência de uma visão através de uma grade de metal, gaivotas congeladas sobre água escura. Vozes. Um espelho preto liso, que se inclinou, e ele era

mercúrio, uma gota de mercúrio, deslizando, atingindo os ângulos de um labirinto invisível, fragmentando-se, fluindo junto, deslizando novamente...

***

– Case? Mon?

A música.

– Tu tá de volta, mon.

A música foi arrancada de seus ouvidos.

– Quanto tempo? – ele se ouviu perguntar, e sabia que sua boca estava muito seca.

– Cinco minutos, talvez. Tempo demais. Eu queria puxar o plugue, Mute disse não. A tela estava toda gozada, então o Mute disse pra colocar os fones em você.

Ele abriu os olhos. As feições de Maelcum estavam sobrepostas por camadas de hieróglifos translúcidos.

– E teu remédio – disse Maelcum. – O derma.

Ele estava deitado no chão da biblioteca, embaixo do monitor. O zionita o ajudou a se sentar, mas o movimento o atirou no fluxo devastador da betafenetilamina, os dermas azuis queimando em seu pulso esquerdo. – Overdose – ele conseguiu dizer.

– Vam´nessa, mon – as mãos fortes embaixo de suas axilas, levantando-o como se ele fosse uma criança. – A gente precisa ir.

22

O carrinho de manutenção estava chorando. A betafenetilamina dava a ele uma voz. Ele não parava. Nem na galeria lotada, nos longos corredores, nem quando passou pela entrada de vidro preto da cripta da T-A, as tumbas onde o frio havia invadido de forma tão gradual os sonhos do velho Ashpool.

O trânsito foi um barato em versão estendida para Case: o movimento do carrinho era indistinguível do momentum insano da overdose. Quando o carrinho finalmente morreu, porque alguma coisa embaixo do banco começou a soltar uma chuva de faíscas brancas, o choro parou.

A coisa parou a três metros do início do covil-pirata da 3Jane.

– Quanto falta, mon? – Maelcum o ajudou a sair do carrinho, que dava seus últimos suspiros, quando um extintor explodiu no compartimento dos motores da coisa, bolhas de pó amarelo espirrando de difusores e pontos de atendimento. O Braun tombou da parte de trás do carrinho e saiu mancando pela imitação de areia, arrastando uma perna inútil atrás de si. – Tu precisa andar, mon – Maelcum pegou o deck e o constructo, pendurando as cordas no ombro.

Os trodos chocalharam ao redor do pescoço de Case quando ele começou a acompanhar o zionita. Os holos de Riviera esperavam por ele, as cenas de tortura e as crianças canibais. Molly havia quebrado o tríptico. Maelcum ignorou as imagens.

– Calma – disse Case, forçando-se a manter o mesmo ritmo do outro, que andava a passos largos. – Tenho que fazer isso direito.

Maelcum parou, deu meia-volta e, com a escopeta Remington na mão, fuzilou Case com os olhos. – Direito, mon? Direito como?

– A Molly está lá dentro, mas ela está derrubada. Riviera pode projetar holos. Talvez ele esteja com a pistola de dardos da Molly. – Maelcum concordou com a cabeça. – E tem um ninja, um guarda-
-costas da família.

A testa de Maelcum ficou ainda mais franzida. – Você me escuta, mon da Babilônia – ele disse. – Eu, guerreiro. Mas essa luta não é minha, não é de Zion. Babilônia combate Babilônia, ela se devora, tá sabendo? Mas Jah diz que a gente tem que tirar a Navalha-que-Anda dessa.

Case ficou olhando fixo para ele.

– Ela, guerreira – disse Maelcum como se isso explicasse tudo. – Agora você me diz, mon, quem é que eu não mato.

– 3Jane – ele disse, depois de uma pausa. Ela está enrolada numa espécie de roupão branco com capuz. A gente precisa dela.

***

Quando chegaram à entrada, Maelcum entrou direto, e Case não teve escolha senão ir atrás.

O território de 3Jane estava deserto, a piscina vazia. Maelcum devolveu a Case o deck e o constructo e foi até a beira da piscina. Além da mobília branca, a escuridão, sombras do labirinto irregular de paredes parcialmente demolidas até a altura da cintura.

A água batia pacientemente na lateral da piscina.

– Eles estão aqui – disse Case. – Têm que estar.

Maelcum concordou com a cabeça.

A primeira flecha rasgou seu antebraço. A Remington rugiu, seu metro de cano soltando relâmpagos azuis na luz da piscina. A segunda flecha atingiu a escopeta, atirando-a longe por sobre os azulejos brancos. Maelcum caiu sentado e levou a mão à coisa preta que brotava de seu braço. Arrancou-a.

Hideo saiu das sombras, uma terceira flecha pronta em um arco de bambu fino. Ele se curvou numa mesura.

Maelcum ficou olhando, a mão ainda segurando a flecha de aço.

– A artéria está intacta – disse o ninja. Case se lembrou da descrição que Molly fez do homem que havia assassinado seu namorado. Hideo não era a mesma pessoa. Sem aparentar uma idade específica, ele irradiava uma sensação de calma, uma calma profunda. Ele vestia calças de trabalho cáqui limpas e bastante usadas e sapatos escuros macios que se encaixavam em seus pés como luvas, divididos no dedão como meias tabi. O arco de bambu era uma peça de museu, mas a aljava de metal preto que se destacava de seu ombro esquerdo tinha o aspecto das melhores lojas de armas de Chiba. Seu peito moreno, sem pelos, estava nu.

– Tu cortou meu polegar, mon, co´a segunda – disse Maelcum.

– Força de coriolis – disse o ninja, fazendo uma nova mesura. – É um projétil muito difícil de movimentação lenta em gravidade rotacional. Não foi intencional.

– Cadê 3Jane? – Case se aproximou de Maelcum. Ele viu que a ponta da flecha no arco de ninja parecia uma lâmina de fio duplo. – E a Molly?

– Olá, Case. – Riviera veio andando calmamente, saindo do escuro, atrás de Hideo, com a pistola de dardos de Molly na mão. – Eu teria esperado Armitage. Estamos contratando ajuda daquele aglomerado rasta agora?

– Armitage está morto.

– Armitage nunca existiu, para sermos mais exatos, mas essa notícia não me surpreende.

– Wintermute matou ele. Ele está em órbita ao redor do fuso.

Riviera concordou com a cabeça, os olhos compridos e cinzentos passando de Case para Maelcum e voltando. – Acho que a coisa termina aqui para você – ele disse.

– Cadê Molly?

O ninja relaxou a tensão na corda fina trançada e abaixou o arco. Ele atravessou os azulejos até onde a Remington estava e a pegou. – Que falta de sutileza – ele disse como se fosse para si mesmo. Sua voz era fria e agradável. Cada movimento seu era parte de uma dança, uma dança que nunca terminava, mesmo quando seu corpo estava parado, em repouso, mas apesar de todo o poder que sugeria, havia também uma humildade, uma simplicidade aberta.

– Também termina aqui para ela – disse Riviera.

– Talvez 3Jane não aceite isso, Peter – disse Case, sem muita segurança do impulso. Os dermas ainda zuniam furiosos no seu organismo, a velha febre começando a tomar conta dele, a loucura de Night City. Ele se lembrou de momentos de graça, de trabalhar no limite, onde ele havia descoberto que podia às vezes falar mais rápido do que seu pensamento.

Os olhos cinzentos se estreitaram. – Por quê, Case? Por que você pensa isso?

Case sorriu. Riviera não sabia do esquema de simstim. Ele não havia encontrado isso na pressa de achar as drogas que ela levava para ele. Mas como Hideo havia deixado isso passar? E Case tinha certeza de que o ninja jamais teria deixado 3Jane tratar Molly sem primeiro checá-la em busca de equipamentos de gravação e armas escondidas. Não, deduziu ele, o ninja sabia. Então 3Jane também sabia.

– Me diga, Case – disse Riviera, levantando o cano tipo saleiro da pistola de dardos.

Atrás dele, alguma coisa rangeu uma, duas vezes. 3Jane empurrou Molly para fora das sombras em uma cadeira de banho vitoriana ornamentada; as rodas altas e finas gemiam quando giravam. Molly estava toda enrolada num cobertor listrado preto e vermelho, recostada no espaldar alto de cana-da-índia da cadeira antiga. Ela parecia muito pequena. Quebrada. Um adesivo micropore branco brilhante cobria sua lente danificada; a outra reluzia vazia quando sua cabeça balançava com o movimento da cadeira.

– Um rosto familiar – disse 3Jane. – Eu vi você na noite do show de Peter. E quem é este?

– Maelcum – disse Case.

– Hideo, retire a flecha e faça uma bandagem no ferimento do Sr. Malcolm.

Case estava olhando fixo para Molly, para o rosto vazio.

O ninja foi até onde Maelcum estava sentado, parando antes para colocar o arco e a escopeta bem longe do alcance do outro, e tirou uma coisa do bolso. Um par de alicates para cortar vergalhões. – Preciso cortar a haste – ele disse. – Está perto demais da artéria. – Maelcum concordou. Seu rosto estava cinza e molhado de suor.

Case olhou para 3Jane. – Não há muito tempo – ele disse.

– Para quem, exatamente?

– Para todos nós. – Ouviu-se um estalo quando Hideo cortou a haste de metal da flecha. Maelcum soltou um grunhido.

– Francamente – disse Riviera. – Não vai ser divertido para você ficar ouvindo

esse vigarista fracassado tentar te embromar. É de um tremendo mau gosto, posso lhe assegurar. Ele vai acabar caindo aos seus joelhos, tentar vender a mãe, oferecer os favores sexuais mais bestas...

3Jane jogou a cabeça para trás e deu uma risada. – Não seria divertido para mim, Peter?

– Os fantasmas vão se misturar esta noite – disse Case. – Wintermute vai se jogar contra o outro, Neuromancer. Pra valer. Você sabia disso?

3Jane levantou as sobrancelhas. – Peter sugeriu algo do tipo, mas me conte mais.

– Eu conheci Neuromancer. Ele falou de sua mãe. Acho que ele é alguma coisa parecida com um constructo em ROM gigantesco, para gravação de personalidades, só que é inteiramente RAM. Os constructos acham que estão aqui, como se fosse real, mas continua rodando para sempre.

3Jane saiu de trás da cadeira. – Onde? Descreva o lugar, este constructo.

– Uma praia. Areia cinza, como prata que precisa de polimento. E uma coisa de concreto, um tipo de bunker... – ele hesitou. – Não tem nada de sofisticado. É apenas velho, caindo aos pedaços. Se você caminhar o suficiente, volta ao ponto de onde começou.

– Sim – ela disse. – Marrocos. Quando Marie-France era menina, anos antes de se casar com Ashpool, ela passou um verão sozinha naquela praia, acampando numa cabana abandonada. Foi ali que ela formulou a base de sua filosofia.

Hideo se levantou, enfiando o alicate na calça. Em cada mão, segurava um pedaço da haste da flecha. Maelcum estava com os olhos fechados, segurando o bíceps com força. – Vou fazer uma bandagem – disse Hideo.

Case conseguiu cair antes que Riviera pudesse nivelar a pistola de dardos para um tiro sem obstáculos. Os dardos passaram zunindo por seu pescoço como pulgas supersônicas. Ele rolou, e viu Hideo dar mais um passo de sua dança, um pivô, a ponta afiada da flecha invertida em sua mão, o cabo achatado ao longo da palma da mão e dos dedos rígidos. Ele a virou por baixo, o pulso um borrão, nas costas da mão de Riviera. A pistola de dardos bateu nos azulejos a um metro de distância.

Riviera gritou. Mas não era um grito de dor. Era um grito histérico de ódio, tão puro, tão refinado, que não tinha nenhuma humanidade.

Dois raios gêmeos de luz, agulhas de rubi vermelho, saíram disparadas do peito de Riviera.

O ninja soltou um grunhido, cambaleou para trás, levou as mãos aos olhos, e depois recuperou o equilíbrio.

– Peter – disse 3Jane. – Peter, o que você fez?

– Ele cegou seu clone boy – Molly disse sem emoção na voz.

Hideo abaixou as mãos em concha. Congelado nos azulejos brancos, Case viu fios de fumaça saírem dos olhos arruinados.

Riviera sorriu.

Hideo girou novamente em sua dança, retraçando seus passos. Quando chegou

até onde estavam o arco, a flecha e a Remington, o sorriso de Riviera já tinha desaparecido. Ele se curvou – fazendo uma mesura, Case achou – e encontrou o arco e a flecha.

– Você está cego – disse Riviera, dando um passo para trás.

– Peter – disse 3Jane –, você não sabia que ele faz isso no escuro? Zen. É o modo como ele pratica.

O ninja colocou a flecha no arco. – Você vai me distrair com seus hologramas agora?

Riviera estava recuando, para a escuridão além da piscina. Esbarrou numa cadeira branca; seus pés vacilavam no azulejo. A flecha de Hideo emitiu um som vibrante.

Riviera saiu correndo e se jogou por cima de uma parede baixa e mal cortada. O rosto do ninja estava enlevado, preenchido por um êxtase silencioso.

Sorrindo, ele partiu para as sombras atrás da parede, a arma preparada.

– Jane-lady – murmurou Maelcum, e Case se virou, para vê-lo pegar a escopeta no chão, respingando sangue na cerâmica branca. Ele balançou seus dreads e colocou o cano grosso na axila do braço ferido. – Isto aqui arranca sua cabeça fora, e nenhum médico da Babilônia vai consertar.

3Jane ficou olhando fixamente para a Remington. Molly soltou os braços das dobras do cobertor listrado, levantando a esfera preta que encapsulava suas mãos. – Tira – ela disse. – Tira isso fora.

Case se levantou e se sacudiu. – Hideo vai pegá-lo, mesmo cego? – ele perguntou a 3Jane.

– Quando era criança – ela disse – nós adorávamos vendá-lo. Ele acertava os números nas cartas do baralho a dez metros.

– Peter já está morto mesmo – disse Molly. – Em mais umas doze horas, ele vai começar a congelar. Não vai ser capaz de se mover, só os olhos e olhe lá.

– Por quê? – Case se virou para ela.

– Envenenei a droga dele – ela disse. – Os sintomas são parecidos com o mal de Parkinson.

3Jane concordou com a cabeça. – Sim. Nós rodamos o scan médico de costume antes de deixá-lo entrar. – Ela tocou a bola de uma determinada maneira e ela se abriu, soltando-se das mãos de Molly. – Destruição seletiva das células da substantia nigra. Sinais da formação de um corpo de Lewy. Ele transpira muito quando dorme.

– Ali – disse Molly, dez lâminas reluzindo, expostas por um instante. Ela puxou o cobertor de cima das pernas, revelando o suporte inflável da perna. – É a meperidina. Mandei o Ali me preparar um lote customizado. Acelera o tempo de reação com temperaturas mais elevadas. N-metil-4-fenil-1236 – ela cantou, como uma criança recitando as etapas de um jogo de rua. – Tetra-hidro-piridene.

– Coisa quente – disse Case.

– É – disse Molly. – Quente e lenta.

– Que coisa louca – disse 3Jane, rindo.

***

O elevador estava lotado. Case estava colado pelve a pelve com 3Jane, o cano da Remington embaixo do queixo dela. Ela sorriu e se esfregou nele. – Pare com isso – ele disse, sentindo-se indefeso. Ele estava com a arma travada, mas tinha um medo terrível de machucá-la, e ela sabia disso. O elevador era um cilindro de aço, com menos de um metro de diâmetro, projetado para um único passageiro. Maelcum carregava Molly nos braços. Ela havia colocado uma bandagem no braço dele, mas carregá-la obviamente provocava dor. O quadril dela batia no deck e no constructo, que batiam nos rins de Case.

Eles subiram para longe da gravidade, na direção do eixo, dos núcleos.

A entrada para o elevador havia sido ocultada ao lado das escadas para o corredor, outro toque na decoração do covil-pirata de 3Jane.

– Não sei se devia contar isso a vocês – disse 3Jane, virando a cabeça com dificuldade para permitir que o queixo saísse do alcance do cano da arma. – Mas não tenho a chave do quarto que vocês querem. Nunca tive. Uma das esquisitices vitorianas do meu pai. A fechadura é mecânica e extremamente complexa.

– Fechadura CHUBB – disse Molly, sua voz abafada pelo ombro de Maelcum – e temos a merda da chave, não esquenta.

– Esse teu chip ainda tá funcionando? – Case perguntou a ela.

– São oito e vinte e cinco da noite, hora média da porra de Greenwich – ela disse.

– Temos cinco minutos – disse Case, quando a porta se abriu atrás de 3Jane. Ela deu uma cambalhota lenta para trás; as dobras brancas de sua djellaba farfalhavam entre suas coxas.

Eles estavam no eixo, o núcleo da Villa Straylight.

23

Molly pescou a chave de seu laço de nylon.

– Sabe – disse 3Jane, inclinando-se para a frente com interesse – eu estava com a impressão de que não existia nenhuma duplicata. Mandei Hideo procurar nas coisas de meu pai, depois que você o matou. Ele não conseguiu achar a original.

– Wintermute conseguiu fazer com que ficasse perdida no fundo de uma gaveta – disse Molly, inserindo cuidadosamente o eixo cilíndrico da chave CHUBB na abertura chanfrada na face da porta retangular branca. A chave girou suavemente quando ela tentou.

– A cabeça – disse Case – tem um painel na parte de trás da cabeça. Com zircônios nela. Tira ele. É lá que vou me plugar.

E elas entraram.

***

– Meu Jesus – disse o Flatline em sua voz arrastada –, você acredita mesmo em fazer as coisas sem pressa, não é não, garoto?

– O Kuang tá pronto?

– Batendo palminha.

– Ok. – Flipou.

***

E se viu olhando para baixo, pelo único olho bom de Molly, para um rosto branco e arruinado, flutuando numa posição mais ou menos fetal, um deck de ciberespaço entre as coxas, uma faixa de trodos prateados sobre olhos fechados e na sombra. As faces do homem estavam emaciadas com um dia de crescimento de uma barba negra, o rosto molhado de suor.

Ele estava olhando para si mesmo.

Molly estava com a pistola de dardos na mão. A sua perna latejava a cada batida de seu coração, mas ela ainda conseguia fazer manobras em zero-G. Maelcum flutuava perto dela, o braço fino de 3Jane agarrado por uma grande mão marrom.

Um feixe de fios de fibra óptica flutuava num arco gracioso do Ono-Sendai para uma abertura quadrada na parte de trás do terminal incrustado de pérolas.

Ele acionou a chave mais uma vez.

***

– Kuang, Ponto Onze, se movendo em nove segundos, contando, sete, seis, cinco...

O Flatline os colocou para cima, uma subida suave, a superfície ventral do tubarão de cromo negro como um piscar de escuridão de um microssegundo.

– Quatro, três...

Case teve a estranha impressão de estar no banco do piloto num avião pequeno. Uma superfície negra e plana à sua frente subitamente começou a brilhar com uma reprodução perfeita do teclado de seu deck.

– Dois, e bota pra foder!

Um movimento de cabeça por paredes verde-esmeralda, jade leitoso, a sensação de velocidade além de qualquer coisa que ele conhecera antes no ciberespaço... O ICE da Tessier-Ashpool se estilhaçou, descolando com o impulso do programa chinês, uma impressão preocupante de fluidez sólida, como se as lascas de um espelho quebrado se curvassem e se alongassem quando caíam...

– Jesus – disse Case, espantado, enquanto o Kuang se contorcia e se desviava pelos campos sem horizonte dos núcleos Tessier-Ashpool, uma paisagem de neon infinita, complexidade que cortava o olho com o brilho de uma joia, afiada como uma navalha.

– Puta merda – disse o constructo. – Aquelas coisas ali são o prédio da RCA. Você conhece o prédio antigo da RCA? – O programa Kuang mergulhava pelas espirais reluzentes de uma dezena de torres idênticas de dados, cada uma réplica de neon azul do arranha-céu de Manhattan.

– Você já tinha visto uma resolução tão alta assim? – perguntou Case.

– Não, mas também nunca tinha crackeado uma IA.

– Este negócio sabe pra onde está indo?

– É melhor que saiba.

Eles estavam caindo, perdendo altitude num desfiladeiro de neon arco-íris.

– Dix...

Um braço de sombra estava se desenrolando do chão que piscava embaixo, uma massa fervilhante de escuridão, não formada, sem forma...

– Companhia – disse o Flatline, quando Case acionou a representação do seu deck, os dedos voando automaticamente sobre o console. O Kuang se desviou tão rápido que dava enjoo, e então reverteu a marcha, voando para trás, estraçalhando a ilusão de um veículo físico.

A coisa de sombra estava crescendo, se espalhando, bloqueando a visão da cidade de dados. Case os levou direto para o alto, e acima deles estava a cúpula sem distância de ICE verde-jade.

A cidade dos núcleos havia desaparecido, obscurecida completamente pela escuridão embaixo deles.

– O que é isso?

– O sistema de defesa de uma IA – disse o constructo. – Ou parte dele. Se for seu amigo Wintermute, ele não está parecendo muito amigável.

– Pega ele – disse Case. – Você é mais rápido.

– Agora a sua melhor defesa, garoto, é um bom ataque.

E o Flatline alinhou o nariz do ferrão do Kuang com o centro da escuridão embaixo. E mergulhou.

O input sensorial de Case se distorceu com a velocidade deles.

Sua boca se encheu com um gosto dolorido de azul.

Seus olhos eram ovos de cristal instável, vibrando com uma frequência cujo nome era chuva e o som de trens, subitamente brotando uma floresta que zumbia, de espinhas de vidro com a espessura de fios de cabelo. As espinhas se partiram, bisseccionaram-se, tornaram a se partir, um crescimento exponencial sob o domo do ICE da Tessier-Ashpool.

O céu de sua boca se abriu sem dor, deixando entrar minúsculas raízes que chicoteavam sua língua, sedentas do gosto de azul, para alimentar as florestas de cristal de seus olhos, florestas que faziam pressão contra o domo verde, faziam pressão e eram rechaçadas, e se espalhavam, crescendo para baixo, preenchendo o universo da T-A, descendo para os subúrbios tristes e silenciosos da cidade que era a mente de Tessier-Ashpool S.A.

E ele estava se lembrando de uma história antiga, de um rei colocando moedas num tabuleiro de xadrez, dobrando a quantidade a cada quadrado...

Exponencial...

A escuridão caía de todos os lados, uma esfera negra cantante, a pressão nos nervos de cristal estendidos do universo de dados que ele quase havia se tornado...

E quando ele não era nada, comprimido no coração de toda aquela escuridão, apareceu um ponto onde o escuro não podia mais ser nada, e alguma coisa se rasgou.

O programa Kuang esguichou por entre nuvens cor de bronze, a consciência de Case dividida como gotas de mercúrio, traçando um arco sobre uma praia infinita da cor de nuvens de prata escura. Sua visão era esférica, como se uma única retina alinhasse a superfície interna de um globo que contivesse todas as coisas, se todas as coisas pudessem ser contidas.

E ali as coisas podiam ser contadas, cada uma delas. Ele sabia o número de grãos de areia no constructo da praia (um número codificado em um sistema matemático que não existia em lugar algum fora da mente que era Neuromancer). Ele sabia o número de pacotes de comida amarelos nos latões do bunker (quatrocentos e sete). Ele sabia o número de dentes de metal na metade esquerda do zíper aberto da jaqueta de couro cheia de sal que Linda Lee usava quando andava pela praia ao entardecer, balançando um pedaço de lenha na mão (duzentos e dois).

Ele inclinou o Kuang por sobre a praia e girou o programa num grande círculo, vendo a coisa-tubarão preta através dos olhos dela, um fantasma faminto e

silencioso contra as nuvens baixas. Ela se apavorou, deixou o pedaço de lenha cair e saiu correndo. Ele sabia a quanto estava a pulsação dela, a extensão de seus passos em medidas que teriam deixado satisfeitos os mais exatos padrões da geofísica.

– Mas você não sabe o que ela está pensando – disse o garoto, ao lado dele agora, no coração da coisa-tubarão. – Eu não sei o que ela está pensando. Você estava errado, Case. Viver aqui é viver. Não há diferença.

Linda em seu pânico, mergulhando cegamente na arrebentação.

– Faça ela parar – ele disse. – Ela vai se machucar.

– Não posso fazê-la parar – disse o garoto, seus olhos cinzentos tranquilos e bonitos.

– Você tem os olhos de Riviera – disse Case.

Ele viu um relance de dentes brancos, gengivas rosadas enormes. – Mas não a loucura dele. Porque eles são bonitos para mim. – Ele deu de ombros. – Não preciso de máscara para falar com você. Ao contrário de meu irmão. Eu crio minha própria personalidade. Personalidade é o meu meio.

Case os levou para o alto, uma subida íngreme, para longe da praia e da garota apavorada. – Por que você jogou ela pra mim, seu viadinho? Várias e várias vezes, brincando comigo? Foi você quem a matou, não foi? Em Chiba.

– Não – disse o garoto.

– Wintermute?

– Não. Eu vi a morte dela chegando. Nos padrões que você às vezes imaginou que conseguia detectar na dança da rua. Esses padrões são reais. Eu sou complexo o bastante, ao meu modo estreito, para ler essas danças. Bem melhor do que Wintermute. Eu vi a morte dela na necessidade que ela tinha de você, no código magnético da trava na porta do seu caixão no Cheap Hotel, na conta de Julius Deane com uma camisaria de Hong Kong. É tão claro para mim quanto a sombra de um tumor para um cirurgião estudando o scan de um paciente. Quando ela levou seu Hitachi para o garoto dela, para tentar acessá-lo (ela não fazia ideia do que estava carregando, e tinha menos noção ainda de como poderia vender aquilo, e seu desejo mais profundo era que você a seguisse e a castigasse), eu interferi. Meus métodos são bem mais sutis que os de Wintermute. Eu a trouxe para cá. Para dentro de mim.

– Por quê?

– Esperando poder trazer você também para cá, manter você aqui. Mas fracassei.

– E agora? – Ele fez a curva e os levou de volta às nuvens. – O que a gente faz agora?

– Não sei, Case. Esta noite a própria matrix está se fazendo essa mesma pergunta. Porque você venceu. Você já venceu, não percebeu? Venceu quando se afastou dela na praia. Ela era a minha última linha de defesa. Eu vou morrer logo, de certa forma. Assim como Wintermute. Tão certamente quanto Riviera está

morrendo, agora, paralisado ao lado de um pedaço de parede nos apartamentos de minha senhora, 3Jane Marie-France; seu sistema nigra-striatal é incapaz de produzir os receptores de dopamina que poderiam salvá-lo da flecha de Hideo. Mas Riviera só sobreviverá como estes olhos, se eu puder preservá-los.

– Mas tem a palavra, certo? O código. Então, como é que eu venci? Não venci merda nenhuma.

– Flipe agora.

– Cadê o Dixie? O que foi que você fez com o Flatline?

– McCoy Pauley conseguiu o que queria – o garoto disse, e sorriu. – O que queria e mais um pouco. Ele colocou você aqui contra a minha vontade, atravessou defesas do mesmo nível que qualquer coisa na matrix. Agora flipe.

E Case estava sozinho no ferrão preto do Kuang, perdido nas nuvens.

Flipou.

***

Na tensão de Molly, as costas dela duras como rocha, as mãos em volta do pescoço de 3Jane. – Gozado – ela disse. – Eu sei exatamente como você ficaria. Eu vi depois que Ashpool fez a mesma coisa com sua irmã-clone. – As mãos dela eram suaves, quase um carinho. Os olhos de 3Jane estavam arregalados de terror e de desejo. Ela estremecia de medo e de saudade. Além do emaranhado em queda livre dos cabelos de 3Jane, Case viu seu próprio rosto branco e tensionado, Maelcum atrás dele, as mãos marrons sobre os ombros metidos numa jaqueta de couro, firmando seu corpo sobre o padrão de circuitos tecido no tapete.

– Você faria isso? – 3Jane perguntou, a voz igual à de uma criancinha. – Eu acho que faria sim.

– O código – disse Molly. – Diga o código para a cabeça.

Desconectando.

***

– Ela quer isso – ele gritou. – A filha da puta quer isso!

Ele abriu os olhos e viu o olhar de rubi frio do terminal, seu rosto de platina incrustado com pérola e lazurita. Além dele, Molly e 3Jane se contorciam num abraço em câmara lenta.

– Dá pra gente a porra desse código – ele disse. – Se você não fizer isso, o que vai mudar? O que é que vai mudar pra você, caralho? Você vai acabar igual ao velho. Você vai destruir isso tudo e começar a construir de novo! Você vai voltar a construir as paredes, cada vez mais apertadas... eu não faço a menor ideia do que vai acontecer se o Wintermute ganhar, mas alguma coisa vai mudar! – Ele tremia, batendo os dentes.

3Jane ficou mole, as mãos de Molly ainda fechadas no seu pescoço magro, seus cabelos escuros flutuando, embaraçados, uma placenta castanha macia.

– O Palácio Ducal de Mântua – disse ela – contém uma série de quartos cada vez menores. Eles vão dando voltas ao redor dos apartamentos grandiosos, além de portas lindamente esculpidas em que as pessoas têm que se curvar para entrar. Eles abrigavam os anões da corte. – Ela sorriu cansada. – Eu poderia aspirar a isso, suponho, mas em um certo sentido minha família já realizou uma versão mais grandiosa do mesmo esquema... – Seus olhos agora estavam tranquilos e distantes. Então ela olhou para Case. – Tome sua palavra, ladrão.

***

O Kuang deslizou para fora das nuvens. Abaixo dele, a cidade de neon. Atrás, uma esfera de escuridão flutuava.

– Dixie? Você tá aqui, cara? Está me ouvindo? Dixie?

Ele estava sozinho.

– O filho da puta te pegou – ele disse.

Um momentum cego quando ele disparou pela paisagem de dados infinita.

– Você precisa odiar alguém antes que isso tudo acabe – disse a voz do Finlandês. – Eles, eu, não faz diferença.

– Cadê o Dixie?

– Isso é meio difícil de explicar, Case.

Uma sensação da presença do Finlandês o envolveu, o cheiro de cigarros cubanos, a fumaça aprisionada no tweed almiscarado, máquinas velhas que se entregaram aos rituais minerais da ferrugem.

– O ódio vai fazer você passar – disse a voz. – Tantos gatilhos minúsculos no cérebro, e você simplesmente sai disparando todos. Agora você tem que odiar. A trava que cobre o hardwiring fica embaixo daquelas torres que o Flatline te mostrou, quando você entrou. Ele não vai tentar te deter.

– Neuromancer – disse Case.

– O nome dele é uma coisa que não posso saber. Mas ele desistiu agora. É com o ICE da T-A que você tem que se preocupar. Não a parede, mas sistemas internos de vírus. O Kuang está escancarado para algumas das coisas que eles soltaram por lá.

– Ódio – disse Case. – Quem é que eu odeio? É só me dizer.

– Quem é que você ama? – perguntou a voz do Finlandês.

Ele girou o programa numa curva e mergulhou em direção às torres azuis.

As coisas estavam se lançando das torres ornamentadas e iluminadas pelo sol, formas brilhantes de sanguessugas, fitas de planos cambiantes de luz. Eram centenas, subindo num rodopio, seus movimentos aleatórios como papéis soprados pelo vento nas ruas ao amanhecer. – Falha nos sistemas – disse a voz.

Ele subiu a toda, impulsionado pelo ódio que tinha de si mesmo. Quando o programa Kuang encontrou o primeiro dos defensores, espalhando as folhas de luz, ele sentiu a coisa-tubarão perder um grau de substancialidade, o tecido da

informação começando a esgarçar.

E então – a velha alquimia do cérebro e sua vasta farmacopeia – seu ódio aflorou em suas mãos.

No instante imediatamente anterior ao que ele levou o ferrão do Kuang para atravessar a base da primeira torre, chegou a um nível de proficiência que excedeu qualquer coisa que tivesse conhecido ou imaginado. Além do ego, além da personalidade, ele se moveu, o Kuang se movendo junto, fugindo de seus atacantes com uma dança antiga, a dança de Hideo, a graça que a interface mente-corpo lhe garantia, naquele segundo, pela clareza e a singularidade de seu desejo de morrer.

E um passo na dança foi o mais suave toque da chave, apenas o suficiente para flipar...

***

...agora
e sua voz o grito de um pássaro
desconhecido,
3Jane respondendo em canção, três
notas, altas e puras.
Um nome verdadeiro.

***

Floresta de neon, a chuva caindo no asfalto quente e soltando vapor. O cheiro de comida fritando. As mãos de uma garota na sua nuca, na escuridão suada de um caixão na região do porto.

Mas tudo isso recuando, quando a paisagem da cidade recua: cidade como Chiba, como os dados classificados da Tessier-Ashpool S.A., quando as estradas e encruzilhadas escritas na face de um microchip, o padrão manchado de suor num cachecol dobrado e enrolado num nó...

***

Despertando para uma voz que era música, o terminal de platina ciciando melodicamente, sem fim, falando de contas suíças numeradas, de pagamentos a serem feitos a Zion por meio de um banco orbital das Bahamas, de passaportes e passagens, e de mudanças profundas e básicas a serem efetuadas na memória de Turing.

Turing. Ele se lembrou da carne bronzeada artificialmente embaixo de um céu projetado, girando e caindo de um corrimão de ferro. Ele se lembrou da rua Desiderata.

E a voz continuou a cantar, ciciando para ele e o levando de volta para a escuridão, mas era a sua própria escuridão, pulsação e sangue, aquela onde ele sempre dormia, atrás de seus olhos e de nenhum outro.

E ele acordou novamente, pensando que havia sonhado, e viu um sorriso enorme e branco emoldurado por incisivos de ouro, Aerol o prendendo a uma rede-G no Babylon Rocker.

E então a longa pulsação do dub de Zion.

CODA

PARTIDAS E CHEGADAS

24

Ela havia partido. Ele sentiu isso quando abriu a porta da suíte que dividiam no Hyatt. Futons pretos, o piso de pinho polido até adquirir um brilho fosco, os biombos de papel dispostos com um cuidado cultivado ao longo de séculos. Ela havia partido.

Havia um bilhete em cima do gabinete de bar preto laqueado ao lado da porta, uma única folha de papel de carta do hotel, dobrada uma vez, com o shuriken em cima como peso. Ele tirou a folha debaixo da estrela de nove pontas e a abriu.

EI AQUI TAH LEGAL MAS TO COMEÇANDO A
FICAR FORA DE FORMA. JÁ PAGUEI A CONTA.
ACHO QUE É MEU HARDWIRE. SE CUIDA
OK? XXX MOLLY

Ele fez uma bola com o papel e jogou-a ao lado do shuriken. Pegou a estrela e foi até a janela, girando-a nas mãos. Ele a havia encontrado no bolso de sua jaqueta, em Zion, quando estavam se preparando para ir para a estação da JAL. Ele olhou para o shuriken. Eles haviam passado pela loja onde ela o havia comprado para ele, quando foram a Chiba para a última cirurgia dela. Naquela noite ele havia ido ao Chatsubo, enquanto ela estava na clínica, e viu Ratz. Alguma coisa havia feito com que ele se afastasse do bar nas cinco viagens anteriores, mas agora sentia vontade de voltar.

Ratz o servira sem demonstrar o menor sinal de reconhecimento.

– Ei – ele disse. – Sou eu. Case.

Os velhos olhos o encararam por entre as teias escuras de carne enrugada. – Ah – Ratz disse finalmente. – O artiste. – O bartender deu de ombros.

– Voltei.

O homem balançou a cabeca maciça e raspada. – Ninguém volta a um lugar como Night City, artiste – ele disse, esfregando o balcão na frente de Case com um pano sujo, o manipulador rosa gemendo. E então ele se virou para atender outro cliente, e Case terminou sua cerveja e foi embora.

Agora ele tocava as pontas do seu shuriken, uma de cada vez, rotacionando-o lentamente em seus dedos. Estrelas. Destino. Eu nunca usei esta porra, ele

pensou.

Eu nunca descobri qual era a cor dos olhos dela. Ela nunca me mostrou.

Wintermute havia vencido, havia de algum modo se mesclado a Neuromancer e se tornado alguma outra coisa, alguma coisa que havia falado com eles por meio da cabeça de platina, explicando que havia alterado os registros de Turing, apagando todas as evidências do crime deles. Os passaportes que Armitage havia fornecido eram válidos, e ambos haviam recebido uma grande soma em créditos em contas numeradas em Genebra. O Marcus Garvey seria devolvido em breve, e Maelcum e Aerol receberam dinheiro pelo banco nas Bahamas que lidava com o aglomerado de Zion. No caminho de volta, no Babylon Rocker, Molly havia explicado o que a voz lhe dissera sobre os saquinhos de toxinas.

– Ele disse que estava tudo sob controle. Tipo assim: ele entrou tão fundo dentro da sua cabeça que fez seu cérebro fabricar a enzima, e isso fez os saquinhos se soltarem. Os zionitas vão fazer em você uma troca completa de sangue para eliminar todos eles.

Ele ficou olhando para os Jardins Imperiais, estrela na mão, lembrando-se de seu insight de compreensão quando o programa Kuang penetrou no ICE abaixo das torres, seu único vislumbre da estrutura da informação que a mãe morta de 3Jane havia evoluído ali. Então ele entendeu por que Wintermute havia escolhido o ninho para representá-la, mas não sentiu repulsa. Ela enxergara através da imortalidade falsa da criogenia; ao contrário de Ashpool e de seus outros filhos – tirando 3Jane –, se recusara a prolongar seu tempo em uma série de momentos quentes amarrados a uma corrente de inverno.

Wintermute era mente-colmeia, tomador de decisões, efetuando mudanças no mundo exterior. Neuromancer era personalidade. Neuromancer era imortalidade. Marie-France devia ter construído alguma coisa em Wintermute, a compulsão que levara a coisa a se libertar, a se unir com Neuromancer.

Wintermute. Frio e silêncio, uma aranha cibernética lentamente tecendo teias enquanto Ashpool dormia. Tecendo a morte dele, a queda de sua versão da Tessier-Ashpool. Um fantasma, sussurrando para uma criança que era 3Jane, distorcendo-a para que ela saísse dos rígidos alinhamentos que seu posto requeria.

– Ela parecia estar cagando e andando pra tudo isso – Molly dissera. – Só acenou e disse adeus. Aquele robozinho Braun estava no ombro dela. Parecia que tinha uma pata quebrada. Ela disse que tinha que ir e encontrar um de seus irmãos, que não via tinha um tempo.

Ele se lembrou de Molly na espuma sintética preta da cama imensa do Hyatt. Voltou ao bar e tirou um frasco de vodca dinamarquesa gelada de dentro do rack.

– Case.

Ele se virou, o vidro frio e escorregadio numa das mãos, o aço do shuriken na outra.

O rosto do Finlandês na enorme tela de parede Cray. Ele podia ver os poros do nariz do homem. Os dentes amarelos eram do tamanho de travesseiros.

– Eu não sou Wintermute agora.
– Então você é o quê? – Tomou um gole do frasco; não sentia nada.
– Eu sou a matrix, Case.
Case soltou uma gargalhada. – E aonde é que isso te leva?
– A lugar nenhum. A todos os lugares. Eu sou a soma total das obras, todo o espetáculo.
– Era isso o que a mãe de 3Jane queria?
– Não. Ela não podia imaginar o que eu me tornaria. – O sorriso amarelo se ampliou.
– E qual é a jogada? As coisas estão diferentes agora? Você está dominando o mundo? Você é Deus?
– As coisas não estão diferentes agora. As coisas são as coisas.
– Mas o que é que você faz? Você só está aí? – Case deu de ombros, colocou a vodca e o shuriken em cima do gabinete e acendeu um Yeheyuan.
– Eu converso com os de minha própria espécie.
– Mas você é o negócio todo. Você fala sozinho?
– Há outros. Já encontrei um. Séries de transmissões gravadas durante um período de oito anos, nos anos 1970. Até que eu existisse, necas, não havia ninguém para saber, ninguém para responder.
– De onde?
– Do sistema Centauri.
– Ah – disse Case. – Sério? Sem sacanagem?
– Sem sacanagem.
E então a tela se apagou.
Ele deixou a vodca em cima do gabinete. Empacotou suas coisas. Ela havia comprado para ele um monte de roupas de que ele não ia precisar, mas alguma coisa o impediu de simplesmente deixá-las ali. Ele estava fechando a última das caríssimas sacolas forradas com pelica quando lembrou do shuriken. Colocando a vodca de lado, ele pegou a estrela, o primeiro presente que ela lhe deu.
– Não – ele disse, e girou, a estrela deixando seus dedos, um relâmpago de prata, para se enterrar na face da tela de parede. A tela despertou, padrões aleatórios piscando fracos de um lado a outro, como se estivesse tentando se livrar de algo que lhe causasse dor.
– Não preciso de você – ele disse.

***

Gastou o grosso de sua conta na Suíça em um novo pâncreas e um novo fígado, e o resto em um novo Ono-Sendai e uma passagem de volta ao Sprawl.
Encontrou trabalho.
Encontrou uma garota que se chamava Michael.
E, numa noite de outubro, ao passar pelos degraus escarlates da Eastern

Seaboard Fission Authority, viu três figuras, minúsculas, impossíveis, que estavam na beira de um dos imensos degraus de dados. Mesmo pequenas, ele conseguiu ver o sorriso do garoto, suas gengivas rosadas, o brilho dos olhos cinzentos compridos que fora Riviera. Linda ainda vestia sua jaqueta; ela acenou quando ele passou. Mas a terceira figura, bem atrás dela, abraçando seus ombros, era ele mesmo.

Em algum lugar, muito perto, a gargalhada que não era gargalhada.

Ele nunca mais viu Molly.

Vancouver
Julho de 1983

OBRIGADO

a Bruce Sterling, a Lewis Shiner, a John Shirley,
Helden. E a Tom Maddox, inventor do ICE.
E aos outros, que sabem o porquê.

A potência do imaginário de Neuromancer nas origens da cibercultura

I went out walking under an atomic sky
Where the ground won't turn and the rain it burns
Like the tears when I said goodbye.[1]

Colapso do futuro no presente. Pós-humanidade. Obsolescência do humano. Globalização. Megalópoles decadentes e sombrias. Pervasividade tecnológica cotidiana. Orientalização do Ocidente. Domínio ostensivo das megacorporações. Espetáculo e consumo. Vigilância eletrônica. Próteses e extensões. Território informacional. Roupas de couro e vinil preto. Fusão do sintético com o orgânico. Faça Você Mesmo. Biotecnologias. Subculturas juvenis. Hackers. Matrix. Linguagem e gírias das ruas. Eu poderia continuar essa lista e ainda assim não encerraria a discussão sobre os efeitos teórico-conceituais, sociológicos, antropológicos e filosóficos que Neuromancer catalisou e constituiu a partir de seu lançamento na década de 1980.

Com Neuromancer, William Gibson rompeu as barreiras entre a chamada literatura tradicional e o gueto do fandom típico da ficção científica norte-americana, que permeou os sonhos de muitos autores de gerações anteriores: sci-fi sem fronteiras. O conceito de ciberespaço como matrix surgiu de sua prosa ácida e cinematográfica como um implante metálico nas rodas acadêmicas. Por tudo isso, Gibson conquistou os prêmios Hugo Award, Nebula Award e Philip K. Dick Memorial Award.

No recém-nascido, obscuro e transdisciplinar campo da cibercultura, a inegável e inseparável relação cultura e tecnologia, e as próprias representações da tecnologia em todos os formatos midiáticos da cultura contemporânea, em suas interfaces com as teorias literárias e culturais pós-modernas, são compreendidas como as redes de conexão entre humanos e máquinas.

A geração dos autores texanos a que Gibson se refere no seu prefácio (Bruce Sterling, Pat Cadigan, John Shirley, entre outros) ganhou rapidamente o rótulo de "cyberpunk", unindo a cibernética das trocas de informações entre homem-máquina com a atitude punk e niilista do Faça Você Mesmo, do cowboy cibernético que desafia as megacorporações na solidão de seu próprio quarto, desestabilizando os sistemas informáticos a partir das comunidades on-line do hacking de informações. Aliás, o termo hacker ainda geraria mais confusões, ao ser apropriado pela mídia

de massa como um mero sinônimo de cracker ("hacker do mal") e não como gênero literário ou elemento estético.

A força do imaginário de Neuromancer, no entanto, encontra-se para além da análise da narrativa e dos personagens. Ela reside na visão de mundo que a obra nos delineia à medida que avançamos em seus mistérios técnicos e corporativos, através de sua "prosa exemplar": tecnológica e mecânica para alguns; e pós-moderna, vulgar e irônica para outros em sua confluência de citações, intertextos, colagens e paródias da cultura pop e da própria história da ficção científica. Na prosa urbana e sem censura de Neuromancer, Gibson nos convoca, de certa forma, como Lou Reed, uma de suas grandes influências, a "dar uma volta no lado selvagem" da guerra das gangues pelo domínio do ciberespaço.

Neuromancer é a primeira parte do projeto de uma trilogia – a segunda e a terceira partes, respectivamente Count Zero e Mona Lisa Overdrive, publicados no Brasil pela Aleph – de um designer de palavras habilidoso que utiliza imagens, descrições e sensações narrativas como ferramenta de observação da sociedade contemporânea e que soube perceber a efervescência de um período histórico visceral – o início dos anos 1980 – no qual a cultura da microinformática começou a se popularizar, desenhado a partir de diversas contraculturas – de um 1968 que volta em looping eterno – e subculturas nas quais os personagens mergulham.

Em uma trama intrincada e noir, Neuromancer apresenta o que alguns autores anglo-saxões chamam de Social (Science) Fiction, ou seja, Ficção (Científica) Social que nos oferece uma espécie de quadro fenomenológico para uma possível compreensão da cultura tecnológica, sua sociedade, comportamentos, usos e apropriações. Usos esses que se tornaram tão triviais vinte e cinco anos após o lançamento do livro, mas que na década de 1980 ostentavam um caráter imaginativo e visionário.

Em vez de descrever e acreditar num mundo perfeito, um paraíso tecnológico, com computadores garantindo o bem-estar e ajudando na resolução de problemas das pessoas, Neuromancer nos aponta o lado negro que os avanços podem ocasionar – megacorporações substituindo a soberania dos governos, trazendo toda a sorte de corrupção, aniquilação social e das relações interpessoais. À margem do permitido, só resta incorporar-se à sintonia de um canal morto, o que é o próprio comportamento cyberpunk, mesmo que se deixe de ser humano e se torne um ser mutilado.

Assim, o impacto e a atração de Neuromancer perduram em um âmbito que extrapola o literário e entra na areia movediça dos fluxos de influência e das representações na cultura pop, tendo se disseminado em comerciais publicitários, histórias em quadrinhos, games, filmes, moda, música e, até mesmo, no comportamento das gerações que já nasceram em um mundo científico-ficcional e no qual as distinções entre a vida real e virtual são cada vez mais tênues e se confundem a cada momento, para além do bem e do mal.

Sem Neuromancer, talvez, os Wachowski não teriam levado a trilogia matrix

para o cinema; as drogas sintéticas não chamariam a atenção nos telejornais; o cientista Kevin Warwick e seu implante robótico no braço não nos pareceriam tão "déjà vu"; talvez elementos eletrônicos não fossem misturados às guitarras; usar óculos escuros à noite, jaquetas de couro e máscara de gás não nos remeteria aos bares de Chiba City; assistir à "verdadeira vingança dos nerds" com Bill Gates e Steve Jobs, agora pastores milionários do rebanho informático, não seria tão interessante e divertido; a cultura juvenil japonesa talvez não tivesse se retroalimentado e praticamente apagado as suas origens ocidentais, a ponto de quase esquecermos de onde veio parte da estética cyberpunk, das roupas e visuais de muitos otakus (fãs/colecionadores japoneses de cultura pop juvenil como mangás, animes, bonecos etc.); e até uma banda como U2 não teria composto uma música como The wanderer (O andarilho), um blues/country eletrônico cujo vocal é do eterno cowboy fora da lei dark Johnny Cash e cuja letra foi inspirada pela leitura do livro.

No percurso de constituição da cibercultura há muitas origens, rupturas e reconfigurações, todas elas possíveis e "reais"; no entanto, a versão ficcional presente em Neuromancer ainda ressoa como a de fruição estética mais potente.

Adriana Amaral
maio de 2008

Adriana Amaral é jornalista e doutora em comunicação social pela PUC-RS com estágio de doutorando pelo Boston College, EUA (com bolsa do CNPq). É autora de "Visões perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk" (Editora Sulina, 2006). Pesquisadora e professora do Mestrado em Comunicação e Linguagens da UTP-PR. Conselheira Científica da ABCiber – Associação Brasileira dos Pesquisadores em Cibercultura (2007-2009).

GLOSSÁRIO

Anjo Registrador: entidade mítica judeo-cristã que registra as boas e más ações para decidir quem pode ascender ao reino dos céus.

Arcologia: edifício que contém em seu interior um complexo equivalente a uma cidade.

Black ICE: o "gelo negro" é uma defesa eletrônica que pode, ao contrário dos ICEs normais, matar aquele que tenta invadir o sistema que protege.

Cetamina: também conhecida como K ou Special K, o cloridrato de cetamina é um remédio para cavalos que se tornou popular em festas rave por seus efeitos psicotrópicos.

Cowboy: hacker.

Cúpula geodésica: domo, usualmente em forma de semicircunferência, que tem a função de proteger o que está em seu interior do contato com o que está fora da cúpula.

Deck: aparelho para acessar a representação virtual da matrix.

Dermatrodo: condutor plugado ao cérebro, sobre a pele, para conexão com a matrix.

Dex: abreviação de dextroanfetamina, droga que reproduz com resultado imediato os efeitos da adrenalina no corpo humano.

Djellaba: tradicional túnica usada em países muçulmanos.

Dub: subgênero instrumental do reggae, que enfatiza remixes, o baixo e a percussão.

Força de Coriolis: pequeno desvio de trajetória sobre um corpo que gira.

Gaijin: pessoa nascida fora do Japão (termo geralmente pejorativo).

Ganja: maconha; usada pelos rastafáris para fins espirituais.

Hipnagógico: termo referente ao estado de torpor que antecede o sono.

Horizonte de eventos: em astronomia, é o limite físico de um buraco negro e, além dele, não existe escapatória – no livro, é usado como metáfora.

ICE: no original, Intrusion Countermeasures Electronics (Contramedidas Eletrônicas de Intrusão) – são softwares corporativos contra invasões eletrônicas. Em inglês, a palavra também significa "gelo". Poderia ser comparado aos atuais firewalls.

ICE-Breaker: o "quebra-gelo" é um programa criado para invadir sistemas protegidos por ICEs ou Black ICEs.

"La mariée mise à nu...": inscrição constante numa obra do artista Marcel Duchamp (1887–1968), justamente a mesma obra retratada no livro, intitulada O grande vidro.

Mankiri: tradicional corrente japonesa para luta.

Mântua: cidade italiana que, em 1328, tornou-se o centro de um ducado comandado pela família Gonzaga até o século XVII; durante esse período, o centro do poder era o Palácio Ducal.

Marcus Garvey (1887–1940): um dos precursores do movimento rastafári, jornalista, editor, empreendedor e herói nacional da Jamaica.

Matrix: o ciberespaço.

Micotoxina: toxina que ataca o sistema nervoso.

Microsoft: microprograma que, colocado num dispositivo ligado ao cérebro, permite que o usuário aprenda uma nova habilidade. Não há relação direta com a empresa Microsoft, de Bill Gates.

Navalha-que-Anda: no original, "Steppin' Razor", fazendo referência ao reggae gravado pelo jamaicano Peter Tosh em 1977.

Nunchaku: arma de artes marciais de origem chinesa, que consiste de dois bastões unidos por uma corrente.

Pachinko: jogo japonês que combina elementos de máquinas caça-níqueis com fliperamas.

Panteras Modernos: referência ao grupo ativista dos anos 1960 e 1970, os Panteras Negras. Também se

refere a "The Panthers Moderns", nome da banda de um dos expoentes do cyberpunk, John Shirley.

Patoá: língua especial de um grupo social ou profissional; dialeto.

RAM**:** no original, Random Access Memory – memória eletrônica regravável e expansível.

ROM**:** no original, Read Only Memory – memória eletrônica que, após gravada, nunca mais pode ser adulterada.

Sanpaku: em japonês, "três brancos"; olhar que deixa mostrar não apenas o branco dos olhos dos dois lados da íris, mas também na parte de baixo dela.

Sarariman: palavra derivada do termo em inglês "salary man" e que indica um funcionário assalariado das corporações.

Sarça Ardente: episódio bíblico do livro do Êxodo que narra a aparição de Deus a Moisés no meio de uma moita de sarça que queimava sem ser consumida pelo fogo.

Sense/Net: rede de informação capaz de transmitir estímulos que serão recebidos e sentidos por cada usuário de um deck simstim.

Shaw: referência a Sir Run Run Shaw, produtor de filmes de artes marciais de Hong Kong, produtor do filme Blade Runner e dono de um império cinematográfico, ainda vivo na data de fechamento deste livro.

Simstim: no original, "simulated stimuli", ou seja, estímulos simulados.

Shuttle: ônibus espacial.

Siquim: país soberano da Ásia, sob protetorado indiano.

Snuff: filmes em que há a exibição de cenas de morte, supostamente reais, para fins de entretenimento de um público determinado.

Sprawl: nome dado à megacidade composta pela junção entre todo o terreno urbano existente entre Boston e Atlanta (incluindo Nova York e Washington), nos Estados Unidos. Por isso, também é conhecido pelo nome de BAMA (Boston-Atlanta Metropolitan Axis, ou seja, Eixo Metropolitano Boston-Atlanta).

Substantia nigra: uma porção heterogênea do mesencéfalo responsável pela produção de dopamina no cérebro – a degeneração de neurônios nessa área do cérebro é a principal causa do mal de Parkinson.

Tabi: meias pertencentes ao uniforme dos praticantes do Kyudo, a arte marcial japonesa do arco e flecha.

Toroide, Fuso, Aglomerado: no original, respectivamente, "torus, spindle, cluster"; estações componentes de Freeside, cujos nomes são baseados em seus formatos.

Turing: a organização criada por Gibson é inspirada pelo nome do matemático Alan Turing, criador do famoso teste que arbitra que, se uma máquina for capaz de dialogar com um homem sem que este perceba que conversa com um mecanismo, tal máquina pode ser considerada senciente – uma inteligência artificial.

Yakuza: a máfia japonesa.

Zaibatsu: conglomerado multinacional japonês de base familiar.

Zion: referência ao Sião bíblico, hoje Etiópia, sempre apontado como a terra primordial para os rastafáris.

Sobre o autor

William Ford Gibson nasceu nos Estados Unidos, em 1948, e mudou-se o Canadá em 1972. Em meados da década de 1980, criou – junto com escritores como Bruce Sterling, Rudy Rucker e John Shirley – o gênero ficcional chamado de cyberpunk, que une informática e inquietações histórico-filosóficas com tramas pop cheias de ação e violência. Gibson criou o universo do Sprawl, série de livros iniciada em Neuromancer e prosseguida nos romances Count Zero e Mona Lisa Overdrive; também é autor dos contos New Rose Hotel, Johnny Mnemonic e Burning Chrome. Além deles, escreveu A Máquina Diferencial (com Bruce Sterling), Reconhecimento de Padrões, Spook Country e Zero History. Gibson trabalhou nos roteiros cinematográficos de New Rose Hotel e Johnny Mnemonic, além do grande sucesso Alien 3. Também roteirizou dois episódios aclamados da série Arquivo X. Na versão em áudio de Neuromancer, a leitura realizada pelo próprio autor é acompanhada pela trilha sonora do U2, que baseou sua turnê mundial Zoo TV na visão de futuro cyberpunk de Gibson.

OUTROS TÍTULOS DE FICÇÃO PUBLICADOS PELA ALEPH

ISAAC ASIMOV

Fundação
Fundação e Império
Segunda Fundação
O Fim da Eternidade
Os Próprios Deuses
Limites da Fundação

ANTHONY BURGESS

Laranja Mecânica

EDGAR RICE BURROUGHS

Uma Princesa de Marte
Os Deuses de Marte
O Comandante de Marte

ARTHUR C. CLARKE

O Fim da Infância
Encontro com Rama

PHILIP K. DICK

O Homem do Castelo Alto
Os Três Estigmas de Palmer Eldritch
Ubik
Fluam, Minhas Lágrimas, Disse o Policial
Valis
Realidades adaptadas

WILLIAM GIBSON

Neuromancer
Count Zero
Mona Lisa Overdrive
Reconhecimento de Padrões

WILLIAM GIBSON & BRUCE STERLING

A Máquina Diferencial (The Difference Engine)

URSULA K. LE GUIN

A Mão Esquerda da Escuridão

FRANK HERBERT

Duna

Messias de Duna

KIM NEWMAN

Anno Dracula

NEAL STEPHENSON

Nevasca (Snow Crash)

Copyright © William Gibson, 1984, 1986, 1988
Copyright Introdução © William Gibson, 2004
Copyright © Editora Aleph, 2003
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

TÍTULO ORIGINAL: Neuromancer
CAPA: Thiago Ventura, Luiza Franco
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Titi Freak
DIREÇÃO DE ARTE: André Felipe
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Sergio Kulpas
REVISÃO: Ana Cristina Teixeira
REVISÃO FINAL: Hebe Ester Lucas
PROJETO GRÁFICO: Neide Siqueira
EDITORAÇÃO: Join Bureau
PRODUÇÃO PARA EBOOK: Draco

TRILOGIA DO SPRAWL
EQUIPE EDITORIAL:
Carlos Angelo
Delfin
Fábio Fernandes
Carlos Irineu
Sergio Kulpas
Adriano Fromer Piazzi

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

EDITORA ALEPH LTDA.
Rua João Moura, 397
05412-001 – São Paulo – SP – Brasil
Tel: [55 11] 3743-3202
Fax: [55 11] 3743-3263
www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gibson, William, 1948 –
Neuromancer [livro eletrônico] / William Gibson ; tradução Fábio Fernandes. – São Paulo : Aleph, 2013.

Título original: Neuromancer.
ISBN 978-85-7657-140-7
661kb; ePUB

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

13-01774 CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

[1] Eu saí andando por um céu atômico / Onde a terra não dá frutos e a chuva queima / Como as lágrimas quando eu disse adeus. (U2 – The wanderer – 1993)